HISTÓRIA ANTIGA DO UNIVERSALISMO

DO TEMPO DOS APÓSTOLOS AO QUINTO CONCÍLIO GERAL

COM UM **APÊNDICE**,
RASTREANDO A DOUTRINA **ATÉ A REFORMA**.

HOSEA BALLOU II, D. D.

COM NOTAS, POR REV. A. ST. JOHN CHAMBRÍS, A.M., E T.J. SAWYER, D.D.

BOSTON : EDITORA UNIVERSALISTA, 37 CORNHILL.

1872.

Inscrito de acordo com Ato do Congresso, no ano de 1871, por
A EDITORA UNIVERSALISTA,
No escritório do bibliotecário do Congresso, em "Washington.

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO.

O leitor perceberá, no início deste livro, que não ofereço uma definição da doutrina tirada das Escrituras sobre o assunto de minha História (Universalismo). Pela omissão, que alguns podem considerar um defeito, apresento as seguintes razões: pareceu-me que uma breve definição seria inútil, pois cada um tem sua própria opinião a partir de outras autoridades; e pensei que uma discussão satisfatória da importante questão pertencia mais ao Polemicista do que ao Historiador. Para o início do meu empreendimento, fixei uma data posterior à publicação da maior parte do Novo Testamento; e, no entanto, como era desejável levar em conta todas as outras produções cristãs existentes nas primeiras décadas, foi necessário começar já em 90 d.C., antes que alguns dos escritos de São João fossem compostos.

O leitor atento também descobrirá, à medida que prossegue, que a História Antiga do Universalismo se distingue naturalmente, por certas peculiaridades, em três Períodos sucessivos: o *Primeiro*, que se estende até o ano *190* e abarcado nos dois primeiros capítulos, oferece apenas traços indiscutíveis dessa doutrina ou de seu oposto; *o Segundo*, que percorre os capítulos terceiro,

quarto, quinto e sexto, *até o ano 390 ou 394*, distingue-se pela existência tanto do universalismo quanto da doutrina da miséria sem fim, *sem* produzir a menor perturbação ou mal-estar na igreja. ; *o Terceiro periodo*, que vai até o *Quinto Concílio Geral, em 553 d.C.*, é marcado por contínuas censuras, frequentes comoções e algumas discussões vergonhosas sobre esse assunto.

E, como me esforcei para variar meu plano geral, de modo a se adequar ao caráter e às circunstâncias peculiares de cada um desses períodos, gostaria de chamar a atenção do leitor para o método que tenho seguido. No primeiro Período, então, tive o cuidado de expor, em suas próprias palavras, a opinião de *todo autor* cristão que nos deixou alguma observação sobre o castigo futuro, ou a possível salvação do mundo (todo); árido até o ano 150, inseri toda a passagem que julguei pertencer a qualquer um desses assuntos. Assim, pode-se esperar que, para muitos, os dois primeiros capítulos sejam mais tediosos do que o resto do trabalho. No segundo período, embora tenha sido meu principal objetivo dar conta de todos os Pais (teólogos dos primeiros séculos) que, durante esse tempo, defenderam ou favoreceram o universalismo, também procurei apresentar uma visão correta das opiniões mantidas, entretanto, pelo mundo cristão em geral, nesse ponto. No terceiro Período, segui quase o mesmo caminho; deixando, no entanto, o pensamento comum da igreja, a respeito da doutrina em questão, para ser recolhido das controvérsias e disputas que então ocorreram, e que descrevi minuciosamente. Posso me aventurar a declarar a História completa, em um aspecto: ela contém um relato de cada indivíduo notável,

que agora temos os meios de saber ter sido um universalista.

No Apêndice o plano é muito diferente, pois uma história regular e contínua do Universalismo, desde o Quinto Concílio Geral até a Reforma, é, na minha opinião, totalmente impraticável. Aqui, portanto, nada além de um esboço é tentado, apontando aqueles traços da doutrina que descobri durante a leitura.

Aproveito também esta oportunidade, de uma vez por todas, para dar a conhecer aos meus leitores o sentido em que encontrarão certos termos e frases utilizados na obra que se segue. Supõe-se que o título de bispo significava, a princípio, apenas o ministro-chefe de uma cidade ou território; só depois ficou confinado em sua aplicação a uma ordem distinta e superior de clero. Pelos epítetos populares ortodoxo e herege, quero dizer, não o verdadeiro e o falso, mas o predominante, ou católico, e o dissidente, ou anatematizado. Para concluir, tenho falado frequentemente das Igrejas ocidentais ou latinas, em distinção das orientais ou gregas; embora eles não tenham sido definitivamente separados da comunhão um do outro, até o nono século.

ROXBURY,
22 de outubro de 1828.

Uma SEGUNDA edição desta obra foi publicada em 1842. Ela sempre ocupou um lugar importante na literatura da Igreja Universalista; e agora é republicado com mais adições às notas, conforme pesquisas posteriores sugeriram.

OS EDITORES.
Boston, 1º de dezembro de 1871.

CONTEÚDO. PÁGINA

HISTÓRIA ANTIGA DO UNIVERSALISMO

Hosea Ballou II D.D. (18/Outubro/1796 – 27/Maio/1861). Ele usava “2d” significando *segundo e não II.* Isto para diferenciar de seu tio-avô de mesmo nome e também teólogo universalista. O D.D. significa *Divinity Doctor* ou Doutor em Teologia.

CAPÍTULO I.

DE 90 d.C. A 150 d.C.

Na data em que esta história começa, 90 d.C., nenhum dos apóstolos estaria vivo, exceto São João, que então residia, em idade muito avançada, na grande cidade de Éfeso. São Pedro e São Paulo sofreram o martírio em Roma mais de vinte anos antes; e São Tiago, o Grande, e São Tiago, o Menor, em Jerusalém, em um período ainda anterior. Das mortes dos outros apóstolos, nada pode ser dito com confiança, apesar dos relatos de seu martírio por alguns escritores antigos e adotados por muitos dos modernos.

Nem devemos pretender definir até que ponto o cristianismo se espalhou; uma vez que, neste assunto, muitas vezes é impossível distinguir os relatos verdadeiros

dos fabulosos dos primeiros historiadores. É provável, no entanto, que algumas igrejas já estivessem estabelecidas na maioria das províncias romanas, especialmente na metade oriental. [p.008] Mas o número de cristãos professos ainda deveria ser muito pequeno, comparado com toda a massa da comunidade; e deve ter sido composto, com algumas exceções, das classes mais baixas da sociedade. Os ricos e nobres eram, em sua maioria, ligados às formas e instituições antigas; e os homens de grande erudição, e os de gosto refinado, não se afastaram, como de fato raramente fazem, daquele curso popular onde poderiam encontrar recompensa, ou pelo menos esperar admiração.

Os cristãos, no entanto, não eram uma seita obscura. Sua religião era tão nova, tão diferente de todas as outras, e eles eram tão zelosos e bem-sucedidos em sua causa, que chamava muita atenção onde quer que fosse introduzida. Foi, de fato, muito mal compreendida pelo público em geral; e ainda mais deturpada por seus inimigos em particular. Destes, os mais amargos foram os sacerdotes pagãos, que sentiram seu repouso longo e não molestado perturbado pela crescente deserção de seus templos e negligência de seus serviços. (1) Ainda deve ser observado que os cristãos sofreram muito pouca perseguição, exceto calúnias, desde a morte de Nero, mais de vinte anos antes. Mas aproximava-se o tempo em que encontrariam proscrição, perigo e até morte por parte das autoridades civis. Foi apenas quatro ou cinco anos depois que o ciúme do imperador Domiciano reviveu a tempestade, que se alastrou, com alguns intervalos consideráveis, por mais de dois séculos, até que a *sinistra* conversão de Constantino

deu à igreja os reinos deste mundo, e a glória deles.

(1) *Plinii Epist.* 97, lib. x. e *Taciti Annal.* lib. xv. cap. 44. Depois, ou por volta do ano 150, encontramos a mais ultrajante calúnia lançada sobre os cristãos: eles eram comumente chamados de ateus; e todos os tipos de licenciosidade, mesmo aqueles que não podem, com decência, ser mencionados, foram cobrados deles. Refutar e expor essas falsidades caluniosas era um grande objetivo para vários dos primeiros escritores cristãos. [p.009]

Quanto ao sistema de doutrina mantido pelos cristãos neste período, podemos determinar alguns de seus detalhes, se de fato for apropriado dizer que tal sistema foi então obtido. Sua religião ainda não havia sido ensinada em nenhum plano regular, como o de um corpo de teologia. Suas verdades fundamentais, que Jesus de Nazaré era o Messias, o Cristo do único Deus verdadeiro e o Salvador dos homens, e que ele ressuscitou dos mortos, necessariamente atraíam a atenção principal de seus professores, uma vez que esses eram os fatos importantes que eles eram obrigados, quase continuamente, a exortar o povo e a se defender contra os oponentes. É extremamente difícil para nós, que somos criados em um estado de sociedade onde o cristianismo é a religião original e universal, e onde nossas disputas se estendem apenas a seus princípios particulares, conceber a simplicidade com

que os primeiros pregadores ensinavam sua fé, quando o principal ponto em disputa não era uma doutrina, mas *a própria verdade*, dessa religião. Quando as pessoas eram levadas a reconhecer a missão de Cristo, eram consideradas cristãs e, se sua conduta se tornasse sua profissão, eram recebidas com prazer nas igrejas; embora mais instruções tenham sido dadas, ou posteriormente adicionadas como oportunidades oferecidas. (1)

(1) Esta era a prática dos apóstolos. Veja os resumos e relatos daqueles discursos que eles dirigiram aos incrédulos; Atos ii. 14-41; iii. 12 — 26; 4. 8—12; V. 29—2; viii. 30—38; ix. 20-22; x. 34-48; xiii. 16-41; xvi. 30—33; xvii. 2—4, 18, 22—34; xxiii. 6; xxv. 18, 19; xxvi., xxviii. 23. [p.010]

Sendo tais as condições liberais em que as igrejas estavam reunidas, elas, é claro, admitiram pessoas de sentimentos diferentes, e até opostos, em muitos pontos de doutrina. Tanto os convertidos judeus quanto os gentios mantiveram muitos de seus respectivos preconceitos. A conseqüência foi que as disputas já haviam surgido entre eles, particularmente sobre a obrigação dos rituais mosaicos, por um lado, e os esquemas pagãos da filosofia, por outro. Os próprios apóstolos haviam, anos antes, interposto para decidir essas controvérsias; mas mesmo a autoridade não pôde remover os preconceitos das partes, nem silenciar suas alegações. Mesmo neste período inicial, alguns dos crentes gnósticos, em particular, provavelmente chegaram

ao ponto de se separar das outras igrejas e formar-se em corpos distintos, que, no entanto, devem ter sido pequenos e obscuros. Não podemos supor, afinal, que os cristãos, em geral, tenham tão cedo obliterado de sua fé as características proeminentes da doutrina apostólica; especialmente, quando consideramos que a maioria dos livros do Novo Testamento estavam agora em circulação, e que São João ainda vivia para ser consultado e dar instruções. (1)

Prosseguindo, agora, com o assunto particular de nossa história, apresentaremos, no presente capítulo, tudo o que puder ser conhecido, com algum grau de certeza, das opiniões mantidas pelos cristãos, desde essa época até 150 d.C., em relação para um futuro estado de punição e a eventual salvação do mundo.

(1) Os principais fatos nesta seção são ilustrados amplamente por Mosheim, Eccl. Hist. Cent. I. ; e mais particularmente em seus Comentários sobre os Assuntos dos Cristãos, antes do Tempo de Constantino, etc. Vol. 1. Tradução de Vidal. [p.011]

A única luz direta que brilha, a intervalos, através da obscuridade do curso que tentamos, é derivada dos poucos escritos cristãos deste período, que ainda existem. Estas são as produções daqueles comumente chamados de Pais Apostólicos, os primeiros autores cristãos, cujas obras chegaram até nós, depois dos próprios apóstolos. Elas são os seguintes: *A Primeira Epístola de Clemente Romano;*

sete Epístolas de Inácio; A Epístola de Policarpo; A Epístola de Barnabé; e *O Pastor de Hermas*. Entre estes, talvez devêssemos inserir o *Relato do Martírio de Inácio*. (1) Esses escritos, compostos por homens de pouco conhecimento e, na maioria das vezes, de tão pouco julgamento, ainda são valiosos, pois fornecem alguma noção do estado dos primeiros cristãos e de seus sentimentos; mas quem espera encontrá-los instrutivos ou edificantes em outros aspectos, sairá de sua leitura com decepção, se não com desgosto.

90 a 95 d.C.

A *Epístola de Clemente Romano* se distingue pelo respeito que recebeu das igrejas antigas, algumas das quais fizeram com que fosse lida, em público, com os livros do Novo Testamento. Pode-se admitir, pelo menos, os elogios, que é simples, embora difuso, e que contém apenas um exemplo (2) dessas alegorias absurdas que abundam nos pais sucessivos. Clemente, de Roma, que era bispo da igreja naquela cidade, e talvez a mesma pessoa que São Paulo havia mencionado (Filipenses 4:3), escreveu esta epístola aos cristãos de Corinto com o objetivo de dissuadi-los de suas brigas e sedições. Exortando-os fervorosamente a se arrependerem de sua inveja e abuso mútuos, ele aduz, entre outras considerações, a justiça de Deus como motivo de medo e a terrível destruição de Sodoma e suas cidades vizinhas como exemplos dos julgamentos divinos sobre os pecadores. Mas é notável que, em toda esta epístola, tão longa quanto o Evangelho de São Marcos, não haja nenhuma expressão que descubra

se ele acreditava em algum estado futuro de punição, nem se ele mantinha a salvação de toda a humanidade. (3) Existem, de fato, duas passagens, (4) que podem naturalmente, não necessariamente, ser entendidas como íntimas de que somente aqueles que aqui servem ao Senhor serão ressuscitados dentre os mortos. (5) [p.012]

(1) Da Segunda Epístola de Clemente Romano (Clemens Romanus), assim chamada, a autenticidade é considerada duvidosa por Eusébio, Jerônimo, Du Pin, Mosheim, etc., e totalmente negada por Photius, Arcebispo Usher, Lardner, Brucker, Le Clerc e outros. Poucos a aceitam. Existem outros escritos existentes, atribuídos a Clemens Romanus, mas que agora são universalmente considerados falsificações e de uma data muito posterior. Omito os Atos de Paulo e Tecla, uma falsificação do primeiro século, porque nossa cópia atual ou é uma falsificação daquela original, ou então está tão interpolada que não podemos determinar o que é antigo. Veja Credibilidade de Lardner, etc., Cap. Escritos Supostos do Século II. A razão pela qual coloco A Epístola de Barnabé e O Pastor de Hermas por último neste catálogo será dada nos relatos, respectivamente, dessas obras.
(2) Rom. de Clemente. Epis. § 12. Tradução de Wake. A data desta epístola

foi provavelmente entre 90 e 95 d.C. Lardner a coloca em 94 ou 95 d.C.; Junius, aos 98; Baronius e Cotelerius, em 92; Dodwell, Wake e De Clerc, entre 64 e 70.

(3) Ele provavelmente acreditava na salvação de toda a humanidade. Ele diz: "Vamos refletir como Ele está livre da ira para com todas as Suas criaturas", Ep. 1, xix. Veja também XX., onde no final lemos que Deus "faz bem a todos, mas abundantemente a nós, que nos refugiamos em Suas misericórdias por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor", etc. de coração; mas por aquela fé pela qual, desde o princípio. Deus Todo-Poderoso justificou todos os homens; a quem nos gloriamos para todo o sempre. Amém." — A. St. J. C.

N. B. — Minhas notas neste volume são, em sua maior parte, condensadas do meu manuscrito História do "Cristianismo e da Igreja". — A. St. John Chambrís.

(4) Clem. Rom. Epis. § 26 e 49. Nestas duas passagens, Clemente menciona expressamente a ressurreição daqueles que "religiosamente servem ao Senhor" e são "aperfeiçoados no amor", mas em nenhum lugar ele afirma a ressurreição de outros.

(5) Clem. Rom. Ep. 1, xxviii., no entanto, parece ensinar o contrário. Nisso todos são chamados a abandonar o

pecado, pois ninguém pode escapar dos julgamentos de Deus, nem se afastar dele, aqui ou no futuro. A passagem citada para justificar isso é Sl. cxxxix. 7-10. — A.St.J.Chambrís. [p.013]

94 a 100 d.C.

Passando pela época em que São João é comumente suposto ter escrito seu Evangelho e três epístolas, (1) podemos observar que este último dos apóstolos morreu em Éfeso, por volta do ano 100. Ele deixou o mundo em um período quando velhos erros parecem ter se espalhado na igreja e surgido ali sob novas formas e modificações. Eram principalmente do tipo gnóstico, derivado da filosofia oriental ou persa, da qual teremos um relato mais particular a seguir.

(1) A data do Apocalipse tem sido um ponto de muita disputa; mas parece, agora, uma inclinação geral colocá-lo antes da destruição de Jerusalém. Da data dos outros escritos de São João, várias opiniões são aceitas: Dr. Witherspoon coloca o Evangelho em 96 d.C. (a) e as Epístolas em 98; Lardner data o Evangelho em 68 d.C. e as Epístolas em 80 e 85; por Le Clerc, o Evangelho é atribuído ao ano 97, e as Epístolas a 91 e 92; Dr. Owen coloca o Evangelho por volta de 69 d.C.; Jer. Jones, em 97; e Du Pin, por volta de 100 d.C.
(a) As melhores e mais recentes

autoridades agora atestam que o Apocalipse foi escrito antes da destruição de Jerusalém, em 70 d.C. A evidência interna é conclusiva para nossa mente. Para evidências externas podem ser consultadas, Grotius, Lightfoot. Sir Isaac Newton, Stewart (Andover), Whittemore, Blunt, Gieseler, Ewald, etc. Foi escrito, provavelmente, por volta de 67 d.C. Sem dúvida, o segundo nome de Nero, Domiciano, enganou os primeiros escritores na ideia de que era a produção da época. de Domiciano. O Apocalipse é um livro sobre o qual não acredito em qualquer hipótese que coloque sua produção após a derrubada da cidade e do templo de Jerusalém, quando terminou a dispensação judaica. — A. St. J.C. [p.014]

107 ou 116 d.C.

Chegamos agora às famosas Epístolas de Inácio; cuja autenticidade foi atacada e julgada com um zelo exagerado, totalmente desproporcional ao seu valor, ou peso real. Embora a questão ainda esteja envolvida em incerteza, seguiremos, com alguma dúvida, o que parece ser a opinião predominante, de que as sete (1) traduzidas pelo arcebispo Wake são, em geral, genuínas. Elas foram escritas, se de fato por Inácio, enquanto ele foi conduzido, em parte por mar, e em parte por terra, em uma viagem de quase duas mil milhas, (2) de Antioquia a Roma, para a execução da sentença de martírio. Diz-se que ele foi bispo

da igreja na antiga cidade, por cerca de quarenta anos, e que conheceu pessoalmente, em sua juventude, alguns dos apóstolos. Seus escritos, no entanto, nem sempre são dignos de suas experiências: eles contêm alguns conceitos pueris, (3) traem uma inclinação para as fábulas orientais sobre o mundo angélico, (4) e estão repletos de injunções sérias da mais incondicional submissão à razão, fé e prática ao clero, cuja autoridade é muitas vezes expressamente comparada à de Deus e Jesus Cristo.

(1) Mesmo destas há duas cópias muito diferentes: a maior, que geralmente se supõe ser muito interpolada; e a mais curta, que é seguida por Wake, e quase universalmente preferida. Mosheim, no entanto (Comentário, sobre os Assuntos dos Cristãos, etc.), parece duvidar que a maior não seja a genuína, se é que de fato o é. (a)

(2) Sua rota, real ou fabulosa, é traçada de Antioquia a Esmirna, Trôade, sobre o Egeu, na Macedônia e através do Épiro, através dos mares Adriático e Tirreno, até a foz do Tibre e daí para Roma. A data de sua viagem e, claro, de suas Epístolas e Martírio, é colocada em 107 d.C. por Du Pin, Tillemont, Cave e Lardner; mas em 116 d.C., por Pearson, Lloyd, Pagi, Le Clerc e Fabricius. Se a Relação do Martírio de Inácio, que professa ter sido escrita por testemunhas oculares, for genuína, esta data contestada é fixada em A. l).

116. Ver § 3. Tradução de Wake.
(3) Ignat. Epist. aos Efésios, § 9. Wake's Trans.
(4) Idem, § 19, e Epístola aos Tralianos, § 5.
(a) As pesquisas modernas deixam poucas dúvidas sobre a autenticidade essencial da recensão mais curta dessas epístolas e das versões siríacas (descobertas em 1838, 1839 e 1842 d.C., pelo arquidiácono Tattam, no mosteiro de Santa Maria Deipara, em Deserto Nítrico, Egito), das Epístolas aos Efésios, Romanos e Policarpo.— A. St. J. C. [p.015]

Não podemos averiguar as opiniões do autor sobre a extensão final da salvação; e o que se segue é tudo o que parece referir-se a um futuro estado de punição: "Aqueles que corrompem as famílias pelo adultério não herdarão o reino de Deus. Se, pois, aqueles que fizeram isso segundo a carne, sofreram a morte, quanto mais morrerá aquele que por sua ímpia doutrina corrompe a fé de Deus, pela qual Cristo foi crucificado? Aquele que está assim contaminado, irá para o fogo inextinguível, e assim também aquele que lhe der ouvidos. (1) Em outro lugar, ele diz, em um parágrafo um tanto desconexo: "Visto, então, que todas as coisas têm um fim, há estas duas indiferentemente colocadas diante de nós, a vida e a morte; e cada um deve partir para o seu devido lugar". (2) Da mesma maneira desconexa, ele diz novamente: "Para o que resta, é muito razoável que voltemos a uma mente sã,

enquanto ainda há tempo de retornar a Deus". (3) Algumas dessas passagens podem, de fato, não ter alusão a um estado futuro. Deve, no entanto, ser observado aqui, que o autor evidentemente acreditava que certos hereges, e talvez os ímpios em geral, não serão ressuscitados dos mortos, mas existirão no futuro como meros espíritos incorpóreos. (4)

A Relação do Martírio de Inácio, escrita por testemunhas oculares cristãs de suas provações e sofrimentos, não contém nada para nosso propósito; nós, portanto, passamos a...

A Epístola de Policarpo — uma peça que evidencia um teor de pensamento mais conectado do que a maioria dos escritos eclesiásticos daquela época.

(1) Epístola. aos Efésios, § 16.
(2) Epist. aos magnesianos, § 5.
(3) Epist. aos esmirnenses, § 9.
(4) Idem, § 2 e 7, em comparação com Epist. à Trilha., § 9, e Epist. aos Romanos, § 2. [p.016]

O autor é culpado de uma exceção à sua moderação habitual, quando exorta seus irmãos "a se sujeitarem aos presbíteros e diáconos como a Deus e Cristo". (1) Aqueles que recebem esta epístola como sendo de Policarpo (2) geralmente supõem que ela tenha sido escrita logo após o martírio de Inácio, ao qual alude. Policarpo foi bispo da igreja de Esmirna, por volta do ano 100, até depois da metade do século II. Diz-se que foi discípulo de São João; e ele certamente foi considerado, após a morte desse

apóstolo, como o mais eminente dos cristãos da Ásia. (3)

O seguinte é tudo o que sua Epístola contém em relação ao assunto particular desta história (univesalismo): "A quem [Cristo] todas as coisas estão sujeitas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra; a quem todo ser vivente adorará; quem venha a ser o juiz dos vivos e dos mortos; cujo sangue Deus exigirá dos que não crêem nele". (4) Aludindo, sem dúvida, a alguns dos hereges gnósticos, ele diz: "Quem não confessar que Jesus Cristo veio em carne, é o anticristo. E quem não confessar seu sofrimento na cruz, é do diabo.

(1) Epist. de Policarpo, § 5. Trad. de Wake.
(2) M. Daille e Blondel o rejeitam, e Mosheim diz que "tem apenas uma reivindicação questionável de crédito". Mas Lardner, ao contrário, afirma que "há pouca dúvida ou pergunta entre os homens eruditos sobre a autenticidade desta Epístola de Policarpo".
(3) Por alguns, ele é considerado o anjo da igreja em Esmirna, abordado em Apoc. ii. 8. Isso, no entanto, é duvidoso, pois é provável que ele não tenha sido ordenado até depois que o Apocalipse foi escrito,
(4) Epist. de Policarpo, § 2. [p.017]

E todo aquele que perverter os oráculos do Senhor para suas próprias concupiscências, e disser que não haverá ressurreição nem julgamento, esse é o primogênito de

Satanás.” (1) Também pode haver a seguinte questão, se o autor não quereria dizer que a futura ressurreição depende de fé e obediência nesta vida. (2)

(1) Idem, § 2 e 7.
(2) Idem, § 2 e 5. Se Clemente Romanus e Policarpo, assim como Inácio, realmente realizaram uma ressurreição parcial, a dos santos exclusivamente, a circunstância parece provar que a noção dos judeus, ou melhor, dos fariseus, neste ponto, se espalharam bastante na igreja – da Ásia Menor a Roma – neste período inicial. Que tal era a noção dos fariseus, por volta do final do primeiro século, veja Josefo, etc.

A essas datas sucede um período de vários anos, dos quais nenhum escrito cristão chegou até nós, exceto algumas passagens que foram citadas, por escritores posteriores, de Papias, Quadratus e Agripa Castor; dos quais, no entanto, não tomaremos conhecimento, pois não lançam luz sobre nosso assunto. Mas é importante notar que Papias e Aristides (um escritor de quem nada resta) contribuíram, sem intenção, para perverter a simplicidade do cristianismo; e que servem, ao mesmo tempo, para exemplificar a maneira pela qual as corrupções cresceram na igreja. Diz-se que o primeiro que foi bispo em Hierápolis, perto de Laodicéia, se dedicou a coletar tradições da doutrina e ditos apostólicos; (116 d.C.), mas sendo muito crédulo e de mente fraca, ele recebeu, com

pouca discriminação, tudo o que lhe dizia respeito. Tendo assim formado uma coleção de contos ociosos e noções tolas, ele os publicou ao mundo como as instruções autorizadas de Cristo e seus apóstolos. Tal era o caráter da igreja, que sua obra parece ter sido bem recebida; [p.018] e certamente recebeu crédito considerável entre os pais que o sucederam, que adotaram algumas de suas ficções. (1) Mas quaisquer que fossem os efeitos prejudiciais dessas pretensas tradições, a causa da verdade sofreu um prejuízo muito maior da incorporação gradual da filosofia grega. Aristides foi provavelmente o primeiro filósofo professo das escolas gregas, que participou ativamente do apoio ao cristianismo. (124-126 d.C.) Mas ele parece, infelizmente, tê-lo vestido com o manto da Academia; pois Jerônimo nos informa que a Apologia, que ele apresentou ao imperador Adriano, em favor dos cristãos perseguidos, estava cheia de noções filosóficas, que foram posteriormente adotadas por Justino Mártir. (2) A filosofia grega era quase tão incompatível com o cristianismo quanto a oriental; mas as corrupções que introduziu floresceram na igreja, depois de alguns anos, como em um solo agradável; e, em menos de um século, deu uma nova aparência à massa geral da doutrina considerada ortodoxa.

131 d.C.

A Epístola de Barnabé é a próxima na ordem; a menos que, como se conjecturou até agora, pertença ao primeiro século. (3) Foi composto por alguns cristãos judeus, de habilidades medianas, com o propósito de representar a lei mosaica e outras partes do Antigo Testamento como

contendo um relato oculto de Cristo e sua religião.

(1) Bibliotheca Patrum de Du Pin, artigo, Papias. Diz-se que Papias floresceu por volta de 116 d.C.,
(2) Biblioth de Du Pin. Pat. Arte. Quadratus e Aristides, A Apologia de Aristides supostamente foi escrita por volta de 124 d.C., ou 126.
(3) Tem sido pensado, pela maioria dos eruditos, que a Epístola de Barnabé foi escrita no primeiro século; e, por muitos, que foi o trabalho daquele Barnabé que foi o amigo e companheiro de viagem de São Paulo. A última opinião que Mosheim trata como pouco digna de refutação; e, embora tenha tido alguns defensores eminentes, agora é geralmente descartada. Que a opinião anterior também é incorreta, não posso deixar de pensar suficientemente evidente na própria Epístola. [p.019] O autor, falando do templo de Jerusalém, diz: “Novamente, ele [Cristo] falou desta maneira: Eis que os que destroem este templo, eles o edificarão novamente. E assim aconteceu: pois através de suas guerras, agora é destruído por seus inimigos; e os servos de seus inimigos o edificam." (*Barnab.Epist.*, § 16. Wake's Trans.) Não será questionado que o autor aqui fala, 1, da destruição do templo após o ministério de nosso Senhor; isto é, de

sua destruição por Tito; e 2, de tentativas de reconstruí-la pelos servos dos romanos, no momento da redação desta Epístola. Agora, é bem sabido que não houve tentativa de reconstruir o templo ou a cidade, sua destruição por Tito, até a época de Adriano, que, em 130 ou 136 d.C., enviou uma colônia a Jerusalém para restaurar a cidade, e no local ou perto do antigo templo para erguer um novo, que depois dedicou a Júpiter. Esta circunstância parece determinar a data da alusão citada de Barnabé; e eu não sei de nada que possa ser contra a hipótese. Irineu, por volta de 190 d.C., é o primeiro que parece ter imitado qualquer uma das expressões desta Epístola ; e Clemens Alexandrinus, por volta de 194 d.C., é o primeiro a mencionar ou aludir formalmente a isso. É justo, entretanto, informar ao leitor que minha hipótese não é apoiada pela autoridade dos críticos; que, tanto quanto sei, não tomaram conhecimento da alusão de Barnabé à reconstrução do templo. Mosheim supõe que a Epístola tenha sido escrita no primeiro século; e ele concorda com Cotelerius, Brucker, Basnage e outros, que seu autor não foi o Barnabé, companheiro de São Paulo. Wake, Du Pin e Lardner, pelo contrário, atribuem-no a esse Barnabé, e colocam

sua data por volta de 71 ou 72 d.C.

As interpretações alegóricas e místicas, das quais a Epístola em grande parte consiste, apresentam um extraordinário exemplo de estupidez cega visando descobertas. (1)

(1) "Entendei, filhos", diz ele, "estas coisas mais plenamente, que Abraão, que foi o primeiro que trouxe a circuncisão, a realizou, depois de ter recebido o mistério de três letras, pelas quais ele esperava no espírito, a Jesus. Pois a Escritura diz que Abraão circuncidou trezentos e dezoito homens de sua casa. Mas qual era, portanto, o mistério que lhe foi dado a conhecer? Marque, primeiro, os dezoito; e a seguir, os trezentos. Pois as letras numerais de dez e oito são IH [isto é, o grego Eta, ou E longo, — IE são as duas primeiras letras da palavra Jesus]. E estes denotam Jesus. E porque a cruz era aquela pela qual deveríamos encontrar graça, ele, portanto, acrescenta trezentos; cuja letra numérica é T [a figura da cruz]. Portanto, por duas letras ele significava Jesus, e pela terceira, sua cruz. Aquele que colocou em nós o dom enxertado de sua doutrina sabe que nunca ensinei a ninguém uma verdade mais certa; mas confio que sois dignos disso." - Barnabas's Epist., § 9. Essa

é uma das descobertas importantes que nosso autor comunica; e, por mais estranho que possa parecer, os pais posteriores, mesmo aqueles de aprendizado indubitável, como Justin Martyn, Irineu, Clemens Alexandrinus, etc., parecem não ter sido de forma alguma insensíveis aos encantos desse tipo de absurdo. [p.020]

É digno de nota que, de todos os escritos cristãos, depois das Sagradas Escrituras, esta Epístola é a primeira em que encontramos a palavra *eterno*, ou *para-sempre*, aplicada ao sofrimento; perto do fim, Barnabé representa dois caminhos, o da luz, sobre o qual os anjos de Deus são designados, e o das trevas, onde os anjos de Satanás presidem; e depois de descrever a maneira de andar no caminho da luz, ele diz: "Mas o caminho das trevas é tortuoso e cheio de maldição; porque é o caminho da morte eterna com castigo, no qual os que andam encontram essas coisas que destroem suas próprias almas." (1) Ele depois acrescenta que aquele que escolher esta parte será "destruído, juntamente com suas obras. Por esta causa, haverá uma ressurreição e uma retribuição". (2) Ao longo de sua epístola, ele não diz nada sobre a salvação universal; e parece, pelo que citamos, que ele acreditava em um futuro estado de punição. Mas se ele pensava que era interminável não pode ser determinado; uma vez que a palavra *para-sempre* ou *eterno* era usada, pelos antigos, para denotar *duração indefinida e não interminável*. (3)

150 d.C.

A última, bem como a mais longa, das obras dos Pais Apostólicos, assim chamados, é aquela efusão da segunda infancia (senilidade). *O Pastor de Hermas*. (4) Foi escrito em Roma, por um irmão do bispo daquela cidade; mas trai uma mente ignorante e imbecil, em absoluta velhice.

(1) Epístola de Barnabé (Tradução de Wake), §§ 18 e 20.
(2) Idem, § 21.
(3) Veja exemplos disso, no próximo capítulo, seitas, iii. 4. xi., e nos capítulos seguintes.
(4) Há muito foi debatido, pelos eruditos, se esta obra foi composta no primeiro século, por aquele Hermas que São Paulo menciona (Rom. 16.14); ou no século II, por outro Hermas, irmão de Pio, bispo de Roma. Mas a questão foi finalmente decidida por um fragmento de uma obra do século II, trazida à luz por Aluratori : •• Hermas, irmão de Pio, bispo da igreja na cidade de Roma", diz este fragmento, , em nosso próprio tempo. O Pastor, em Roma.(a) (Veja os Comentários de Mosheim sobre os Assuntos dos Cristãos, etc., Eccl. Hist, of the First Cent., § liv., notas n e o; onde ele pode encontrar uma discussão completa sobre este ponto.) A data de The Shepherd , portanto, não pode ser muito anterior a 150 d.C.; talvez mais tarde. [p.021]

(a) Esta posição não é sustentável. O autor do fragmento é desconhecido. Mesmo a língua original é obscura e uma questão de dúvida. Essa opinião só ocorre em uma nota de Muratori e em um poema falsamente atribuído a Tertuliano. Sem dúvida, pertence ao tempo de Adriano, ou Antonino Pio, — 117-138 d.C. Provavelmente é uma ficção antiga; mas é extremamente valioso por refletir o pensamento daquele período. — A. St. J. C.

Seu objetivo parece ter sido excitar os professores do cristianismo a mais retidão, zelo e abstração dos negócios, bem como dos prazeres comuns da vida; e isso o autor se esforça para realizar relatando visões pretensas e introduzindo instruções de um anjo, que ocasionalmente lhe aparecia, como ele afirma, com o hábito de um pastor. Mas a conversa que ele atribui. seus visitantes celestes são mais insípidos do que comumente ouvimos do mais fraco dos homens.

Sem extrair completamente, como no caso de obras anteriores, as várias passagens que parecem ter relação com nosso assunto, é suficiente observar que Hermas não deixou nada para determinar suas opiniões sobre a extensão final da salvação, a menos que Pode-se concluir, do seguinte, que ele exclui totalmente alguns da raça humana de toda perspectiva de felicidade: ele ensina que um cristão, se pecar após seu batismo, pode possivelmente ter o privilégio de um arrependimento, e de um só ; (1)

mas para aqueles que apostatam da fé e blasfemam contra Deus, não há retorno.

(1) *Hermas*, livro, ii., comand., iv., § 3, comparado com o livro i., vis. ii., § 2. *Trad*. de Wake [p.022]

Eles se afastaram para sempre de Deus; e, no próximo mundo, eles serão queimados, juntamente com as nações pagãs. (1) Por mais forte que essa linguagem possa parecer, aqueles familiarizados com o estilo dos primeiros pais, talvez não a considerem decisiva em favor da perdição sem fim. Podemos acrescentar aqui que Hermas supôs que os apóstolos, após sua morte, foram e pregaram às almas daqueles que levaram vidas puras e virtuosas antes do nascimento de Cristo; e que, quando esses espíritos ouviram o evangelho, eles receberam o batismo nas águas, de uma forma indescritível, e então entraram no reino de Deus. (2) Ele também mantinha uma opinião, comum durante o restante deste século, de que o fim do mundo estava próximo. (3)

90 a 150 d.C.

Devemos agora nos despedir, por um tempo, dos crentes ortodoxos, e voltar ao relato de um tipo muito diferente de cristãos, a respeito dos quais nem mesmo a débil luz até agora desfrutamos para guiar nossas investigações. Nenhuma parte da história eclesiástica está envolvida em mais incerteza do que a dos hereges gnósticos do primeiro e segundo séculos. Seus próprios escritos, exceto alguns

fragmentos desconexos, estão totalmente perdidos; e a única maneira de chegar a um conhecimento deles e de seus sentimentos é comparando as representações defeituosas, e muitas vezes alusivas, de seus zelosos opositores,

(1) Hermas, livro iii. simil. vi. § 2.
(2) Idem, livro iii. simil. ix. § 16.
(3) Idem, livro i., vis. 4. § 3.
A idéia de salvação, após a punição futura, parece ensinada. B. i. vis. iii. ch. vii. Mas de punição mesmo após o arrependimento. B. iii. simil. vii. 1. —A. St.J.C. [p.023]

com o conhecimento imperfeito que temos desse sistema de filosofia, o oriental, que eles amalgamaram com o cristianismo. (1) Que eles acreditavam em nosso Salvador como um mensageiro do Deus supremo, e geralmente mantinham sua profissão cristã, em meio à oposição dos pagãos e à blasfêmia dos ortodoxos, é certo. Mas agora é considerado igualmente certo que eles acreditavam, alguns deles, que Jesus Cristo era um ser angelical da mais alta ordem, que veio ao mundo com apenas a aparência visionária, não o corpo real de um homem; e outros, que somente Jesus era um mero homem, com uma alma humana, em quem o Cristo, um elevado espírito celestial, desceu em seu batismo no Jordão. Quanto ao objetivo da missão de nosso Salvador, acredita-se que eles estavam perfeitamente de acordo, que não era satisfazer qualquer justiça vingativa na Divindade, a quem eles consideravam

infinitamente boa, mas libertar a humanidade do serviço opressivo dos deuses degenerados deste mundo, e ensiná-los a subjugar suas paixões e aproximar-se do Deus supremo, a fonte de pureza e bem-aventurança. Da filosofia há muito venerada, mas quimérica, dos persas, eles mantiveram a noção de que o mundo material foi formado, não pelos deuses auto-existentes, mas pelos deuses inferiores, chamados Eons (AEons), cujo ser era derivado de um sucessão longa e intrincada, como a maioria deles pensava. (2)

(1) Eu, no entanto, tento apenas seguir nosso historiador moderno, Mosheim (*História Eclesiástica e Comentários sobre os Assuntos dos Cristãos*, etc.), com alguma ajuda de Le Clerc (*Histor. Eccl. duorum primonun, a Christo nato , Saeculorum*), de Beausohre (Histoire de Manichee, etc.), e da História dos Hereges, nas Obras de Lardner.
(2) Alguns deles, talvez, continham dois seres originais e auto-existentes, uma divindade má, bem como uma boa. Tal é conjecturado, era a opinião dos saturninos, por volta de 120 d.C., e dos marcionitas, por volta de 140 d.C. Isso é negado, no entanto, na História dos hereges, nas obras de Lardner, e também por Beausobre. [p.024]

Isso os levou a considerar o Deus dos judeus, o Jeová do Antigo Testamento, apenas como um ser secundário, o

principal Criador deste mundo; e eles também concluíram que ele havia apostatado, mais ou menos, da fidelidade divina, na medida em que se arrogou as honras do culto, e como Cristo foi enviado para anular sua antiga aliança e derrubar suas instituições. Da mesma filosofia, eles também receberam a doutrina da eternidade da matéria e, especialmente, de sua depravação inerente e radical. Portanto, eles em geral descartaram a esperança da ressurreição do corpo material, que, em sua opinião, apenas perpetuaria a escravidão e a corrupção da alma. "Com tal desagrado a maioria deles via o corpo, que prescreveram uma disciplina excessivamente rígida, uma abstinência contínua, a fim de frustrar todas as suas inclinações e enfraquecer, na medida do possível, seu poder sobre a mente.

Tais são os contornos comuns de seus diversos sistemas, como delineados pelos mais judiciosos dos historiadores modernos, que ao mesmo tempo confessam e lamentam a impossibilidade de se chegar a um conhecimento satisfatório do assunto. Todos os gnósticos foram acusados, por seus adversários ortodoxos contemporâneos, de serem abandonados à licenciosidade; um escândalo que os pagãos primeiro derramaram, com liberalidade implacável, sobre os próprios ortodoxos, e que estes, por sua vez, passaram livremente, e sem dúvida quase pelos mesmos motivos, para as sucessivas ordens de hereges. (1)

(1) A licenciosidade, alegada pelos antigos ortodoxos contra os gnósticos, é em parte negada e em parte admitida

por Mosheim; uniformemente mencionado em termos de incerteza por Le Clerc; e totalmente negado por Beausobre; como também é, na História dos Hereges, nas Obras de Lardner. A seguinte observação merece mais consideração do que, temo, a maioria dos leitores permitirá: "Isso é certo, que coisas tão ruins foram ditas dos cristãos primitivos como já foram ditas dos antigos hereges pelos católicos [ortodoxos]. Os reformadores modernos foram tratados exatamente da mesma maneira. (*Hist. das Heresias*, livro i. seção 8, Obras de Lardner.) Examine os escritos católicos romanos e veja todos os tipos de princípios imorais atribuídos a Lutero, Calvino e seus associados; vire-se para o lado protestante e veja a acusação replicada com, pelo menos, igual exagero; ouvir as incriminações mútuas de nossas seitas modernas, que se acusam de princípios de conduta que nunca pensaram; – e então julgue quanto crédito deve ser dado a antigas calúnias do mesmo tipo! É uma circunstância curiosa que Mosheun, honrado e admirado, e de pé em terreno elevado em uma igreja nacional, nunca tenha, ele mesmo, encontrado a calúnia do fanatismo; enquanto Le Clerc, um odioso arminiano de Genebra, e Beausobre, um refugiado protestante da França, tiveram ampla experiência de

sua malignidade e falsidade. O Unitarista Lardner, era, em seu próprio país, um herege do tipo mais detestável." [p.025]

Alguns dos gnósticos, talvez alguns dos primeiros, acreditavam na exclusão sem fim de uma parte da humanidade das moradas da luz celestial. Mas, entre aqueles que surgiram no Egito, havia muitos, particularmente os basilidianos, os carpocráticos e os valentinianos, que supostamente teriam realizado uma eventual restauração, ou melhor, transmigração, de todas as almas humanas para um céu de pureza e bem-aventurança. Mas esse princípio eles parecem ter envolvido em outras noções, selvagens e quiméricas o suficiente para justificar a suspeita de loucura, não fosse pela antiguidade, prevalência e reputação daquela filosofia caprichosa da qual eles derivaram.

Aproximadamente 120 d.C.

Diz-se que os basilidianos e carpocratas acreditavam que as almas que aqui seguem as instruções de nosso Salvador, na morte, ascenderão imediatamente às felizes mansões acima; enquanto, pelo contrário, como negligência e desobediência, serão condenados a passar para outros corpos, seja de homens ou de *brutos*, até que por sua purificação eles sejam aptos a compartilhar as alegrias da bem-aventurança incorpórea; e assim, todos serão finalmente salvos. [p.026] Os basilidianos eram os seguidores de Basilides, um cristão gnóstico e filósofo

egípcio, que floresceu, em Alexandria, no início do século II, e morreu lá entre 130 e 140 d.C.. Embora ele acreditasse em um Deus auto-existente, supremo e infinitamente glorioso, mas ele também sustentou que a matéria depravada tinha sido, em um estado ou outro, contemporânea com ele. Nas eras passadas da eternidade, a Divindade produziu de si mesmo certos Eons (AEons), que, por sua vez, geraram outros, mas de um grau um pouco inferior, e de uma posição inferior; e destes novamente procedeu uma espécie ainda menos exaltada; e assim por diante, sucessivamente, até que a hierarquia celestial se estendia do céu mais alto até a vizinhança da matéria caótica. A raça inferior dos Eons, cuja posição era o céu mais profundo, empreendeu, finalmente, reduzir a imensa massa material abaixo deles de seu estado primitivo de desordem; e tendo-o formado em um mundo, e feito o homem com um corpo e uma alma material, a Divindade, aprovando seu trabalho, deu à criatura uma mente racional, e assim completou o empreendimento. Ele então permitiu que esses Eons dividissem, entre si, o governo do mundo que haviam formado. Mas eles, desviando-se gradativamente de sua lealdade, arrogaram por fim honras divinas de suas criaturas, ambicionavam aumentar, cada um, seu domínio sobre o território dos outros, e para isso envolveram a humanidade em guerras mútuas, até que o mundo se tornou cheio de miséria e crime. Tocado de compaixão pela raça humana, Deus enviou seu Filho, o primogênito e mais nobre de zero Eons, para fazer morada no homem Jesus; [p.027] e através dele proclamar a suprema, mas esquecida,

Divindade, ensina a humanidade a abjurar a autoridade de seus deuses tirânicos, especialmente do Deus dos judeus; e instruí-los como subjugar suas próprias propensões pecaminosas, mortificando seus corpos, bem como governando suas paixões. O Deus dos judeus, alarmado por seu domínio, incitou o povo a prender e crucificar Jesus; mas o Cristo, o Eon celestial, havia deixado seu companheiro mortal, antes que o homem sofredor fosse pregado na cruz.

Basilides ensinou que Deus é perfeitamente bom, ou benevolente, no sentido real dessas palavras; mas que ele inflige a punição adequada para toda transgressão voluntária, seja de santo ou pecador. Reforma e aperfeiçoamento são os grandes objetivos, como Basilides parece ter ensinado, de toda punição e de todas as relações de Deus com a humanidade. Embora tratasse o Antigo Testamento com respeito, como a revelação daquele Ser digno que governava os judeus, não o considerava inspirado pelo Deus supremo; e é acusado de também ter rejeitado algumas partes do Novo Testamento; que, embora possivelmente um fato, (1) não pode ser satisfatoriamente provado. Ele escreveu um Comentário, em vinte e quatro livros, sobre os Evangelhos, que logo foi respondido por Agripa Castor, um escritor ortodoxo contemporâneo.

Acredita-se que Basilides tenha sido um homem sério e piedoso, mas perplexo com a fabulosa teologia do Oriente. Ele teve um filho, chamado Isidoro, que escreveu alguns livros, há muito perdidos, para ilustrar seus sentimentos religiosos.

(1) Mosheim acha credível; Beausobre não vê nenhuma prova disso; e na História dos Hereges, em Lardner, é contestado. Le Clerc não diz nada sobre isso. [p.028]

Sua seita, embora frequentemente atacada e constantemente oposta, tanto aos ortodoxos quanto aos pagãos, foi por muito tempo numerosa, principalmente no Egito e na Ásia. Depois de ter permanecido cerca de duzentos anos, a encontramos quebrada e diminuída no século IV; e não muito tempo depois provavelmente se extinguiu, ou talvez se aglutinou com a dos maniqueus. (1)

Os carpocratas, que surgiram no mesmo lugar com os basilidianos, e quase ao mesmo tempo, concordaram com eles na salvação final de todas as almas, e não diferiam muito deles no sistema geral de sua doutrina. Como eles, eles distinguiram entre a Divindade e os Eons inferiores que formaram o mundo; como eles, eles acreditavam que a matéria existia desde a eternidade e era inalteravelmente corrupta. Eles, de fato, organizaram os Eons em uma ordem um pouco diferente; e há alguma razão para pensar que eles consideravam nosso Salvador não um duplo ser humano e angélico, mas um mero homem, embora de sabedoria e inteligência divinas acima do comum. Ele foi designado pela Divindade para ensinar à humanidade o conhecimento do verdadeiro Deus e abolir o domínio dos arrogantes criadores do mundo.

Esta seita, que parece nunca ter sido grande, espalhou-se

principalmente no Egito e nas partes adjacentes da Ásia; e desapareceu, provavelmente, em pouco mais de um século depois de sua ascensão, se é que alguma vez foi totalmente diferente da dos basilidianos.

(1) Quanto ao tempo e causa do desaparecimento das seitas gnósticas, ver Moshedm de Murdock, vol. 1, pág. 233, nota. [p.029]

Seu fundador foi Carpócrates, um egípcio culto, que floresceu em Alexandria, por volta do ano 130. Seu filho Epifânio, era um jovem de grandes realizações e promessa extraordinária; mas ele morreu (cerca de 140 d.C.) com a idade de dezessete anos, depois de ter escrito vários tratados sobre assuntos religiosos.

Seus antigos adversários acusam os carpocratas de confessar os mais infames princípios de conduta moral, e mesmo de ensinar que, para chegar ao céu, devemos nos dedicar à perpetração de toda abominação vil e licenciosa: uma calúnia que, por seu manifesto exagero e malícia, reflete apenas em seus autores. Alguns dos eruditos não dão crédito a nenhuma das representações desvantajosas de seu caráter moral; enquanto outros se recusam a inocentá-los inteiramente, para não incriminar seus caluniadores ortodoxos. (1)

Cerca de 130 d.C.

Uma seita de gnósticos, ainda mais caprichosa do que qualquer um dos precedentes, eram os *valentinianos*. O

homem, na opinião deles, era um ser complexo, consistindo, 1, do corpo visível exterior; 2, de outro corpo (2) dentro deste, composto de matéria fluida, e imperceptível aos sentidos; 3, de uma alma animada, a sede da vida e da sensação apenas; e 4, de uma alma mais nobre, racional, de uma substância angélica. Os corpos, tanto externos quanto internos, estavam, segundo eles, destinados a perecer;

(1) Entre os arrendatários licenciosos cobrados aos carpocratas, alguns dos mais moderados e judiciosos dos modernos consideram o da comunidade de mulheres, bem como de bens, justamente imputados a elas. Mas na *Hist. dos Hereges, de Lardner* (livro ii. cap. iii. § 11). esta acusação é, eu acho, bastante demonstrada como baseada em uma autoridade muito incerta, e ser, em si mesma, bastante improvável. Mosheim, em seus Comentários, etc., suavizou as características da imagem que ele havia desenhado dos Carpocratians, em sua *História Eclesiástica*.
(2) Pelo menos, assim afirma Mosheim, confiantemente; de quem, portanto, não ouso me afastar, embora, neste particular, eu o siga com muita dúvida.
[p.030]

das duas almas, o animal ou sensitivo poderia ser salvo por sua obediência, ou por sua negligência trazer sobre si a

completa dissolução na morte; mas a alma racional e inteligente será, em todos os casos, admitida nos reinos da bem-aventurança.

Na habitação imediata da Divindade, um mundo de pura luz, infinitamente acima dos céus visíveis, os valentinianos colocaram trinta Eons (AEons), divididos em três ordens. Estes eram guardados por Chifres, estacionados na extremidade da alta morada, para evitar que vagassem pelas imensas regiões de matéria caótica que existiam ao redor. Os Eons, com o passar do tempo, ficaram com inveja da distinta e peculiar felicidade desfrutada pelo primeiro e mais alto indivíduo de seu número, o único que era adequado para compreender a grandeza do Pai supremo. O desejo ardente de obter o mesmo prazer divino tornou-se cada vez mais forte entre eles; até que a sabedoria, a mais jovem e mais fraca de todas, ficou excessivamente agitada. De suas perturbações ingovernáveis nasceu uma filha, que foi imediatamente expulsa no vasto abismo da matéria bruta e informe de fora. Para acalmar a agitação assim levantada no reino celestial, a Divindade produziu dois novos Eons, que instruíram os outros a se contentarem com sua capacidade limitada e a unir todos os seus poderes para dar existência a um ser chamado Jesus, o mais nobre e mais brilhante de todos os Eons.

Mal a tranqüilidade do mundo celestial foi assim restaurada, quando as mais violentas comoções começaram a agitar o terrível abismo lá fora. A filha exilada da Sabedoria vislumbrou alguns vislumbres do brilho eterno e tentou alcançar a morada gloriosa; [p.031] "mas sendo

continuamente repelida por seu guardião vigilante, suas paixões de tristeza, ansiedade e desejo tornaram-se tão violentas, que a massa caótica de matéria, na qual ela estava imersa, pegou as fortes emoções contagiosas e tornou-se assim separada nos diferentes elementos que existem em nosso mundo. Com a ajuda de Jesus, ela formou um ser que é o Criador e Governador do sistema material. Este Criador, tendo depois, com a mesma ajuda, construído o Universo visível, assumiu sua morada no céu mais baixo, longe da habitação refulgente da Divindade; e aqui sua vaidade finalmente o transportou para se imaginar o único Deus verdadeiro e chamar a humanidade por seus profetas, especialmente por aqueles que ele enviou aos judeus, para adorá-lo como tal. Para livrar a humanidade dessa ilusão, para revelar a Divindade a eles, para ensinar-lhes piedade e virtude, foi Cristo, um dos Eons, enviado ao mundo. Ele tinha um corpo real, mas diferente dos de mortais, já que era composto de uma substância etérea; e quando foi batizado no Jordão, o próprio Jesus, em forma de pomba, desceu a ele. Assim completamente constituído, nosso Salvador passou, por meio de instruções e milagres, a cumprir seu ministério. O Criador do mundo ficou furioso com seu sucesso e conseguiu sua apreensão e crucificação; mas não até que Jesus e a alma espiritual e racional de Cristo tivessem ascendido, deixando nada além da alma sensível e do corpo etéreo para sofrer. Como outros gnósticos, os valentinianos negavam a ressurreição do corpo e pensavam que os autores do Antigo Testamento estavam sob a inspiração do Criador deste mundo. [p.032] Esta seita surgiu de Valentim, um egípcio, que, depois de

propagar suas noções, por um tempo, em seu país natal, foi, por volta de 140 d.C., para Roma. Aqui, tantos professores abraçaram seus pontos de vista, que a igreja ficou alarmada e, depois de excomungá-lo três vezes, conseguiu tornar sua residência na Itália tão desconfortável que ele se retirou para a ilha de Chipre. Nesta região deliciosa e luxuosa, sua seita floresceu em silêncio; e depois de sua morte, que ocorreu um pouco depois, talvez, de 150 d.C., foi amplamente difundida por toda a Ásia, África e Europa, e despertou considerável medo nas igrejas ortodoxas. Existiu cerca de um século e meio; quando parece ter caído gradualmente no esquecimento. Muitos de seus sentimentos, no entanto, foram reavivados entre os maniqueus, que consideraremos em seu devido lugar.

Ao encerrar nosso relato dessas seitas gnósticas, é importante observar que, enquanto os Pais ortodoxos atacavam calorosamente e amargamente seus respectivos sistemas em geral, não parece que eles alguma vez selecionaram o princípio particular da salvação de todas as almas como detestável. "O que mais excitou seu ressentimento e aversão foi a distinção entre a Divindade e o Criador do mundo, as fábulas dos Eons, os pontos de vista da pessoa de nosso Salvador, a rejeição do Antigo Testamento e a negação da ressurreição e de um julgamento futuro. [p.033]

CAPÍTULO II.

DE 150 d.C. A 190 d.C.

Foi visto que as heresias se multiplicaram em tal número e se espalharam a tal ponto que se tornaram problemáticas (1) para as igrejas regulares e aprovadas, e que várias seitas estabeleceram comunidades separadas, distintas do corpo comum. A maioria delas era do tipo gnóstico, já descrito; mas há uma que, embora pequena, merece menção particular, como consistindo naquela parte da igreja original em Jerusalém que continuou a aderir, com tenacidade inflexível, à prática dos rituais mosaicos. Esta foi a seita Nazarena, ou Ebionita, que se diz ter mantido a humanidade simples de Jesus Cristo.

Mas dos hereges, de todos os tipos, voltamos a uma visão da doutrina e do caráter dos ortodoxos. Muitas das superstições vulgares dos gentios prevaleceram entre eles, a respeito da magia, dos demônios e das regiões poéticas do mundo infernal; e a filosofia grega, que havia começado a se misturar com a doutrina de Cristo, estava rapidamente modificando sua religião para seu próprio gênio.

(1) Isso também é evidente pela circunstância de que Agripa Castor escreveu um livro contra os hereges alguns anos antes desse período, e Justino Mártir um pouco depois. [p.034]

A credulidade dessa época era alta, e o aprendizado da época, pelo menos o dos pais, era superficial demais para ser preventivo ou remediador. A tradição apostólica também começou a ser apresentada como prova, quando

estava tão perdida ou corrompida que mesmo aqueles que haviam sido discípulos dos apóstolos alegavam tradições contrárias em um e mesmo ponto; (1) e ainda sobre esta autoridade muito precária algumas noções caprichosas (2) prevaleceram. A esses tons da imagem devemos acrescentar um ainda mais escuro; os cristãos, tanto ortodoxos quanto hereges, parecem ter empregado, em alguns casos, falsidade conhecida em apoio à sua causa. Dizem que esse artifício pernicioso derivou do paradoxo platônico, de que é lícito mentir pela verdade; mas alguém poderia supor que isso foi sugerido por seu próprio zelo intemperante, e não por quaisquer máximas da filosofia. Eles já haviam começado a forjar livros em apoio à sua religião, uma prática que, acredita-se, eles tomaram emprestado dos hereges; e eles agora começaram a propagar relatos de milagres frequentes, sobre os quais todos os primeiros escritores, depois dos apóstolos, ficaram inteiramente em silêncio.

Nas obras que até agora examinamos podemos descobrir pouco do que pertence à literatura grega, exceto a língua. Todos os seus conceitos fantasiosos, todas as suas extravagâncias, são ou daquele caráter peculiar que denota uma origem judaica, pelo menos asiática; ou então são as efusões naturais de uma estupidez que não precisa do reforço do falso conhecimento para se tornar ridícula.

(1) Por exemplo, Policarpo visitou Aniceto, bispo em Roma, por volta de 150 d.C., e teve uma discussão amigável com ele sobre o tempo apropriado para celebrar a Páscoa. Cada um, de acordo

com Eusébio (*Hist. Eccl.*, lib. v., cap. 24), alegava tradição apostólica para seu próprio tempo, em oposição à do outro; e eles se separaram, mas em amizade, sem chegar a um acordo sobre o ponto.
(2) A doutrina dos próprios milenaristas, por exemplo. [p.035]

Mas quando passamos pelo Pastor de Hermas, entramos imediatamente em uma nova série de escritos eclesiásticos, na maioria dos quais o aprendizado das escolas atenienses e romanas é despojado de sua elegância e convertido ao cristianismo. Isso, no entanto, teremos ocasião de exemplificar, em detalhes, à medida que prosseguimos no curso de nosso exame.

As obras que chegaram até nós desde o período compreendido neste capítulo, e que sucedem as dos Pais Apostólicos, são Os Oráculos Sibilinos, Os Escritos de Justino Mártir, A Relação do Martírio de Policarpa, A Oração de Taciano, A Carta das Igrejas de Lyon e Vienne, Duas Produções de Athena gov as, Um Tratado de Teófilo e As Obras de Irineu. (1) Através deles, sucessivamente, tentaremos agora seguir os rastros de nosso assunto geral.

Será difícil dar ao leitor uma noção justa da primeira obra. Os Oráculos Sibilinos, Eles foram forjados (2) por alguns cristãos, ou cristãos, geralmente supostos ortodoxos, com o propósito de convencer os pagãos da verdade do cristianismo.

(1) O livro de um *Hermas*,

ridicularizando os filósofos pagãos, embora muitas vezes mencionado entre as obras eclesiásticas deste período, é, por todos, reconhecido como de data incerta, e pelos melhores críticos considerado a produção de uma época posterior.

(2) Cave acha que a maior parte deles foi composta por volta de 130 d.C., e o restante antes de 192 d.C. Du Pin os coloca por volta de 160 d.C. Lardner acha que eles podem ter sido concluídos antes de 169 d.C., embora possivelmente não antes de 190 d.C. Justino Mártir repetidamente se refere a eles; e *Hermas* provavelmente fez alusão a eles no livro 1. vis. ii. (a)

(a) Os Oráculos Sibilinos originais (pagãos) foram destruídos em 74 a.C.. Muito em breve, porém, novos foram coletados; e destes, com talvez também alguns de origem judaica (Josephus, Antiq. 1, 4, 3, de Orac. Sibyll. III: 35), formaram-se as Sibilinas cristãs. Eles têm sido atribuídos a Montanus, a Christiana de Alexandria, aos gnósticos e até mesmo a Tertullian; e também foram consideradas produções de diferentes épocas, - por alguns como chegando a cerca de 200 a.C. (em alguns de seus materiais) a 500 d.C. Muito disso é mera conjectura. Eles são certamente de origem muito antiga, e foram geralmente atribuídos ao segundo

centenário, ao qual uma parte importante sem dúvida pertence. Eles foram usados, não apenas por Justino Mártir, mas por Teófilo de Antioquia, Atenágoras, Clemente Alexandrino, Orígenes, Agostinho, Eusébio, etc. Opsopceus, em suas notas, p. 27, diz que os Oráculos ensinam '"que os ímpios, sofrendo no inferno (Geena), após um certo período, e por meio de expiações de dores, seriam liberados dos castigos, que era a opinião de Orígenes", etc. Opsop. Paris, 1599.

Talvez seja bom afirmar que há um consenso geral entre os eruditos quanto ao fato de que esses Oráculos ensinam o Universalismo. Há uma nota interessante sobre este ponto no *Universalist Quarterly*, de julho de 1868, escrito por um reconhecido erudito. Dr. T. B. Thayer. O erudito Musardus, *In Historia Deorum Fatidicorum*, etc., *Colonize Allobrogium*, 1675, pág.184, referido pelo Dr. Thayer, afirma que o autor dos Oráculos diz "que os condenados serão libertados depois de terem sofrido castigos infernais por muitas eras", "o que foi um erro de Orígenes". *Bicit danmatos liberandos postquam paenas infernales per aliquot secida erunt perpessi, qui Origenis fuit error*. Assim Davis, em sua tradução do francês do Tratado das Sibilas de Blondel, etc., Londres, 1661, evidentemente tem

a mesma visão, embora transformando a passagem referida como implicando que Deus dá aos homens o poder de salvar a si mesmos. O Dr. Thayer também observa bem que na Tradução latina dos Oráculos de Castalio (que está encadernada com o grego de nossa edição), ανθρώποις (anthropois) é traduzido como *homines* na passagem citada pelo Dr. Ballou. O latim de Gallaeus, 1688, Amsterdam, tem *homines*. Em suas Dissertações, c. xxiii., ele argumenta contra o Universalismo, como ensinado pelas Sibilas e Orígenes. — A. St. J. C. [p.036]

As sibilas eram consideradas profetisas muito antigas, de extraordinária inspiração entre os romanos e os gregos; mas seus livros, se é que alguma vez existiram, sempre foram cuidadosamente escondidos do público e consultados apenas em emergências e por ordem do governo. A grande veneração em que essas supostas, mas desconhecidas, profecias eram mantidas entre o vulgo, induziu alguns fanáticos a fabricar, sob o nome de Sibilas, e sob a forma de predições antigas, uma narrativa dos eventos mais marcantes da história sagrada, e um delineamento do que era então considerado a fé cristã. [p.037] Este trabalho, que temos agora com algumas variações, (1) em oito livros de versos gregos grosseiros, foi então enviado ao mundo, para converter os pagãos pelo pretenso testemunho de suas próprias profetisas. Parece ter sido tomado com avidez pelos cristãos ortodoxos em geral; e todos os seus principais escritores (2) o citaram como

genuíno, e insistiram em seus testemunhos como evidência indubitável. É mortificante relatar que nenhum deles teve a honestidade de descartar a fraude, mesmo quando ela foi detectada por seus oponentes pagãos.

Esses livros, embora produzidos em iniqüidade, servem para mostrar quais sentimentos existiam entre os cristãos; que é, de fato, sobre toda a utilidade das produções genuínas deste período. Eles contêm a mais antiga declaração explícita existente de uma restauração dos tormentos do inferno. Tendo previsto a queima do universo, a ressurreição dos mortos, a cena diante do tribunal eterno e a condenação e tormentos horríveis dos condenados nas chamas do inferno, o escritor passa a discorrer sobre a bem-aventurança e os privilégios de os salvos; e ele conclui seu relato dizendo que, após o julgamento geral, "o Deus onipotente e incorruptível concederá outro favor a seus adoradores, quando eles lhe pedirem: ele salvará a humanidade do fogo pernicioso e das agonias imortais.

(1) Assim pensam Fabricius, Du Pin, Le Clerc, Lardner e Jortin. Outros falam destes agora existentes como totalmente iguais aos antigos. Paley, que ao chamá-los de versos latinos, trai sua ignorância deles, supõe que eles não podem ser esse trabalho antigo, porque é tal a óbvia a sua falsificação que eles não poderiam ter enganado os primeiros pais para levá-los a acreditar em sua autenticidade.

(Evidências do cristianismo, parte i., cap, ix, seita, xi.) Corte tudo isso que ele poderia ter dito, com igual propriedade, das próprias passagens que eles realmente citaram. Eles provavelmente estavam cientes da falsificação.
(2) Justino Mártir, Atenágoras, Teófilo de Antioquia, Clemente Alexandrino e os pais que o sucederam. [p.038]

Isso ele vai fazer. Pois, tendo-os reunido, protegidos em segurança da chama incansável, e os designado para outro lugar, ele os enviará, por amor de seu povo, para outra e uma vida eterna, com os imortais na planície Elísia, onde flui perpetuamente o longo , ondas escuras do mar profundo de Acheron." (1)

Esta obra está repleta de fábulas dos gregos sobre os demônios, os Titãs ou gigantes e as regiões infernais. O mundo seria queimado por volta do final do segundo século; e então toda a humanidade deveria ser trazida do receptáculo secreto dos mortos para o julgamento; quando o vicioso e abominável deve ser condenado a um intenso tormento de fogo, repetidamente chamado de eterno, e descrito quase na linguagem dos poetas pagãos e com muitas das circunstâncias que eles empregaram. Os justos, ao contrário, deveriam ser recebidos em um céu muito parecido com os campos Elísios; (2) e, finalmente, a seu pedido, os condenados deveriam ser admitidos à mesma felicidade. (3)

(1) Sibila. Oracular, lib. ii p. 212, edição. Opsopoei, Paris, 1667.
(2) Todos esses detalhes podem ser encontrados em lib. ii.
(3) A seguinte profecia da conflagração final pode divertir, como um espécime das descrições do autor: Elias, "o Tesbita, descerá do céu, puxado em um carro celestial, e mostrará ao mundo inteiro os três sinais da destruição de toda a vida. Ai daqueles que naquele dia alcançarão oprimidos com o peso do ventre; ai daqueles que amamentam crianças no peito, e daqueles que habitam perto das águas. Ai daqueles que verão aquele dia; pois do nascer ao pôr do sol, e do norte ao sul, o mundo de Avholo será envolvido na escuridão da noite hedionda. Um rio ardente de fogo então fluirá dos céus elevados e consumirá totalmente a terra, o vasto oceano com seu abismo cerúleo, os lagos, rios, fontes, o horrível reino de Plutão e o pólo celeste. As estrelas no céu se derreterão e cairão sem forma. Toda a humanidade rangerá os dentes, cercada por todas as mãos por uma torrente de fogo e coberta de cinzas ardentes. Os elementos do mundo serão abandonados: o ar, a terra, os céus, o mar, a luz e as noites e os dias serão confundidos." — Lib. ii., p. 201. [p.039]

150 d.C. a 162 d.C.

Passamos aos escritos do renomado Justino Mártir , o primeiro estudioso professo da filosofia grega, cujas produções em favor da religião cristã chegaram até nós. Ele era natural de Neapolis, a antiga Sichem, na Palestina. Tendo procurado, como ele diz, o conhecimento do verdadeiro Deus, entre todas as seitas de filósofos pagãos, ele foi finalmente convertido ao cristianismo pela conversa de um homem velho; mas ele nunca deixou de lado o hábito peculiar nem a profissão dos platônicos. Ele se engajou, no entanto, com grande zelo e ousadia na causa cristã, para a qual escreveu duas Apologias: uma dirigida ao imperador Antonino Pio, por volta de 150 d.C., e outra por volta de 162 d.C. ao Senado e ao Povo de Roma. (1) Foi nesta cidade, onde residiu por muitos anos, que ele selou seu testemunho pelo martírio, por volta de 166 d.C..

Sua profissão de filosofia, sua leitura extensa, embora superficial, juntamente com seu zelo e piedade, garantiram-lhe uma grande reputação e influência entre os primeiros Pais, que não tinham discernimento para perceber sua falta de julgamento sóbrio e descobrir os freqüentes erros em que seu descuido e credulidade grosseira o traíram. Suas primeiras noções pagãs, longe de serem dissipadas pela luz da verdade, foram apenas modificadas para sua nova religião, e mais carinhosamente acalentadas, pois agora faziam parte de um sistema que ele considerava sagrado.

(1) Cave, Pagi, Basnage e Le Clerc datam a Primeira Apologia de Justino

por volta de 140 d.C.; Massuet, 145; The Benedictine Editors e Tillemont, Grabe, Du Pin e Lardner, em 150. *O Diálogo com Trypho* foi escrito certamente após a *Primeira Apologia*, mas talvez antes da *Segunda*, que geralmente é colocada no ano 162. Além dessas três obras, algumas atribuem-lhe Duas Orações aos gregos, e a Epístola a Diogneto. [p.040]

Os anjos, ele (Justino Mártir) supõe, uma vez que desceram à terra, se apaixonaram pelas mulheres, e em seus abraços geraram os demônios. Esses demônios, aprendendo dos profetas os principais eventos da vida e administração de Cristo, fabricaram, para imitá-los, as histórias da mitologia pagã. Eles primeiro instituíram a idolatria e ainda continuam a seduzir os homens a praticá-la, pelos misteriosos truques que realizam para esse fim; e tudo isso, pelo desejo de se alimentar da fumaça dos sacrifícios e libações. (1) Nada pode ser mais maravilhoso do que a variada parte que os demônios desempenham neste mundo, segundo as representações de Justino. Eles trabalhavam, no entanto, sob uma desvantagem essencial; pois nosso autor nos assegura que os cristãos, em seu tempo, tinham o dom milagroso de exorcizá-los à vontade, qualquer que fosse a forma que assumissem ou onde quer que se escondessem. (2) O leitor não pode se surpreender com o fato de Justino ter aplicado e explicado as Escrituras sem a menor consideração pela interpretação racional.

Sua opinião sobre o estado futuro da humanidade era que

todas as almas, após a morte, são reservadas em um determinado lugar, provavelmente os Infermim dos latinos, até a ressurreição e julgamento geral; quando os justos, sejam cristãos ou pagãos virtuosos, como Sócrates e Platão, reinarão com Cristo mil anos sobre a terra, e então serão admitidos nas mansões celestiais; (3)

(1) Justino. Desculpa. Prim., pág. 61, edição. Paris.
(2) Apol. Secundário, pág. 45, axid passim.
(3) Comparar Diálogo, cum. Tryph. pág. 223, 306, Apol. e., pág. 71; Apol. ii., pág. 83, etc., edit. Paris, 1742. [p.041]

enquanto os ímpios serão condenados a um castigo que ele freqüentemente chama de eterno. (1) Em outro lugar, no entanto, ele declara sua opinião sobre este último ponto mais particularmente, e sugere que os ímpios serão, eventualmente, aniquilados: “Almas”, diz ele, “não são imortais. almas morrerão. As dos piedosos ficarão [após a morte] em certo lugar melhor, e as dos ímpios e maus em um lugar pior, todos esperando o tempo do julgamento. Assim, aqueles que são dignos de comparecer diante de Deus nunca morrem, mas os outros são atormentados enquanto Deus quer que eles existam e sejam atormentados. Tudo o que existe ou existirá na dependência da vontade de Deus é de natureza perecível e pode ser aniquilado para não existir mais. Só Deus é auto-existente, e por sua própria natureza imperecível, e, portanto, ele é Deus, mas todas as outras coisas são

geradas e corruptíveis. Por esta razão, as almas sofrem punição e morrem. (2)

160-170 d.C.

Foi nessa época que o venerável e idoso Policarpo encerrou sua vida piedosa, no meio do rebanho que há muito acalentava na grande cidade de Esmirna. A natureza exausta não podia expirar em silenciosa decadência; os pagãos perseguidores o procuraram e o coroaram com as honras do martírio.

(1) Ap. Prim., pp. 57, 64, etc.
Ele diz que o diabo será punido por uma duração infinita, απεραντον αιωνα. I Apol. c. xxviii. — A. St. J. C.
(2) Dialog. cum. Tryphone pp. 222, 223. (a)
(a) Comparar c. V. vi. — A. St. J. C.
[p.042]

O Relato de seu Martírio, escrito (3) se genuíno (do que há alguma dúvida),

(3) Provavelmente logo após o martírio que relata; que é colocado por Pearson em 147 d.C.; por Usher e Le Clerc em 169; e por Petit em 175. Policarpo visitou Roma enquanto Aniceto era bispo ali; cargo para o qual se supõe que este último tenha sido escolhido até 150 d.C..

por sua própria igreja em Esmirna, afirma que os mártires esperavam, sofrendo os tormentos momentâneos de sua morte cruel, "escapar daquele fogo que é eterno e não se extinguirá." (1) E o próprio Policarpo é representado, por esses escritores, como lembrando ao Procônsul, diante de quem ele foi denunciado e julgado, "do fogo do julgamento futuro e daquele castigo eterno que é reservado para os ímpios". (2)

Este *Relato*, embora composto aparentemente por homens simples e iletrados, e manifestamente livre das corrupções da filosofia grega, oferece um espécime moderado do gênio hiperbólico daquela época. Quando a chama, dizem os escritores, subiu a uma grande altura em torno de Policarpo na fogueira, fez uma espécie de arco, deixando-o intocado no meio; enquanto um odor rico, como de incenso, procedeu de seu corpo e encheu o ar. Os carrascos, percebendo que não poderiam destruí-lo queimando-o, o golpearam com um punhal; sobre o qual veio dele uma quantidade de sangue que extinguiu as chamas! de modo que "suscitou uma admiração em todo o povo ao considerar a diferença que havia entre os infiéis e os eleitos". (3)

(1) Relação do Martírio de Policarpo, §2. Tradução de Wake.
(2) Idem, § 11.
(3) Idem, §§ 15, 16.

170 d.C.

Taciano, o sírio, convertido do paganismo, e talvez o erudito de Justino Mártir, era um homem de considerável

leitura grega e autor de várias obras; [p.043] do qual apenas sua Oração contra os gentios é existente. Nisto ele representa que as almas que não têm a verdade ou conhecimento de Deus morrem com o corpo, e com ele ascendem ao julgamento, no fim do mundo; quando eles devem sofrer "uma morte na imortalidade". (1) Aos demônios perversos ele atribui a mesma condenação final. (2) É suficientemente evidente que Taciano era, nessa época, como seu mestre, um seguidor da filosofia platônica; mas no final de sua vida ele caiu em heresia, *proibindo casamento, vinho e diversos tipos de carne*, e defendendo certas noções gnósticas.

Para abarcar tudo o que diz respeito ao nosso assunto, devemos inserir um pequeno fragmento de uma História Eclesiástica de Hegésipo, um autor cujas obras estão perdidas, mas que se suspeita ter sido um escritor fraco e crédulo. Ele relata que quando alguns parentes de nosso Salvador foram chamados perante o imperador Domiciano, e questionados sobre a natureza do reino que eles atribuíam a Cristo, eles responderam que era meramente celestial, e aconteceria "na consumação do mundo, quando ele deveria vir em sua glória, julgar os vivos e os mortos, e recompensar a cada um segundo as suas obras." (3)

(1) Tatiani Assyr. Contra Grécia. Orat., §§ 6 e 13, a inter. Justini Mártir, 0pp. editar. Paris, 1742. Ttiis Oration é colocado por Lardner entre 165 e 172 d.C.
(2) Idem, § 14.
(3) Eusébio Hist. Ecl., lib. iii., cap.

20, Lardner data a História de Hegesipo no ano 173.

(a) Não há nada no § 6, neste sentido. No § 13, a linguagem é: "A alma em si, ó gregos, não é imortal, mas mortal. Mas é possível que ela não morra. Na morte, ela se dissolve com o corpo, se ignora a verdade; mas depois ressuscita, no fim do mundo, unido ao corpo, recebendo a morte por castigo na imortalidade" — θανατον δια τιμωριας εν αθανασια λαμδανουσα - A.St.J.C. [Nota do Tradutor: provavelmente um erro de digitação: λαμ<u>δ</u>ανουσα deveria ser λαμ<u>β</u>ανουσα de λαμβανω (Dic. de Strong G2983), receber][p.044]

Esta é uma evidência da opinião de Hegésipo; mas nenhum historiador provavelmente o consideraria como autoridade para os sentimentos das pessoas que ele menciona. A história toda, de fato, agora é suspeita de ser fabulosa. *A Epístola das Igrejas de Lyon e Vienne*, geralmente supostamente escrita pelo célebre Irineu, exige apenas um momento de atenção. Dá um relato comovente, embora talvez exagerado, da terrível perseguição e martírio dos cristãos nessas duas cidades, durante o reinado do imperador filosófico Marco Aurélio. De uma mulher chamada Byblias, que por fraqueza a princípio desistiu de sua profissão de fé. se diz que "em meio de seus tormentos ela voltou a si, despertando como se de um sono profundo; e, chamando à lembrança o castigo eterno no inferno, ela,

contra todas as expectativas dos homens, reprovou seus algozes." (1)

O próximo, na ordem, é Atenágoras, um filósofo ateniense, e provavelmente, por um tempo, mestre daquele distinto seminário cristão, a Escola Catequética de Alexandria, no Egito. Dirigiu ao imperador Marco Aurélio e a seu filho Cômodo uma Apologia aos cristãos; e escreveu um Tratado sobre a Ressurreição, para remover as objeções dos pagãos e convencê-los, por raciocínios filosóficos, da verdade dessa doutrina (2). Embora um escritor culto e educado, pouca atenção foi dada a ele ou às suas obras, pelos primeiros Pais.

(1) Eusébio Hist. Ecl., lib. v., cap 1. Lardner atribui esta Epístola ao ano 177.
(2) Sua Apologia é colocada por Lardner em 178 d.C. - Seu Tratado sobre a Ressurreição provavelmente foi escrito logo depois. (a)
(a) Comp. c. xviii; c. xxv. — A. St. J. C. [p.045]

Ele afirma, como um fato manifesto, "que os justos não são devidamente recompensados, nem o mal punido nesta vida"; e afirma que não há base sobre a qual possamos reivindicar os caminhos da Providência e manter a justiça de Deus, senão admitindo uma ressurreição a um estado de retribuição. No julgamento futuro, diz ele, "recompensas e punições serão distribuídas a toda a humanidade, conforme eles tenham se comportado bem ou mal" (1) mas da

duração do sofrimento ele não nos deixou nenhuma indicação. Ele trata isso como uma conjectura razoável, que os animais podem ser ressuscitados dos mortos e depois permanecer em sujeição ao homem. (2) Quanto ao modo de governar o universo, ele diz que Deus distribuiu os anjos em diferentes categorias e ordens e designou a eles o cuidado dos elementos, dos céus e da terra. Mas o anjo que preside a matéria, junto com alguns outros, desviando-se de sua fidelidade, se apaixonou por mulheres e gerou gigantes; e esses espíritos rebeldes agora vagam pela terra, opondo-se a Deus, excitando a luxúria e sustentando a idolatria, para que possam se refrescar com o sangue e o vapor dos sacrifícios. (3)

(1) Atenágor. De Ressurrec. *passim*, particularmente a última parte.
(2) Idem, perto do início.
(3) Atenágoras Legat. *passim*.

De Teófilo, bispo da igreja de Antioquia, resta apenas uma obra: um tratado em defesa do cristianismo, dirigido a Autólico, um sábio pagão. Existem provas suficientes de que nosso autor foi um homem de pelo menos um grau moderado de conhecimento; [p.046] mas, como a maioria de seus contemporâneos, ele era infelizmente um admirador da filosofia grega e um crente nas superstições vulgares dos pagãos. Suas visões de punição futura podem ser descobertas em sua exortação a Autólico: "Você também lê cuidadosamente as Escrituras proféticas, e você terá sua luz mais segura para permitir que você evite os

tormentos eternos". Logo depois ele fala dos incrédulos: e abomináveis, para eles haverá ira e indignação, tribulação e angústia; e, por fim, o fogo eterno será sua porção." (1)

(1) Theophili ad Autolycura, lib. i., cap. 14, inter Justini Mártir, Op. editar. Paris, 1742. Lardner coloca este trabalho em 181 d.C.

Em outro lugar, no entanto, b. ii. c. xxvi., ele parece ensinar uma restauração universal final. Lê-se: “Deus mostrou grande bondade para com o homem, não permitindo que ele permanecesse para sempre em pecado; mas como uma espécie de punição, expulsou-o do Paraíso, a fim de que, tendo expiado pelo castigo, dentro de um tempo determinado, o pecado, e tendo sido disciplinado, ele pudesse ser restaurado posteriormente. 'Portanto. também, quando o homem foi formado neste mundo, como é conhecido misticamente no Gênesis, como se ele tivesse sido colocado duas vezes no Paraíso; de modo que um foi cumprido quando ele foi colocado lá, e o outro será cumprido após a ressurreição e julgamento. Pois assim como um vaso que, depois de feito, tem algum defeito, é refeito ou remodelado para se tornar novo e reto, assim ele chega ao homem pela morte. Pois, de uma maneira ou de outra, ele está quebrado, para que possa surgir na ressurreição

inteiro, quero dizer, sem mancha, e justo, e imortal." — A. St. J. C.

180-190 d.C.

Chegamos, finalmente, aos escritos daquele distinto pai, Irineu. Nascido e criado na Ásia Menor, ele assistiu, em sua juventude, aos discursos do venerável Policarpo e do fraco e imprudente Papias, e talvez tenha algum conhecimento daqueles que conversaram pessoalmente com os apóstolos. seu zelo e devoção à causa cristã, juntamente com seus conhecimentos, tornaram-no notável e, por fim, o elevaram ao bispado da igreja em Lyon. [p.047] Mas, apesar de suas vantagens, há algumas coisas em sua principal obra restante, Contra as Heresias, (1) que mostram que ele cedeu à caprichosa e crédula virada da época, se, de fato, isso também não fosse seu próprio caráter. Milagres, diz ele, mesmo desde a ressurreição dos mortos até a expulsão de demônios, eram, em seu tempo, frequentemente realizados por cristãos; de modo que era "impossível contar todos os milagres que a igreja realizava, todos os dias, em benefício das nações". (2) Com a filosofia grega ele não estava tão completamente imbuído como Justino Mártir; mas, como seu mestre, Papias, ele era um assíduo colecionador de tradições apostólicas, e sobre sua autoridade apresentou algumas noções muito ridículas. (3) Algumas de suas interpretações alegóricas (4) das Escrituras também quase competirão, em desprezível absurdo, com as de Barnabé. Observamos, de uma vez por todas, que os principais escritores mencionados neste capítulo concordaram em atribuir às Escrituras um duplo

sentido, um oculto e misterioso, bem como o óbvio.

Com relação ao estado futuro, Irineu (*Irenaeus*) supõe que as almas são, após a morte, reservadas em algum lugar invisível, o *Infernum* dos pagãos, para onde Cristo foi e pregou após a crucificação, livrando do sofrimento aqueles que então creram.

(1) Esta é uma obra grande e, em muitos aspectos, valiosa. Lardner pensa que foi publicado pouco depois de A.D. 178; Tillemont, perto de 190.
(2) Iren. Adv. Heres, lib. ii., cap. 57.
(3) No Milênio, diz ele, "haverá vinhas, cada uma com dez mil cepas; cada estoque, dez mil ramos; cada ramo, dez mil galhos; cada galho, dez mil cachos; cada cacho, dez mil uvas; e cada A uva, quando prensada, dará vinte e cinco medidas de vinho. E quando algum dos santos for colher um cacho, outro cacho gritará: eu sou melhor, tome-me e bendiga ao Senhor por mim. Da mesma maneira, um grão de trigo semeado produzirá dez mil talos; cada talo dez mil grãos; e cada grão dez mil libras da melhor farinha", etc. Ditto (Idem), lib. v., cap. 32, 33.
(4) Idem, lib. IV., cap. 42, e lib. v., cap. 8. [p.048]

No fim do mundo, que estava então muito próximo, todos deveriam ser ressuscitados e levados a julgamento, quando

os justos fossem admitidos a um reinado de mil anos com Cristo na terra, preparatório para a bem-aventurança sem fim no céu; mas os injustos devem ser lançados no fogo inextinguível e eterno. (1) Aqui, ele parece pensar, que eles serão aniquilados: ele afirma que almas ou espíritos, como todas as outras coisas criadas, dependem inteiramente da providência sustentadora de Deus, para sua continuidade em ser, e que eles podem "existir apenas contanto que ele queira, pois", diz ele, "o princípio da existência não é inerente à nossa própria constituição, mas nos foi dado por Deus. quem a despreza, e é ingrato, se priva do privilégio de existir para sempre. Portanto, disse o Senhor: *Se não fostes fiéis no pouco, quem vos dará o maior?* (Lucas 16:11); significando que aquele que lhe é ingrato por esta vida temporal, que é pequena, não pode justamente esperar dele uma existência sem fim". (2)

É em Irineu (*Irenaeus*) que encontramos a primeira tentativa de um resumo formal da fé, como sustentado pelas igrejas ortodoxas em geral; e, por esse motivo, seu compêndio, ou credo, é digno de nota especial. Em oposição a todos os princípios peculiares dos gnósticos, ele apresenta o sistema de doutrina que, diz ele, "as igrejas, embora espalhadas por todas as partes do mundo, haviam

(1) Iren. Adv. Heres, (Haeres.) lib. v., cap. 27, e *passim*.
(2) Idem, lib. ii., cap. 64. [p.049]

recebido dos apóstolos e seus discípulos, a saber, crer em um só Deus, o Pai onipotente, que fez o céu, a terra, o mar

e todas as coisas neles; em um Jesus Cristo, o Filho de Deus, encarnado para nossa salvação; e no Espírito Santo, que pelos profetas declarou a dispensação e vinda de Cristo, seu nascimento de uma virgem, seu sofrimento, sua ressurreição dos mortos, sua ascensão em sua carne ao céu, e sua vinda do céu, na glória do Pai, para reunir em uma todas as coisas e ressuscitar a carne de toda a humanidade; que a Jesus Cristo, nosso Senhor, Salvador e Rei, segundo a vontade do Pai invisível, se dobre todo joelho das coisas nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua lhe confesse; e que ele proferirá uma sentença justa sobre todos, e enviará os espíritos malignos e os anjos que transgrediram, juntamente com os homens ímpios, para o fogo eterno, mas dará vida aos justos que guardaram seus mandamentos e permaneceram em seu amor, ou desde o princípio ou depois do arrependimento, e conferir-lhes imortalidade e glória eterna." (1)

(1) Iren. Adv. Haeres, lib. i., cap. 2. Qualquer um, familiarizado com as noções atribuídas aos gnósticos, perceberá instantaneamente que quase todas as expressões neste credo foram formuladas com o propósito de se opor a elas; como, de fato, é sugerido pela maneira pela qual Irineu introduz a passagem.

Um grande número das primeiras produções dos ortodoxos e todas as dos hereges se perderam, e com elas, provavelmente, alguma informação sobre o assunto de

nossa história. Até agora, porém, reproduzimos cuidadosamente, em suas próprias palavras, a opinião de todos os escritores cujas obras ainda existem; também apresentamos os pontos de vista dos hereges sobre este assunto, das melhores autoridades ao nosso alcance. [p.050] Ao leitor pertence o privilégio de tais reflexões, como todo o caso, agora completamente apresentado a ele, pode sugerir. Observaremos, no entanto, que dos escritores ortodoxos, quase todos aludem ou afirmam expressamente um julgamento futuro e um estado futuro de punição: sete (1) chamam-no de eterno, fogo ou tormento eterno: mas fora desses há três que certamente não pensavam que fosse interminável, pois dois deles acreditavam que os condenados seriam aniquilados, e o outro afirmava sua restauração à bem-aventurança. Quais foram os pontos de vista dos quatro restantes sobre este ponto não pode ser determinado; pois a circunstância que acabamos de mencionar mostra que o uso da palavra *eterno* não é critério (*nt). Os outros que passamos em revista silenciam sobre a duração da miséria.

(1) Nomeadamente, Barnabé, Hermas, Oráculos Sibilinos, Justino Mártir, Kelation of Polycarp's Martyrdom, Thcopbilus e Irineu na Carta das igrejas de Lyon e Vienne, e em sua obra Against Heresies.

(*nt)(Nota do Tradutor) A palavra grega empregada é *aionios*. E , se latim, *eternum*, que era o equivalente à

aionios e não significava tempo sem fim tampouco no começo de seu uso (Ver Beecher, *História das Opiniões sobre a Doutrina Bíblica da Retribuição*.).

A essas observações devemos acrescentar que as seitas gnósticas que se acredita terem sustentado a salvação de todas as almas ainda floresciam; mas sua história, como a de todos os cristãos heréticos, é obscura e incerta.

Entre os ortodoxos, é curioso observar o aparente progresso do sentimento em relação a um futuro estado de punição. Em seus primeiros escritos, o de Clemente Romanus e os de Inácio, é totalmente omitido ou expresso da maneira mais indefinida. Depois, encontramos a introdução como um motivo peculiar de terror; [p.051] e, como tal, tornou-se cada vez mais empregado, mesmo por aqueles que expressamente lhe atribuíam uma duração limitada. Quando a filosofia grega e as superstições pagãs começaram a prevalecer na igreja, logo conseguiram delinear toda a topografia do reino infernal, apontaram suas divisões, descreveram seus regulamentos e familiarmente trouxeram à luz todos os seus segredos.

Nas partes seguintes de nosso trabalho não deteremos o leitor com um parágrafo distinto para cada escritor eclesiástico; mas direcionar nossa atenção mais especialmente para aqueles autores e aquelas partes que defenderam a salvação de toda a humanidade. Enquanto isso, porém, visaremos uma apresentação que forneça uma visão geral das noções mantidas pela igreja em geral, em relação a esse assunto. [p.052]

CAPÍTULO III.

DE 190 d.C. A 230 d.C.

De todos os pais cristãos, antes de Orígenes, o escritor mais ilustre, e o mais (190 a 196 d.C.) conhecido pela extensa erudição, foi Clemente Alexandrino (ou Clemens). Que ele era um universalista é alegado contra ele por alguns dos eruditos, (1) e suficientemente manifesto de suas obras ainda existentes; embora ele raramente nos forneça uma afirmação direta e positiva a este ponto. Ele afirma uniformemente, no entanto, e ilustra, a bondade universal de Deus, a natureza benevolente da justiça, o projeto salutar e o efeito da punição tanto aqui como no futuro, a purificação dos condenados no inferno e sua libertação do sofrimento e exaltação à bem-aventurança.

(1) O erudito e ortodoxo Daille diz: "É manifesto, ao longo de suas obras, que Clemente pensou que todos os castigos que Deus inflige aos homens são salutares e executados por ele apenas com o propósito de instrução e reforma. Deste tipo, ele acredita, são os tormentos que os condenados no inferno sofrem... Do que descobrimos que Clemente era da mesma opinião que seu estudioso Orígenes, que em toda parte ensina que todos os castigos dos que estão no inferno são purgatórios, que não são infinitos, mas finalmente

cessará, quando os condenados forem suficientemente purificados pelo fogo”. *Dallaei De Usu Patrum*, lib. ii., cap. 4.

O arcebispo Potter, tendo falado da crença de Orígenes na salvação de todos os condenados, e do próprio diabo, acrescenta, “da qual opinião Clemente não parece ter divergido muito, pois ele ensinou que o diabo pode se arrepender, e que mesmo os maiores dos pecados hediondos são purgados por punições após a morte." V. Not. in Clem. Alexandr. Strom., lib. vi., p. 794, edit. Potter, 1715. [p.053]

“O Senhor”, diz ele, “faz o bem a todos e se deleita em todos; como Deus, ele perdoa nossas transgressões, e como Homem, ele nos ensina e instrui para que não pequemos. O homem é, de fato, necessariamente querido por Deus, porque ele é sua feitura. Outras coisas ele fez apenas por sua ordem; mas o homem ele formou por sua própria mão, e soprou nele suas propriedades distintivas. Agora, tudo o que foi criado por ele, especialmente à sua própria imagem, deve ter sido criado porque era, em si mesmo, desejável para Deus, ou então desejável por alguma outra consideração. Se o homem foi feito porque era desejável em si mesmo, então Deus o amou por ser bom; e certamente há no homem aquele princípio amável, chamado sopro ou inspiração de Deus. Mas se foi por causa de algum outro fim desejável que ele foi feito, então não poderia haver outra razão pela qual Deus o criasse,

senão que Deus não poderia ser um Criador benevolente, nem sua glória ser exibida à raça humana. . . . E, de fato, em ambos os casos, pode-se dizer que o homem é, em si mesmo considerado, um ser desejável a Deus, pois o Todo-Poderoso, que não pode errar em seus empreendimentos, o fez exatamente como ele desejava. Ele, portanto, o ama. Como, de fato, é possível que ele não o ame, por quem ele enviou seu Filho unigênito de seu próprio seio? " (1)

Há alguns, (2) diz Clemente (ou Clemens), que negam que o Senhor seja bom, porque ele inflige castigos e ordena o medo. A isso, ele responde que “não há nada que o Senhor odeie; pois ele não pode odiar nada e ainda assim desejar que exista; nem pode desejar que algo não exista e, ao mesmo tempo, fazer com que exista.

(1) Clem. Alexandre. Psedagog., lib. i., cap. 3, pp. 101, 102, edição. Oleiro.
(2) Clemente aqui alude aos marcionitas, uma seita gnóstica. [p.054]

Agora, como o Senhor é certamente a causa de tudo o que existe, ele não pode, é claro, desejar que qualquer coisa que é, *não seja*; e, portanto, ele não pode odiar nada, pois todos existem por sua própria vontade." E, continua nosso autor, "se ele não odeia nenhuma de suas obras, então é evidente que ele ama todas elas, especialmente o homem acima dos outros, que é a mais excelente de suas criaturas. Agora, quem ama outro deseja beneficiá-lo; e, portanto, God faz bem a todos. Ele não os abençoa em alguns detalhes apenas e negligencia todo cuidado com eles; ele é

ao mesmo tempo cuidadoso com eles e solícito por seus interesses”. pois recompensa os virtuosos com bênçãos e conduz ao aperfeiçoamento dos pecadores. Há muitas afeições más que só podem ser curadas pelo sofrimento. O castigo é, em sua operação, como um remédio: dissolve o coração duro, expurga a imundície da impureza e reduz os inchaços do orgulho e da altivez; restaurando assim seu sujeito a um estado são e saudável. Não é por ódio, portanto, que o Senhor repreende a humanidade." (1)

(1) Pedagog., lib. i., cap. 8, págs. 135-140. N. B. — Tentei neste parágrafo resumir o argumento que Clemens, em seu estilo difuso e método divagante, espalha em duas ou três páginas fólio. (a)
(a) Comp. Strom, i., xxvi. 11, "e punição, em virtude de ser assim, é a correção da alma." E viii., xvi. 24. “Mas como as crianças são castigadas por seus professores, ou seu pai, nós também somos pela Providência. Mas Deus não pune; pois a punição é a retaliação pelo mal. Ele castiga, no entanto, para o bem daqueles que são castigados, coletiva e individualmente.” — A. St. J. C. [p.055]

“É o ofício da justiça salutar”, diz ele, em outro lugar, “exaltar continuamente tudo para o melhor estado de que é capaz. As coisas inferiores são adaptadas para promover e confirmar a salvação daquilo que é mais excelente; e *assim*

tudo o que é dotado de alguma virtude é imediatamente mudado para ainda melhor, através da liberdade de escolha que a mente tem em seu próprio poder. *E os castigos necessários do grande Juiz, que considera a todos com benignidade, fazem a humanidade sofrer por seus pecados e imperfeições, e avança-os através dos vários estados de disciplina até a perfeição*. (1) "Mesmo a ira de Deus, se assim suas admoestações podem ser chamadas, é cheia de benevolência, para com a raça humana; por causa de quem a palavra de Deus foi feita homem." (2)

(1) Stromat., lib. vi., cap. 2, pág. 825.
(2) Pedagog., lib. i., cap. 8, p.142.

Os mesmos meios que são empregados na terra para a salvação dos vivos são introduzidos, ele pensa, entre os mortos, para a restauração dos que morreram, seja em pecado, ou em ignorância e incredulidade de Jesus Cristo: "Portanto, nosso Senhor ", diz ele, "pregou também nas regiões dos mortos; pois diz a Escritura, a Sepultura diz à Destruição, Seu semblante de gelo de fato não viu, mas ouvi sua voz (Jó 28:22) É não o anjo, porém, que assim fala, mas seus habitantes, que se entregaram à destruição. Eles ouviram o poder e a voz divinos. E, de fato, quem pode supor que as almas [que partiram ignorantes de Cristo] são indiscriminadamente abandonados, os virtuosos e os viciosos, à mesma condenação, prejudicando assim a justiça da providência? A Escritura não nos informa que o Senhor pregou o evangelho mesmo para aqueles que

pereceram no dilúvio e foram confinados na prisão? (1) [p.056] Já mostramos que os apóstolos também, assim como seu Mestre, pregaram o evangelho aos mortos. . . . Portanto, visto que o Senhor desceu ao inferno com nenhum outro propósito senão pregar o evangelho lá, ele o pregou a todos ou apenas aos judeus. Se a todos, então todos os que ali creram foram salvos, sejam judeus ou gentios. E *os castigos de Deus são salutares e instrutivos, levando à emenda*, e preferindo o arrependimento à morte do pecador; especialmente porque as almas em seu estado separado, embora obscurecidas por más paixões, têm ainda um discernimento mais claro do que tinham enquanto estavam no corpo, porque não estão mais obscurecidos e sobrecarregados pela carne." (2) Novamente ele diz: "Agora todos os poetas, assim como os filósofos gregos, tomaram dos hebreus suas noções sobre os castigos após a morte e os tormentos do fogo. Platão não menciona os rios de fogo e aquele abismo profundo que os judeus chamam de Gehenna [inferno], junto com outros lugares de punição, onde o caráter dos homens é reformado pelo sofrimento?" (3) Isso, no entanto, excederia em muito nossos limites para transcrever as passagens desse tipo espalhadas por seus escritos.

(1) Em outro lugar, Clemens diz: "Se, portanto, o Senhor pregou o evangelho aos que estavam na carne, para que não fossem condenados injustamente, não era necessário, pela mesma razão, que pregasse também àqueles que partiu desta vida antes de seu advento? E como

toda carne pecaminosa pereceu no dilúvio, devemos acreditar que a vontade de Deus, que tem o poder de instruir e operar, confere salvação àqueles que são convertidos pelos castigos infligidos a eles. Stromal., lib. vi., cap. 0, pág. 766.

(2) Stromat., lib. vi., cap. 6, págs. 763, 764.

(3) Idem, lib. v., cap. 14, pág. 700.

[p.057]

Com respeito à salvação real de todos, as seguintes são, talvez, suas expressões mais completas e diretas: "Como ele é um Salvador e Senhor, a menos que ele seja o Salvador e Senhor de todos? Ele é certamente o *Salvador* daqueles que creram; e daqueles que não creram Ele é o *Senhor*, até que, sendo levados a confessá-lo, eles recebam a bênção apropriada e bem adaptada para si mesmos". (1) "O Senhor", diz ele, "é a propiciação, não apenas pelos nossos pecados, isto é, dos fiéis, mas também por todo o mundo (1 João 2:2); *portanto, ele realmente salva a todos, mas converte alguns por castigos e outros por seu livre arbítrio;* de modo que tem a grande honra de que diante dele se dobre todo joelho, das coisas nos céus, na terra e debaixo da terra; isto é, anjos, homens e as almas daqueles que morreram antes de seu advento." (2)

É notável que Clemente (ou Clemens), ao contrário dos outros Pais antigos que acreditavam no universalismo, parece ter evitado o uso de epítetos e frases como *eterno*, *para todo o sempre*, etc., *em conexão com a miséria*. (3)

Nem parece ter considerado os tormentos do estado futuro muito intensos, pois nunca os representa em cores terríveis, nem se debruça sobre eles de maneira a agitar a mente com medo. Quando o cristão virtuoso morre, ele entra em uma disciplina suave e agradecida, que, purificando suas faltas remanescentes e suprindo suas imperfeições, *o eleva gradualmente de glória em glória*, até que ele chegue à perfeição;

(1) Stromat., lib. vi., cap. 2, pág. 833.
(2) Fragmentos. Adumbrat. em Epist. I. Johann., p. 1009.
(3) O único lugar que me lembro em todos os seus escritos, onde qualquer uma dessas palavras controvertidas é aplicada ao sofrimento, é Ptedagog., lib. i., cap. 8, fim pág. 142. “Quando a alma deixou de sofrer por seus pecados, não é, mesmo então, tempo de infligir-lhe uma ferida mortal, mas uma ferida saudável, para que por um pouco de tristeza ela possa escapar da morte eterna”. [p.058]

mas a alma de um infiel obstinado e vicioso deve, antes que possa iniciar esta sublime progressão, ser vencida por severo castigo, instruída no conhecimento da verdade e levada a controlar suas paixões.

Como todos os primeiros pais, Clemens defendia a liberdade total e permanente da vontade humana, contrária às atuais doutrinas ortodoxas da predestinação

e da graça irresistível. O pecado original e a depravação total eram desconhecidos em seus dias; como também era a noção moderna de uma conversão misteriosa e contra-natural.

Podemos agora completar o esboço de seu sistema geral de doutrina: Deus, infinita e imutavelmente bom, criou o homem reto, embora não inteiramente (1) perfeito, e designou ele e toda sua posteridade para a felicidade. Mas Adão, sendo deixado ao seu próprio livre arbítrio, cedeu à tentação; e assim, em maior ou menor grau, tem feito toda a humanidade depois dele. À medida que o mundo começou a crescer na ignorância de Deus, na indulgência do vício e sob o domínio de demônios malignos, o Todo-Poderoso deu, como remédio parcial, a Lei aos judeus e a Filosofia aos gentios, a fim de para restringi-los e iluminá-los em alguma medida, até a vinda de Cristo. *Tanto a Lei como a Filosofia eram preparatórias para o Evangelho*; e na medida em que os hebreus, por um lado, e os pagãos, por outro, preservaram e praticaram seus respectivos sistemas em sua pureza primitiva, eles foram justificados; embora ainda precisassem da fé evangélica para prepará-los para o céu. Por fim, Deus se agradou de conceder ao mundo uma revelação completa e perfeita;

(1) Stromat., lib. IV., cap. 23, pág. 632. [p.059]

e para este propósito enviou seu Filho, o Jeová do Antigo Testamento, que era um agente divino, gerado pelo Pai. Ele veio, não para apaziguar a Deus, a quem Clemente

pensava originalmente e imutavelmente bom, mas para esmagar o poder dos demônios malignos, para transmitir o conhecimento e recomendar o amor de Deus à humanidade, instruí-los na religião e colocar diante deles um exemplo perfeito de piedade e virtude. Para que esses meios se tornem eficazes para a salvação do mundo, todo o sistema da providência e governo divinos é constantemente direcionado para induzir a humanidade a crer e obedecer ao seu Salvador. Para este fim, o Todo-Poderoso os exorta com ameaças e punições, e os seduz com promessas e recompensas; e *se eles morrem impenitentes ou incrédulos, um curso semelhante é seguido com eles após a morte*, até que sejam trazidos à submissão. Afinal, fé e obediência dependem, tanto aqui como no futuro, do livre arbítrio da criatura; embora Deus, por seu Espírito Santo, comunique impulsos a todos e, por sua graça, ajude aqueles que se esforçam para obedecer. Tais eram seus pontos de vista.

Ele foi um defensor entusiástico da igreja ortodoxa contra os hereges, particularmente contra todos os gnósticos; e ele teve a boa, ou indiferente, fortuna, que, apesar de seu manifesto universalismo, sua doutrina não foi repreendida por nenhum de seus contemporâneos, nem sua posição jamais contestada, mesmo em épocas posteriores, quando as obras de Orígenes foram anatematizadas, em parte por causa do mesmo sentimento.

Tito Flávio Clemente (ou Clemens), geralmente chamado de Clemente Alexandrino, ou Clemente de Alexandria, é considerado por alguns como natural de Atenas, e por outros, de Alexandria, no Egito, onde certamente passou a

parte mais memorável de sua vida. [p.060]

As datas precisas de seu nascimento e morte são desconhecidas; e nem o menor relato é preservado de sua infância e juventude. Parece que, depois de viajar por muitos países em busca de conhecimento filosófico e religioso, ele finalmente se sentou sob as instruções do erudito Pantaenus, um filósofo cristão, no Egito. Aqui Clemens estudou, de acordo com o plano de seu mestre, extrair de todos os esquemas de filosofia então em voga, tanto do oriental quanto do grego, o que ele considerava seus princípios originais, e formar um sistema para si a partir de tudo isso combinado; embora ele tenha dado uma preferência decidida aos princípios dos estóicos. Por volta do ano 195, foi ordenado presbítero na igreja de Alexandria; e, quase ao mesmo tempo, foi nomeado, na ausência de Pantaenus, para suprir seu lugar como Presidente da famosa Escola Catequética daquela cidade. Além dos cuidados e trabalhos que necessariamente recaíram sobre ele desses dois ofícios, ele compôs, acredita-se, por volta desse período, aquelas de suas obras que ainda existem. (1)

(1) Estas são, 1, Sua *Exortação aos Gentios*, projetada para refutar as noções dos pagãos e convencê-los da verdade do cristianismo; 2, seu *Padagogo*, escrito para instruir os novos convertidos e treiná-los para uma vida santa e verdadeiramente cristã; 3, seu *Stroniata*, uma obra variada, contendo uma ilustração mais particular

da doutrina cristã, juntamente com refutações tanto das religiões pagãs quanto das opiniões heréticas, particularmente as dos gnósticos; 4, seu folheto intitulado, *Qual Rico será Salvo*; 5, seu *Epítome da Doutrina Oriental de Teódoto*; e 6, seus Comentários sobre algumas das Epístolas do Novo Testamento. Estes comentários são geralmente considerados fragmentos de suas *Hypotyposes*, uma obra que está perdida. Suas *Exortações aos Gentios*, *Pedagogo* e *Stromata*, supostamente foram escritos entre 193 e 195 d.C. (Dodwell, Dissert, iii. in Irenaeum, e Dissert, de prim. Pontif. Ptoman. successe. Moshoim. Dissertationes ad Hist. Eccl., vol. I., pp. 34 — 38); suas *Hypotyposes* talvez antes. [p.061]

Alexandria, ao lado de Roma, a cidade mais populosa e frequentada daquela época, era então o grande empório de literatura, filosofia e religião. O esplendor do saber, que outrora irradiara tanto sobre Atenas, parecia ter voltado, embora com muitas cores fantásticas, a brilhar sobre a terra natal das letras e da ciência. Algumas das celebridades e muitas das vantagens que a capital do Egito agora desfrutava vinham, sem dúvida, de sua imensa biblioteca, a maior que o mundo já vira. Setecentos mil manuscritos, depositados em duas seções da cidade, ofereciam aos gênios curiosos que reuniam de todas as regiões, todos os tesouros da sabedoria e da loucura antigas.

Desde os tempos dos apóstolos, os cristãos desta cidade sustentavam uma escola, fundada, diz-se, por São Marcos; mas sempre foi obscura e mantida de maneira bastante privada, até o tempo de Pantaenus. Quando Clemens obteve sua direção, ela a trouxe ao público, e logo a tornou a primeira, em caráter e renome, dentre todos os antigos seminários cristãos.

Enquanto Clemens presidiu aqui, com reputação distinta, ele teve a honra de instruir alguns que se destacaram na igreja, particularmente Alexandre, depois bispo de Jerusalém, e o célebre Orígenes. Mas por volta de 202 d.C., a perseguição sob o imperador Severo, que espalhou morte e terror pela igreja de Alexandria, expulsou Clemente da cidade. Supõe-se que ele abraçou esta oportunidade de revisitar os países orientais; e nós o encontramos, no ano 205, em Jerusalém, em companhia de seu erudito, Alexandre. [p.062] A partir deste lugar nós o traçamos até Antioquia; de onde ele retornou, acredita-se, a Alexandria e, em conexão com Orígenes, retomou, por um tempo, os cuidados da escola. Ele morreu não muito longe, provavelmente, de 217 d.C. (1)

(1) Sobre sua vida, veja Cave's Lives of the Fathers, e Lardner's Credibility, etc., cap. Clemente de Alexandria.

Tão imperfeito é o relato preservado deste distinto pai. De seu aprendizado, os antigos falam uniformemente em termos de admiração. Sua leitura foi certamente extensa, quase universal; história, poesia, mitologia e filosofia lhe

parecem perfeitamente familiares; e as Sagradas Escrituras, juntamente com tudo o que se relacionava com as preocupações da Igreja, foram guardadas em sua memória. Com seu grande aprendizado e piedade, a plácida benevolência de sua disposição deve ter conspirado para torná-lo estimado e amado. Se podemos julgar pelo caráter de seus escritos, suas paixões eram naturalmente moderadas, seu coração benigno e incapaz de amargura e severidade. A imparcialidade nos obriga, no entanto, a observar que, como o resto dos primeiros Pais, faltava-lhe um julgamento sóbrio das coisas; ele era crédulo, fantasioso e incorreto, ignorante de críticas racionais e encantado com interpretações alegóricas das Escrituras. Sua predileção pelos sistemas pagãos de filosofia era extravagante; e pensa-se que seu exemplo teve a influência perniciosa de recomendar esses sistemas a uma admiração mais geral na igreja. Ele era naturalmente de um gênio poético; seu estilo muitas vezes chega à métrica, e suas obras estão repletas de citações dos antigos poetas e filósofos, bem como das Escrituras. Seu método de escrita é descuidado, fraco e às vezes muito desconexo. [p.063]

200 a 204 d.C.

Passando por vários escritores de pouca nota, vamos agora fazer algumas observações sobre sobre os poucos Pais de eminência que apareceram antes de Orígenes. Contemporâneo de Clemente, mas pertencente à igreja ocidental ou latina, foi o célebre Tertuliano, presbítero de Cartago na África; um homem de grande erudição, de gênio forte e veemente, mas severo e taciturno,

supersticioso e fanático, mesmo quando comparado com os de sua era. Acredita-se que ele tenha sido o primeiro escritor cristão que afirmou expressamente que os tormentos dos condenados serão de "duração igual (1)" à felicidade dos bem-aventurados.

(1) Apologeta de Tertuliano, cap. 18. Na ressurreição e julgamento geral, diz ele, "Deus recompensará seus adoradores com a vida eterna; e lançará o profano no fogo igualmente perpétuo e ininterrupto". Veja Whiston na Eternidade do Inferno e Tormentos, p. 86. N.B.— A Apologia de Tertuliano foi escrita por volta de 200 d.C. (a)
(a) Este é o único lugar, até onde descobrimos, onde Tertuliano é assim explicito quanto à duração da punição. Como todos os "Pais", ele fala livremente do castigo "eterno". No entanto, não é de forma alguma certo que ele não olhou para o fim do pecado, seja pela aniquilação do pecador, ou sua restauração em algum momento da vida. Em seu trabalho contra Marcion (Marcião), ele argumenta contra sua limitação de salvação (Marcion), assim: "Mas como Deus é eterno e racional, assim penso: Ele é perfeito em todas as coisas. 'Sede perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.' (Mateus 5:48) Que é de fato imperfeito já foi plenamente demonstrado, visto que não é natural

nem racional. A mesma conclusão, no entanto, será agora evidenciada por outro método: não é simplesmente imperfeita, mas realmente defeituosa, fraca e esgotada, deixando de abranger o número total de seus objetos materiais e não se manifestando em todos eles. Pois nem todos se tornam salváveis, mas alguns de todos os súditos do Criador, tanto judeus como cristãos. Agora, quando a maior parte perece assim, como pode ser defendida como perfeita aquela bondade que é inoperante na maioria dos casos, é algo apenas em poucos, nada em muitos, sucumbe à perdição e é parceira da destruição? E se tantos perderem a salvação, não será com bondade, mas com malignidade. Pois, assim como é a operação da bondade que traz a salvação, é a maldade que não a traz. . . . Enquanto você preferir seu Deus ao Criador pelo simples fundamento de sua bondade, e desde que ele professa ter esse atributo como único e totalmente seu, não falta a ele bondade para dar a todos.” B . i. c. xxiv. Conip. xxvi. - "Mas seria mais indigno em Deus poupar o malfeitor do que puni-lo, especialmente no Deus mais bom e santo, que não é inteiramente bom, exceto como inimigo do mal, e isso a ponto de mostrar seu amor ao bem pelo ódio ao mal, e cumprir sua defesa do bem pela

extirpação do mal”. — A. St. J. C. [p.064]

Esta circunstância não é, de fato, prova de que a mesma opinião nunca tenha sido defendida antes; mas podemos dizer com segurança que, de todos os primeiros Pais, não havia nenhum com cuja disposição natural a doutrina da miséria sem fim concordasse melhor do que a de Tertuliano: "Você gosta de seus espetáculos", disse ele, em alusão aos pagãos; “há outros espetáculos: aquele dia desacreditado, ridicularizado, pelas nações, aquele último dia eterno de julgamento, quando todas as eras serão engolidas em uma conflagração – que variedade de espetáculos aparecerão então! Como me admiro, como dou risada, que alegria, que exultação, quando vejo tantos reis, adorados como deuses no céu, junto com o próprio Jove (Júpiter), gemendo no mais profundo abismo das trevas! eles sempre acenderam fogueiras nos cristãos; tantos sábios filósofos corando em fogo furioso, com seus estudiosos a quem eles persuadiram a desprezar a Deus e não acreditar na ressurreição; e tantos poetas estremecendo diante do tribunal, não de Rhadamanthus, não de Minos, mas do Cristo desacreditado! Então ouviremos as tragédias (peças teatrais) mais sintonizadas sob seus próprios sofrimentos; então veremos os jogadores muito mais alegres em meio às chamas; o cocheiro todo em brasa em seu carro em chamas; e os lutadores arremessados, não na arena de costume, mas em uma planície de fogo." (1)

(1) Tertull., de Spectaculis, cap. 30. Escrito por volta de 203 ou 204 d.C.

Tal é o prazer com que seu espírito feroz habita a perspectiva de tormentos eternos. Sua disposição sombria e entusiástica logo o levou a abandonar as igrejas regulares, por não serem suficientemente austeras e visionárias, e se juntar à seita fanática dos *montanistas*.

Ao lado de Tertuliano está Minúcio Félix, outro escritor da igreja ocidental, romano ou africano, advogado de profissão e homem de considerável erudição. Seu Diálogo, a única obra que nos deixou, é uma disputa popular, elegantemente escrita, em defesa do cristianismo contra o paganismo; mas sua beleza é um tanto manchada por uma mistura de superstições pagãs, e sua força é prejudicada por declamação frequente em vez de argumento. O autor parece afirmar a estrita *eternidade* dos tormentos do inferno, e dar a entender que sua a opinião era a comum dos cristãos sobre o assunto. Em alusão à fábula grega do tremendo juramento dos deuses, ele diz que Júpiter jura pelas margens escaldantes do rio de fogo e "estremece com os tormentos que esperam por ele e seus adoradores: tormentos que não conhecem medida nem fim. Pois ali o fogo sutil queima e repara, consome e nutre; e como os relâmpagos não desperdiçam os corpos que explodem, e como o Etna (AEtna), o Vesúvio e outros vulcões continuam a queimar sem gastar seu combustível, assim essas chamas penais do inferno são alimentadas, não da diminuição dos condenados, mas dos corpos que eles atacam sem consumir." (1)

(1) Minúcio Fel. Diálogo., cap. 34. Lardner data este Diálogo em 210 d.C.; alguns críticos o atribuem a um período anterior e outros a um período posterior, até mesmo ao ano 230. [p.066]

O opositor ao cristianismo é, em outra passagem, representado como dizendo que os cristãos ameaçam a todos, menos a si mesmos, "com tormentos que nunca terão fim".

Clemente, Tertuliano e Minúcio Félix, ao tratar da região infernal e seus tormentos, freqüentemente adotam a linguagem e algumas das opiniões dos antigos poetas pagãos. Desde Justino Mártir, era uma opinião comum entre os pais ortodoxos, que na morte todas as almas, tanto os justos como os ímpios, desciam ao Hades dos gregos, ou Infernum dos latinos; que era um mundo subterrâneo que consistia em duas divisões gerais, as mansões dos justos e as moradas dos culpados. Aqui os espíritos separados habitavam, seja na alegria ou no sofrimento, de acordo com seus diferentes caracteres e méritos; passando por vários cursos de disciplina e purificação, como alguns pensavam; ou fixados em suas respectivas estações, aguardando a decisão do julgamento geral que se aproxima, conforme foi representado por outros. Alguns dos pais, (2) no entanto, não parecem ter acreditado na existência consciente da alma no intervalo entre a morte e o julgamento geral; mas o último evento, todos concordaram, estava próximo, quando o mundo deveria ser destruído pelo fogo, diz Tertuliano, no final de sua própria

era.

(1) Minúcio Fel. Diálogo., cap. 11.
(2) Nomeadamente, Taciano e talvez Minúcio Félix.

Ao concluir este capítulo, pode ser apropriado fornecer, na medida do possível, um relato sucinto do estado do Universalismo no período agora considerado. Parece, então, que dos cristãos ortodoxos alguns acreditavam na salvação final de toda a humanidade, após um castigo futuro para os ímpios; [p.067] enquanto outros, novamente, sustentavam a doutrina da miséria sem fim. Essa diversidade de opinião, porém, não ocasionou divisões, nem controvérsias, nem contendas entre eles; e ambos os sentimentos existiam juntos na igreja sem reprovação. Se podemos arriscar uma conjectura, os ortodoxos não tinham, geralmente, nenhuma opinião fixa sobre o assunto. Que havia um estado futuro de sofrimento, todos concordavam; mas se era interminável, ou terminaria em aniquilação, ou se resultaria em uma restauração geral, provavelmente foram pontos que poucos investigaram. Tal, podemos supor, foi o caso das igrejas ortodoxas.

Mas não devemos esquecer aqui os universalistas entre os cristãos gnósticos. Os basilidianos, carpocráticos e valentinianos estavam agora dispersos por toda a cristandade e abundavam em alguns lugares, particularmente no Egito e nos países adjacentes. Embora eles concordassem com os universalistas entre os

ortodoxos, no simples fato da salvação final de todas as almas, ainda assim sua negação da ressurreição e de um julgamento futuro, seus pontos de vista sobre a criação deste mundo e, em suma, a massa das fábulas orientais, que eles mantinham em comum com o resto dos gnósticos, os privavam de todas as relações com seus irmãos, exceto como oponentes. Eles eram gnósticos, e os outros eram ortodoxos; estes eram os termos de distinção. Como o Universalismo, de ambos os lados, não era objeto de abuso, também não era uma ocasião para favor especial e amizade; e a notável diferença entre seus pontos de vista, em quase todos os detalhes em todo o círculo da divindade, ocasionou uma altercação perpétua, na qual os poucos exemplos de seu acordo mútuo foram ignorados ou esquecidos. [p.068] Todo o corpo dos ortodoxos, universalistas ou não, estava em formação uniforme contra os gnósticos de todos os tipos; e estes, por sua vez, uniram suas várias seitas na luta contra seus adversários comuns. [p.069]

CAPÍTULO IV.

ORÍGENES.

Enquanto isso, a atenção do mundo cristão estava voltada para um gênio extraordinário que havia surgido na igreja. O nome de *Orígenes Adamantius* (230 d.C.) havia despertado um interesse entre os pagãos, bem como entre os crentes, do Egito e da Grécia para o leste até as

províncias mais remotas do império romano. Como doutor na igreja e como filósofo (1) entre os eruditos, ele permaneceu sozinho, sem rival ou concorrente, e desfrutou, enquanto vivia, de uma reputação que poucos, em qualquer época, já adquiriram.

Foi por volta do ano 230, que ele publicou, em Alexandria, entre outras obras, seus livros *Dos Princípios*, nos quais defendia, de forma considerável, a doutrina da *Salvação Universal. Esta obra chegou até nós apenas na tradução latina de Rufinus, que a alterou em muitos lugares, especialmente no que se referia à Trindade, a fim de acomodar sua doutrina à fé do século IV.*

(1) Ele se tornou um filósofo, como muitos fazem, não por descobertas originais, nem por suas próprias investigações sobre a natureza das coisas; mas por um conhecimento profundo dos princípios e máximas filosóficas que aprendera com seus preceptores, e por sua surpreendente, embora nem sempre feliz, prontidão em ilustrá-los e descrevê-los e acomodá-los a todos os casos e assuntos que ocorreram. Em uma palavra, ele era um filósofo das escolas, não da natureza. Mosheim (*De Reb. Christian, ante Constant.*, pp.611, 612) desenhou seu personagem, como filósofo, em cores fortes, mas não infiéis. [p.070]

Esta circunstância lança uma sombra de incerteza, em

alguns aspectos, sobre o caráter original do tratado. Mas que ele continha, em seu primeiro, bem como em seu estado atual, a doutrina em vista, está fora de questão; desde os escritores antigos, (1) que viveram enquanto as cópias gregas genuínas ainda existiam, referiram-se a elas e citaram sua linguagem, com o propósito de excitar a indignação, ou convocar o anátema da igreja, contra a memória do ilustre autor, por ter afirmado a restauração de toda criatura caída e inteligente.

(1) Nomeadamente, Jerônimo, Justiniano, etc.

Tomando, então, a tradução de Rufino como nossa autoridade, onde não podemos obter melhor, parece que Orígenes introduziu a doutrina do Universalismo e a da Preexistência das almas, juntas: "Quem", disse ele, "ler e familiarizar-se com esses assuntos, tão difíceis de serem compreendidos, deve possuir um entendimento maduro e bem instruído, pois se ele não estiver acostumado a tais assuntos, eles podem lhe parecer vãos e inúteis; ou se sua mente já estiver estabelecida em sentimentos opostos, ele pode apressadamente supor, por seu próprio preconceito, que estes são heréticos e contrários à fé da igreja. De fato, eles são apresentados por nós com hesitação, mas como uma investigação e discussão do que uma declaração como certos e indiscutíveis.

"O fim e a consumação do mundo ocorrerão, quando todos serão submetidos a castigos proporcionais aos seus vários pecados; e quanto tempo cada um sofrerá para

receber seus merecimentos, só Deus sabe. [p.071] Mas supomos que a bondade de Deus, por meio de Cristo, certamente restaurará todas as criaturas a um estado final; seus próprios inimigos sendo vencidos e subjugados. Pois assim diz a Escritura: *O Senhor disse ao meu Senhor, senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés.* (Salmos 110:1) Com o mesmo propósito, mas mais claramente, o apóstolo Paulo diz que Cristo *deve reinar até que tenha colocado todos os inimigos sob seus pés.* Mas se houver alguma dúvida sobre o que significa *colocar inimigos sob seus pés*, ouçamos ainda mais o apóstolo, que diz, *pois TODAS as coisas devem ser submetidas a ele.* (1 Coríntios 15) O que, então, é essa sujeição? , com o qual todas as coisas devem ser *submetidas a Cristo*? Acho que é aquilo com que nós mesmos desejamos ser subjugados a ele; e com o qual também os apóstolos e todos os santos que seguiram a Cristo foram subjugados a ele. Pois a própria expressão, sujeito a Cristo, denota a salvação daqueles que estão sujeitos: como diz Davi, *minha alma não será submetida a Deus? pois dele é a minha salvação.* (Salmos 62:1)

“Tal, pois, sendo o resultado final das coisas, que todos os inimigos serão subjugados a Cristo, a morte, o último inimigo, seja destruída, e o reino seja entregue ao Pai, por Cristo; vamos, com esta visão diante de nós, voltar-nos e contemplemos o começo das coisas. Agora, o começo sempre se assemelha ao fim; e como há um fim ou resultado comum a todos, devemos acreditar que todos tiveram um começo comum. Em outras palavras, que como a grande variedade de personagens e diferentes ordens de

seres que agora existem, pela bondade de Deus, sua sujeição a Jesus Cristo, [p.072] e a unidade do Espírito Santo, serão finalmente restauradas a um e mesmo estado; todos eles foram originalmente criados em uma condição comum, semelhante àquela em que eles serão recolocados. Todos os que estão, finalmente, a dobrar os joelhos a Jesus Cristo, em sinal de sujeição, isto é, todos os que estão no céu, todos na terra e todos debaixo da terra (pelos três termos se compreende toda a criação inteligente), — procedeu, a princípio, daquele único estado comum; mas como a virtude não estava imutavelmente fixada neles, como em Deus, eles passaram a se entregar a diferentes paixões e a nutrir diferentes princípios. Eles foram, portanto, atribuídos aos vários graus e condições que agora possuem, como recompensa ou punição de seus respectivos méritos "(1) etc., etc. O mesmo assunto que ele introduz repetidamente, com várias ilustrações, no decorrer deste trabalho.

185 a 203 d.C.

Nosso autor tinha, nessa época, cerca de quarenta e cinco anos. Desde sua infância, as maiores expectativas foram nutridas por ele; e, no seu caso, os anos maduros não decepcionaram as esperanças que o gênio precoce havia inspirado. Orígenes, depois de sobrenome Adamantius, nasceu na cidade de Alexandria, 185 ou 186 d.C. Sob seu pai, Leônidas, ele era, quando muito jovem, bem instruído em todos os rudimentos do aprendizado e assiduamente treinado para o estudo das Sagradas Escrituras. Destes, era sua tarefa diária memorizar uma parte; mas com sua

paixão característica pela investigação especulativa, ele se recusava a se contentar com seu significado óbvio, e muitas vezes deixou seu pai perplexo por um desejo inquisitivo depois que um sentido oculto e misterioso de uma passagem chamava sua atenção.

(1) Orígenes, De Principiis, lib. i., cap. 6. N. B. — O leitor encontrará a noção de pré-existência do nosso autor descrita mais claramente neste capítulo a partir da página 79. [*Grego: Περὶ Ἀρχῶν* / ***Peri Archon***; *Latim:* ***De Principiis;*** *Português:* ***Sobre os Princípios*** *ou* ***Dos Princípios.***] [p.073]

Esse sentido imaginário era então o grande objeto de investigação entre todos os que aspiravam a realizações superiores no conhecimento religioso; e, portanto, as investigações de seu filho, em tão tenra idade, foram saudadas por Leônidas com êxtase secreto, embora ele aparentemente considerasse suas pesquisas como muito adultas e o advertisse a limitar seus pensamentos a assuntos mais ao alcance de seus poderes infantis.

Quando um pouco mais avançado em anos, Orígenes foi enviado para a Escola Catequética, onde estudou divindade com Clemente Alexandrino. Aqui suas atividades foram finalmente interrompidas, no décimo sétimo ano de sua idade, pela perseguição sob Severo; que começou em Alexandria em 202 d.C. e logo obrigou seu mestre a fugir da cidade. Seu pai foi capturado e preso por sua religião; e muitos outros compartilharam o mesmo destino. Mas, sem

se assustar com os perigos que se acumulavam, o espírito ansioso do jovem os contemplava com o estranho deleite de um entusiasta. Ele teria se lançado nas mãos dos perseguidores, na esperança de obter o prêmio do martírio, se não tivesse sido impedido por sua mãe, que escondeu suas roupas e, assim, pelo sentimento de vergonha, o confinou em sua casa. Temendo que a constância de seu pai cedesse à ansiedade pelo bem-estar de sua família, suplicou-lhe, por carta, que perseverasse: "Seja firme, meu pai", disse ele, "e cuide para que você não renuncie à sua profissão [de fé] por nossa causa. " Animado pela exortação do filho, permaneceu inflexível até o fim e sofreu corajosamente o martírio. [p.074]

Com a execução do pai, a propriedade foi confiscada e a família reduzida imediatamente à extrema pobreza; mas uma rica dama de Alexandria, por compaixão ou respeito, acolheu Orígenes em sua própria casa e deu-lhe apoio de boa vontade. Conviveu com ela, ao mesmo tempo, um famoso herege, que ela adotara como filho, e que dava palestras públicas sob seu patrocínio. Com ele, embora Orígenes fosse obrigado por sua situação a conversar, nem mesmo a gratidão à sua padroeira comum poderia superar sua recusa constante, talvez fanática, de unir-se em orações; e ele usou todos os métodos para expressar sua aversão à heresia, pouco pensando que as eras futuras pagariam essa detestação duas vezes sobre sua própria cabeça. Se sua benfeitora começou a retirar seu favor, ou se ele resolveu por si mesmo poupar sua caridade, parece que em cerca de um ano ele se lançou em seus próprios esforços para ganhar a vida. Tendo se empenhado, desde a

morte de seu pai, no estudo das ciências, ele agora (203 d.C.) abriu uma escola de gramática, da qual tinha a perspectiva de obter um apoio. Mas sua atenção foi imediatamente chamada para outros assuntos; alguns dos pagãos solicitando-lhe instrução religiosa, ele acedeu de bom grado ao seu pedido; o número de seus eruditos e convertidos aumentou; e Demétrio, bispo de Alexandria, nomeou-o, embora com apenas dezoito anos, para os cuidados da grande Escola Catequética, ou talvez, a princípio, para uma mais privada do mesmo tipo.

203 a 216 d.C.

Colocado em uma posição tão congenial com seu gosto, todos os seus talentos e realizações foram dedicados ao cumprimento de seus deveres. [p.075] A fim de abstrair sua atenção de outros estudos, bem como garantir sua manutenção, vendeu a parte de sua biblioteca que tratava de ciência e literatura, e recebeu do comprador a obrigação de fornecer-lhe diariamente quatro óbolos, cerca de cinco pence (*nt1), como renda para sua subsistência. A partir deste período, sua vida foi uma das mais rígidas de abstinência e estudo laborioso. O dia ele passava parte em jejum e outros exercícios religiosos, e parte nos deveres de seu ofício [catequese] ; a noite passava estudando as Escrituras, reservando um pouco de tempo para dormir, o que raramente fazia na cama, e geralmente no chão duro. Uma espécie de austeridade monacal alcançara grande reputação na igreja; conseqüentemente, a abnegação de Orígenes aumentou a fama de sua santidade, e conspirou, com sua eloquência e extenso conhecimento, para atrair de

todos os quadrantes um grande número de discípulos. Eles não desonraram seu mestre. De sua constância na fé, ele logo teve a oportunidade de testemunhar uma prova completa, embora dolorosa; pois, em uma furiosa perseguição que alguns dos magistrados romanos efetuaram em Alexandria, vários de seus estudiosos destemidamente selaram sua fé com suas vidas. Ele mesmo foi frequentemente atacado com chuvas de pedras, enquanto ia ao local da execução para exortar e encorajar os mártires; e como nenhum perigo o impediu dessa prática, os pagãos exasperados finalmente cercaram sua casa e o obrigaram a se esconder, a fim de escapar de sua raiva. [p.076] Por volta dessa época, 206 d.C., em seu vigésimo primeiro ano, o rigor excessivo de sua disciplina levou a um ato que se tornou um motivo de auto-arrependimento e de muita reprovação na vida futura; entendendo que nosso Salvador recomenda a emasculação, (1) ele se fez eunuco, não apenas por causa do reino dos céus, mas também por considerações prudenciais; suas instruções sendo procuradas por ambos os sexos (*nt2). Demétrio, seu bispo, aplaudiu, a princípio, como um ato do maior heroísmo cristão; embora depois tenha alegado isso contra ele como uma ofensa imperdoável.

(1) Mat. Xix. 12.

(*nt1)[4 óbolos = 5 pence de 1828, daria para comprar uma refeição simples.]

(*nt2) [Muitos historiadores creem que

a emasculação não é verdade, que isso foi alegado falsamente contra ele por Demétrio, seu bispo e iveterado perseguidor.]

Tal foi, afinal, o crescimento de sua escola, que seus cuidados ocuparam muito de seus pensamentos, não lhe deixando tempo para reflexão e aperfeiçoamento. Ele, portanto, confiou os alunos mais jovens a seu amigo Heraclas, um de seus primeiros convertidos; e empregava o lazer que esse arranjo proporcionava em vários estudos e ocupações. Aplicou-se ao hebraico, uma língua então pouco conhecida; em seguida, ele começou, acredita-se, aquele impressionante monumento de aplicação e trabalho, o Hexapla ou Octapla, um manuscrito Poliglota do Antigo Testamento (*nt); e foi, talvez, não muito longe deste período (2) que ele assistiu às palestras do engenhoso e sutil Ammonius Saccas, cujo estudo querido era harmonizar todos os diferentes sistemas de filosofia e religião, tanto pagãos como cristãos, combinando seus princípios principais e rejeitando de cada um, ou transformando em alegoria, tudo o que fosse absolutamente discordante de seu desígnio geral.

(2) Assim pensa Lardner; outros biógrafos, no entanto, referem sua frequência à escola de Amônio a um período anterior.

Sob ele, Orígenes tornou-se mestre das noções platônicas, pitagóricas, estóicas e orientais; [p.077] que, juntamente

com suas aquisições anteriores, o tornaram tão especialista em todo o círculo da literatura e ciência antigas, que muitos dos eruditos, mesmo entre os hereges e os pagãos, vieram para testar sua habilidade ou serem instruídos por ele. . Destes, houve um que preservou seu próprio nome do esquecimento, pelo zelo com que ajudou Orígenes e pelo sucesso com que extraiu seus talentos. O nome de Ambrosius aparecerá frequentemente nesta biografia. Ele era um rico nobre de Alexandria, que havia seguido as heresias *valentinianas* e *marcionitas*; mas ao ser convencido, frequentando a escola de Orígenes (212 d.C.), ingressou na igreja ortodoxa e se tornou o grande patrono e benfeitor de seu mestre. Não muito longe do ano 213, a curiosidade de Orígenes o levou a visitar Roma. Aqui, no entanto, ele ficou pouco tempo e depois voltou para Alexandria. Logo depois ele foi para a Arábia, a pedido de algum líder das tribos errantes, que fervorosamente lhe pediram para vir e instruí-lo na religião cristã. Mal se restabeleceu em Alexandria, quando o imperador Caracalla (216 d.C.) deixou toda a cidade consternada por um massacre indiscriminado, em vingança pelas zombarias e sarcasmo que recebera de alguns habitantes; e para escapar da terrível confusão, Orígenes retirou-se para Cesaréia na Palestina. Aqui, os bispos da província o persuadiram, embora nunca ordenado, a expor as Escrituras publicamente ao povo.

216 a 230 d.C.

Essa nomeação, tão honrosa para Orígenes , foi apenas a precursora de uma perseguição inveterada e, por fim, fatal

de seu próprio bispo em Alexandria. [p.078] Demétrio imediatamente dirigiu uma carta de reclamação a seus irmãos na Palestina, afirmando que era uma coisa inédita, que um leigo pregasse na presença de bispos; mas Alexandre, bispo de Jerusalém, e Theoctistus, bispo de Cesaréia, responderam-lhe, mostrando que a prática havia sido sancionada na igreja por vários precedentes. Demétrio, no entanto, permaneceu insatisfeito e enviou alguns diáconos a Orígenes, com uma ordem para seu retorno imediato a Alexandria. Ele veio em conformidade e retomou os cuidados de sua escola. Isso ele parece ter processado, em silêncio, por cinco ou seis anos; quando ocorreu um evento, que serve para mostrar, ao mesmo tempo, a superioridade de sua reputação e a influência que teve em recomendar o cristianismo à atenção favorável dos grandes. A princesa Mammaga, *mãe de Alexandre, o imperador reinante, mandou chamar Orígenes* para visitá-la em Antioquia e forneceu uma guarda militar para escoltá-lo até lá. Tendo dado a ela uma ilustração geral da doutrina cristã, ele retornou, com a permissão dela, ao seu cargo em Alexandria.

A pedido sincero de Ambrósio (Ambrosius), ele agora começou seus Comentários. Foi fornecido, por este *patrono* devotado, todas as conveniências para o trabalho: sete notários estavam prontos para registrar enquanto ele ditava; e vários transcritores receberam suas notas apressadas e as escreveram com uma caligrafia simples e elegante. Desta maneira ele foi contratado até 228 d.C.; quando foi enviado para a Acaia, por alguns assuntos eclesiásticos, com cartas de recomendação de Demétrio.

[p.079] Passando pela Palestina em sua viagem, foi ordenado Presbítero, pelos bispos daquela província. Demétrio se ressentiu calorosamente desse procedimento por prelados estrangeiros, sem sua permissão; e escreveu cartas contra Orígenes às igrejas, declarando-o desqualificado para o sacerdócio, pelo ato praticado em sua juventude, e alegando que era ilegal ordenar o Diretor da Escola Alexandrina, sem seu conhecimento e anuência. Em meio a este fermento, Orígenes, tendo realizado seus negócios na Grécia, retornou a Alexandria, terminou os primeiros cinco livros de seus *Comentários sobre São João*, aqueles sobre as Lamentações, alguns dos Salmos e parte do Gênesis, e os publicou, em 230 d.C., juntamente com sua obra intitulada *Stromata*, e seu livro *Dos Princípios.*

Estas foram, talvez, suas primeiras publicações. Da última obra mencionada, já vimos que, em conexão com o Universalismo, ele sustentava a doutrina da Pré-existência. Sua opinião era que, nas eras passadas da eternidade, Deus criou, *de uma só vez*, todas as mentes racionais que já existiram, sejam de anjos ou homens, deu-lhes a mesma natureza e os mesmos poderes, e colocou-os todos em um Estado. Assim, eles eram todos, a princípio, exatamente iguais em posição, capacidade e caráter. Mas, como todos tinham perfeita liberdade de vontade, não permaneceram por muito tempo nesse estado de igualdade; pois enquanto alguns melhoravam mais ou menos, outros degeneravam proporcionalmente, até que uma infinita diversidade de caráter e condição começou a ocorrer entre eles. Em conseqüência disso, o Todo-Poderoso finalmente formou o

universo material a partir de matéria preexistente [p.080] e designou esses espíritos para diferentes níveis e condições nele, de acordo com seus respectivos méritos; elevando alguns à ordem angélica, consignando outros às moradas infernais como demônios, e enviando a classe intermediária, conforme a ocasião exigir, em corpos humanos. Orígenes supôs, também, que o sol, a lua e as estrelas eram animados por certos espíritos que haviam alcançado grande esplendor moral, dignidade e poder, e que poderiam, com justiça, reivindicar essas esferas brilhantes e gloriosas como seus próprios corpos apropriados.

Como todos esses seres inteligentes, qualquer que seja seu caráter e posição, ainda mantêm sua liberdade de vontade original e, portanto, são capazes de se recuperar de suas transgressões anteriores, perder suas honras ou ascender a graus ainda mais elevados de excelência, suas condições atuais são não apenas as parcelas de justiça retributiva pelo passado, mas também estados de disciplina adaptados para recuperar os degenerados e encorajar os virtuosos. Para este fim, de fato, são todas as nomeações da providência e todas as administrações do governo divino constantemente dirigidas; e a própria justiça persegue firmemente o mesmo desígnio gracioso (1) em todas as suas severas, mas salutares, inflições. Essas são as opiniões que podemos obter dos livros *Dos Princípios* de Orígenes e de seus outros trabalhos publicados neste período. A linguagem na qual ele define, ou envolve, suas noções da Trindade nem sempre é tal que agora seria julgada ortodoxa, embora provavelmente fosse considerada

suficiente em sua própria época. Da queda do homem ele não tem outra visão senão consistir na descida da alma celestial à prisão de um corpo terrestre, em conseqüência de suas transgressões; é evidente que ele não fez distinção entre o estado natural de Adão e aquele em que toda a humanidade desde então nasceu. Ele sustenta que ninguém jamais pode ser feliz ou miserável, a não ser pelo uso certo ou errado de seu próprio livre-arbítrio;

(1) Muitos dos gnósticos sustentavam que a Justiça se opõe à Bondade e que, portanto, é um atributo do severo Criador deste mundo, e não da Divindade benevolente. Contra estes, diz Orígenes: "Considerem isto: se a bondade é uma virtude, como sem dúvida o confessarão, o que dirão da justiça? Não serão tão estúpidos, penso eu, a ponto de negar que a justiça seja Se a bondade é uma virtude, e a justiça também uma virtude, não há dúvida de que a justiça é a bondade. suponha que seria tolice responder a quem quer que apele que a justiça é má; pois como pode ser mal o que dá bênção aos bons, como eles mesmos confessam que a justiça faz? nem mal], segue-se que, juntamente com a Justiça, todas as outras virtudes, como a sobriedade, a prudência, etc., devem ser consideradas indiferentes. seja alguma virtude, algum louvor, pensem nestas coisas que vocês aprenderam e receberam, e ouviram

, e viram em mim ? (Filipenses 4:8,9) Que eles, portanto, aprendam, por Suportar as Escrituras, quais são as várias virtudes. E quando eles alegam que o Deus que recompensa a cada um de acordo com seus méritos, retribui o mal ao mal, não ocultem o princípio: que, como os doentes devem ser curados por remédios severos, Deus administra, para fins de correção, o que por enquanto parece produzir dor. Eles não consideram o que está escrito sobre a esperança dos que pereceram no dilúvio; dessa esperança, São Pedro diz, em sua primeira epístola, que Cristo foi morto na carne, mas vivificado pelo espírito; pelo qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, que às vezes eram desobedientes, quando uma vez a longanimidade de Deus esperou nos dias de Noé, enquanto a arca estava se preparando, etc. 19, 20.) Que eles também considerem os casos de Sodoma e Gomorra: como eles acreditam que as profecias são a palavra daquele Deus, o Criador, que diz ter feito chover fogo e enxofre sobre eles; o que, perguntamos, o profeta Ezequiel diz deles? Sodoma, diz ele, será restaurada ao seu estado anterior. (Ezequiel 16:55) Agora, aquele que aflige aqueles que merecem punição, ele não os aflige para o bem deles? Ele diz também a Caldéia: tu tens brasas de fogo; sente-

se sobre elas; elas serão uma ajuda para ti. (Isaías 47:14,15) Que eles também ouçam o que é dito, nos Salmos, daqueles que caíram no deserto: quando ele os matou, então eles o buscaram. (Salmos 78:34) Não é dito que, quando alguns foram mortos, o resto buscou a Deus; mas que tal foi o fim dos que foram mortos, que, mortos, o buscaram." *De Princip.*, lib. ii., cap. 5, § 3.

N. B. — Sempre que os primeiros pais citam o Antigo Testamento, faziam uso da versão da Septuaginta, que, em muitas passagens, difere consideravelmente da nossas traduções. [p.082]

e que mesmo o que agora é chamado de influências graciosas do Espírito Santo são transmitidos às criaturas apenas na proporção de seus méritos anteriores. Após a morte, talvez as almas dos fiéis permaneçam por algum tempo na terra, em processo de purificação; então são levadas para o ar, e finalmente elevadas, por graus, ao mais alto céu. Na ressurreição, a humanidade surgirá com corpos, não de matéria terrestre grosseira, mas de substância aérea; e então toda a raça humana, boa e má, será submetida a uma prova de fogo na conflagração geral, com diferentes graus de dor, de acordo com sua pureza ou corrupção moral. Os justos passarão rapidamente por esta provação para os prazeres do céu; mas os ímpios serão então condenados aos castigos do inferno, que consistem

tanto na dor infligida quanto no remorso de consciência. Esses sofrimentos, embora ele os chame de eternos, (1) sustentado por Orígenes, seriam distribuídos, em extensão e severidade, segundo à maldade e dureza de coração de cada um: para alguns, seriam mais curtos e moderados; mas para outros, especialmente para o diabo, eles necessariamente seriam intensos e prolongados por uma duração imensa, a fim de superar a obstinação e a corrupção dos sofredores culpados. Por fim, porém, toda a criação inteligente deve ser purificada, e Deus se torna tudo em todos. (2)

(1) Proem., lib. *De Principiis*, e lib. ii., cap. 10, §§1 e 3.
(Nota do Tradutor): [O que chegou até 1828, quando este livro foi escrito, do *De Principiis* foi só a tradução para o latim. A palavra latina "*eternum*" é derivada do grego *aionios* e não significava, nos primeiros séculos, "tempo sem fim" assim como *aionios* não significa. Ver Edward Beecher, *História das Opiniões sobre a doutrina Biblica da Retribuição, Capítulo 28.*]
(2) Huet, Du Pin e outros apresentam Orígenes como tendo ensinado uma perpétua mudança de caráter e condição entre todas as classes de criaturas racionais; para que não apenas os condenados, com o tempo, ascendam à felicidade, mas também os bem-aventurados possam, por fim, cair no pecado e na miséria; e a alegria e o

sofrimento chegam ao fim. É verdade, ele ensinava a perpétua liberdade da vontade, e parece admitir, em consequência, a probabilidade de uma queda no futuro, do céu, pelo menos em casos individuais. Mas se não me engano muito, ele contempla um período distante, [p.083] além de todas as revoluções, quando toda natureza inteligente terá se tornado tão completamente ensinada pela experiência e observação, e tão intimamente unida a Deus, que não haverá mais perigo de deserção. Veja *De Princípiis*, lib. ii., cap. 3º, § 5º, e lib. iii., cap. 6, §6.

Orígenes discute expressamente esta questão no quinto livro de seus Comentários sobre Romanos, vol. vi. pp. 407 — 413, ed de Lommatzsch. De acordo com todo o seu sistema, ele manteve uma indestrutível liberdade da vontade, e com a grande massa de cristãos, então e agora, acreditava que os anjos haviam pecado no céu, mesmo "aquele que habitava entre os querubins, e era empregado no meio de gemas resplandecentes, e foi vestido com o ornamento de toda virtude, e para o esplendor de sua glória foi chamado Lúcifer, o filho da manhã." é mutável por sua própria natureza, e a alma, como deve sempre poder passar do vício para a virtude, também da virtude para o vício. . "Afirmamos", disse ele, "que

o poder da cruz de Cristo e de sua morte, sofridos uma vez no fim do mundo, é suficiente para a cura e a saúde, não apenas do presente e do futuro, mas também de eras passadas, e não apenas para nossa raça humana, mas também para as ordens celestiais e poderes; pois, segundo a opinião do apóstolo Paulo, Cristo, pelo sangue da sua cruz, reconciliou não só as coisas que estão na terra, mas também as que estão no céu." Para provar que, embora livre, a alma não cairá em pecado, ele cita a declaração do apóstolo, que o amor nunca falha. "Pois, se a alma chegar a esse grau de perfeição, de modo que amará a Deus com todo o seu coração, com todas as suas forças e com toda a sua mente, e seu próximo como a si mesmo, que lugar haverá para o pecado?” Ele também cita a linguagem de São João, que aquele que habita no amor habita em Deus, e “portanto”, ele acrescenta, '• aquele amor que sozinho é maior do que tudo irá preservar *omnem creaturam* (toda criatura, ou toda a criação) de cair. Então Deus será tudo em todos." Ele também cita as palavras de São Paulo: "Quem nos separará do amor de Deus?" etc., e conclui que, se todas essas coisas foram incapazes de alienar a alma de Deus, muito menos a liberdade da vontade. Os anjos pecaram antes que o amor de Deus se

manifestasse em Cristo, mas depois que esse amor começa a ser derramado no coração pelo Espírito Santo, a alma é atada por ele e anda em sua luz; e ele encerra sua discussão com algumas belas ilustrações do poder da convicção cristã de que estamos mortos com Cristo, e cremos também que viveremos com ele. — T. J. S.

Mas nada é mais notável, nessas primeiras publicações, do que a regra que eles estabeleceram para a interpretação das Escrituras. Já vimos que o método alegórico estava em voga há muito tempo; e que agora se tornara quase universal. Por mais estranho que possa parecer, Orígenes foi mais longe do que seus predecessores e o reduziu a uma espécie de sistema, sem igual em absurdo, [p.084] exceto pelo do famoso Barão Swedenborg. Aos escritos sagrados em geral, ele atribuiu três sentidos distintos: 1, o literal, que em nenhum caso é de grande importância, e às vezes inteiramente inútil; 2, a moral, superior em valor à primeira, ensinando-nos a considerar cada relato histórico como uma representação alegórica de certas virtudes ou vícios em nossos próprios corações; como, quando a Escritura relata que José está morto, os filhos de Israel aumentaram em número, aprendemos, (1) pelo senso moral, que se recebermos a morte de Cristo, nosso José espiritual, em nossos membros pecadores, os filhos de Israel, isto é, as graças do espírito, serão multiplicadas dentro de nós; 3, o sentido místico ou espiritual, o mais excelente de todos; pelo qual os mais esclarecidos podem

traçar em todas as narrativas das Escrituras, de qualquer tipo, uma história latente da igreja de Cristo; e pelo qual também podem descobrir, em todos os relatos das coisas terrenas, algumas representações daquele mundo celestial e invisível, do qual o presente é apenas uma imagem fraca e imperfeita. Lá, as almas são os habitantes e os anjos os governantes; e ali as regiões ideais e a ordem dos eventos correspondem, em algum grau, às da Terra. Por mais ridículo que fosse esse sistema de interpretação, ele satisfez o gosto de seu tempo; embora, mesmo então, houvesse alguns que o rejeitaram, pelo menos em parte, e levantaram sua voz débil contra sua extravagância. Mas eles próprios muitas vezes se depararam com outras noções quase tão quiméricas.

(1) Homil. i. em Exod., § 4. Tomei esta ilustração de uma das obras posteriores de Orígenes; mas nos livros *Dos Princípios*, a natureza e o uso do sentido moral são amplamente explicados. [p.085]

Enquanto Orígenes estava empenhado em preparar e publicar as obras agora mencionadas, a tempestade que seu bispo havia levantado contra ele continuou, aumentando em violência. Cansado, por muito tempo, com contenção, ele tirou uma licença privada e final de seu país natal (231 d.C.) e retirou-se para a Palestina, onde foi cordialmente recebido por seus velhos amigos, Alexandre de Jerusalém e Teoctista de Cesaréia. Imediatamente em sua retirada, Demétrio reuniu todos os bispos egípcios, e os presbíteros

que ele pensava em seu próprio favor, com a esperança de obter a condenação de sua vítima. Nisso, porém, ele ficou desapontado: o Concílio decretou apenas que Orígenes deveria ser privado de seu cargo na Escola Catequética e do privilégio de ensinar em Alexandria; mas que ele ainda deve desfrutar de seu caráter de presbítero. Isso não satisfazendo sua ira, Demétrio convocou outro Concílio (provavelmente em 232 d.C.), composto por bispos apenas como ele achou por bem selecionar de sua própria província. Com estes ele conseguiu: eles ordenaram que Orígenes deveria ser deposto de sua dignidade sacerdotal e excomungado da igreja. Quando esta sentença foi assim formalmente proferida sobre ele, ele não poderia, de acordo com a Constituição e os Cânones eclesiásticos, ser recebido em nenhuma igreja, nem por nenhum bispo, sob a jurisdição católica; no entanto, os bispos da Arábia, Palestina, Fenícia e Acaia, seus conhecidos pessoais, arriscaram a experiência de apoiá-lo, à custa da não conformidade com os regulamentos estabelecidos. Mas no Ocidente, e particularmente em Roma, a sentença de excomunhão foi prontamente confirmada. [p.086]

Que não foi por erro de doutrina que Orígenes foi condenado, é expressamente afirmado por alguns dos antigos (1) e evidente pelo silêncio de todo o resto. Não é incrível, de fato, que seu adversário tenha adotado o expediente usual na perseguição eclesiástica e, para aumentar o ódio, representou algumas opiniões que ele havia avançado, como dignas de reprovação. Mas se assim fosse, não pode ter constituído um terreno de destaque na acusação, uma vez que não há vestígios dele em toda a

antiguidade. Quais foram as principais acusações contra ele, só podemos conjecturar. (2)

(1) Jerônimo, Apud. Ruf. Invetar. ii., inter Hieronymi Opera.
(2) Quanto à história que encontramos em Epifânio (Haeres. Ixiv. 2), que antes de Orígenes deixar Alexandria, ele consentiu em manter incenso sobre o altar em homenagem a um ídolo, em vez de ser contaminado por um etíope, é geralmente pensado pelos modernos como uma das fábulas de Epifânio, ou talvez uma interpolação em suas obras. Nicéforo parece ter tomado a mesma conta, com algumas alterações, de Epifânio. Algum escritor posterior, para continuar a história, forjou uma peça intitulada A Lamentação de Orígenes, ou Arrependimento de Orígenes, na qual ele é obrigado a lamentar, da maneira mais extravagante, ter sacrificado aos ídolos. Veja Uuct. Origeniano, lib. i., cap. 4º, §4º, e Anexo, ad. lib. iii., §8, Vidas dos Pais da Caverna, art. Orígenes, etc. Du Pin's Bibliotheca Patrum, art. Orígenes, nota n; e Mosheim, Delleb. Christian, ante Constant, p. 676. A Lamentação de Orígenes pode ser encontrada na tradução inglesa do Dr. Hanmer de Eusébio, Sócrates e Evágrio.

As consciências de um prelado irado e de seus

subordinados selecionados não podiam ser muito escrupulosas na escolha do assunto para condenação; e acredita-se que tenha se relacionado apenas a alguma informalidade em sua ordenação e a algum desrespeito às reivindicações costumeiras de seu bispo. Demétrio, no entanto, não gozou por muito tempo de sua vingança, pois morreu, provavelmente, no mesmo ano. Após sua morte, a fúria da oposição pareceu diminuir; mas ainda assim Orígenes era considerado pelos cristãos egípcios como uma pessoa excomungada; e tal era seu respeito pelos cânones eclesiásticos, que a sentença de Demétrio nunca foi revogada por seus sucessores, Heraclas e Dionísio, [p.087] embora tivessem sido discípulos de Orígenes (o primeiro, seu assistente), e embora ambos ainda conservassem a maior veneração e a mais calorosa afeição por ele. Em Cesaréia foi novamente designado para expor as Escrituras ao povo; e os próprios bispos da Palestina muitas vezes se sentavam sob suas instruções, como se ele fosse seu mestre. Esta cidade, então a maior da Terra Santa, e a capital de uma de suas divisões, pode ser classificada, talvez, com as cidades romanas de terceira categoria na Ásia, inferior não apenas a Antioquia, a rainha do Oriente , mas também a Éfeso e Esmirna. Ergueu-se em um aclive suave da costa do Mediterrâneo, a meio caminho entre Jope e Ptolemaida; e seus prédios de mármore branco, seu magnífico anfiteatro e, mais alto do que todo o resto, seu esplêndido templo pagão, encontravam a visão do viajante distante enquanto ele navegava ou se aproximava do porto. (1) Aqui Orígenes abriu uma escola, um pouco no plano daquela em Alexandria, para o estudo

da literatura e religião; e sua fama logo atraiu estudiosos tanto da província adjacente quanto de regiões mais remotas. Da Capadócia ele recebeu Firmiliano, que depois retornou ao seu país natal e se tornou o bispo mais eminente lá. Ainda mais ao norte, do Ponto na margem do Euxine, vieram Gregório Taumaturgo e seu irmão Atenodoro.

Enquanto isso, Orígenes prosseguiu com seus Comentários sobre o Evangelho de São João, e começou os sobre Isaías e Ezequiel.

(1) Josephus Antiq., livro xv., cap. 9º, § 6º, e Reland. Palest. Ilustrar., lib. iii., art. Cesareia. A cidade ficava a sessenta e duas milhas a noroeste de Jerusalém. [p.088]

Assim, constantemente ocupado em sua escola, pregando ou escrevendo, ele parece ter passado cerca de quatro anos em silêncio, até 235 d.C.; quando o bárbaro Maximino, ao subir ao trono, instituiu uma perseguição contra os mais ilustres dos cristãos, por temerosa suspeita de que eles acalentavam, com uma consideração muito agradecida, a memória de seu predecessor assassinado. Entre outros, Protocteto, presbítero de Cesareia, e o generoso Ambrósio, foram lançados na prisão e torturados com várias crueldades. A eles Orígenes escreveu e dedicou seu livro Sobre o Martírio; mas escondeu-se, entretanto, com uma família na cidade, e algum tempo depois retirou-se através dos mares para Atenas. Aqui ele terminou seus

Comentários sobre Ezequiel, e prosseguiu com os *Comentários sobre Cânticos*. Deste lugar pensa-se que fez uma visita ao seu amigo Ambrósio; que, ao ser libertado de seus sofrimentos na Palestina, havia ido, com sua família, para a cidade de Nicomédia, no nordeste da Propôntida. Voltando por fim a Cesaréia, por volta de 240 d.C., sua próxima viagem, ao que parece, foi para a cidade de mesmo nome na Capadócia, a metrópole daquela província, para onde seu ex-estudioso, Firmiliano, agora elevado ao bispado ali, insistiu. que ele viesse, a fim de instruir suas igrejas no conhecimento das Escrituras. Por volta de 243 d.C., ele foi para a Arábia, a pedido de um Concílio convocado contra Berilo de Bostra, um bispo daquele país, que diferia um pouco da fé popular sobre a trindade. Com ele a conversa de Orígenes efetuou, o que o Concílio não conseguiu alcançar, a renúncia de seu suposto erro; [p.089] e com tal graça foi realizado, que Beryllus se tornou o amigo duradouro e ardente de seu oponente vitorioso. Foi um pouco depois disso, talvez no ano seguinte, que ele escreveu, a pedido de Ambrósio, seus livros Contra Celso, um filósofo pagão do século II, que esperava, por um tratado laborioso, derrubar o cristianismo. A este erudito e espirituoso inimigo do Evangelho, a obra de Orígenes é geralmente considerada uma resposta sincera e completa; embora alguns dos mais judiciosos e imparciais tenham detectado nele alguns exemplos da falsidade e sofismas predominantes da época. Ele logo foi chamado novamente para a Arábia, por outro Concílio de bispos, a fim de recuperar alguns cristãos lá, que sustentavam que a alma morre com o corpo, e com ele

desperta para a consciência na ressurreição. Ao chegar, ele lutou com tanto sucesso contra o sentimento detestável, que seus defensores mudaram de opinião e retornaram à cordial comunhão da igreja. Isso foi sob o reinado de *Filipe*, a quem, talvez, mais apropriadamente pertença a distinção comumente concedida a Constantino, de ter sido, embora secretamente, o primeiro imperador cristão. Seja como for, Orígenes parece ter sido honrado com sua correspondência e com a da imperatriz.

A.D. 245 a A.D. 253

Não obstante a multiplicidade de suas atividades, a variedade de suas situações e as mudanças de sua fortuna, ele parece nunca ter negligenciado o Hexapla ou Octapla, (1) aquela grande obra, que sozinha, poderia imortalizar o seu nome.

(1) Chamava-se Tetrapla, Hexapla ou Octapla, conforme a cópia continha três, seis ou todas as colunas. [p.090]

Em que momento foi concluído é desconhecido; provavelmente, no entanto, não muito longe deste período. Em todo o seu estado consistia no *texto hebraico* do Antigo Testamento, colocado *na primeira coluna*; *o mesmo, mas escrito em letras gregas, na segunda*; *a tradução de Áquila na terceira*; *a de Symachus na quarta*; *a Septuaginta na quinta*; *a versão de Teodociano na sexta*; duas outras versões dos profetas na sétima e oitava; juntamente com uma tradução apenas dos Salmos. Onde

quer que ele achasse que a Septuaginta se afastasse do texto hebraico, ele afixava marcas diferentes para denotar o que foi omitido ou o que foi adicionado; e, por meios semelhantes, distinguiu as várias leituras do próprio Original, de acordo com o semblante que cada uma recebeu das várias traduções. Supõe-se que esta tenha sido a primeira tentativa de uma poliglota, ou compilação crítica das Escrituras em diferentes idiomas. Nas grandes letras unciais dos manuscritos antigos, deve ter aumentado para um volume enorme, chegando, como pensa Montfaucon, a pelo menos cinquenta volumes de tamanho muito grande. Mosheim diz que "embora quase inteiramente destruído pelas perdas do tempo, ele permanecerá, mesmo em seus fragmentos, um monumento eterno da incrível aplicação com que aquele grande homem trabalhou para remover os obstáculos que retardavam o progresso do Evangelho".

Mas nem os serviços que ele prestou à igreja, nem a veneração com que seu nome era geralmente considerado em todo o Oriente, puderam sufocar um forte desafeto, em muitos cristãos da época, [p.091] por algumas de suas extravagâncias. Podemos perceber, em seus escritos posteriores, alusões às queixas daqueles que repreenderam seu uso contínuo da filosofia pagã, e daqueles que animaram seu sistema alegórico de interpretação das Escrituras. E ocasionalmente descobrimos que ele sentiu e lamentou, qual é o infortúnio comum da grandeza, que os elogios ilimitados prodigalizados a ele por seus admiradores pessoais despertaram nos outros um espírito de inveja e abuso. Uma hostilidade odiosa, uma vez

excitada, não poderia deixar de notar, em meio ao número prodigioso de seus escritos, e selecionar algumas noções extravagantes, muitas expressões descuidadas, que aparentemente justificariam os clamores da paixão e o descrédito frio da malignidade mais prudente. ; e diz-se que Orígenes, por fim, julgou conveniente escrever uma carta a Fabian, o bispo de Roma, em defesa de sua ortodoxia cassada. (1)

(1) Eusébio (Hist. Eccl., lib. vi., cap. 36) mal menciona que Orígenes escreveu uma carta a Fabiano sobre sua própria ortodoxia; mas Jerônimo, que não é a melhor autoridade, diz (Hieron. Epist. xli., vel. 65, ad Pammach., p. 347), que Orígenes lá lamentou que ele tivesse escrito aquelas coisas pelas quais ele havia sido censurado, e que ele também lançou sobre Ambrósio a culpa de ter circulado os escritos que os continham e que ele mesmo pretendia apenas para uso privado. Quanto desse relato improvável é verdadeiro não pode ser determinado, pois a carta está perdida. É natural, aqui, perguntar: O universalismo foi um daqueles princípios que então ofendiam? Mas para esta pergunta interessante não se encontra uma resposta certa. As circunstâncias, no entanto, nos levariam a arriscar uma resposta negativa: 1. Orígenes continuou a defender essa doutrina mesmo em suas

últimas publicações (ver nota s ao § xi deste capítulo), sem uma insinuação de que foi censurada. 2. Em todas as controvérsias sucessivas sobre sua ortodoxia, que começaram a se enfurecer cerca de quarenta anos após sua morte, nunca encontramos essa doutrina envolvida, até que a disputa tenha durado um século (ver capítulos vi. e vii.); e não é provável que uma doutrina de tanta importância, se uma vez tivesse sido apontada como objeto de reclamação, tivesse sido esquecida como tal, tanto por seus adversários quanto por seus apologistas.

Parece, de fato, a partir de uma expressão em sua Carta aos seus amigos alexandrinos, conforme explicado por Jerônimo, que um herege valentiniano tentou estigmatizá-lo por defender a salvação do diabo. Mas temos apenas uma parte da carta, e isso apenas nas traduções de Rufinus (De Adulterat. Librorum Origen), e de Jerônimo (*Apolog. adversus Rufin.*, lib. ii., pp. 413, 415); ambos são conhecidos por terem tomado considerável liberdade com a linguagem de Orígenes. Há alguma diferença em suas versões desta passagem; mas muito mais à luz em que deixam o assunto. Segundo o primeiro, Orígenes observa incidentalmente que seus inimigos o acusaram de afirmar a salvação do diabo, "o que", acrescenta

ele, "ninguém pode afirmar, a menos que deslumbrado ou manifestamente insano". Segundo Jerônimo, que corrige as deturpações de Rufino, Orígenes mal faz alusão às críticas de um certo Valentiniano sobre a salvação do diabo; '' que", continua ele, -'ninguém poderia confessar, a menos que seja insano." O que é inexplicável nessas duas traduções não é sua diferença, mas o ponto em que elas concordam, a saber, que ambas fazem Orígenes pronunciar a salvação do diabo um princípio que ninguém poderia afirmar, a não ser insano (quando ele mesmo havia afirmado e ilustrou (De Principiis, lib. i., cap. 6, e lib. iii.. cap. 6, § 5), e continuou a fazê-lo em suas últimas obras (tom. xiii. em Matt., e Homil. em Josh.) Como nem Rufinus nem Jerome tinham esta frase particularmente em vista, podemos suspeitar que eles deram uma construção *falsa*. [p.092]

Embora agora com mais de sessenta anos de idade (246 d.C.), ele parece ter se submetido a grandes esforços como em qualquer período anterior; procedendo na composição de algumas grandes obras, e ao mesmo tempo dando palestras diárias ao povo de Cesareia. Estas, embora extemporâneas e não preparadas, eram, no entanto, tão estimadas que, com o seu consentimento, os transcritores foram agora contratados, pela primeira vez, para retirá-las à medida que eram entregues e depois publicá-las sob o

título de *Homilias*. Por fim, seus comentários sobre o Evangelho de São Mateus, aqueles sobre os doze profetas menores, e sobre a Epístola aos Romanos, foram concluídos sucessivamente, tendo-o empregado até perto do ano 250. Nesta data, a terrível perseguição sob o imperador Décio começou ; e Orígenes foi preso na cidade de Tiro, lançado na prisão e carregado com ferros. Aqui ele sofreu os tormentos mais excruciantes: seus pés foram mantidos no tronco, extremamente distendidos, por vários dias; (*nt) foi então ameaçado de ser queimado vivo; [p.093] e quando parecia que as ameaças não podiam abalar sua constância, ele foi atormentado com vários tipos de tortura. Por fim, seus carrascos, cansados de infligir crueldades inúteis, ou mais provavelmente impedidos pela morte de Décio (251 d.C.), permitiram que ele escapasse vivo. Depois disso, ele realizou várias conferências e escreveu muitas cartas, em todas as quais evidenciou uma alma digna da vida que levou. Ele morreu em Tiro, por volta de 253 d.C., no sexagésimo sexto ou sexagésimo sétimo ano de sua idade; e um esplêndido túmulo, erguido naquela cidade, declarava aos tempos futuros a grata veneração que a igreja prestava à sua memória. (1)

(*nt) [O tronco: Duas tábuas com espaço para colocar o calcanhar e fechadas para prende-los. Usado também nos escravos das Américas até o século 19. Também em criminosos na Europa.]
(1) Para a Vida de Orígenes, recorri aos modernos, em vez de tentar coletar, organizar e ilustrar os relatos

originais espalhados por Eusébio e outros escritores antigos. Veja Huetii *Origeniana*, *inter Origenis Opera*; *Vidas dos Pais* de Cave; a Bibliotheca Patrum de Du Pin; *Credibilidade da História do Evangelho* de Lardner; e Notas e observações preliminares de Delarue (edit. *Origenis Operum* de Delarue), e *Críticas* de Mosheim (*De Rebus Christian. ante Constantinum*). Esses autores, embora concordem em tudo o que é importante, diferem um pouco nas datas e na ordem dos eventos.

Nada além de uma estrutura como o ferro poderia ter resistido por tanto tempo sob suas rígidas privações e trabalhos incessantes. Ocupado, durante a maior parte de sua vida, nas inúmeras funções de instrutor público e cotidiano, ainda encontrou tempo para se aperfeiçoar em toda a gama do conhecimento humano, tal como era então, e, afinal, tornar-se um dos os mais volumosos (2) escritores que já viveram.

(2) Ele publicou, alguns dizem, seis mil volumes, muitos dos quais, no entanto, devem, é claro, ter sido muito pequenos. Os restos desta surpreendente massa estão reunidos em quatro volumes fólio, além de dois volumes adicionais contendo os fragmentos da Hexapla.

A admiração com que os antigos consideravam suas várias realizações era apenas natural; e foi com alguma

propriedade que eles o apelidaram de Adamantius, [p.094] para intimar a força invencível de uma constituição que sustentou labutas que teriam desgastado várias vidas comuns. No que diz respeito aos seus talentos nativos, há uma notável, embora não singular, contrariedade em seu caráter: dotado de uma percepção muito rápida e de uma memória mais retentiva, mas deficiente nos dons mais substanciais de julgamento frio e bom senso. , ele aparece, alternadamente, o mais brilhante dos gênios e o mais irrealista dos visionários. Como um homem moral e religioso, no entanto, seu caráter é consistente e sua reputação sem mancha. Tanto seus amigos como seus inimigos concordam em atribuir-lhe a mais ilustre virtude, a piedade ardente e o zelo mais puro. Austero, mas não taciturno, nunca se poupava e, em meio a todos os abusos que sofreu, raramente mostrava a menor severidade contra os outros. Naturalmente de temperamento manso e despretensioso, suportou, impassível, a admiração do mundo, sem aparente vaidade, e sem aquele sintoma mais traiçoeiro do orgulho, a afetação da humildade. Como escritor, seu estilo é simples, claro e fluente; mas descuidado, redundante e muitas vezes incorreto. Para concluir seu caráter, nas palavras de um dos mais eruditos e criteriosos historiadores eclesiásticos, ele era "um homem de habilidades vastas e incomuns, e o maior luminar do mundo cristão, que esta época mostrou. Se seu julgamento fosse igual à imensidão de seu gênio, o fervor de sua piedade, sua paciência incansável, sua extensa erudição e seus outros talentos eminentes e superiores, todos os elogios devem ter ficado aquém de seu mérito.

suas virtudes [p.095] e seus trabalhos merecem a admiração de todos os tempos, e seu nome será transmitido com honra através dos anais do tempo, enquanto o conhecimento e o gênio forem estimados entre os homens." (1)

Citamos até agora apenas um de seus testemunhos a favor do universalismo. Era, com ele, um tema favorito; e ele o introduziu, não apenas em suas primeiras, mas também em suas últimas publicações, em seus discursos populares, ou Homilias, bem como em seus tratados mais laboriosos e sistemáticos. (2) Passando por cima de seus livros *Dos Princípios*, e muitas outras obras, em que abunda esta doutrina, transcreveremos apenas uma ou duas passagens de uma de suas últimas produções, que ainda existe no original grego.

(1) Mosheim, Ecl. Hist., cent, iii., parte 2, cap, ii., § 7.

(2) Eu não tento listar todas as passagens em que Orígenes introduz esta doutrina; mas, ainda que imperfeita, a seguinte tabela de referências à esplêndida edição de Delarue de suas obras pode fornecer alguma noção de sua ocorrência frequente e auxiliar nas indagações daqueles que desejam consultar o original. As datas aqui afixadas às respectivas obras são as atribuídas pelo douto editor: — De Principiis, 230 d.C., hb. i., cap. vi. e vii., § 5. Lib. ii., cap. i. 2, cap. iii. 3, 5, 7, cap. v. 3, cap. x. 5, 6.

Liv. iii., cap. v. 5, 6, 7, 8, cap. vi. 1, 2,3, 4, 5, 6, 8, 9. Lib. IV., cap. 21 e 22 e 25. — Homilia em Lucam. Talvez por volta de 230 d.C., Homil. xiv. — *Commentariorum in Johannem*, tom. i., cap. 14. Por volta de 230 d.C. — *De Oratione*. Após 231 d.C., cap. v., pág. 205; cap. xxvii., pp. 250, 251; cap. xxix., pp. 261 a 264. — Comentário, em Johan. Tom. xix., cap. 3. Cerca de 234 d.C. — Tratado xxxiv. m Johannem — Commentarii in Matthaeum. Por volta de 245 d.C., tom. x. e xiii. e xv. — Tratado xxiii. e xxx. e xxxiii. em Mattaeum,. — Commentarii in Epist. anúncio Romanos. Por volta de 246 d.C., lib. v., cap. 7, Ub. viii., cap. 12. — Homilias. Entre 245 e 250 d.C., Homil. em Levítico vii., cap. 2, pág. 222. Homil. viii., cap. 4, pág. 230. Homil. em Numerosvi.,cap.4. Homil. xi., cap. 5. Homil. xxvi., cap. 4, etc. Homil. em i., lib. Regum ii., cap. 28, pp. 494 a 498. Homil. em lib. Jesus Nave viii., cap. 4, pág. 416. Homil. em Jeremiam ii., cap. 2 e 3, pp. 138, 139. Homil. xvi., cap. 5 e 6, pp. 232, 233. Homil. em Ezequielem iv. e v. e x. — Contra Celso. Por volta de 248 ou 249 d.C., lib. IV., cap. 10, pág. 507; cap. 13, pág. 509; cap. 28, pág. 521. Liv. V. cap. 21, pág. 594; cap. 15 e 16, pp. 588, 589. Lib. viii., cap. 72, pp. 795, 796. (a)

(a) Pensamos citar na íntegra todas as passagens em que Orígenes ensina claramente o Universalismo. Mas, ao providenciar isso, o assunto cresceu tanto em nossas mãos que descobrimos que ocuparia muito espaço. As referências acima apenas indicam quão completamente Orígenes tratou o assunto. Eles não esgotam os lugares em que é tocado. Seu De Principiis, e Comm. em Epist. ad Bom,, são particularmente completos e interessantes. — A. St. J. C. [p.096]

Celso, o filósofo pagão, acusou os cristãos de representar Deus como um atormentador impiedoso, descendo, no fim do mundo, armado de fogo. A essa acusação Orígenes respondeu que "já que o zombeteiro Celso assim nos obriga a entrar em assuntos de natureza mais profunda, diremos primeiro algumas coisas, o suficiente para dar aos leitores uma noção de nossa defesa neste ponto, e depois prosseguir para o resto. A Sagrada Escritura, de fato, chama nosso Deus de fogo consumidor (Deuteronômio 4:24), e diz que rios de fogo vão adiante de sua face (Daniel 7:10), e que ele virá como um o fogo do refinador e o sabão do lavador, e purificar o povo (Malaquias 3:2). Como, portanto, Deus é um fogo consumidor, o que é que deve ser consumido por ele? Dizemos que é maldade, e tudo o que procede dela, como é figurativamente chamado madeira, feno e palha. Isto é o que Deus, no caráter de fogo, consome. E como são evidentemente as obras más do

homem que são denotadas pelos termos madeira, feno e palha, é, portanto, fácil entender qual é a natureza daquele fogo pelo qual eles devem ser consumidos. Diz o apóstolo, o fogo testará o trabalho de todo homem de que tipo é. Se permanecer a obra que alguém construiu, receberá galardão. Se o trabalho de alguém for queimado, ele sofrerá perda. (1 Coríntios 3:13-15) O que mais se entende aqui pela obra que deve ser queimada, do que qualquer coisa que surja da iniqüidade? Nosso Deus é, portanto, um fogo consumidor, no sentido que mencionei. Ele virá também como o fogo de um refinador, para purificar a natureza racional da maldade que se encontra misturada, [p.097] e de outra matéria impura que adulterou, se assim posso dizer, o ouro e a prata intelectuais. Da mesma forma, diz-se que rios de fogo vão diante da face de Deus, com o propósito de consumir qualquer mal que esteja misturado em toda a alma.” (1)

Novamente: Celso havia tratado, como muito extravagante, a expectativa dos cristãos de que todas as nações da terra concordassem em um sistema de crença e prática. Sobre isso, Orígenes observou: "É aqui necessário provar que todos os seres racionais, não apenas podem, mas realmente devem, unir-se em uma lei. Os estóicos dizem que quando o mais poderoso dos elementos prevalecer, então virá a conflagração universal, e todas as coisas serão convertidas em fogo; mas afirmamos que a Palavra, que é a sabedoria de Deus, reunirá todas as criaturas inteligentes e as converterá em sua própria perfeição, por meio do livre arbítrio delas e de seus esforços. Pois, embora entre os distúrbios do corpo haja, de

fato, alguns que a arte médica não pode curar, ainda assim negamos que, de todos os vícios da alma, há algum que a Palavra suprema não possa curar. Pois a Palavra é mais poderosa do que todas as doenças da alma; e ele aplica seus remédios a cada um de acordo com a vontade de Deus. E a consumação de todas as coisas será a extinção do pecado; mas se então será tão abolida que nunca mais ressuscitará no universo, não pertence ao presente discurso mostrar. O que se relaciona, no entanto, com a completa abolição do pecado e a reforma de cada alma pode ser obscuramente traçado em muitas das profecias;

(1) Contra Celsum, lib. IV., cap. 13, pág. 509. [p.098]

pois lá descobrimos que o nome de Deus deve ser invocado por todos, para que todos o sirvam com um consenso; que o opróbrio da injúria seja removido e que não haja mais pecado, nem palavras vãs, nem língua traiçoeira. Isso pode, de fato, não acontecer com a humanidade na vida presente, mas ser realizado depois que eles forem liberados do corpo." (1)

Em todas as suas obras, Orígenes usa livremente as expressões fogo perpétuo, castigo perpétuo, etc., sem qualquer explicação, tal como as nossas predisposições modernas tornariam necessárias para evitar um mal-entendido. Deve-se também notar particularmente que, entre as numerosas passagens em que ele avança o Universalismo, não há um exemplo de tratá-lo no sentido de controvérsia com os ortodoxos; e que, por outro lado,

eles mesmos não o fizeram, até onde podemos descobrir, censurar ou se opor a isso. Às vezes, ele se vale de seus princípios peculiares para justificar o cristianismo das censuras ou espirituosidades dos pagãos e manter a benevolência do único Deus contra as objeções dos gnósticos. Às vezes, ainda, ele o afirma e o define, de maneira formal e laboriosa; mas na maioria dos casos ele a introduz incidentalmente, seja como o resultado natural de algum princípio cristão bem conhecido, ou como a doutrina positiva de determinadas Escrituras. (2)

(1) Contra Celsum, lib. viii., cap. 72, págs. 795, 796.
(2) Transcrevo os principais textos que ele aduziu em favor do Universalismo. Os do Antigo Testamento são traduzidos de acordo com a versão da Septuaginta, que Orígenes, como todos os Pais antigos, seguiu. Salmos 25:14/31:19. *Quão grande é a multidão de teus favores. Senhor, que guardaste em segredo para aqueles que te temerão !* [p.099] - Sal. 38:30-35. *Mesmo enquanto sua carne ainda estava em sua boca a ira de Deus veio contra eles, e os matou em sua gordura, e aleijou os escolhidos de Israel. Em tudo isso eles ainda pecaram, e não creram em suas maravilhas; portanto, seus dias passaram em vaidade, e seus anos com rapidez. Mas quando ele os matou, então eles o buscaram, e voltaram, e vieram rapidamente a Deus; e eles se lembraram*

de que Deus era seu ajudador, e que Deus, o Altíssimo, era seu redentor. — Salmos 110:1,2. *O Senhor disse ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés. De Sião o Senhor te enviará uma vara de poder; governa no meio dos teus inimigos.* - Isa. 4:4. *Porque o Senhor lavará a imundície dos filhos e filhas de Sião, e purificará o sangue do meio deles pelo espírito de julgamento e pelo espírito de queima.* - Isa. 12:1,2. *E naquele dia dirás: Eu te abençoo, ó Senhor; pois embora estivesses zangado comigo, desviaste o teu furor e tiveste pena de mim. Eis que Deus é meu Salvador; nele confiarei e não temerei; porque o Senhor é a minha glória e o meu louvor, e me salvou.* - Isa. 24:21-23. *E o Senhor trará a sua mão sobre o exército do céu, sim, sobre os reis desta terra; e ajuntarão a sua congregação no cárcere, e os encerrarão na fortaleza. Sua visitação será por muitas gerações. Mas o tijolo derreterá e a parede cairá; porque o Senhor reinará de Sião e de Jerusalém, e será glorificado na presença dos anciãos.* - Isa. 47:14. *Eis que todos serão queimados no fogo, como restolho, e não livrarão da chama a sua alma. Tu tens brasas de fogo; sente-se sobre eles; eles serão uma ajuda para ti.* — Eze. xvi. 53-55. *E restaurarei a*

apostasia deles", sim, a apostasia de Sodoma e de suas filhas; e restaurarei a apostasia de Samaria e de suas filhas; e restaurarei a tua apostasia no meio deles, para que possas suportar o teu castigo, e envergonhar-te por tudo o que fizeste para me provocar à ira. E tua irmã Sodoma e suas filhas serão restauradas como no princípio, e tu e tuas filhas serão restauradas ao seu estado anterior. - Oséias 14:3,4. *Não diremos mais à obra de nossas próprias mãos: Vós sois nossos deuses. Aquele que está em ti se compadecerá dos órfãos. Curarei suas habitações, e os amarei abertamente, porque ele desviou minha ira de si mesmo* - Mich. 7:8,9. *Não exulte sobre mim, ó meu inimigo; embora eu tenha caído, me levantarei, embora eu me sente nas trevas, o Senhor me dará luz. sustente a ira do Senhor, até que ele justifique a minha causa, porque pequei contra ele; ele me fará justiça e me levará a luz, e contemplarei a sua justiça.* — Malaquias III. 2, 3. *Quem suportará o dia de sua vinda? ou quem poderá suportar a sua aparição? Pois ele vem como o fogo da fornalha do refinador e como o sabão dos lavadores. Ele se assentará como refinador e purificador de prata e ouro; e ele purificará os filhos de Levi, e os fundirá como ouro e prata. Então apresentarão ao Senhor*

uma oferta de justiça. — Mat. 5:26. *Em verdade te digo que de modo algum sairás dali até que tenhas pago o último centavo.* — Mat. 18:12,13. [Parábola da Ovelha Perdida.] — João 10:16. *E ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco: também devo trazer estas, e elas ouvirão a minha voz; e haverá um rebanho e um pastor.* — Rom. 8:20-23. *Pois a criatura foi sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou na esperança; porque também a criatura será libertada da escravidão da corrupção, para a liberdade gloriosa dos filhos de Deus. Pois sabemos que toda a criação juntamente gemeu e teve dores de parto até agora; e não somente eles, mas também nós mesmos, que temos as primícias do espírito, também nós gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo.* - Rom. 11:25,26. *Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não sejais sábios em vossos próprios conceitos), que a cegueira em parte aconteceu a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios; e assim todo o Israel será salvo.* - Versículo 32. *Pois Deus concluiu a todos eles na incredulidade, para que pudesse ter misericórdia de todos.* - 1Cor. 3:13—15. *A obra de cada homem será manifestada; porque o dia o*

declarará, porque será revelado pelo fogo; e o fogo provará a obra de cada um, de que espécie seja. Se permanecer a obra de alguém que sobre ela edificou, receberá galardão. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá prejuízo; mas ele mesmo será salvo, mas como pelo fogo. – 1Cor. 15:24-28. *Então virá o fim, quando ele entregar o reino a Deus, o Pai; quando ele tiver derrubado todo governo, e toda autoridade, e poder. Pois ele deve reinar até que tenha colocado todos os inimigos sob seus pés. A morte, o último inimigo, será destruída. Pois Ele colocou todas as coisas debaixo de seus pés. Mas quando ele diz que todas as coisas estão sujeitas a ele, é manifesto que ele é excetuado aquele que sujeitou todas as coisas a ele. E quando todas as coisas lhe forem sujeitas, então também o próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitaram, para que Deus seja tudo em todos.* — Versículo 54. *Assim, quando este corruptível se revestir de incorrupção e este mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória.* — Ef. 1:9,10. *Tendo-nos dado a conhecer o mistério da sua vontade, segundo o beneplácito que em si mesmo propôs, para que, na dispensação da plenitude dos tempos,*

reunisse em Cristo todas as coisas, ambas as que são no céu, e que estão na terra, nele. — Ef. 2:7. *Para que, nos séculos vindouros, ele mostre a suprema riqueza de sua graça em sua bondade para conosco, por meio de Cristo Jesus.* — Ef. 4:13. *Até que todos cheguemos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo.* – 1 Tm. 4:10. *Por isso trabalhamos e sofremos opróbrio, porque confiamos no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, especialmente dos que crêem.* – 1 Ped. 3:19,20. *Pelo qual também, ele foi e pregou aos espíritos em prisão, que algumas vezes foram desobedientes, quando uma vez a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé. etc.* – 1 João 2:1,2. *Se alguém pecar, temos um advogado junto ao Pai. Jesus Cristo, o justo: e ele é a propiciação pelos nossos pecados; e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados do mundo inteiro.*

Em dois ou três lugares, no entanto, ele apresenta a salvação de todos os homens como pertencente, em certo sentido, aos mistérios cristãos, que não devem ser divulgados com muita liberdade. [p.100] Mas devemos observar que nisso ele apenas aplicou uma regra que os ortodoxos de sua época mantinham com respeito a vários pontos de sua fé comum. Eles usaram muita cautela ao

confessar alguns de seus princípios, particularmente no que diz respeito ao Anticristo e à aproximação do fim do mundo. Mesmo a forma de seu credo, [p.101] e os ritos da ceia do Senhor, foram ocultados, como mistérios, dos não iniciados. (1)

1) Mosheim, de Reb. Christian, ante Constant., pp. 304, 305.

De fato, dentro da própria igreja havia uma série de doutrinas apropriadas para os crentes mais maduros, e retidas dos membros menos disciplinados. Isso ajudará a explicar a cautela que Orígenes às vezes recomendava ao promulgar o Universalismo. Comentando sobre esse texto em Romanos (11:26,27) onde São Paulo denomina a salvação de todo Israel, e do mundo gentio, um *mistério*, ele toma nota particular deste termo, e então diz: "A palavra do Evangelho na vida presente purifica os santos, sejam israelitas ou gentios, de acordo com a expressão de nosso Senhor, *agora estais limpos pela palavra que vos tenho falado* (João 15:3). Mas aquele que tiver desdenhado a purificação que é realizada pelo Evangelho de Deus se reservará para uma vereda de purificação terrível e penal ; porque o fogo do inferno, por seus tormentos, purificará aquele que nem a doutrina apostólica nem a palavra evangélica purificaram; como está escrito: *Eu os purificarei completamente com fogo*. (Isaías 1:25) Mas por quanto tempo, ou por quantas eras, os pecadores serão atormentados neste vereda de purificação que é realizado pela dor do fogo, ele só sabe a quem o Pai confiou todo

julgamento, e que amou suas criaturas de tal maneira que por pôs de lado a forma de Deus, tomou a forma de servo e se humilhou até a morte, para que todos os homens fossem salvos e chegassem ao conhecimento da verdade. [p.102] No entanto, devemos sempre lembrar que o apóstolo teria o texto agora em consideração considerado como um *mistério*; para que os fiéis e bem instruídos ocultem entre si seu significado, como um mistério de Deus, nem o imponham em todos os lugares aos imperfeitos e aos de menor capacidade. Pois, diz a Escritura, *é bom manter por perto o mistério do rei* (Tobias 12:7)" (1) Essa é sua sugestão.

Pode ser difícil reconciliar com o fato inegável de que ele próprio tinha o hábito de publicar essa doutrina *secreta* em suas obras e de proclamá-la em seus sermões ou homilias diante de congregações indiscriminadas. ; Desta espécie de inconsistência, no entanto, existem exemplos notáveis não apenas entre os antigos, mas também entre os modernos; que às vezes declaram, em público, a vontade secreta de Deus, e proclamam a doutrina do decreto universal, que, por sua vez, deveria ser mais retida do que divulgada.

(1) *Comentário, em Epist. ad Rom.*, lib. viii., cap. 12. A outra passagem desse tipo é *Contra Celsum*, lib. v., cap. 15. [p.103]

CAPÍTULO V.

Estudiosos e contemporâneos de Orígenes.

Com o relato de Orígenes naturalmente pertence uma visão da extensão em que o universalismo prevaleceu em seu tempo, juntamente com alguns avisos dos mais eminentes de seus crentes entre seus contemporâneos. Mas, aqui a luz clara da história nos abandona. No decorrer de dez ou quinze séculos, todos os documentos, se houver, que pudessem indicar o estado da doutrina, pereceram; e somos deixados à incerteza da conjectura, guiados apenas por evidências circunstanciais, escassas e indistintas.

Ao tentar reunir alguma opinião geral dessa obscuridade, não devemos depositar grande confiança em qualquer suposto efeito que os testemunhos claros das Escrituras deveriam ter tido sobre a crença comum da época; pois a história eclesiástica mostra que, em todas as épocas, os cristãos tomaram seus sentimentos de outras fontes que não imediatamente da Bíblia. Nem devemos adotar os axiomas convenientes de alguns entusiastas, de que toda verdade cristã essencial, ou o que julgamos tal, encontrou uma sucessão ininterrupta de adeptos, de Cristo até o presente; pois quando assumimos esse fundamento, abandonamos, de uma vez, a região da história, pela de mera hipótese. Devemos, no presente caso, julgar o que é *provável* apenas pelo que é conhecido; [p.104] e lembre-se, entretanto, que ainda podemos errar em nossas conclusões.

Certamente não seria razoável supor que a grande autoridade de Clemente Alexandrino e a vasta influência de Orígenes pudessem ter falhado em garantir muitos crentes em todos os seus princípios proeminentes. Se

tivéssemos em conta todos os seus discípulos, patronos e amigos admiradores, ou mesmo apenas os últimos, teríamos o corpo principal dos bispos e igrejas em todo o Oriente. Os da Arábia o consideravam o grande e bem-sucedido campeão da fé; na Palestina e na Fenícia sua autoridade na doutrina era quase absoluta; na Capadócia suas instruções foram avidamente procuradas e seguidas; e na remota província de Pontus seus eruditos estavam em primeiro lugar entre os bispos; A Grécia há muito o estimava e reverenciava; e mesmo no Egito, apesar da briga de Demétrio, é evidente que as igrejas, juntamente com os presbíteros em geral, e muitos de seus bispos, eram fortemente ligados a Orígenes. Mas considerar todos esses, apenas por esse motivo, como universalistas, certamente seria extravagante. Muitos de seus defensores provavelmente o consideravam apenas por seu espantoso gênio, sua erudição universal, sua ilustre virtude ou os serviços que prestou à Igreja; alguns, talvez, o considerassem apenas como um homem perseguido e, apesar das peculiaridades inofensivas (desta perseguição), sentiram que era seu dever defendê-lo contra a injustiça. Deve-se notar também que, como seu universalismo não foi objeto de reclamação, podemos extrair apenas poucas evidências de um acordo nesse particular, da mera amizade e adesão a ele; [p.105] mas esta circunstância, ao mesmo tempo, nos leva a suspeitar fortemente que uma doutrina, tão importante e ainda assim incontestada, prevaleceu entre seus adversários, bem como entre seus seguidores.

Sem tentar, então, a tarefa impraticável de explorar a real extensão da doutrina nesse período, selecionarei apenas

das igrejas orientais ou gregas, que eram a principal esfera de influência de Orígenes, alguns indivíduos eminentes, cuja intimidade com ele, veneração pois suas opiniões e consideração peculiar por suas exposições das Escrituras dificilmente podem ser levadas em consideração sem produzir uma convicção de que eles eram universalistas.

Entre estes, o venerável Alexandre, Bispo de Jerusalém, ocupa um lugar de destaque. Um pouco mais velho, provavelmente, do que Orígenes, ele já havia estudado com Pantsenus, quando o primeiro se tornou seu colega de escola com Clemens Alexandrinus. Nesta situação, os dois estudiosos formaram uma amizade que duraria por toda a vida. Após a interrupção de seus estudos pela perseguição sob Severo, encontramos Alexandre na prisão em Jerusalém, em 205 d.C.; momento em que seus fiéis sofrimentos foram aplaudidos, por algum tempo, pela visita de seu antigo mestre, Clemente (Clemens), a quem sempre considerou com grande respeito. O período exato de sua libertação não é conhecido; mas em poucos anos foi escolhido bispo de algum lugar na Capadócia, talvez da metrópole. Voltou, porém, a Jerusalém, por volta de 212 d.C.; e, à sua chegada, foi eleito por unanimidade colega de Narciso, o bispo aposentado daquela cidade. A partir deste momento não ouvimos nada dele, até que Orígenes visitou a Palestina, por volta de 216 d.C.; [p.106] e a deferência afetuosa que ele então prestou ao seu velho amigo, juntamente com o apoio fiel que ele depois lhe deu, já foram mencionados. Ele e Teoctisto parecem ter assumido a liderança na promoção e defesa de seu ilustre convidado. Considerando-o como seu próprio mestre,

renunciaram a ele, em suas respectivas igrejas, a autoridade de expor publicamente as Escrituras e instruir o povo na religião.

A Alexandre pertence a honra de ter estabelecido, em Jerusalém, a primeira biblioteca eclesiástica de que há relato. Embora um bispo de alguma eminência, ele parece não ter escrito nada, exceto cartas comuns; apenas algumas frases das quais existem. Na perseguição geral sob Décio, ele foi acusado em Cesaréia e novamente lançado na prisão, onde logo morreu, em 250 d.C. (1)

De Teoctisto, temos apenas que acrescentar que, depois de presidir com reputação por muitos anos no bispado metropolitano de Cesaréia, na Palestina, ele morreu não muito longe de 260 d.C. (2) Não parece que ele tenha deixado quaisquer escritos.

(1) *Vidas dos Pais* de Cave, cap. Clem. Alexandre.. §§ 4 e 5; e cap. Origem. § 22; e Cronol. Mesa, Ana. 212. Também Euseb. *Hist. Ecl.*, lib. vi., cap. 14. Omiti, neste relato, uma visão ou duas.
(2) Euseb. *Hist. Ecl.*, lib. vi., cap. 46, e lib. vi., cap. 14.

Talvez devêssemos mencionar aqui Heraclas, o sucessor de Demétrio no bispado de Alexandria. Ele foi um desses pagãos que se converteram ao cristianismo no ano 203, por instruções de Orígenes; e que então ingressou na grande Escola Catequética sob seus cuidados. Heraclas logo foi chamado para testemunhar o sacrifício de seu próprio irmão, [p.107] um companheiro-convertido e discípulo,

entre os primeiros mártires com os quais este seminário foi homenageado. Prosseguindo seus estudos, ele parece ter se tornado o favorito de seu mestre, já que ele foi finalmente escolhido como seu assistente, quando Orígenes descobriu que os deveres crescentes da escola eram numerosos demais para sua administração sozinho. Na fuga deste último de Alexandria, em 231 d.C., Heraclas o sucedeu na presidência; e cerca de um ano depois, com a morte de Demétrio, foi promovido ao bispado alexandrino, o segundo por dignidade e influência em toda a cristandade. Aqui ele continuou a governar as igrejas até sua morte, em 247 ou 248 d.C.; quando Dionísio, o Grande, outro discípulo e amigo de Orígenes, o sucedeu.

Heraclas parece ter uma disposição tranquila e filosófica. Ele tinha a reputação de grande erudição, particularmente na literatura secular, pela qual, talvez, nutria uma decidida parcialidade; pois em sua elevação ao bispado ele adotou, e sempre depois vestiu, o manto do filósofo como seu hábito distintivo. (1) Ele não deixou nenhum escrito.

Ambrósio (Ambrosius), o convertido, *patrono* e amigo familiar de Orígenes, dificilmente pode ser recusado, pelo mais cético, um lugar entre os crentes no universalismo. Foi a seu pedido, e com sua ajuda pecuniária, que Orígenes compôs várias das obras em que essa doutrina se encontra. Tão zeloso era ele para se aperfeiçoar em todo o sistema de seu mestre, que, durante alguns anos em que eles estavam quase constantemente juntos, ele mal teve um momento de lazer para escapar sem instruções adicionais sobre religião.

(1) Euseb. *Hist. Ecl.*, Ub. vi., cap. 3,

15, 20, 26, 31, 35. [p.108]

Suas refeições e suas caminhadas, suas horas matinais e noturnas, eram dedicadas às investigações das Escrituras e à solução de questões difíceis. Temos apenas que acrescentar que ele foi ordenado diácono na igreja de Alexandria; ele morreu antes de Orígenes. Diz-se que algumas de suas Cartas, existentes no tempo de Jerônimo, mas há muito perdidas, exceto um pequeno fragmento, evidenciaram uma genialidade considerável. (1)

Firmiliano, que, depois de completar seus estudos, presidiu com celebridade as igrejas da Capadócia, nutria tão calorosa afeição por seu antigo mestre e tão grande consideração por sua doutrina, que fez várias viagens à Palestina para desfrutar de sua sociedade e atender suas instruções. Por fim, ele convenceu Orígenes a visitar a Capadócia, por sua vez, e satisfazer o desejo comum das igrejas de lá, transmitindo-lhes aqueles tesouros de conhecimento religioso que ele próprio tanto admirava e que eles desejavam obter.

Cesárea, a metrópole da Capadócia, situava-se no declive norte, ao pé do Monte Argaeus; que, elevando-se ao sul acima das nuvens, contemplava toda a província e, de seu cume de neve perene, oferecia vistas indistintas, em direções opostas, das remotas águas do Euxino e do Mediterrâneo. Nesta grande cidade, de talvez quatrocentos mil habitantes, (2) Firmiliano foi escolhido bispo, não muito longe de 234 d.C., sobre as igrejas daquela região.

(1) Vidas da Caverna, etc., cap.

Orígenes, § 10; e Historia Literária, cap. Ambrósio. Também a *Bibliotheca Patrum* de Du Pin, art. Ambrósio e Trífon.
(2) *Geografia Antiga* de D'Anville e Cyclopedia de lices, art. Cesareia.
[p.109]

Ele logo se tornou eminente e consideravelmente conhecido em toda a cristandade, por sua extensa correspondência e pela parte ativa que teve nas preocupações gerais da igreja. Sobre a famosa questão, que começou a ser agitada por volta de 253 d.C., sobre a validade do batismo administrado por hereges, ele, como as igrejas da Ásia em geral, manteve a negativa; e na violenta "contenda que se alastrou naquele ponto, entre os dois bispos ocidentais, Estêvão de Roma e Cipriano de Cartago, ele se aliou a este último. Logo depois disso, no numeroso sínodo realizado em Antioquia, 264 d.C., contra Paulo unitário de Samósata, Firmiliano teria presidido e impedido sua condenação, sendo ou favorável ao seu sentimento, ou talvez enganado com as evasões praticadas pelo acusado. a um segundo Concílio, realizado ali sobre o mesmo assunto, e finalmente a um terceiro, ao ir para o qual morreu no caminho, na cidade de Tarso, em 269 ou 270 d.C. Ele não deixou nenhum escrito, exceto uma longa Carta, sobre o rebatismo dos hereges, dirigido a Cipriano. Nisto descobrimos que Firmiliano nutria a noção comum daquele período, que o batismo, administrado pela autoridade adequada, conferia a remissão dos pecados e o novo nascimento espiritual; que ele mantinha a fé

prevalecente a respeito dos misteriosos *truques dos demônios e sua interferência ordinária nas preocupações da vida;* e que o bom homem era capaz de sarcasmo e invectivas ruidosas, que ele derrama profusamente contra Estêvão de Roma. [p.110] O assunto, no entanto, não leva a nenhuma descoberta de seus sentimentos em relação ao castigo sem fim, ou à salvação universal. (1)

Os últimos, a quem menciono aqui, são os dois irmãos, Gregório Taumaturgo (2) e Atenodoro. Nascidos de uma família rica e nobre em Neocesarea, capital do Ponto, eles foram educados de maneira adequada ao seu nascimento e fortuna, e instruídos no paganismo, a religião comum do lugar. Quando Gregório T. tinha cerca de quatorze anos, seu pai morreu, e sua mãe, assumindo o cuidado de sua educação, os colocou sucessivamente sob diferentes mestres, com os quais estudaram retórica, a língua latina e as leis romanas. Por fim, sua irmã se mudou para a Palestina, cujo Governador havia nomeado seu marido como um de seus assessores ou conselheiros, os irmãos a acompanharam até Berytus na Fenícia, onde havia uma famosa escola para o estudo do direito. Isso aconteceu na época da fuga de Orígenes do Egito, em d.C. 231; e os jovens, ansiosos por ver e conversar com um homem de sua fama, foram visitá-lo em Cesaréia. Aqui eles foram finalmente persuadidos, por suas súplicas, a se aplicarem ao estudo da filosofia, a introdução, como ele a considerava, à ciência da religião; e quando eles fizeram progresso suficiente, ele os levou ao estudo das Escrituras, explicando-lhes, à medida que prosseguiam, as passagens obscuras e difíceis.

(1) *Firmiliani Epistola ad Cyprianum*, é o Epist. Lxxv. inter Cypriani Opera., edit. Baluzii. Para sua vida, veja Cave's Lives, etc., cap. Orígenes, § 16; e *Hist. Literária*, cap. Firmiliano. Consulte também Credibility de Lardner, etc., cap. Firmiliano.
(2) Seu nome originalmente era Teodoro.
[p.111]

Desta forma, ele os treinou para um conhecimento sistemático e um amor ardente pelo cristianismo, que eles, de fato, começaram a ver com bons olhos quando deixaram o Pontus. É digno de nota que na parte inicial de sua residência na Palestina, Firmilian foi seu colega de estudo, com o que eles se conheceram e as circunstâncias e eventos futuros de suas vidas devem te-los aproximado mais.

Tendo permanecido com Orígenes cerca de cinco anos, eles foram chamados de volta ao seu país natal. Na sua partida, Gregório T. pronunciou em público seu Panegírico sobre Orígenes, ainda existente, no qual ele esbanja os mais extravagantes elogios ao gênio e à doutrina de seu mestre, conta a história de seu encontro mútuo e lamenta, com longa declamação, a necessidade da separação. No retorno dos irmãos à Neocesarea, diz-se que os habitantes tinham uma expectativa tão grande de retorno dos talentos e aquisições de Gregório T., que mesmo sendo pagãos, desejavam que ele fosse o instrutor público de filosofia e ética. Ele logo recebeu, também, uma carta de Orígenes,

elogiando suas habilidades e instando-o a continuar seu estudo das escrituras recebidas e da religião cristã. Mas, não gostando dos cuidados da vida pública, ou por modestia, não acreditando em suas qualificações, não aceitou nem o pedido de seus cidadãos, nem o desejo evidente de seu antigo mestre, e removeu-se para algum retiro obscuro, a fim de levar uma vida solitária e contemplativa. Um certo bispo daquele país, porém, o perseguiu com incansáveis solicitações para se dedicar ao serviço público do cristianismo; [p.112] e superando por fim sua relutância, ordenou-o por volta de 240 d.C., ou 245. Neocesarea, um lugar do interior de tamanho considerável, (1) no rio Lycus, mal tinha sido visitado, até agora, pela luz do evangelho; mas, quando o popular Gregório T. entrou em seu ministério lá, as coisas assumiram um novo aspecto. Seu sucesso foi surpreendente. Uma grande congregação logo foi reunida; o número das conversões aumentaram rapidamente; e eventualmente uma imponente igreja, ou templo cristão, foi erguida; o primeiro do tipo do qual temos qualquer conta distinta em história eclesiástica. Na perseguição geral de A.D. 250, ele e seu povo fugiram para cavernas e desertos por segurança; mas quando a tempestade breve, mas violenta, acalmou, ele voltou com os irmãos que sobreviveram. Dez anos depois, uma irrupção de bárbaros do norte levaram desolação e angústia universal através do Pontus e outras províncias romanas; e os habitantes pagãos, embora sofredores em comum com os cristãos, parecem ter aproveitado a confusão que se seguiu, para satisfazer sua malícia. Muitos dos crentes tinham negado

sua fé para salvar seus vidas, e outros cometeram depredações em propriedades daqueles que fugiram, Gregório T. foi persuadido, pelo pedido de um bispo vizinho, a lhes dirigir um Epístola Canônica, ainda existente, consistindo de regras para regular a conduta e disciplina naqueles tempos sem lei.

(1) Ele agora leva o nome de Niksar, e fica em um vale luxuriante e encantador, através do qual, a oeste da cidade, corre o rio chamado Kelki Irmak, de sul para norte. Ao redor, mas a alguma distância, erguem-se as montanhas, cobertas de florestas do mais selvagem crescimento, e apresentando as vistas mais românticas e pitorescas. Fica a trinta milhas a nordeste de Tocat; e é colocado no mapa a cerca de oitenta milhas da costa do Mar Negro. (*Viagem de Morier pela Pérsia, Armênia e Ásia Menor*, pp. 332, 334, Filadélfia, 1816.) [p.113]

Em 264 d.C., ele e Athenodorus, que também era um influente bispo de algum lugar no Ponto, ajudaram no Concílio de Antioquia contra Paulo de Samósata. Tendo retornado à Neocesarea, Gregório T. logo depois morreu em paz, com a satisfação de deixar poucos pagãos na cidade, onde, no início de seu ministério, o cristianismo mal tinha um defensor. (1) Ele foi contado entre os bispos mais eminentes da época; mas sua reputação, infelizmente, aumentou e tornou-se monstruosa após sua morte, quando

os milagres mais ridículos e incríveis foram atribuídos a ele, de modo que seu nome ficou para a posteridade com a significativa denominação de *Taumaturgo*, ou Milagreiro (Γρηγόριος ὁ Θαυματουργός) (*nt). Além de seu panegírico sobre Orígenes e sua epístola canônica, temos sua breve paráfrase sobre Eclesiastes; (2) mas nenhum deles sendo de caráter doutrinário, eles não esclarecem seus pontos de vista sobre a extensão final da salvação, ou a natureza e o resultado da punição futura. Um escritor antigo, (3) no entanto, sugere, se não me engano, que Gregório Taumaturgo era bem conhecido por ter sustentado, com seu mestre, a doutrina da Restauração Universal.

(*nt) Milagreiro : significado de Taumaturgo (θαῦμα "maravilha" e ἔργον "trabalho, obra")

(1) No relato de Gregórios Taumaturgus e Athenodorus, geralmente segui Lardner, que dá pouco crédito ao conto lendário de Gregório Nisseno. Du Pin, também, parece tê-lo descartado. Mas Cave e alguns outros adotam o todo, milagres e tudo, com credulidade veterana.
(2) Alguns atribuem a ele o libreto curto Ávido (Greedy) relacionado exclusivamente à Trindade, que Gregório Nisseno diz ter sido trazida a ele do céu por São João e a Virgem Maria. É provável, no entanto, que Gregório

Taumaturgo nunca o tenha visto. (Ver *Credibilidade* de Lardner, etc., cap. Gregorios Thaumat.) A *Brevis Expositio Fidei*, que Cave, em suas *Vidas dos Pais*, atribuiu a Gregório, é permitida, em sua *Hist. Literaria*, ser suposicionário; em que ele concorda com Du Pin, Fabricius, Tillemont e Lardner.
(3) Rufino (*Invect. in Hieronym*.. lib. 1., prope finem, inter Hieronymi. Opp., tom. iv., parte i., p. 406, edit. Martianay) alude ao fato, como notório, que Gregório Taumaturgo errou com Orígenes; e é do Universalismo que ele está falando. [p.114]

Com ele termina nosso seleto catálogo de seguidores contemporâneos de Orígenes. Pode servir, pelo menos, para apontar algumas das circunstâncias que, juntamente com a difusão geral de seus escritos, tenderam a espalhar amplamente seus sentimentos pelo Oriente. Que outras causas particulares operaram para difundir o Universalismo entre os ortodoxos deste período, é em vão perguntar; mas não temos motivos para acreditar que ele se limitou exclusivamente a seus adeptos.

Quanto aos diferentes corpos de hereges, é provável que entre os gnósticos a doutrina tenha permanecido no mesmo estado de outrora; e entre os de outros tipos, pode ter encontrado alguns crentes e defensores. (1)

Voltando nossos olhos, por um momento, das igrejas gregas, para um exame apressado do Ocidente ou do latim, pode-se observar que aqui a influência de Orígenes, bem

como de outros Pais gregos, foi parcial e fraca, por causa da diferença de língua, que impedia a intimidade.

(1) O autor do livro anônimo chamado *Praedestinatus*, atribuído por alguns a Prismasius, um bispo africano do século VI, mas considerado por outros de data e origem incertas, diz que "Ampullianus, herege da Bitínia, declarou o seguinte erro: que todos os culpados, juntamente com o diabo e os demônios, serão completamente purificados na Geena, ou inferno, e saíssem dali totalmente imaculados; e quando ele levantou toda a igreja contra si, por causa disso, ele corrompeu o obras de Orígenes, especialmente os livros *Dos Princípios*, para que ele pudesse sancionar seus próprios sentimentos por sua autoridade". (*Praedestinat.*, lib. 1., Haeres. 43, inter Simondi Opera, tom. i.) "Quando este Ampullianus viveu, ele não nos informa; nem seu nome é mencionado por qualquer outro escritor antigo. Mas embora o relato de ele ter inserido o alegado erro nas obras de Orígenes é comprovadamente falso e universalmente desconsiderado, ainda pode haver uma questão se não houve um herege com esse nome na Bitínia, em algum momento deste século, que manteve a doutrina da Restauração Universal. Em qualquer período posterior, ele não

poderia ter escapado à atenção de outros escritores, cujas obras ainda existem; e, de fato, parece difícil explicar seu profundo silêncio, seja de que forma for, a não ser negar toda a história. [p.115]

Havia, também, uma peculiaridade nos costumes, maneiras e pensamento geral, que distinguia os cristãos do Ocidente. Não percebemos certos (1) traços de universalismo entre eles neste período. De fato, os materiais para determinar, com precisão, seus sentimentos sobre vários pontos, são bastante escassos. Embora tivessem vários bispos e escritores de renome temporário, havia apenas um que ainda ocupa algum lugar de destaque na história eclesiástica. Este foi o eloquente, ativo e resoluto Cipriano, que presidiu o bispado de Cartago, de cerca de 249 d.C., até seu martírio no ano de 258. Anteriormente um professor pagão de retórica, ele se tornou, em sua conversão, um dos mais zelosos defensores da causa cristã (249 a 258 d.C.), vendeu sua grande propriedade para suprir-se com os meios de caridade, e dedicou todo o seu tempo e todas as suas forças ao serviço em que se empenhou tão tarde na vida.

(1) Novatus, ou como é frequentemente chamado, Novaciano, um eminente presbítero de Roma, que contestou o bispado da igreja com Cornélio, avançou algo como o universalismo. Ele exaltou no mais alto, embora em termos gerais,

a bondade ilimitada de Deus (De Regula Fidei, cap. ii., prope finem, edit. Jackson, Lond., 1728, pp. 23-25); e sustentou que a ira, a indignação e o ódio do Senhor, assim chamado, não são paixões nele que levam o mesmo nome no homem; mas que são operações na mente divina que se dirigem unicamente à nossa purificação (De Regula Fidei, cap. iv.). Em suma, ele afirmou os princípios peculiares do Universalismo; mas se ele os perseguiu para o resultado necessário, não aparece. Novatus floresceu de 250 d.C. em diante, por vários anos. Depois de sua disputa para o bispado, na qual foi eleito uma vez, foi condenado por seu rival mais afortunado e excomungado por se recusar obstinadamente a admitir à comunhão os membros que antes haviam caído de sua pureza ou firmeza, por mais penitentes que pudessem se tornar. . Um partido considerável se uniu a ele, que manteve sua opinião e prática sobre este ponto até o século VII, e que foi, portanto, ocasionalmente tratado como herético, e outras vezes apenas como cismático. [p.116]

Como prelado, Cipriano sempre será visto por seus talentos empreendedores e de comando; e como escritor, ele demonstra uma habilidade considerável, embora não tenha um conhecimento extraordinário. Seu estudo, porém,

não era doutrina, mas disciplina, *a arte de governar suas igrejas* e, particularmente, a gestão dos assuntos eclesiásticos *em tempos de grande perplexidade e perigo*. Para esta difícil tarefa, ele foi qualificado por um gênio de recursos prontos, uma decisão ousada e uma veemência que se aproximava do entusiasmo, que muitas vezes o levava à execução de seus projetos com surpreendente rapidez, embora à custa de disputa perpétua. Podemos lamentar, em vez de admirar, que ele tivesse as falhas naturais de tal caráter – ambição e uma forte propensão ao dominador; e que sua conduta parece às vezes ditada por vontade própria e paixão. *Embora ele se opusesse severamente à arrogância do bispo romano, ele próprio acalentava noções extravagantes de autoridade episcopal e incautamente promovia aquela tirania eclesiástica que, por fim, escravizava o mundo cristão.* Mas uma falha pior do que todas essas, pelo menos em princípio moral, além de suas consequências gerais, foi sua afirmação de *visões e revelações diretas de Deus, como sua autoridade e justificação*, sempre que ele usurpou os direitos dos outros, ou recorreu a medidas impopulares.

Como ele parece ter tido pouco conhecimento dos pais gregos, exceto Firmiliano, e talvez nenhum de Orígenes, suas opiniões sobre o estado futuro podem ser consideradas, em algum grau, um espécime daqueles que prevaleceram no Ocidente. [p.117] Ele acreditava num purgatório temporário e suave para os santos menos merecedores; (1) mas para os incrédulos impenitentes um castigo sem fim. (2) E é muito evidente que ele cedeu, às vezes, ao espírito de uma doutrina tão congenial com o

temperamento quente africano: "Oh, que dia glorioso", diz ele, "virá, quando o Senhor começar a recontar seu povo e julgar suas recompensas, *enviar os culpados ao inferno*, condenar nossos perseguidores ao *fogo perpétuo* das chamas penais e conceder-nos a recompensa da fé e devoção a ele! Que glŕoria e que alegria ser admitido a ver Deus, ser honrado, participar da alegria da luz eterna e da salvação com Cristo, o Senhor vosso Deus; saudar Abraão, Isaque e Jacó, e todos os patriarcas e profetas, apóstolos e mártires, regozijar-se com o justos, os amigos de Deus, nos prazeres da imortalidade! Quando essa revelação vier, quando a beleza de Deus brilhar sobre nós, seremos tão felizes quanto os desertores e os rebeldes serão miseráveis no fogo inextinguível". (3)]

(1) Cipriano *Epist. ad Antonianura*, Lii., p. 72, edição. Baluzii, Paris, 1726,
(2) Cypriani, lib. *contra Demetrian*, pág. 224. E Epist. ad Clerum, pág. 13, e passim.
(3) Cipriano Epist. *ad Thibaritanos*, Ivi. fine, pp. 93, 94. Milner, o historiador ortodoxo, cuja tradução aqui adotei, digamos seriamente, ao citar esta passagem, que "A palma da mente celestial pertencia a esses santos perseguidos; e desejo, com todas as nossas melhorias teológicas, que possamos obter uma medida desse zelo, em meio às várias coisas boas desta vida que, como cristãos, atualmente

desfrutamos." (Church Hist., Cent, iii., cap. 12.) Uma coleção geral dessas exultações celestiais sobre os tormentos antecipados dos condenados teria satisfeito nosso visionário de que as eras posteriores podem ostentar exemplos genuínos do zelo de Tertuliano e Cipriano. vingança para inspirar a alegria dos antigos na condenação de seus perseguidores, ele deve ter atribuído a palma aos modernos mais desinteressados; que, sem a ajuda da provocação, satisfazem muito mais difícil esperar as agonias, não de seus opressores. , mas de seus apoiadores, seus benfeitores mais gentis e de suas próprias famílias. [p.118]

Cipriano frequentemente imita Tertuliano, e às vezes toma emprestado dele; e, diz-se, ele era tão parcial para aquele austero e sombrio entusiasta, que diariamente lia suas obras, habitualmente gritando, enquanto se sentava, *Dê-me meu mestre*. Sua expectativa confiante do fim imediato do mundo e a proximidade do julgamento geral conspiraram, com seu temperamento naturalmente caloroso, para nutrir um alto grau de fervor devocional; e de todos os primeiros pais não havia nenhum cuja forma geral de expressão se aproximasse tanto da dos mais entusiastas ou fanáticos dos ortodoxos modernos. No entanto, suas opiniões não são de forma alguma redutíveis a qualquer credo aprovado no momento. Ele era um trinitário, mas ignorante da predestinação e da graça

irresistível; ele sustentava que a remissão dos pecados e a regeneração espiritual eram comunicadas pelo ministro ao candidato no rito do batismo nas águas; que os verdadeiros convertidos possam depois cair totalmente da graça; que as boas obras, especialmente orações, lágrimas, jejuns e penitências, satisfaçam a Deus pelos nossos pecados; e que o matrimônio é apenas uma espécie de prostituição tolerada.

Nesses detalhes, no entanto, ele teve o acordo de uma grande parte de seus contemporâneos em todo o Oriente, bem como no Ocidente. O cristianismo já havia assumido muitas das características peculiares que agora apresenta na religião romana. (250 a 270 d.C.) A salvação, era dito, só poderia ser assegurada dentro dos limites da igreja ortodoxa; e todos os hereges, os excomungados e os dissidentes estavam expostos, igualmente com os pagãos, aos tormentos do inferno. [p.119] Essas seitas separadas, por sua vez, porém, usurparam, por vezes, a mesma prerrogativa terrível, e retrucavam aos católicos suas próprias admoestações favoritas. À frente da verdadeira igreja, o corpo clerical, e particularmente o dos bispos, possuía, quando unido, uma influência incontrolável e poderosa mesmo quando dividida por suas freqüentes discórdias. Alguns dos prelados começaram a afetar o esplendor e a magnificência da nobreza secular, embora a espada da perseguição pairasse sobre suas cabeças e muitas vezes caísse sobre eles em extermínio implacável. As cerimônias e ordenanças eclesiásticas, às quais geralmente se atribuía uma eficácia espiritual extravagante, estavam perdendo sua simplicidade primitiva e se tornando pompa

e desfile tedioso. Nem foi a moralidade do evangelho menos pervertida; embora o monaquismo absoluto não tivesse sido introduzido na igreja, ainda assim os atos de mortificação e penitência eram considerados superiores à virtude comum, e uma vida de rígida abstinência como a instituição favorita do céu. Mas, como era de se esperar, os costumes da época aproximavam-se, ao mesmo tempo, dos dois extremos da austeridade e da licenciosidade; alguns que professavam a abstinência do celibato até se entregavam, para grande escândalo da melhor espécie, à posse de concubinas dentre aquelas que haviam jurado castidade perpétua.

Em meio a essa cena de corrupção crescente, um zelo ciumento foi acalentado contra todo suposto erro; e a igreja exibiu o espetáculo impressionante, embora não incomum, de "ira santa" pela solidez da fé, em proporção à degeneração comum. Enquanto as perseguições destrutivas dos pagãos, impelidas neste momento com violência sem precedentes, encharcavam a terra com sangue cristão, [p.120] os crentes, tanto no Oriente como no Ocidente, pareciam dedicar os intervalos de repouso a uma louca procura pela não conformidade na doutrina e na disciplina, que eles caçam em todos os cantos e condenam com pouca discriminação. No Ocidente, Novatus e seus seguidores foram excomungados por sua conduta facciosa e por sua obstinada exclusão dos caidos; e Cipriano e o bispo de Roma estavam envolvidos em uma discussão sobre o rebatismo dos hereges. No Oriente, Noetus e Sabélio, por um lado, e Paulo de Samósata, por outro, foram acusados e condenados por desvios opostos do padrão indefinível e

vacilante do Trinitarianismo. Entre o Oriente e o Ocidente manteve-se uma controvérsia sobre os dias apropriados para o jejum e o tempo para a celebração da festa pascal. Em uma palavra, tão universal era a *paixão pela censura* que dificilmente um indivíduo de eminência escapava à reprovação de um lado ou de outro. Esta circunstância servirá para nos introduzir no assunto do próximo capítulo; que, voltando de nossa excursão entre os contemporâneos de Orígenes, retoma a história de sua doutrina desde o momento de sua morte. [p.121]

APÊNDICE AO CAPÍTULO V

Mas, a fim de evitar uma interrupção intempestiva nessa narrativa, devemos adiar a história da doutrina de Orígenes até que tenhamos notado um novo tipo de cristãos gnósticos. A seita dos *maniqueus* começou a aparecer, no Oriente, por volta dessa época; e embora pequeno no início, tornou-se, eventualmente, o mais famoso de todos os partidos de hereges orientais que já surgiram. Ao atrair gradualmente para si os corpos mais antigos dos gnósticos, ela cresceu, finalmente, a uma magnitude formidável: o número de seus convertidos e os talentos de alguns de seus membros deram-lhe uma respeitabilidade alarmante; e, tão amplamente foram seus sentimentos, sob várias modificações, difundidos por toda a cristandade, que sua influência perturbou a igreja por muitos séculos sucessivos, e alcançou até a era remota da Reforma.

O autor desta heresia foi um certo Mani, um filósofo persa, que parece ter combinado uma imaginação ousada e

um gênio muito fértil com a vida e os costumes mais austeros. Embora educado nas escolas dos Magos, e completamente instruído na religião e nos estudos de seu país, ele abandonou a antiga fé estabelecida de Zoroastro e abraçou o cristianismo. Como muitos outros filósofos convertidos, ele tentou uma acomodação entre o evangelho e sua antiga teologia. [p.122] A sua história está profundamente envolvida em contradições e misturada com fábulas; mas se podemos adotar o relato mais provável, ele foi, em sua conversão, ordenado presbítero (cerca de 265 d.C.) na cidade de Ahwaz, cerca de setenta milhas ao norte da foz do Eufrates. Como seu sistema geral de doutrina era muito manifestamente inconsistente com o teor das Escrituras, bem como repugnante à fé dos poucos cristãos já em seu país, ele se anunciou apóstolo de Jesus Cristo, inspirado pelo céu para completar a revelação imperfeita de seu Mestre, declarando as verdades restantes que ele não havia divulgado, e cumprindo sua antiga promessa de um Consolador. Se isso foi uma declaração de fanatismo sincero, ou a pretensão ímpia de projetar impostura, não pode ser absolutamente determinado.

Mudando-se, depois, para as capitais de Ctesifonte e Ecbátana, converteu à sua religião o rei persa, o renomado Sapor, e obteve, talvez, o lugar de tutor do jovem príncipe Hormizdas. Encorajado pelo patrocínio régio, e cada vez mais zeloso com o número crescente de seus seguidores, promoveu um ataque público à antiga religião do reino, para substituir pela sua. O antigo e numeroso *sacerdócio* de Zoroastro ficou alarmado com esta ousada inovação dentro da própria corte; os magos, aglomerando-se em

torno do monarca, logo conseguiram afastá-lo do apóstata e despertá-lo para vingar a fé violada de seu povo. Mani percebeu a mudança; e com o mais fiel de seus discípulos fugiu do golpe iminente, para a Mesopotâmia. [p.123] Mas com a morte de Sapor, em 273 d.C., ele retornou à corte persa, sob o favor do novo rei, seu ex-aluno, e passou a residir em uma torre forte, construída para sua segurança contra seus numerosos e enfurecidos inimigos. Enquanto isso, seus discípulos ensinaram sua doutrina, com sucesso, em várias partes do país e, talvez, a levaram para o leste, até a Índia. A perspectiva lisonjeira de segurança e patrocínio, no entanto, foi subitamente destruída. O fiel Hormizdas morreu no segundo ano de seu reinado; e seu filho, Yaranes, ao subir ao trono, logo cedeu às súplicas ou advertências dos magos. Tendo, por um pretexto ilusório, seduzido a vítima destinada de sua fortaleza, ele o prendeu e o matou, por volta de 277 d.C. Assim caiu Mani, provavelmente na meia-idade; mas o sangue do mártir apenas acelerou o crescimento de sua causa. (1)

Cristãos Maniqueus (ou Maniqueistas)

Como alguns outros gnósticos, os maniqueus sustentavam *dois Princípios Originais e Auto-existentes*, as causas primárias de todas as coisas. Das profundezas da eternidade passada, o universo existia em duas regiões separadas e adversárias: o puro e feliz mundo da Luz, por um lado; e do outro, o mundo das Trevas, onde tudo era corrupção, turbulência e miséria. Sobre o reino da Luz, que era muito maior que o outro, reinava o verdadeiro Deus, auto-existente, onisciente, onipotente, completamente

abençoado e, portanto, perfeitamente bom. Inumeráveis anjos, emanando dele, encheram seu domínio tranquilo e participaram de seu prazer ininterrupto.

(1) Mosheim (De Rebus Christian., etc., pp. 737-470) manifestou seu costumeiro bom senso ao reunir das confusas histórias da antiguidade uma provável narrativa da Vida de Mani. [p.124]

No centro profundo do mundo oposto das trevas primitivas estava a morada de Hyle, ou Satã, o repugnante príncipe do mal, sem começo, mas estúpido e fraco, embora incessantemente envolvido em artimanhas maliciosas; e os incontáveis demônios que ele havia produzido invadiram seu reino hediondo e turbulento, travando uma guerra mútua e, como seu rei, profundamente ignorantes sobre a *existência* do mundo da luz.

No eterno lapso das eras, porém, ocorreu finalmente um acidente, pelo qual ocorreu uma mistura parcial entre as duas substâncias originais, até então distintas. Em uma das brigas intestinais que continuamente assolavam o reino de Hyle, um grupo de demônios vencidos fugiu para os próprios confins daquele mundo, e de suas fronteiras montanhosas tiveram sua primeira visão do reino de luz vizinho. Impressionados com admiração por seu esplendor e beleza, eles pararam; seus perseguidores chegaram; e todos, esquecendo sua hostilidade mútua, consultaram como obter posse do mundo glorioso diante deles. Uma expedição foi imediatamente empreendida; mas a Deidade

que tudo vê, vendo sua aproximação, despachou um corpo de poderes celestiais sob o comando de um líder designado. No conflito que se seguiu, as forças das trevas foram inicialmente parcialmente vitoriosas; e, embora eventualmente repelidos, eles conseguiram levar em cativeiro uma quantidade suficiente de luz e inteligência divina, para dar-lhes novas capacidades e produzir uma mudança manifesta em seu mundo. Temendo, porém, que a Deidade liberasse e retirasse aquela porção de luz agora em seu reino, eles queriam retê-la. [p.125] Para isso eles fizeram, de matéria maligna, um corpo humano, como o do falecido líder das forças celestes, cuja forma eles lembravam, deram a este corpo uma alma meramente animal, como a sua, e então atraiu para ele a substância cativa da luz, que se tornou uma alma racional aliada ao céu. Assim completamente constituída, a criatura foi chamada Adão, o primeiro da raça humana. Depois, Eva foi criada de maneira semelhante e com a mesma diversidade de almas; e é dessa diversidade que surge o conflito perpétuo entre as naturezas sensual e celestial do homem.

A Divindade, no entanto, não renunciou ao seu desígnio de recuperar a substância celestial do mundo das trevas. A fim de fornecer uma morada adequada para o homem, para que sua alma pudesse rejeitar as suaves tentações do corpo e retornar à sua mansão natal, ele criou nosso mundo, a meio caminho entre as esferas primevas de luz e escuridão, fora de matéria fornecida de ambas as regiões. O sol ele fez de puro fogo, e a lua, de água não contaminada; as estrelas e a atmosfera, de uma substância um tanto tingida

de mal; e nossa terra, de uma matéria quase totalmente depravada. Aqui estava a habitação designada de Adão, que, possuindo uma grande parte da natureza celestial, perseverou por algum tempo em retidão. Mas, aumentando a influência de sua constituição corrupta, ele cedeu, por fim, às lisonjas de Eva, e assim transgrediu a lei divina. As almas superiores e racionais do primeiro par foram instantaneamente ofuscadas e obscurecidas pela escuridão, e suas afeições escravizadas pelo corpo; [p.126] suas más propensões ganharam total ascendência, e toda a sua posteridade, nascida na mesma condição decaída, é livre, por natureza, para fazer apenas o mal; ou melhor, perderam o conhecimento de como empregar sua vontade efetivamente para o que é bom. (1)

A fim de promover o conforto do homem enquanto na terra, mas principalmente para ajudar na obra de sua restauração, a Divindade, após a criação deste mundo, produziu de seu próprio ser duas existências peculiares, chamadas Cristo e o Espírito Santo, que, consigo mesmo, constituem uma trindade. Cristo, o brilho da luz eterna, mantém seu trono na esfera resplandecente do sol e estende sua influência à lua; o Espírito Santo reside em nossa atmosfera, suavizando sua aspereza, acariciando o princípio universal de vivificação e operando na mente dos homens.

(1) Depois de uma longa discussão de suas noções sobre o livre-arbítrio, Beausobre chega às seguintes conclusões: "1. Os maniqueus permitiram que a alma fosse livre em sua origem e

durante seu estado de inocência. 2. Depois de sua queda, não perdeu absolutamente esse poder, mas perdeu o uso, porque ignorava sua natureza, sua origem e seus verdadeiros interesses; e porque a concupiscência, que tinha seu assento na carne, leva-o por uma força invencível para fazer, ou permitir, o que condena. 3. O evangelho de Jesus Cristo liberta a alma dessa servidão e lhe dá poder suficiente para subjugar o pecado e obedecer a lei de Deus, contanto que faça uso das ajudas nela concedidas". Depois acrescenta: "Finalmente, admito que os antigos Pais em geral diziam que os maniqueus negavam o livre-arbítrio. A razão é que os Pais acreditavam e sustentavam, contra os marcionitas e maniqueus, que qualquer que seja o estado em que o homem esteja, ele tem o comando sobre suas próprias ações e tem igualmente poder para fazer o bem e o mal. O próprio Agostinho raciocinou sobre este princípio, assim como outros católicos, seus antecessores, desde que tenha a ver com os maniqueus. Mas quando ele veio para disputar com os pelagianos, ele mudou seu sistema. Então ele negou aquela liberdade que antes defendia e, até onde posso julgar, seu sentimento já não diferia do dos maniqueus quanto à servidão da vontade. Ele, no entanto, atribuiu essa servidão à corrupção que

o pecado original trouxe à nossa natureza; ao passo que eles atribuíram a uma má qualidade eternamente inerente à matéria." Hist, de Manichee, tomo ii., pp. 447, 448. Essas conclusões são adotadas por Lardner, Credibility of the Gospel Hist., parte ii., cap. Lxiii., seção iv. 13. [p.127]

Maniqueistas... (continuação)

Quando, por muitas eras, Deus tentou, com pouco sucesso, recuperar a humanidade através do ministério de anjos e santos inspirados, ele finalmente enviou Cristo, de sua morada no sol, para visitar nosso mundo, não como um sofredor vicário, mas como um Mestre infalível. Assumindo apenas a *aparência visível* de um corpo humano, o Salvador entrou em sua missão, instruindo nossa raça caída como abandonar o serviço do príncipe das trevas, abraçar o do verdadeiro Deus e sujeitar o corpo ao governo da alma por uma vida de virtude rígida e extrema austeridade. Ele apenas introduziu, sem aperfeiçoar, o sistema do cristianismo, de modo que seus primeiros apóstolos conheceram apenas em parte, e profetizaram apenas em parte; mas, perto do fim de seu ministério, e pouco antes de sua aparente apreensão e sofrimento, ele prometeu a seus discípulos enviar um Consolador, que os conduziria a toda a verdade. Assim, no devido tempo, apareceu Mani, o Consolador; e não apenas completou a revelação de seu Mestre, mas também restaurou aquela doutrina que Cristo já havia ensinado, à sua simplicidade original, expondo as muitas corrupções introduzidas por

seus seguidores.

Aquelas almas que aqui obedecem às instruções de Cristo ascendem, com a morte do corpo vil, à sua esfera nativa; mas aqueles que negligenciam são então enviados para outros corpos de homens, animais ou plantas, para repetir seu curso mortal de disciplina, até que estejam preparados: para o céu. Aqueles, no entanto, que lutam contra a verdade e perseguem seus adeptos são primeiro levados aos domínios do príncipe das trevas, para serem atormentados por algum tempo em chamas, antes de transmigrarem novamente sobre a terra. [p.128]

Por fim, na plenitude dos tempos, quando todas as almas, ou quase todas, tiverem sido recuperadas, e as partículas cativas de luz reconquistadas ao reino da Divindade, todo este mundo será destruído pelo fogo. Alguns dos maniqueus, talvez, sustentaram a restauração de todas as almas; (1) mas nenhum deles, a salvação de Hyle e seus demônios. Estes eram poderes independentes, sobre os quais, enquanto permanecessem em sua própria esfera, o verdadeiro Deus não reivindicava jurisdição. Após o fim de nosso mundo, eles devem ser para sempre restritos ao seu império original de trevas, não abençoados com a menor mistura da boa substância; e se alguma alma humana for totalmente irrecuperável, ela será colocada, como guarda, nas fronteiras desse reino, para manter as hostes malignas dentro de seus domínios legítimos.

Como outros gnósticos, os maniqueus negavam a ressurreição do corpo. Temos apenas que acrescentar que eles rejeitaram o Antigo Testamento, acreditavam que muitas partes do Novo, especialmente dos quatro

Evangelhos, foram interpoladas, seja por homens ignorantes ou planejadores; e que eles receberam os escritos de Mani como de autoridade canônica. (2)

Para nós, seu esquema de doutrina parece quase monstruoso demais para ser concebido; mas para aqueles criados na filosofia oriental era um sistema engenhoso, cujos princípios fundamentais estavam de acordo com todos os seus preconceitos e hábitos de pensamento.

(1) Beausobre, *Hist. de Manichee*, tomo, ii., pp. 569-575. E *Credibilidade* de Lardner, etc., cap. Mani e seus seguidores, seita. 4. 18.
(2) As fontes de onde extraí este breve relato do maniqueísmo são Moshemii *De Rebus Christianorum*, etc., pp. 728-903; a grande obra de Beausobre, *Histoire de Manichee et du Manicheisme*; e *Credibilidade do Evangelho Hist.* de Lardner, parte ii., cap. Lxiii. De Beausobre, no entanto, fiz pouco uso, exceto o que talvez tenha derivado das observações, extratos e referências de Lardner. [p.129]

Nem foi tão chocante para os gregos mais simplórios; e as vantagens que deveria oferecer, ao explicar a introdução do mal sem implicar a pureza e a bondade de Deus, contrabalançavam pesadas objeções, na opinião de muitos. Quando se espalhou por algum tempo na Pérsia e em outros países orientais, começou a aparecer entre os cristãos na parte oriental do império romano,

provavelmente já em 280 d.C.; mas aqui seu progresso foi, a princípio, indubitavelmente lento, pois os Pais ortodoxos não parecem ter notado isso até trinta ou quarenta anos depois. [p.130]

CAPÍTULO VI.

DE 254 d.C. A 390 d.C.

Ao longo do período de quase um século e meio, a ser examinado neste capítulo, não há uma insinuação encontrada de que o Universalismo de Orígenes tenha ofendido a igreja, não obstante seus escritos, enquanto isso, sofreram o mais severo escrutínio, e foram freqüentemente atacados em outros pontos. Para dar uma visão completa do estado dessa doutrina nesta época, devemos tentar uma narração intrincada e muitas vezes digressiva, expondo não apenas as opiniões de todos os principais Pais sobre a punição futura, mas também todas as queixas e controvérsias que surgiram sobre os sentimentos de Orígenes. (1) À medida que prosseguirmos, descobriremos o que é um fato muito importante, que mesmo os poucos que trataram seu nome com indignidade e censuraram amargamente várias partes de sua doutrina, passaram uniformemente em silêncio sobre o princípio proeminente da Salvação Universal.

(1) *Huetii Origeniana (inter Origenis Opera)*, particularmente lib. ii., cap.

4, direciona a quase todos os materiais para uma história da doutrina de Orígenes. Por sua doutrina, queremos dizer, é claro, não seu Universalismo em particular, mas seu sistema religioso geral, ou melhor, todo o corpo de seus princípios peculiares. Quem leu a obra de Huet dificilmente será recompensado por ler o tratado menor e menos crítico, "*Histoire de l'Origenisme, par le P. Louis Doucin*", publicado em Paris, 1700, em um volume, pequeno 12mo, de 388 Páginas ; mas mesmo isso contém muito mais informações do que a Carta de Resolução do Bispo Rust sobre Orígenes e o Chefe de suas Opiniões, que podem ser encontradas no primeiro volume de The Phenix, um trabalho variado iniciado em Londres em 1707. Vi os seguintes títulos , mas não as obras: "Joh. Hen. Horbii *Historia Origeniana*. *sive de ultima origine et progressu Haereseos Origenis Adamantii*." Franco, 1670; e "Ilustração de Berrow e defesa das Opiniões de Orígenes", 4to. [p.131]

Foi apenas alguns anos após sua morte que alguns de seus pontos de vista parecem ter sido, pela primeira vez, publicamente impugnados; embora, neste caso, sem mencionar seu nome. Orígenes havia combatido, mesmo em suas primeiras publicações, a noção predominante do reinado pessoal de Cristo na terra por mil anos; e seus

sucessivos ataques, que ele continuou a insistir contra esse ponto com mais do que seu espírito habitual, acabaram por desacreditá-lo, para grande insatisfação dos poucos que ainda aderiam a ele. Por volta do ano 260, como se supõe, Nepos, bispo de algum lugar no Egito (257 a 263 d.C.), publicou em sua defesa, uma *Confutação dos Alegoristas*: um título que visava, sem dúvida, *contra Orígenes* e seus seguidores. Este livro, agora perdido, foi bem recebido em algumas partes do Egito, particularmente no distrito de Arsinoe, ao sul do lago Moeris; onde a doutrina do Milênio começou a reviver e, no decorrer de alguns anos, envolveu várias igrejas em cisma. Mas Dionísio, o Grande, ex-estudioso de Orígenes, e agora bispo de Alexandria, atuando no distrito infectado por volta de 262 d.C., conseguiu trazer todos os seus defensores para suas próprias opiniões. (1)

(1) *Vidas dos Pais* por Cave, cap. Dionísio, § 15. E Mosheim, De Rebus Christian., etc., pp. 720-728.

280-290 d.C.

Acreditar-se-á prontamente que uma perturbação tão obscura e momentânea não poderia afetar o renome de Orígenes. [p.132] Assim, descobrimos que, vinte ou trinta anos depois, chamar um autor por seu nome era geralmente considerado uma honra peculiar; e parece que ele foi imitado por alguns escritores egípcios, particularmente pelo erudito Pierius, um presbítero de Alexandria, e por Teognostus, presidente da Escola Catequética naquela

cidade, - as obras de ambos pereceram. (1) Mas, embora sua memória tenha sido mantida em veneração geral, parece, no entanto, que a divisão, originalmente ocasionada por Demétrio, ainda continuou, em algum grau, entre as igrejas egípcias. (2)

(1) Veja os relatos de Pierius e Theognostus, em Du Pin, Lardner, etc.
(2) Petrus Alexandrinus, apud Justiniani Epist. ad Menam, citado por Du Pin.

290-300 d.C.

E na Ásia, um ataque público, mais direto e hostil do que o de Nepos, foi, nessa época, feito sobre vários pontos de sua doutrina. Metódio, primeiro bispo do Olimpo na Lícia, e depois de Tiro, tornou-se, por alguma causa desconhecida, amargamente preconceituoso contra sua memória, e procurou todos os meios para torná-la odiosa. Publicou, declaradamente contra ele, um tratado Sobre a Ressurreição, outro Sobre a Pitonisa, ou Bruxa de Endor, (1Sam 28:7) e um terceiro sobre Coisas Criadas; em todos os quais, bem como em algumas outras peças, ele investiu contra suas opiniões e às vezes tratou seu nome com insultos irados. Na primeira, ele dirigiu seus ataques contra as noções de Orígenes que podem ser compreendidas sob os seguintes títulos, a saber, 1. Que a humanidade ressuscitará dos mortos com *corpos aéreos*, em vez de carnais; 2. Que nas eras da eternidade os *santos se tornarão anjos*; 3. Que as almas humanas existiram e pecaram em *um estado anterior de ser*; [p.133] 4. Que

Adão e Eva eram, antes de sua transgressão, *espíritos incorpóreos*; e 5. Que o *jardim do Éden*, assim chamado, *era uma morada no céu*, pertencente ao *estado pré-existente*. Diz-se que a segunda obra, agora perdida, foi uma crítica a algumas das noções de Orígenes sobre a Bruxa de Endor e a aparição de Samuel; e a terceira, da qual resta apenas um fragmento, foi uma refutação de uma opinião, atribuída, talvez falsamente, a ele, de que o mundo não teve começo, assim como de outra, que em certo sentido ele sem dúvida adiantou, de que o mundo existia muito antes dos seis dias da criação mencionados em Gênesis. Com esses sete ou oito detalhes, há alguns pontos mais triviais que Metódio selecionou como detestáveis; *mas em toda a sua busca de erros, o Universalismo escapou sem censura*. (1) Após esses ataques, ao que parece, ele se tornou mais favorável ao objeto de sua inimizade tardia; e finalmente juntou-se à admiração geral de seus talentos e virtudes. (2) Ele não era um escritor de grande celebridade.

(1) B*iblioth de Du Pin. Pat*., cap. Metódio e *Credibilidade* de Lardner, etc., cap. Metódio. E *Epiphanii Panarium., Haeres. Lxiv.*, onde a maior parte de Metódio sobre a Ressurreição é preservada. Também Photii Bibliotheca, Cod. 234, 235. Alguns disseram que o tratado de Metódio sobre o Livre-arbítrio era contra Orígenes; mas foi contra os valentinianos.

Lardner pensa que Metódio foi feito

bispo por volta de 290 d.C. e martirizado no ano 311 ou 312 Suspeita-se que seu tratamento malicioso de Orígenes foi a razão da notável omissão de seu nome de Eusébio em sua História Eclesiástica,
(2) *Huet. Origeniano*, lib. ii., cap. 4, setor, i., § 2, *inter Origenis Opera*, edit. Delarue; cum não. *in loco*. [p.134]

Enquanto isso acontecia no Oriente, os escritos de Orígenes parecem ter encontrado um admirador declarado no Ocidente; Victorinus, que provavelmente era um grego de nascimento e educação, mas agora Bispo de Petabium no Danúbio, na Alemanha Ocidental, disse te-lo imitado em seus comentários, embora ele discordasse dele em alguns de seus pontos de vista, particularmente sobre o Milênio. (1)

Nas numerosas e influentes igrejas de Alexandria, descobrimos que os problemas que surgiram em sua expulsão, setenta ou oitenta anos antes, ainda não haviam diminuído. Entre seus adversários agora estava Pedro, o bispo; o primeiro, provavelmente, dessa classe, que presidiu lá desde o tempo de Demetrius. Por volta dessa época, ou pouco depois, Pedro se opôs publicamente à noção de preexistência, embora talvez incidentalmente, e sem atribuí-la a Orígenes. Mas ele certamente traiu seu preconceito ao estigmatizá-lo injustamente como cismático, apenas por ter desobedecido seu bispo apaixonado e dominador. (2) Há razões para suspeitar que as dissensões em Alexandria nunca cessaram até que

finalmente produziram, como veremos a seguir, duas partes declaradas, tanto nas igrejas ortodoxas de lá quanto nos mosteiros dos desertos egípcios.

Como chegamos agora, no entanto, à idade de dois eminentes pais da igreja ocidental, que declararam explicitamente suas opiniões sobre futuros tormentos, valeremos aqui de suas representações. Arnóbio de Sicca, cerca de setenta ou oitenta milhas a sudoeste de Cartago na África, escreveu sua grande obra, Contra os pagãos, provavelmente por volta de 305 d.C.;

(1) *Hieronyrai Epist.* xxxvi. ad Vigilante., pág. 276, edição. Martianay. E Cave, *Hist. Literária*, art. Victorinus Petavionensis.
(2) Petrus Alexandrinus, apud Justiniani Epist. ad Menam, citado por Du Pin, *Biblioth. Pat.*, art. Pedro de Alexandria I. No entanto, Eusébio menciona Pedro com louvor. [p.135]

no qual ele afirmou que os ímpios serão, daqui em diante, “lançados em torrentes de fogo, em meio a cavernas escuras e redemoinhos, onde serão finalmente aniquilados e desaparecerão em extinção perpétua”, enquanto os justos, por outro lado, reinarão. na vida eterna; “pois”, diz ele, “as almas são de natureza tão intermediária que podem ser exterminadas quando não têm o conhecimento do Deus da vida, e também podem ser preservadas da destruição por prestar atenção às suas ameaças e misericórdias”. (1) Assim pensou Arnóbio. Mas seu próprio estudioso, o

célebre *Lactâncio*, que, depois de ir para a Ásia Menor, escreveu suas *Institutas*, talvez por volta de 306 d.C. (2) afirmou a *miséria sem fim*, em vez da aniquilação, dos incrédulos. Tendo mencionado certos eventos para preceder o fim do mundo, ele diz: "Depois destas coisas, o lugar secreto dos mortos será aberto, e eles ressuscitarão. E sobre eles se assentará o grande julgamento, conduzido por aquele Rei e Deus. , a quem o Pai supremo dará pleno poder tanto para julgar como para reinar. . . . No entanto, não todo o universo, mas apenas aqueles que professaram a religião divina, serão então julgados. Pois desde que aqueles que nunca confessaram Deus não podem ser absolvidos, eles já foram julgados e condenados; como as Sagradas Escrituras testificam, que os ímpios não devem se levantar no julgamento (Salmos 1:5)

(1) Arnóbio Adversus Gentes, lib. ii., pp. 52, 53, edit. Lugduni Bat., 1651. Foi dito que esta obra foi escrita logo após sua conversão, quando ele era apenas um catecúmeno; mas Lardner mostra, satisfatoriamente, creio, pelo próprio livro, que o autor deve ter estado em plena comunhão. Ver Credibilidade de Lardner, etc., cap. Arnóbio.
(2) Cave e Lardner colocam este trabalho em 306 d.C.; e este último atribui suas razões contra os antigos críticos, que, em sua maior parte, o reduziram para cerca de 321 d.C. [p.136]

Assim, serão julgados somente aqueles que acreditaram em Deus; e suas obras serão pesadas, o mal contra o bem, para que, se suas obras justas forem mais em número e peso, possam ser admitidos à felicidade; mas se seus atos perversos excederem, eles podem ser condenados à punição.” (1) Ele passa, depois, a descrever mais particularmente as condições futuras dessas várias classes: os ímpios, que nunca reconheceram o verdadeiro Deus, serão condenados a tormento sem fim, em chama devoradora, mas não consumidora; mas os professantes, cujos pecados excedem sua justiça, serão mais levemente tocados e queimados pelo fogo; enquanto aqueles que estão totalmente amadurecidos em santidade passarão por ele sem qualquer sensação de dor.)

Nem o sentimento de Amobius, nem o de Lactantius, sobre este assunto, embora diferentes um do outro, parecem ter ocasionado qualquer reclamação ou insatisfação. Ambos os autores adquiriram fama considerável. Lactantius foi o escritor mais elegante e clássico de todos os Pais latinos; e a afeiçoada parcialidade de seus admiradores aventurou-se a comparar seu estilo, por excelência, com o de Cícero.

Retomando a história da doutrina de Orígenes, descobrimos que, além dos detalhes sobre os quais Metódio criticou-o, ele começou agora a ser acusado de erro sobre a Trindade e a Encarnação.

(1) *Lactantii Institut.*, lib. vi., cap. 20.
(2) Idem, lib. vi., cap. 21. Du Pin não

declarou exatamente o que Lactantius queria dizer aqui. [p.137]

Para o primeiro desses pontos, a atenção do público havia sido despertada, mais de meio século antes, pela própria controvérsia de Orígenes com Berilo; e depois, por aqueles que a igreja realizou contra Noetus, Sabélio e Paulo de Samósata. E se, como se pensa, Luciano, um erudito presbítero de Antioquia, tivesse avançado ainda mais recentemente noções contrárias ao Trinitarianismo, a circunstância naturalmente acrescentaria nova excitação aos sentimentos já alarmados. O ciúme, assim despertado e acalentado, estava agora examinando todas as formas de expressão, a fim de detectar heresia sobre esse assunto; embora os censores autoconstituídos não fossem de forma alguma claros nem unânimes quanto ao ponto preciso que eles mesmos considerariam como verdade. Muitos começaram a descobrir, nos escritos do venerado Orígenes, expressões inconsistentes com seu princípio favorito; e, consequentemente, a inimizade contra ele, que até então estava confinada a alguns indivíduos, instantaneamente se espalhou em uma extensão considerável. Alguns ficaram convencidos, talvez por um exame sincero, de que, se ele não fosse realmente herético, havia dado demasiada ocasião ao erro; mas outros, tendo reunido algumas de suas especulações mais aventureiras sobre a Divindade, explodiram em clamor e o declararam, imediatamente, um herege. E houve outros, incapazes de ler o grego, que se levantaram contra ele por mero relato; dos quais, como de costume em tais casos, o tom alto de ódio e abuso foi

ouvido muito mais cedo do que a voz mansa e delicada da verdade e do elogio. Acusaram-no de vários e opostos erros; mas tão evidente era a falsidade da maioria de suas acusações que nada poderia demonstrar de forma mais conclusiva os motivos irracionais do ataque. [p.138]

A indignação aumentou tanto, que mesmo aqueles que apenas liam seus escritos ou estimavam sua reputação foram severamente censurados. (1)

(1) *Pamphili Praefat*. ad Apolog. *Pro Origene*, em comparação com Apolog. cap. v., etc., *inter Origenis Opera*, edit. Delarue, tomo. 4.

307 a 310 d.C.

Essa comoção furiosa, embora não possamos agora determinar seus autores, foi então considerada suficientemente formidável para exigir uma defesa pública de Orígenes; e dois ilustres admiradores de seus escritos, que ocupavam cargos na igreja onde ele próprio havia florescido sessenta ou setenta anos antes, empreenderam o trabalho. Pânfilo, um erudito presbítero de Cesaréia na Palestina, e Eusébio, seu colega presbítero, o renomado pai da história eclesiástica escreveram uma grande e laboriosa Apologia a Orígenes; em parte do qual eles declararam, e minuciosamente vasculharam, as acusações feitas contra sua doutrina. Felizmente para nós, esta parte, que foi o primeiro livro da obra, ainda existe, na tradução latina de Eufinus. Os autores organizam formalmente as acusações de seus inimigos contra ele, na seguinte ordem: "1. Eles

[seus acusadores] dizem que ele afirmou que o Filho de Deus *não é gerado*; 2. Eles o acusam de ensinar, como os valentinianos, que o Filho de Deus veio à existência por *emanação.* 3. Eles o acusam, contrariamente às acusações anteriores, de sustentar com Ártemas e Paulo de Samósata que Cristo, o Filho de Deus, *era um mero homem*, e não Deus; 4. Em seguida, eles contradizem todas essas acusações dizendo (tão cega é a malícia) que ele ensinou que foi *apenas na aparência* que o Salvador realizou os atos que lhe foram atribuídos, [p.139] e que a história dele é apenas *uma alegoria* , não uma realidade; 5. Outra acusação que eles trazem é que ele ensinou que havia *dois Cristos*; 6. Eles acrescentam que ele *negou* totalmente os *relatos literais* que as Escrituras dão da vida dos santos; 7. Eles o atacam caluniosamente na ressurreição dos mortos e no castigo dos ímpios; acusando-o de *negar* que os *tormentos* serão infligidos aos pecadores; 8. Eles censuram alguns de seus argumentos ou opiniões sobre a alma [isto é, sua *preexistência*]; 9. A última acusação de todas, que circula em todas as formas de infâmia, é que ele afirmou que *as almas humanas, após a morte, serão transformadas em animais mudos,* sejam répteis ou quadrúpedes; e também que os animais têm almas racionais: tal acusação colocamos por último, para que possamos coletar mais testemunhos de seus livros, para tornar a falsidade mais clara. "Agora", continuam eles, "observando a ordem das acusações acima indicadas, começaremos com a primeira." (1) Eles procedem de acordo com eles em curso; e, apresentando copiosos extratos dos próprios escritos de Orígenes, defendê-lo com sucesso de cada uma das

acusações, *exceto* a oitava, que diz respeito *à preexistência* das almas humanas. *Este, eles admitem, era verdadeiramente seu sentimento; mas eles o desculpam, como sendo provavelmente correto*, ou pelo menos sem importância, mesmo que errôneo.

Não podemos descobrir, em todo esse caso, que sua doutrina da Salvação Universal fosse considerada censurável;

(1) *Apolog. pro Origene*, cap. v. [p.140]

e uma circunstância incidental mostra que seus eruditos apologistas nem sabiam que ele já havia sido censurado por esse princípio, nem suspeitavam que isso pudesse causar qualquer ódio. Pois, quando vêm defendê-lo contra o último item da sétima acusação, ou seja, contra a acusação de ter negado toda punição futura, selecionam, entre vários outros testemunhos de suas obras, dois parágrafos distintos, nos quais ele tinha, como de costume, falado de tormentos a serem infligidos por fogo; mas na qual ele, ao mesmo tempo, os representou como totalmente *remediadores*: "Devemos entender", disse ele, "que Deus, nosso médico, a fim de remover aqueles distúrbios que nossas almas contraem de vários pecados e abominações, usa aquele doloroso modo de cura, e traz aqueles tormentos de fogo sobre aqueles que perderam a saúde da alma, assim como um médico terreno, em casos extremos, submete seus pacientes à cauterização”. "E Isaías ensina que o castigo que se diz ser infligido pelo fogo é muito necessário; dizendo de Israel: O Senhor lavará a imundície

dos filhos e filhas de Sião, e purgará o sangue do meio deles, pelo espírito de julgamento, e o espírito de queima. (Isaías 4:4), " etc. (1) (*nt)

Este testemunho de Orígenes, como milhares de outras passagens que poderiam ter sido selecionadas de seus escritos, foi, de fato, uma refutação efetiva desta acusação em particular feita contra ele; mas era, ao mesmo tempo, uma prova de que ele considerava o castigo futuro como *purificador e salutar*.

(1) *Apolog. Pro Origene*, cap. Viii.
(*nt) queima, καυσεως, καυσιν, καυσις (Strong: G2740). [p.141]

Se esse sentimento (punição finita) fosse desagradável naquele dia, Pânfilo e Eusébio prefeririam evitar tais passagens do que tê-las introduzido, assim desnecessariamente, à atenção de seus inimigos capciosos; para que, ao defendê-lo de uma acusação tão facilmente refutada (que ele negava toda punição) , eles não trouxessem sobre ele uma que nunca poderia ser removida (porque verdadeira, Origenes acreditava em punição finita e Restauração Universal). E podemos acrescentar que a introdução de tais passagens, sem observação, mantendo que Orígenes era sólido na fé, dá, pelo menos, alguma cor de probabilidade à acusação que foi feita quase um século depois (1) contra eles, de ensinar assim como Orignes a doutrina da Restituição Universal, bem como a da pré-existência. De Pamphilus não há mais nada; para que, no caso dele, esse aparente universalismo possa ser

confirmado ou removida. E provavelmente seria difícil, se não impossível, determinar, a partir das numerosas obras que Eusébio publicou depois, qual era sua opinião sobre esse assunto. (2) Ambos, no entanto, eram admiradores ardentes dos escritos de Orígenes; grande parte da qual o primeiro transcreveu laboriosamente, de próprio punho, para uma famosa biblioteca eclesiástica, que estabeleceu em Cesareia. Os dois amigos também publicaram cópias corrigidas da Septuaginta, tiradas da Hexapla. Podemos acrescentar que Eusébio foi acusado de manter a noção peculiar de Orígenes, de que os corpos humanos, na ressurreição, serão de uma substância aérea. (3)

(1) Por Jerônimo, lib. ii., *Adversus Rufinum*, p. 407; tomo. iv.. parte ii., editar. Martianay; e depois por um escritor anônimo do século VI, publicado por R. P. Lupo. Veja *Admonitio* de Delarue em *Apolog. S. Pamphili pro Origene*. Ambos os autores, no entanto, parecem ter deturpado grosseiramente, pelo menos, as circunstâncias do caso.
(2) não tenho acesso a todas as obras de Eusébio; mas julgue esta afirmação correta pelo caráter geral de seus escritos e pelo silêncio de todos os pais antigos e críticos modernos.
(3) *Photu Epist*. 144. [p.142]

Pânfilo (Pamphilus) foi lançado na prisão em Cesareia, no ano 307, pelos perseguidores pagãos; e Eusébio ou sofreu a

mesma sentença, ou voluntariamente compartilhou seu confinamento. Foi aqui que os dois amigos começaram as *Apologias Pro Origene*. Quando chegaram ao final do quinto livro, Pânfilo foi conduzido da prisão ao martírio. Isso foi no ano 309. Eusébio então acrescentou o sexto, ou último, livro ao trabalho comum, e dedicou o todo àqueles cristãos que foram condenados a trabalhar como escravos nas minas da Palestina. (1)

(1) Delarue *Admonit. in Apolog. Pro Oregene.*

Eusébio sobreviveu para testemunhar a mudança mais importante e memorável que a igreja já experimentou. Ele foi elevado ao bispado de Cesaréia, por volta de 313 d.C., quando o cristianismo recebeu pela primeira vez uma tolerância plena e eficaz; e, em anos sucessivos, ele a viu subindo continuamente em favor por parte do imperador Constantino, até que foi, finalmente, declarada a religião estabelecida do império. Em meio às cenas de segurança e esplendor mundano que agora sucedeu o longo e tempestuoso reinado de perseguição, o bispo de Cesaréia, alto no favor imperial, muitas vezes olhava para trás, em terna lembrança, para seu antigo associado e amigo martirizado; e como testemunho de uma afeição que nem o tempo nem as honras puderam extinguir, escreveu sua vida e tomou sobre si o sobrenome de Pânfilo. Que sua admiração também por Orígenes não diminuiu com o aumento dos anos, encontramos ampla prova em sua História Eclesiástica e em suas obras sucessivas. Ele foi,

de longe, o bispo mais erudito de seu tempo; e, o que é maior elogio, foi moderado e sem aspirações, em uma época de violência e ambição clerical. [p.143] Embora o favorito de Constantino, ele nunca abusou de sua influência para fins pessoais ou partidários; e quando o grande bispado de Antioquia lhe foi oferecido, com a deposição de Eustáquio, ele recusou trocar sua própria diocese de Cesaréia pela de todo o Oriente, a terceira por dignidade na cristandade. A última parte de sua vida foi perturbada pela disputa profana e cruel que começou a se recrudecer entre os arianos e os trinitários; em que ele frequentemente concordava com as medidas do primeiro, embora não aprovasse sua doutrina. Eles eram, em seu tempo, a parte lesada. Se seus pontos de vista sobre a questão contestada eram totalmente ortodoxos é contestado; e é certo que, no famoso Concílio de Nice, ele não apenas exortou os bispos petulantes a adotar tal Declaração de Fé que ambas as partes pudessem receber, mas também recusou-se a subscrever seu Credo, exceto com uma interpretação de sua própria . (1)

A controvérsia ariana, à qual acabamos de aludir, começou em Alexandria, por volta de 317 d.C., trazendo uma nuvem negra sobre a igreja na própria manhã de seu estabelecimento político. Espalhou-se instantaneamente, como uma conflagração, por todo o Egito, e logo envolveu a Europa e a Ásia. O grande e imponente sínodo de toda a cristandade, que se reuniu em 325 d.C., em Nice, na Ásia Menor, foi convocado pelo imperador, com a vã esperança de resolver essa disputa;

(1) Jortin (Remarks on *Eccl. Hist.*, vol. iii.) trata amplamente e imparcialmente do caráter de Eusébio. [p.144]

mas, embora tenha conseguido decidir contra Ário por um decreto quase unânime, que o Filho era consubstancial ao Pai, resultou apenas em dignificar a contenda e enfurecer o temperamento dos partidários. Estes se separaram em três divisões: os Consubstancialistas, ou patronos do Credo Niceno; os semi-arianos, uma espécie de trinitários imperfeitos; e os arianos, que sustentavam que Cristo era um ser criado. Seguiu-se uma cena muito vergonhosa, até o final deste século. Concílio contra Concílio reunido, e deliberadamente opôs falsidade a falsidade, e fraude a fraude; a deposição e a excomunhão foram decretadas, pois qualquer uma das partes ganhou uma ascendência momentânea na igreja; a autoridade imperial executou obsequiosamente os decretos loucos alternadamente de cada seita, até encher os desertos do Egito e as regiões remotas do império com bispos exilados; e a ralé furiosa, de ambos os lados, recorreu finalmente a tumultos e massacres, para gratificar sua vingança ou exercer seu zelo maldoso. Os pagãos, de quem o poder da perseguição havia sido arrancado tão recentemente, poderiam ter se consolado na perspectiva de que ele fosse exercido com mais eficácia nas mãos autodestrutivas de uma igreja nacional dividida e facciosa.

320 a 360 d.C.

Nesta cena de contenda, devemos agora seguir a história da doutrina de Orígenes. Ele não parece ter sido, a princípio, tão profundamente implicado como alguns escritores apresentam. Os ataques virulentos dos quais Pamphiliis e Eusébio o haviam defendido parecem ter diminuído; e toda a preocupação que seu nome ou seus escritos tiveram com a grande controvérsia, até algum tempo depois da metade deste século, talvez descrita em poucas palavras. [p.145] Como sua grande autoridade daria vantagens consideráveis a qualquer causa em que fosse exercida, as várias partes se valeram dela de bom grado, sempre que podiam ser levadas a operar em seu favor; mas, pelo contrário, quando parecia opor-se a seus pontos de vista, eles naturalmente se esforçavam para depreciá-lo (a Orígenes). Os arianos, no entanto, não parecem estar muito confiantes em garantir o patrocínio de seu nome, embora alguns deles o reivindicassem para si. Mas dos outros dois partidos, os semi-arianos eram geralmente seus admiradores declarados; e os consubstancialistas, também, apelaram para o seu testemunho, tão completo e explícito do seu lado. Até onde sabemos, apenas um deles. Marcelo,. Bispo de Ancira, na Galácia (provincia romana no centro da atual Turquia), acusou incidentalmente a solidez de sua fé em relação à Trindade. (1) Isso foi por volta de 330 d.C. Mas ele era um autor cuja queixa podia ter pouco peso, pois se suspeitava que seu zelo contra a maldita heresia de Ário o havia precipitado, por outro lado, na perdição do sabelianismo. Devemos aqui divagar ao ponto de mencionar que Marcelo também parece ter sustentado a doutrina da salvação universal, ou pelo menos ter usado

sua linguagem. (2) Voltando, porém, à controvérsia ariana: o gênio guardião da fé nicena, o grande e intrépido Atanásio, sempre citou Orígenes como ortodoxo; Hilário de Poictiers na França, o mais hábil e ativo defensor da mesma fé, no Ocidente, tornou-se um imitador de seus escritos;

(1) *Eusebii contra Marcell.*, lib. i. Veja a *Biblioth* de Du Pin. Patr., art. Eusébio Pamphilus.
(2) *Neander Allgem. Geschichte den Christl. Kal. und Kirche, Band* ii., s. 609. Ele cita Eusébio contra Marcell., lib. ii., cap. 2 e 4, que eu não vi.
[p.146]

e assim fez Eusébio Vercellensis, (1) outro bispo atauasiano de distinção, que presidiu as igrejas espalhadas ao redor das fontes do Pó moderno, na Itália. Este exemplo de seus líderes foi seguido pela maioria do partido. Alguns anos depois, ou por volta de 370 d.C., quando Basílio, o Grande, Dídimo e os dois Gregórios, Nazianzeno e Nisseno, estavam à frente dos consubstancialistas no Oriente, nós os encontramos entre os admiradores mais calorosos de Orígenes, defendendo: ele das reivindicações ocasionais dos arianos. Este esboço, embora breve, é um relato bastante completo do tratamento que seu nome experimentou na disputa ariana, até 360 d.C. e, de fato, até vários anos depois.

Em alguns outros assuntos, no entanto, não imediatamente relacionados com a controvérsia principal,

ele foi uma vez atacado, durante esse período, com um espírito muito *irado*, por Eustácio, um eminente bispo ortodoxo do Oriente. Este prelado fora trasladado do bispado de Beréia, a moderna Aleppo, para a grande sé de Antioquia, na época do Concílio de Nicéia; mas em 330 d.C., ele foi deposto por uma facção ariana e, como observamos, seu arcebispado foi oferecido, embora em vão, a Eusébio Pânfilo, que havia concordado com seus adversários. Se foi depois dessa deposição que Eustáquio fez seu ataque a Orígenes, não pode ser determinado; nem se era seu motivo para mortificar seu odiado rival de Cesaréia, lançando um ódio geral ao Pai favorito, a quem aquele erudito historiador havia exaltado tanto.

(1) Hieronymi Epist. Lxxiv. ad Angustin., tomo, iv., parte ii.. p. 627; e Epist. xxxvi. ad Vigilante., pág. 276. [p.147]

Mas ele publicou, em que momento é desconhecido, (1) um tratado contra Orígenes, no qual ele o atacou com muita aspereza, e tolamente o acusou de mentir contra as Escrituras e de tentar introduzir idolatria e magia na igreja. O objetivo declarado de seu livro era, como o da Pitonisa de Metódio, provar que não foi a alma do profeta Samuel que a Bruxa de Endor baixou [1 Samuel 28], como Orígenes havia afirmado em algum lugar, mas apenas um fantasma produzido pela impostura do diabo. Ele frequentemente aproveita a ocasião, no entanto, para protestar contra várias outras noções de Orígenes,

particularmente contra suas visões da ressurreição e suas alegorias extravagantes. Deste último ele recita e deturpa numerosos exemplos, com o manifesto desígnio de expor sua doutrina na pior luz possível; *mas em todas essas censuras* do erudito bispo, que recaíram até sobre o estilo de escrita de Orígenes, *o universalismo, ao que parece, escapou impunemente*. (2) E o que é igualmente notável, este foi também o caso em meio a todo o clamor da controvérsia ariana, até onde acabamos de examiná-la.

O próximo ataque contra ele foi o de Apolinário, o Jovem, um bispo erudito e distinto escritor de Laodicéia na Frígia, que mais tarde foi condenado por Sabelianismo.

(1) Há muita incerteza na história de Eustáquio. Alguns pensam que ele morreu por volta de 337 d.C.; outros que ele viveu até cerca de 360 d.C. Veja Cave, Hist. Literaria, e Du Pin's Bibliotheca Patr., art. Eustácio.
(2) Eustáquio. *de Engrastrimytho, adversas Origenem*. Não consegui encontrar este livro e, portanto, extraí um relato de suas notícias espalhadas pela *Huetii Origeniana* e do resumo de Du Pin, Biblioth. Patr., art. Eustácio. [p.148]

Diz-se que ele escreveu contra Orígenes, um pouco depois, provavelmente, desde 360 d.C.; mas sobre que pontos é desconhecido, exceto que *não* foi na doutrina da Trindade. (1) Isso completa (2) o relato de censuras sobre seus

sentimentos, até chegarmos ao ano 376, quando o ataque de Epifânio virá ao nosso conhecimento.

Tal era o caráter geral dos procedimentos relativos a Orígenes e seus sentimentos, e tais circunstâncias e fatos peculiares que narramos, de modo a mostrar, satisfatoriamente, que a doutrina da Restauração Universal não era considerada, na igreja, nem herética nem mesmo impopular; e que o padrão da ortodoxia, no que diz respeito a esse ponto específico, deveria exigir apenas uma crença em punição futura. Ainda assim, não devemos concluir que os pais desta época eram, em geral, universalistas decididos. Muitos deles, provavelmente, não tinham opinião definida sobre um assunto que nunca havia passado pela provação da controvérsia; e vários parecem ter acreditado na miséria sem fim. Isso será bastante evidente, se selecionarmos algumas das expressões mais fortes que os mais distintos deles usaram a respeito do destino dos condenados.

(1) *Theophili Alexandrini Paschal*., lib. i., *inter Hieronymi Opera*, tomo, iv., p. 694, edição. Martianay; e Sócratis Hist. Ecl., lib. vi., cap. 13.

(2) Cave *erra* quando diz, em sua *Vida de Orígenes*, § 29 (*Vidas dos Pais*), que Atanásio indiretamente condenou sua noção do *fim do inferno*; pois a peça a que ele se refere (T*estemonia ex Sac. Script, de Nat. Commun. simil. Essent. inter Pat. et Fil. et Spirit. Sanct.*) *não é de Atanásio*, mas de um autor muito posterior. Veja Cave, *Hist.*

Literaria e a *Biblioth* de Du Pin. Pat., arte. Athanasius, e o Prefácio dos Editores Beneditinos a essa peça em *Athanasii Opera*, tomo, ii., p.3. Se Huet (*Origenian*, lib. ii., cap. 4, seita, i., § 5) aludiu, como acho que fez, à Vitae Sancti Antonii, cap. 75, para a censura encoberta de Atanásio à noção de Orígenes do lapso das almas, ele também confundiu; pois a passagem diz respeito apenas às noções dos pagãos nesse ponto, não às de Orígenes. [p.149]

347 a 370 d.C.

Todos sabem que o primeiro, em influência, entre os ortodoxos da época, foi Atanásio: "Arrependei-vos", diz ele, "para que a morte inesperada não vos arrebate a alma; pois ninguém pode livrar aqueles que, por de seus pecados, estão confinados no inferno". (1) No entanto, o mesmo autor sustentou que Cristo desceu ao inferno, ou o lugar dos mortos, após sua crucificação, e libertou os santos da antiga dispensação, e também as almas dos gentios que, antes de sua vinda, *viveram virtuosamente de acordo com a luz da natureza*. (2) Esta também foi a opinião de Cirilo, (3) Bispo de Jerusalém; a quem também poderíamos declarar crente em miséria sem fim *(inferno eterno)*, se sua aplicação frequente da palavra *eterna* ao castigo *fosse prova* (*nt). Na futura vinda de Cristo para o julgamento geral, então próximo, e que é descrito, ele pensa, no último capítulo de Daniel, e no vigésimo quarto e vigésimo quinto

de São Mateus, os justos deveriam ser admitidos para a vida eterna, e os ímpios consignados ao fogo eterno. (4) Podemos nos aventurar, no entanto, a afirmar que nenhum desses dois bispos considerava o Universalismo com qualquer antipatia. Efraim, o Sírio, um monge sombrio, rígido e um tanto fanático da Mesopotâmia, mas ainda um escritor muito eminente, afirmou que "não há confissão no inferno; nem lágrimas, nem gemidos, podem evitar a sentença do Juiz. não haverá mais tempo para se arrepender.

(1) Exposição Athanasii. no Salmo xlix., tomo, i., p. 1086, edição. Paris, 1698.
(2) Biblioth de Du Pin. Pat., arte. Atanásio.
(3) Cyrilli Hierosolymit., Catechesis iv., cap. 8; e Catechesis Mystagogica v.
(4) Catequese xv. [p.150]
(*nt)[Nem *aionios* em grego nem *aeternum* em latim significava *tempo sem fim (ver Edward Beecher, Historia das Opniões sobre a Doutrina Bíblica da Retribuição, cap. 28)*.]

Não há retorno após a morte; mas tudo de terrível e severo recai sobre aqueles que perderam a oportunidade de arrependimento." (1) Na igreja ocidental, o célebre Hilário, bispo de Poictiers, ensinou, com uma ligeira variação do que Lactâncio havia avançado, que no julgamento geral nem os piedosos nem os infiéis devem ser acusados,

porque Cristo disse: Aquele que acreditou em mim não será julgado, e quem não acreditou já está condenado. O julgamento, portanto, será apenas para aqueles que estão num meio termo entre esses dois personagens. (2) E tais, ele provavelmente sustentou, seriam salvos, depois de sofrer os atrasos devidos pela justiça; quanto o caso dos infiéis obstinados seria totalmente sem esperança. Mas ainda assim era sua opinião que toda a humanidade , mesmo o mais santo, deve passar pelo fogo intenso e doloroso da conflagração geral: a própria Virgem Maria não pode ser isenta dessa terrível purificação; pois Simeão a havia advertido de que *uma espada perfuraria sua alma também.* (Lucas 2:35) (3) Como Hilário havia sido um exilado na Frígia, ele pode ter obtido algumas dessas noções entre os cristãos orientais; e talvez das obras de Orígenes em particular, que certamente admirava e imitava.

350 a 370 d.C.

Outro escritor entre os ortodoxos do Ocidente, Fabius Marius Victorinus, usa uma linguagem que parece expressar a purificação final e a santidade de *todas as naturezas inteligentes*; no entanto, como ele o introduz, mas incidentalmente, e em uma ilustração muito cega da divindade de Cristo,

(1) *Efraem Syri*, lib. De Extremo Judicio, cap. 4.
(2) *Hilarii Enarratio* no Salmo i.
(3) *Enarratio* no Salmo cxviii.. liter,

não devemos, talvez, confiar nele como prova absoluta de seus pontos de vista sobre o ponto anterior. Desesperamos de dar qualquer tradução inteligível de seu argumento em sua relação com a Trindade. Nela, no entanto, ele afirma que Cristo, ou o Logos, que é o poder ativo de Deus, criou todas as coisas e as regenerará. Pela vida que está nele, e que é universalmente difundida, todas as coisas serão purificadas e retornarão à vida eterna. Ele deve sujeitar todas as coisas a si mesmo, sejam homens, principados ou potestades, a fim de que Deus se torne tudo em todos. Quando isso tiver sido realizado, Deus será todas as coisas; porque todas as coisas serão cheias de Deus. Todas as coisas, acrescenta ele, ainda existirão; mas Deus existirá nelas. (1) Tal é o teor de suas apresentações sobre este assunto. É digno de nota que, em um poema, ele aplica o epíteto *aeternus*, ou *eterno*, ao fogo do castigo futuro. (2)

Victorino era um africano de nascimento, mas tornou-se um distinto retórico pagão em Roma, onde era tão admirado, que uma estátua foi erguida para ele em um dos locais públicos da cidade. Depois de ter ensinado lá muitos anos e envelhecer, converteu-se ao cristianismo, por volta de 350 d.C. Escreveu várias obras, principalmente em defesa do trinitarismo e contra os maniqueus; e morreu por volta do ano 370. (3)

(1) F. Marii Victorini AM. Av. Ário, lib. i. e iii. Encontro a obra numa coleção de panfletos dos antigos pais,

intitulada *Antidotum* contra diversas *omnium* fere *Seculorum* *Haereses*, Basílio, 1528; ver págs. 52, 63, 64.
(2) *Ut Supra*, De Machabeeis, p. 81, etc
(3) Para o relato de sua vida, veja o babador de Du Pin. Pat., arte. Victorino de Africk. Mosheim de Murdock, vol. e., pág. 309. [p.152]

360 a 370 d.C.

Havia, nessa época, alguns universalistas decididos entre os bispos e escritores ortodoxos, especialmente do Oriente. Cerca de quarenta milhas a leste do rio Jordão, além da área montanhosa da antiga Pereia, o viajante desce sobre uma planície espaçosa e árida, onde vestígios de cidades esquecidas aparecem aqui e ali, e alguns reservatórios afundados ainda abastecem as hordas errantes e os caravanas regulares com água preservada das torrentes de inverno. Atravessando esse deserto negligenciado à distância de uma dúzia ou quinze milhas ainda para o leste, o viajante chega às ruínas de uma cidade antiga, perto das fronteiras do deserto da Arábia. Fragmentos das antigas muralhas, restos de um esplêndido templo, de arcos triunfais, de uma igreja e mosteiro e de uma grande mesquita, juntamente com inúmeros pilares quebrados e deitados entre roseiras em flor, indicam o local da antiga Bostra. (1) No século IV era uma cidade populosa, capital de uma pequena província à qual a vaidade dos conquistadores romanos se apropriara arrogantemente do nome de Arábia. No período sobre o qual escrevemos, Tito, um bispo de considerável eminência, presidia aqui as

igrejas deste distrito e contava entre seu próprio rebanho cristão metade dos habitantes da cidade. Embora ele pareça ter publicado várias obras, nenhuma permanece exceto parte de seus livros Contra os maniqueus, escritos, acredita-se, por volta de 364 d.C. Ele diz que o *"abismo do inferno é, de fato, o lugar de tormento; mas é não é eterno,* nem existia na constituição original da natureza, mas foi feito depois, *como remédio para os pecadores, para curá-los.*

(1) *Geografia Antiga* de D'Anville, vol. e., pág. 425; e *as Viagens de Burckhardt na Síria e na Terra Santa*. pp. 226-236, Londres, 1822. [p.153]

E os castigos são santos, pois são reparadores e salutares em seu efeito sobre os transgressores; pois eles são infligidos, não para preservá-los em sua maldade, mas para fazê-los cessar de sua maldade. A angústia de seu sofrimento os compele a romper com seus vícios." (1) Seu tratamento deste ponto, depois de passar sem reprovação por todas as disputas da antiguidade, atraiu, nos tempos modernos, a atenção de nossos críticos eclesiásticos, e os engajou. nas tentativas contrárias de expor e desculpar o autor. (2) É notável que ele sustentou que a morte, assim como todas as outras dispensações da Providência, foi projetada para o benefício tanto dos justos quanto dos injustos (3) e que ele sustentou contra os maniqueus que, *mesmo neste mundo, a humanidade é feliz ou miserável de acordo com sua virtude ou vício.* Quanto à doutrina do

pecado original ela parece ter sido totalmente desconhecida por Tito; e ele supôs que a agência humana (livre arbítrio) era totalmente adequada, sem qualquer controle sobrenatural, para fazer o bem e o mal". (4)

Dos acontecimentos de sua vida sabemos pouco mais do que isso, como a maioria dos ilustres bispos ortodoxos desta época, ele foi homenageado com a atenção e a perseguição do imperador Juliano.

(1) *Titi Bostriensis contra Manichaeos*, lib. e., pág. 85. N. B. — Esta obra é publicada apenas em Canisii Lector e na grande Bibliotheca Patrum, a nenhuma das quais tenho acesso. Cito, portanto, a *Histoire des Auteurs Sacres et Ecclesiastiques*, de Ceilleir. tomo, vi., cap. 6, pág. 54.
(2) Tillemont, embora um defensor mais vigoroso dos Pais, é cândido o suficiente para reconhecer (*Memoires Eccl.*, tomo, vi., p. 671) que "Tito parece ter seguido o perigoso erro atribuído a Orígenes, que as dores dos condenados, e mesmo os dos próprios demônios, não serão eternos." Mas Ceilleir tem a coragem de alegar que a passagem não é clara, etc.
(3) *Contra Manich.*, lib. ii., pp. 107, 112. Ver as citações em Ceilleir, p. 51.
(4) Du Pin's *Bibliotheca Pat.*, art. Tito de Bostra. [p.154]

No ano 362 este zeloso apóstata (o imperador Juliano) se esforçou para excitar o povo de Bostra a expulsar seu bispo; mas a influência do prelado parece ter prevalecido sobre a exortação do soberano, e a tentativa maliciosa mostrou-se ineficaz. Com a ascensão de Joviano ao império, em 363 d.C., Tito participou do Concílio de Antioquia sob Melécio; e, embora seu nome apareça, com os de alguns outros bispos ortodoxos, entre as assinaturas de uma explicação semi-ariana do Credo Niceno, (1) ele, no entanto, parece ter sido considerado um do partido atanasiano. Ele morreu, acredita-se, por volta de 370 d.C.

Mais erudito e clássico do que Atanásio, e próximo a ele em peso de autoridade entre os ortodoxos do Oriente, estava *Basílio*, o Grande, *bispo de Cesaréia*, *na Capadócia*. Com uma constituição naturalmente frágil e, além disso, quebrada por austeridades monásticas, ele possuía uma mente forte, uma resolução corajosa, um temperamento ativo, mas muito ambicioso, e uma eloquência de um tipo viril e nobre. De seus pontos de vista a respeito da doutrina em consideração, não podemos falar com confiança, pois sua linguagem não é uniforme, nem sempre conciliável. Ele repetidamente afirma, em extensão considerável, que aqueles que, após o batismo, cometem pecados, por mais hediondos, e morrem sob a culpa deles, devem ser purificados no fogo do julgamento geral; (2) distinguindo-os, no entanto, daqueles que nunca professaram o cristianismo.

(1) *Sócratis Hist. Ecl.*, lib. iii., cap. 21.

(2) *Comentário Basilii*, no cap. 4. 4, *Esaiae*, e cap. xi., 16, etc., edit. Paris, 1637. [p.155]

No entanto, em outro momento, enquanto admoesta um desses mesmos personagens, ele esconde essa noção, e talvez para causar o terror maior, afirma que seus futuros tormentos "não terão fim" e que "não há libertação, não há como fugir deles após a morte. Agora é a hora em que nos é permitido escapar deles." (1) Por outro lado, ele às vezes apresenta a operação *purificadora* e salutar do futuro fogo ou punição como se estendendo, sem distinção, às almas culpadas em geral. Comentando essas palavras de Isaías (9:19, versão Septuaginta; Aleppo: 9:5, 24:6, 27:4, 30:27, 30:30, 37:27, 47:14, 66:15 ?), *por causa da ira do Senhor, toda a terra é incendiada, e as pessoas serão como se fossem queimadas com fogo*, Basílio diz: "O profeta declara que, para o benefício da alma, as coisas terrenas devem ser consumidas pelo fogo penal; assim como o próprio Cristo sugere, dizendo: *Eu vim para enviar fogo sobre a terra; o que quero, se já está aceso?* " (Lucas 12:49.) E o profeta acrescenta: *"o povo será como se fosse queimado com fogo; ele não ameaça um extermínio absoluto, mas sugere uma purificação, de acordo com o sentimento do apóstolo, que se a obra de alguém se queimar, sofrerá perda, mas ele mesmo será salvo, mas como pelo fogo"*. (1o. Coríntios 3:15) (2) Desta passagem solitária podemos apenas suspeitar que nosso autor (Basílio) foi, às vezes, inclinado ao universalismo.

(1) *Basilii Epist. e Virginem lapsam*, tomo., iii., p. 18.
(2) Comentário *Basilii*, no cap. ix. 19, Isaías. Se as *Regulae Breviores* são de Basílio, ele lá (Interrog. 267) trabalhou para conciliar a eternidade absoluta do castigo com o fato de que alguns serão espancados com muitos açoites, e outros com poucos. Mas esta peça foi atribuída a Eustathius de Sebastea (ver Du Pin's Bibliotheca Pat., art. *Basil*), um contemporâneo de Basílio. Quem quer que fosse o autor, ele certamente pretendia ser considerado um crente na *miséria interminável* estritamente. [p.156]

Seu próprio irmão, o bispo de Nissa, era um universalista; e seu amigo mais íntimo, Gregório Nazianzeno, pode até certo ponto merecer essa denominação. Como eles, Basílio também era um admirador declarado dos escritos de Orígenes; e, com a ajuda deste último, ele selecionou deles e publicou um volume de extratos escolhidos, consistindo das passagens que os dois amigos mais valorizavam. É uma gratificação iluminar as circunstâncias que parecem conectar os escritores desta época com os primeiros Pais, a cujos conhecimentos fomos apresentados em um período anterior. Basílio foi criado na metrópole da Capadócia, e talvez na própria igreja onde Firmiliano presidiu um século antes. Sua avó, Macrina, sob a qual recebeu sua educação juvenil e suas primeiras impressões de piedade, tinha sido, em sua juventude, ouvinte de Gregório Taumaturgo, no

Ponto; para quem ela inspirou seu jovem estudioso com uma veneração profunda e duradoura. Ele próprio, na meia-idade, passou algum tempo como monge nas solidões adjacentes à antiga residência do famoso Milagreiro; e logo depois, em seu retorno à Capadócia no ano 370, foi ordenado no mesmo bispado que Firmiliano havia governado.

Em seu sistema geral de doutrina, não havia nada que pudesse parecer muito peculiar a seus contemporâneos. Embora viciado no *modo alegórico de interpretar as Escrituras,* ele era bastante moderado a esse respeito, em comparação com alguns outros daquela época. É digno de nota que *ele se aproximou mais da noção de depravação original e total* do que qualquer um dos pais anteriores; *embora ele ainda estivesse aquém do padrão moderno*, e fosse o que agora deveríamos chamar de um arminiano. [p.157]

No início da vida ele viajou extensivamente, estudando em Cesaréia na Palestina, em Constantinopla, em Atenas e, finalmente, nos mosteiros do Egito. Aqui ele foi iniciado na *vida monástica*; para o qual, como a maioria de seus contemporâneos, ele sempre manteve um apego zeloso. Como eles, também, ele formou seus pontos de vista da religião prática pelo *falso padrão dessa disciplina perversa e fanática*.

370 a 376 d.C.

Essa classe de devotos, a que aludimos uma ou duas vezes, os monges, tornou-se por esse tempo numerosa em muitas partes do Oriente, onde seu modo de vida

antinatural começou a ser venerado em geral e a ser patrocinado por quase todos os bispos e doutores. Atanásio, Basílio, Efraim, o Sírio, os dois Gregórios N., Epifânio e outros, foram seus defensores vigorosos. Foi introduzido muito recentemente, com grande sucesso, nas partes desérticas da Palestina, Síria, Ponto e Mesopotâmia; mas ao Egito pertencia a glória, ou mais verdadeiramente a desonra, tanto de sua origem quanto de seu rápido crescimento até a maturidade. Um século antes desta época, *um ou dois indivíduos fugiram das perseguições pagãs para os desertos* assustadores que margeiam a longa e estreita faixa de vegetação regada pelo Nilo. O hábito e uma devoção equivocada lhes deram prazer, por fim, pelo que a necessidade assim lhes forçou; e continuaram a seguir, por escolha, um tipo de vida mais adequado aos répteis, seus associados, do que aos seres humanos. Seu exemplo, tão compatível com as noções absurdas da época, atraiu muitos depois deles. [p.158] Multidões sucederam multidões; *até que o número de monges, somente naquele país, havia aumentado para dezenas de milhares*, todos governados por regras estabelecidas, e formando uma instituição que era considerada o ornamento mais brilhante da igreja.

Entre eles, descobrimos que, nessa época, um corpo considerável se distinguiu por uma denominação que parece ter sido introduzida recentemente; o dos origenistas. (1) Estes eram, é claro, alguns seguidores de Orígenes. O nome, no entanto, de toda aplicação indefinida provavelmente no início, de modo algum se estendeu a todos os seus admiradores, nem mesmo a todos os seus

imitadores; pois embora os célebres Pais Gregório Nisseno, Dídimo e Jerônimo fossem conhecidos por serem da última classe, não parece que eles fossem considerados, até depois de muitos anos, como pertencentes ao partido em questão. (2) O que distinguiu os origenistas, propriamente assim chamados, de outros discípulos declarados de seu mestre, não pode ser determinado; talvez fosse alguma combinação especial entre eles para fins partidários, ou um zelo mais clamoroso em insistir em suas designações. Que eles eram, em certo sentido, um partido específico, aparece da circunstância de sua denominação sectária; mas deve-se observar que eles ainda estavam na plena comunhão da comunhão ortodoxa e que parecem ter sido espalhados entre as igrejas, bem como os mosteiros, em várias partes do Egito.

(1) *Epiphanii Panarium, Haeres.* Lxiv., § 3. Esta é a primeira passagem em que encontrei essa denominação.
(2) Em prova disso, entre muitos outros fatos, está a disputa de Jerônimo com alguns origenistas em Roma, aprox. 382 d.C., e seu abandono de Nitria (local monástico no Egito), em 386 d.C., por aversão a eles; embora ele próprio fosse, nessa época, um admirador devoto das obras de Orígenes. [p.159]

Houve um retiro célebre, no entanto, onde abundaram particularmente. Cerca de oitenta quilômetros ao sul de Alexandria, além do lago Mareotis e uma longa extensão

de areias ardentes sucedidas por planícies empilhadas de seixos, erguiam-se as colinas nuas e queimadas do sol de Nitria, em meio a uma perspectiva ilimitada de desolação. (1) Estava nas fronteiras do grande deserto da Líbia. Ao redor dessas colinas, os monges haviam se reunido em uma vasta comunidade, talvez a mais famosa, e com exceção da de Oxirinco, a mais numerosa, de todas que já haviam formado. Esta foi a sede principal dos origenistas. Eles parecem ter constituído a menor parte de *cinco ou seis mil reclusos*. (2) Como os estrangeiros aqui vinham, mesmo de países distantes, para adquirir a disciplina e os preceitos monásticos em sua perfeição, muitos se apegaram à nova seita; e, viajando depois por diferentes partes da cristandade, propagaram seus pontos de vista e parcialidades onde quer que fossem. Alguns anos depois, descobriremos que alguns, embora talvez não todos, tenham sido universalistas.

Os origenistas, como um partido, foram atacados por Epifânio, Bispo de Salamina na ilha de Chipre. (376 d.C.) Ele era um homem de muita leitura, mas muito descuidado, impreciso e notoriamente disposto a adotar todo relatório calunioso contra aqueles de quem não gostava.

(1) *As Viagens de Sonnini no Egito*, cap. 26 e 27. O deserto de Nitria fica a cerca de trinta milhas ao oeste de Terane, uma aldeia no Nilo.
(2) Para o número de monges em Nitria, veja Eccl de Fleury. Hist., livro xvi., cap. 36. [p.160]

Em uma grande obra, destinada a refutar todas as heresias que já apareceram, este Epifânio dedica um dos artigos mais longos, de trinta ou quarenta páginas, aos erros de Orígenes Adamantius e seu partido. (1) Tendo dado um relato de sua vida, em alguns pontos falsos e prejudiciais, ele diz: "Quanto à heresia de Orígenes, foi propagada pela primeira vez no Egito; e hoje floresce principalmente entre aqueles que professam a vida monástica É uma heresia pestilenta, excedendo em maldade todas as anteriores, cujos erros ela de fato abraça. Pois, embora não seja atendida sem aparência de vício entre seus devotos, ensina a noção mais absurda a respeito de Deus. Dessa fonte foi que Ário e seus sectários derivaram seus erros. Orígenes procedeu com tal temeridade, a ponto de afirmar que o Filho unigênito não pode ver o Pai, nem o Espírito Santo ver o Filho, nem os anjos o Espírito Santo, nem o homem os anjos. Este foi o seu primeiro erro: porque ele considerou o Filho como sendo da substância do Pai, de tal forma que ele foi criado. Ele cometeu erros ainda mais hediondos, pois ele ensinou que as almas dos homens existiam antes seus corpos, e eram anjos ou super poderes superiores, que foram consignados, por causa de seus pecados, a essas estruturas mortais, para fins de punição. Poderíamos mencionar muitas de suas noções: que, por exemplo, que ele entretinha, que Adão perdeu a imagem divina por transgressão. Por isso é, diz Orígenes, que a Escritura menciona as túnicas de peles com as quais Deus vestiu nossos primeiros pais; peles que ele usa para ser seus corpos.

(1) O *Origeniani*, a quem *Epifânio descreve em Haeres*. Lxiii., são suspeitos de terem sido criaturas de sua imaginação. Ver *Credibilidade* de Lardner, etc., cap. Koetus, e outros chamados Hereges, etc. [p.161]

Há, de fato, um número infinito de dogmas propostos por ele, dignos de ridículo e riso. Ele até representou a ressurreição de maneira imperfeita e defeituosa, em parte afirmando-a na aparência e em parte negando-a na realidade. Em outras palavras, ele supôs que apenas uma parte do homem deve ser levantada. E, finalmente, transformou tudo o que pôde em alegorias; como o Éden ou o Paraíso, e suas águas; e as águas que estão acima do firmamento, e as que estão debaixo da terra", etc. (1) Epifânio então passa a tratar, em extensão considerável, sobre suas visões da Trindade e da Ressurreição, inserindo quase todo o tratado de Metódio sobre o último assunto; depois disso, ele volta a atacar mais uma vez (contra suas noções de túnicas de peles), a idea de pré-existência e a de Ressurreição de Origines, chamando-o de "um infiel e pior que um infiel". , como todos os antigos opositores de Orígenes, ele também ignora a doutrina do Universalismo, não fala nada sobre ela; embora descubramos que ele mesmo, ao mesmo tempo, acreditava que não há mudança de condição nem espaço para arrependimento após a morte. (2) Este ataque, embora declarado contra os origenistas, foi dirigido mais particularmente contra o próprio mestre deles. Parece ter sido o último que ele

sofreu até a famosa disputa que surgiu no final deste século, na qual Epifânio aparecerá novamente como um ator principal.

(1) *Epiplianii Panarium*, *Haeres*. Ixiv., § 4. Esta passagem, que comprimi um pouco, contém quase todos os pontos que Epifânio censura ao longo de todo o artigo. Supõe-se que esta parte de sua obra tenha sido escrita em 376 d.C. Veja Lardner's Credibility, etc., cap. Epifânio.
(2) Idem, *Haeres*.(Heresias) Lix. [p.162]

370 a 383 d.C.
Gregório Nazianzeno (ou “de Nazianzo”).

Já avançamos para um período que constitui uma época distinta em nossa história. O universalismo parece ter sido, por algum tempo, o sentimento da maioria dos mais eminentes Pais ortodoxos do Oriente. Gregório Nisseno, Dídimo, Jerônimo e Diodoro de Tarso foram seus defensores; e o célebre Gregório Nazianzeno, que foi finalmente elevado ao bispado de Constantinopla, hesitou entre esta doutrina e a da miséria sem fim. Sua prontidão em expor a fé nicena adquiriu para ele a denominação de O Teólogo; e de todos os pais, exceto Crisóstomo, ele é o mais famoso por uma eloquência brilhante e luminosa (*Crisóstomo* é apelido e significa “boca de ouro”). Suas obras são, naturalmente, declamatórias e exortativas, em vez de doutrinais; mas ele ainda deixou provas suficientes do estado incerto de sua opinião. Às vezes ele representava

a miséria futura como uma dispensação de mero tormento, oposta a todo sofrimento *corretivo*; e afirmou que no inferno, ou no lugar dos mortos, não pode haver confissão nem reforma. (1)

(1) *Gregorii Nazianzeni Oratio Decimaquiita*, p. 229, tomo, i., edit. Paris, 1630.

Mas em outras ocasiões ele achava provável que esses tormentos fossem direcionados à salvação dos sofredores. "Eu mencionei", diz ele, "o fogo purificador que Cristo veio acender na terra; que é ele mesmo figurativamente chamado fogo. É a natureza desse fogo *consumir a matéria mais grosseira, ou caráter vicioso, da mente*. Mas há também outro tipo de fogo, não de purgação, mas destinado a um castigo vingativo da maldade; [p.163] seja a de Sodoma, que, misturada com enxofre e tempestade, Deus derrama sobre todos os pecadores; ou o que está preparado para o diabo e seus anjos; ou mesmo aquilo que procede diante da face do Senhor; ou, por último, aquele mais formidável que tudo, que está conectado com o verme que não dorme, e nunca se extingue, mas é contínuo e *eterno*, para o castigo dos homens maus (Isaías 66:24; Mar 9:44,46,48). É da natureza de tudo isso arruinar, destruir; a menos, porém, que se possa supor que o fogo, também neste caso, deve ser entendido mais moderadamente, e como é digno, de fato, do Deus que pune.” (1) Em outra passagem, falando dos Novacianos, uma seita herética, ele diz: "Talvez eles sejam batizados, no próximo mundo, com

fogo, que é o último batismo, e não é apenas afiado, mas de grande duração, e que se alimentará da matéria inútil (impura), como do feno, até que tenha consumido todos os seus pecados." (2) Tal é a indecisão de Gregório Nazianzeno sobre este assunto, que é de pouca importância mencionar sua repetida aplicação da palavra *eterna* para punição futura.

Foi dito, por um dos melhores críticos (3) da história eclesiástica, que de todos os pais do século IV, não houve homem mais moderado nem mais digno do que Gregório Nazianzeno. Unindo uma sensibilidade rápida e profunda com uma imaginação elevada, ele era muito contemplativo, muito apegado ao retiro, para se envolver voluntariamente nas perpétuas contendas de sua época, ou mesmo para saborear os tumultos da vida pública.

(1) *Oreg. Nazianz., Oratio* xL., pp. 684, 665, tomo, i.
(2) Idem, Oratio xxxix., p.636, tomo,i.
(3) Le Clerc. Veja as Observações de Jortin sobre Eccl. Hist., vol. IV., pág. 95, Londres, 1773. [p.164]

Ele condenou a arrogância dos fanáticos zelosos em pontos doutrinários; embora se possa supor que ele próprio fosse, a esse respeito, bastante exigente. O clero daqueles dias, ele corajosamente, e parece com justiça, apresenta como um corpo de homens avarentos, briguentos, licenciosos e, em uma palavra, sem princípios; e dos frequentes Concílios, que então perturbavam a paz da igreja, declarou que tinha medo deles, porque nunca havia visto o fim de

um que fosse feliz e agradável, ou que não aumentasse mais do que diminuísse o mal. (1) Nada pode evidenciar de forma mais impressionante a intolerância universal da época do que um de seus homens mais pacíficos aprovava, e às vezes exortava, a perseguição de hereges, e lamentava abertamente que *o apóstata imperador Juliano* não tivesse sido morto por seu pai. Antecessor.

(1) Greg. Nazianz., Epist. 4.

Sua intimidade com Basílio, o Grande, começou cedo, em meio às escolas de Atenas. Tendo já estudado tanto na Palestina como em Alexandria, Gregório Nazianzeno dirigiu-se a esta sede da literatura grega por volta do ano 344 (*nt1) e, pouco depois, juntou-se a seu jovem companheiro (Basílio). Aqui eles conheceram Juliano, o futuro imperador, então um jovem como eles. Finalmente, Gregório Nazianzeno voltou para casa em Nazianzo, uma pequena cidade na parte sudoeste da Capadócia, da qual seu pai era bispo. Mas quando Basílio, em seu retorno dos mosteiros do Egito, retirou-se para uma solidão no Ponto, ele o seguiu até aquele retiro, o ajudou a estabelecer as instituições monásticas lá e, ao que parece, permaneceu por algum tempo depois que seu amigo se envolveu em uma esfera mais pública e distinta. [p.165] Basílio fora ordenado Bispo da Capadócia, em 370 d.C.; (*nt2).

(*nt1) O original trás 244 d.C. mas Gregório Naziazeno nasceu em 329 e o imperador Juliano em 331.

(*nt2) O original trás 270 d.C. mas , se está falando de *Basílio*, ele nasceu em 330 d.C.

e desejando se precaver, contra as tentativas de um rival, à pequena e obscura aldeia de Sasima, nos limites de sua jurisdição, ele chamou Gregório Nazianzeno de seu retiro e o nomeou bispo do lugar contestado. Gregório Nazianzeno se ressentiu dessa conduta cruel de seu amigo; e, recusando-se a aceitar a indigna nomeação, voltou a residir em Nazianzum, ajudando seu pai idoso nos cuidados da igreja. Após a morte de seu venerável pai, ele foi para Selucia, e dali, a pedido urgente dos bispos, para Constantinopla, onde chegou por volta de 378 d.C. Ele encontrou a cidade cheia de arianos, que ocupavam todas as igrejas; os poucos ortodoxos, desanimados e destituídos de um lugar para culto público. Depois de pregar por algum tempo em casas particulares, sua eloquência e vida austera atraíram para seu rebanho um número suficientemente grande para erguer uma igreja espaçosa, que eles chamaram de Anastasia, ou Ressurreição, para intimar o renascimento da fé consubstancial. A atenção de toda a cidade foi despertada; os ortodoxos triunfantes, os hereges de todos os tipos e até os pagãos, reunidos em uma massa misturada foram à Anastasia, para banquetear-se com sua doutrina ou admirar o encanto de sua eloquência; e tal era a pressão da multidão, a ponto de às vezes esmagar a grade que cercava o púlpito.

No meio de seu sucesso, no entanto, ele foi profundamente ferido pela ingratidão de um miserável sem

princípios, mas hipócrita, a quem ele tanto estimava. Este impostor, chamado Máximo, formou uma facção entre os próprios ortodoxos, em Alexandria e outros lugares, para usurpar o bispado de Constantinopla; [p.166] veio com seus partidários e entrou à força na própria igreja de Gregório Nazianzeno ; e, quando expulso pela multidão alarmada, apelou, embora em vão, ao imperador Teodósio. Ele finalmente conseguiu, no entanto, convencer os bispos italianos a aprovar seu projeto; e ele encontrou muitos entre o clero oriental, que, por inveja, favoreceu sua causa. Poucos homens, talvez, eram menos aptos do que Gregório Nazianzeno para agir em tais circunstâncias. Embora ousado, veemente e resoluto quando cercado por inimigos declarados de sua fé, *a oposição de seu próprio partido murchou seu coração* e o enojou da vida. Ele procurou retirar-se de Constantinopla para a solidão. Mas as súplicas ansiosas de seu povo prevaleceram tanto que ele adiou sua resolução; e o novo imperador Teodósio, fazendo sua primeira entrada em Constantinopla no final do ano 380, expulsou os arianos de todas as igrejas da cidade, baniu seu bispo e introduziu Gregório Nazianzeno na posse e nas receitas de sua grande igreja ou catedral. (1) Este novo estado de coisas parecia proporcionar-lhe um espaço de tranquilidade; e no Concílio Geral que se reuniu no ano seguinte, em Constantinopla, foi confirmado em seu bispado. Antes do encerramento da sessão, no entanto, ou talvez em outra sessão realizada no mesmo local em 382 d.C., novas dificuldades surgiram: *a integridade severa* de Gregório Nazianzeno ofendeu alguns, pois frustrou suas intrigas; e sua *popularidade* despertou o ciúme de outros.

(1) Ficava no local agora ocupado pela mesquita de Santa Sofia. [p.167]

Afundado em velhice prematura, cansado de contendas e desgostoso com os vícios dos bispos, resolveu, apesar das amargas lamentações de seus amigos, renunciar a um cargo que o expunha continuamente *ao abuso da inveja e da ambição clerical*. Na grande igreja de Constantinopla, tão recentemente arrebatada aos arianos, ele subiu ao púlpito pela última vez, cercado pelos membros do Concílio Geral, por seu próprio povo amado e pela multidão habitual. Repetiu a história de seu sucesso naquela cidade, descreveu a doutrina que havia pregado, rogou aos bispos, abandonando suas práticas contenciosas, que curassem as divisões da igreja, e concluiu despedindo-se da vida pública e das cenas de seus trabalhos. (1)

(1) "Adeus, Anastasia!" disse ele; "Tu que viste a nossa doutrina levantada de seu estado baixo e desprezado; queridos lugares de nossa vitória comum, nosso novo Siloé, onde primeiro descansou a arca de nosso Deus, depois de suas peregrinações sem esperança no deserto. Adeus, também, este grande e augusto templo, onde encontramos minha nova herança, tu que antes eras um Jebus, agora convertido em Jerusalém. E vós outros edifícios sagrados, também espalhados por toda a cidade e seus subúrbios, adeus! a graça de Deus, e

não nossos débeis esforços, agora vos encheu de fiéis. Tu invejado e perigoso preeminência, trono episcopal, adeus! Adeus, palácio pontifício, venerável pela tua idade e a majestade do sacerdócio! salmodia não mais ouvirei, cujas celebrações noturnas da ressurreição de nosso Senhor não mais assistirei. As santas virgens, ó viúvas e órfãos, ó olhos dos pobres, voltados alternadamente para o céu e para o pregador, adeus, adeus, hospitaleiros d omes, devotados a Cristo, que tantas vezes ajudaram minha enfermidade! A multidão que se apinhava aos meus sermões, ó notários de mãos rápidas, ó carrascos, pressionados por meus ouvintes gananciosos, adeus! Adeus, imperadores e cortes! Adeus, cidade imperial, cujo zelo, embora não, talvez, de acordo com o conhecimento, ainda vou testemunhar francamente! Que teu serviço a Deus seja mais sincero, e teus frutos de justiça mais abundantes. Ó bispos do Oriente e do Ocidente, adeus! por que alguns de vocês não imitam esta minha renúncia e restauram a paz à igreja dividida e contenciosa? Eu os chamo apenas para renunciar às dignidades na terra, por tronos celestiais, muito mais seguros e mais exaltados. Ó anjos, os guardiões desta igreja, e de minha presença e peregrinações, adeus, Tu, Santíssima

Trindade, minha meditação e minha glória, oh, que eu possa ouvir o crescimento diário deste meu povo, seu crescimento em conhecimento e graça. E vós, meu povo, porque sois meus, embora outro vos governe, – meus filhinhos, mantenham a fé que vos entreguei, lembrando meus trabalhos e meus sofrimentos." Greg. Nazianz., Oratio xxxii. fin., tom .i., pp. 527, 628. [p.168]

Retirou-se imediatamente para Nazianzo, onde viveu na obscuridade e sossego, dedicando-se a exercícios devotos e à composição poética. Ele morreu por volta de 389 d.C., com idade de pouco mais de setenta anos. Sua integridade clara e determinada é digna de todo louvor; e a pureza imaculada de sua vida e maneiras, embora veladas sob a sombra da melancolia monástica, impõe nosso mais alto respeito. Sua eloquência, absurdamente comparada à de Demóstenes, foi formada no estilo pomposo dos asiáticos, e não na severa simplicidade do grego; e, portanto, era mais adequado para discursar sobre mistérios e excitar a admiração de uma população ignorante.

A debilidade de um corpo, subjugado por rigorosas austeridades, deve ter aumentado a sensibilidade de seu temperamento; e isso, unido ao caráter generoso e confiante de suas afeições, o expôs a perpétuas aflições da baixeza e ingratidão da humanidade. Não é de admirar que, para tal homem, a difícil posição, à qual prudentemente renunciou, tenha sido preenchida com um peso de

cuidados insuportáveis. A Igreja, no entanto, sempre preservou sua memória; e seu nome ainda ocupa um lugar respeitável nas páginas da história eclesiástica.

Como Basílio, ele era moderadamente dado ao método alegórico de exposição. Já mencionamos sua mútua admiração pelos escritos de Orígenes.

Gregório Nisseno (ou "de Nissa")

Mas nisso ele foi talvez superado por seu amigo Gregório Nisseno, irmão de Basílio, o Grande. Este eminente Pai e bispo seguiu o sistema de Orígenes ao alegorizar as Escrituras, mais do que a maioria de seus contemporâneos. embora ainda evitasse muitas de suas extravagâncias e rejeitasse algumas de suas noções. (1) [p.169] A doutrina da Salvação Universal, no entanto, ele adotou e ensinou com mais frequência (2) do que, talvez, qualquer outro escritor antigo cujas obras ainda existem.

Esforçando-se para arrancar dos arianos aquela expressão de São Paulo, *então o Filho também se sujeitará àquele que tudo lhe submeteu* (1 Coríntios 15:28), e para fazê-la parecer consistente com o *Trinitarianismo*, ele aproveita a ocasião para explicar a conexão em geral, a fim de apontar o que ele supõe ser o argumento do apóstolo: "Qual, portanto", diz ele, "é o escopo do argumento de São Paulo nesta passagem?

(1) Ver *Gregorii Nysseni. Disputa. de Anima et Resurrect.*, pp. 264, 265, 269. Lib. *de Creatione Hominis*, cap. 29. pág. 459, e cap. 30, pág. 462. *De Hist. Sex Dierum*, pp. 293, 294, edit.

Basílio, 1562.
(2) Um apelo feito pela primeira vez mais de trezentos anos após a morte de Gregório Nisseno, para defendê-lo da imputação do Universalismo, às vezes é repetido, embora de maneira vacilante, pelos críticos modernos. Germano, Bispo de Constantinopla, que floresceu por volta de 730 d.C., afirmou que no Diálogo sobre a Alma de Gregório Nisseno, em sua grande Oração Catequética e em seu Tratado sobre a Vida Perfeita de um Cristão, todas as passagens que ensinavam a restauração dos demônios e dos condenados havia sido corrompido ou adicionado pelos origenistas; e como prova, ele se referiu às conexões das passagens em questão e ao suposto fato de que em outros lugares Gregório Nisseno havia contradito essa ideia. (Veja Photii Biblioth., Cod.233.) Du Rn, que, a propósito, deturpa Germanus, manifestamente deseja valer-se deste fundamento; mas ao mesmo tempo trai sua falta de confiança nele. (*Bibliotheca Patrum*, art. Gregório Nisseno.) A verdade é que seria impossível tirar o universalismo das obras de Gregório Nisseno sem destruir algumas de suas peças e tornar outras ininteligíveis; e não há razão para suspeitar que foi inserido erroneamente nos três livros que Germanus nomeia. Que Gregório

Nisseno alguma vez negue a doutrina em questão, eu não descobri. O independente Daille (De Usu Patrum, lib. ii., cap. 4, edição latina, para o inglês, e provavelmente o francês está incompleto) trata a suposição de Germano com desprezo merecido. "• É o último recurso", diz ele, "dos que com uma pertinácia estúpida e absurda terão que os antigos escreveram nada diferente da fé recebida atualmente; pois todas as Orações de Gregório Nisseno estão tão profundamente imbuídas da doutrina pestífera em questão, que ela pode ter sido inserida por ninguém menos que o próprio autor.” Dr. T. Burnet também (De Statu Mort. et Resurg., p. 138, Londres, 1733) declara vã a súplica de Germanus. Ver nota 2, na página 112, a seguir. [p.170]

Que a natureza do mal será, por fim, totalmente exterminada, e a bondade divina e imortal abarcará dentro de si toda criatura racional; para que de todos os que foram feitos por Deus, nenhum será excluído do seu reino. Todas as vicissitudes, que como uma matéria corrupta se misturam às coisas, serão dissolvidas e consumidas na fornalha do fogo do purgatório; e tudo o que teve sua origem de Deus será restaurado ao seu estado primitivo de pureza." O autor prossegue afirmando, em sua maneira abstrusa e mística, que a natureza humana que Cristo assumiu, estando tão intimamente ligada à natureza

comum do homem , que o apóstolo aqui chama de "as primícias" da raça humana, a sujeição de toda a humanidade a Deus pode, por uma figura, ser chamada de sujeição do próprio Cristo, as primícias. seremos totalmente derrubados, tudo deve, é claro, estar sujeito àquele que governa sobre todos; porque não pode haver inclinação oposta no universo. Agora, a sujeição a Deus é a alienação perfeita e absoluta do mal. Portanto, quando todos nós formos libertos do pecado e perfeitamente assimilados a Cristo, nossos primeiros frutos, e feitos um corpo uniforme com ele, então o que é chamado de sujeição de Cristo é, na realidade, realizado em nós; e porque somos seu corpo, nossa sujeição é atribuída àquele que a efetuou em nós. Tal, pensamos, é o significado de São Paulo nesta passagem: Pois como em Adão todos morrem, assim também por meio de Cristo todos ele vivificou; mas cada um na sua ordem: Cristo, as primícias; então aqueles que são de Cristo em sua vinda; [p.171] então virá o fim, quando ele entregar o reino a Deus, o Pai, quando ele tiver abolido todo domínio, e autoridade, e poder. Pois ele deve reinar até que tenha colocado todos os inimigos sob seus pés. O último inimigo, a morte, será destruído. Pois ele pôs todas as coisas debaixo de seus pés. Mas quando ele diz. Todas as coisas estão sujeitas a ele, é manifesto que se excluí quem colocou todas as coisas sob ele. E quando todas as coisas lhe forem sujeitas, então também o próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou; que Deus será tudo em todos. (1 Coríntios 15:22-28) É manifesto que aqui o apóstolo declara a extinção de todo pecado, dizendo que Deus será

tudo em todos. Pois Deus será verdadeiramente tudo em todos somente quando nenhum mal permanecer na natureza das coisas, pois ele nunca está envolvido no mal", etc. (1)

Gregório Nisseno defendia diferentes graus de felicidade no céu, de acordo com os diferentes méritos que os bem-aventurados tinham adquirido na terra; (2) e diferentes graus de punição futura, de acordo com os vários caracteres dos sofredores. "Creio", disse ele, "que o castigo será administrado na proporção da corrupção de cada um. Pois seria desigual atormentar com as mesmas dores do purgatório aquele que há muito se entregou à transgressão, e aquele que caiu apenas em alguns pecados comuns, antes essa chama dolorosa arderá por mais ou menos tempo, de acordo com o tipo e a quantidade da matéria que a sustenta.

(1) *Tract in Dictum Apostoli, Tunc etiam ipse Filius subjiciefur*, etc., p. 137, e segs.
(2) *Lib. De Infantibus quae preemature abripiuntur.* [172]

Portanto, em quem há muita corrupção, com este é necessário que a chama para consumi-la seja grande e de longa duração; mas para aquele em quem a disposição perversa já foi parcialmente submetida, um grau menor do que essa punição mais severa e veemente será remetido. Todo mal, no entanto, deve, por fim, ser inteiramente removido de tudo, para que não exista mais. Por ser a

natureza do pecado, que não pode existir sem um motivo corrupto, ele deve, é claro, ser perfeitamente dissolvido e totalmente destruído, de modo que nada possa permanecer um receptáculo dele, quando todo motivo e influência brotarão somente de Deus. ", etc. (1)

Em outro lugar, ele afirma que, assim como o diabo "assumiu uma forma carnal para arruinar a natureza humana, assim o Senhor se fez carne para a salvação do homem; e assim ele abençoa não apenas aquele que foi arruinado, mas também aquele que o conduziu à perdição; de modo que tanto livra o homem do pecado, como também cura o autor do pecado”. (2)

Como os primeiros universalistas, Gregório Nisseno aplicou livremente a palavra *eterna* para punição futura – uma circunstância que, provavelmente, traiu alguns críticos para a conclusão precipitada de que ele às vezes negava a doutrina da restauração universal e afirmava a da miséria sem fim. Um uso notável dessa frase ocorre em uma passagem onde ele alude ao destino final daqueles que se tornaram confirmados na devassidão.

(1) *Disputatio de Anima et Resurrectione*, p. 260.
(2) *Oratio Catechetica*. cap. 26. Junto aqui os títulos das obras em que Gregório Nisseno ensina Universalismo: *De Anima et Resurrectione; Oratio Catequética; De Infantibus qui praemature abripiuntur; Oratio de Mortuis; In Dictum Apostoli, Tune ipse filius subjicietur Patri; De*

Perfectione Christiani. [p.173]

"Quem", diz ele, "considerar o poder divino perceberá claramente que é capaz de restaurar, por meio da purificação *eterna* e sofrimentos expiatórios, aqueles que chegaram a esse extremo de maldade". (1)

Seu sistema geral de doutrina é desnecessário expor totalmente, pois era o mesmo que distinguia os ortodoxos de sua época. Alguns detalhes, no entanto, podem ser especificados: A opinião, universalmente recebida pelos cristãos deste século, de que a regeneração era experimentada apenas no rito do batismo nas águas; foi, é claro, ensinada por Gregório Nisseno ; e com eles ele concordou que era efetuada pelos esforços da vontade humana, auxiliada pela assistência oferecida pelo Espírito Divino. A predestinação e a graça irresistível, em seu sentido moderno, ainda eram desconhecidas na igreja. Em um ou dois aspectos, nosso autor foi uma exceção honrosa à superstição predominante de seus contemporâneos; dissuadiu da crescente prática de peregrinações a santuários e lugares santos; e, embora patrono da vida monástica, defendeu a excelência do matrimônio tanto por preceito como por exemplo; sendo ele mesmo um dos poucos bispos casados daquela época.

Ele deixou uma produção, sua *Vida de Gregório Taumaturgo*, que o envolve, como autor, na acusação de credulidade sem limites ou de total desrespeito à verdade histórica. É uma lenda inútil, animada apenas com milagres fictícios os mais tolos, e com contos repugnantes os mais incríveis.

(1) De Infantibus qui prafimature abripiuntur, p. 178. [p.174]

Que ele mesmo ousasse colocá-lo diante do mundo é uma indicação suficiente da estupidez universal e da completa corrupção do gosto público. Se fosse possível que um ilustre precedente pudesse exonerar da criminalidade da falsidade ou da ficção dissimulada, ele poderia com justiça citar o do grande Atanásio, que parece ter dado o primeiro exemplo desses romances monásticos, com sua *Vida de Antônio*; e três ou quatro produções, do mesmo caráter, que logo depois apareceram sob os nomes honrados de Jerônimo e Sulpício Severo, contribuíram muito para aliviar Gregório Nisseno da desgraça da loucura solitária. As restantes obras do nosso autor são compostas num estilo seco, envolvente e obscuro; e elas abundam em alegorias absurdas e misticismo abstruso. Nos estudos e conhecimento, ele foi o segundo de sua época; em influência, ele ficou entre os primeiros no partido ortodoxo. É notável que ele nunca tenha sido condenado por seu Universalismo; e que ele nunca foi censurado por isso até dois ou três séculos depois de sua morte.

Em sua juventude, ele estava tão fortemente inclinado à vida literária, que foi com muita dificuldade que foi persuadido a abandonar seu estudo favorito de retórica, a fim de assumir os deveres do ministério. Por volta de 371 d.C., quando não muito longe dos trinta e dois anos, foi ordenado bispo de Nissa, uma pequena cidade na parte ocidental da Capadócia. Valens, o imperador ariano,

estando então no trono de Constantinopla, levou vários bispos ortodoxos ao exílio; e no ano 374 conseguiu, por meio de seu tenente Demóstenes, a expulsão de Gregório Nisseno de sua igreja. [p.175] Mas, após quatro anos de ausência, ele foi chamado de volta, com o resto dos bispos banidos, com a ascensão de Teodósio, o Grande, e estabelecido permanentemente em seu cargo. Logo depois, o Concílio de Antioquia ou o de Constantinopla o designaram para visitar, com outros delegados, as igrejas do Ponto e as da Arábia, a fim de reavivar entre eles a fé e a disciplina ortodoxas; e o novo imperador o honrou, no cumprimento desse dever, com um transporte público. Parece que algum tempo depois de seu retorno ele foi chamado a Constantinopla por ocasião da morte da Imperatriz Placilla, em 385 d.C., para pronunciar sua oração fúnebre. Ele morreu em Nissa, por volta do ano 394, com quase sessenta anos.

Dídimo, o Cego.

Atrasamos um pouco a introdução de um eminente universalista que floresceu neste período entre os ortodoxos do Egito, e cuja fama de conhecimento profano e sagrado encheu todo o Oriente. Dídimo, o Cego, de Alexandria, embora muito mais velho que Basílio ou qualquer um dos Gregórios, parece não ter adquirido sua extensa reputação até que a fama deles também se espalhasse pela igreja. Privado para sempre de sua visão com apenas cinco anos de idade, ele conseguiu, no entanto, tornar-se mestre de gramática, retórica, lógica, música, aritmética e até as partes mais difíceis da matemática; e seu

conhecimento de teologia era tão estimado, que foi eleito Presidente da grande Escola Catequética em sua cidade natal. Ele era um admirador declarado de Orígenes, a quem considerava seu mestre, e cujos livros *Dos Princípios* ele ilustrou com breves comentários, defendendo-os contra as más interpretações dos arianos. [p.176]

Que ele era um universalista, o testemunho incontestado de escritores contemporâneos e sucessivos (1) é, talvez, evidência suficiente; mas sua condenação, como tal, pelo Concílio Geral de Constantinopla, mais de um século e meio depois de sua morte, confirma o fato, e ao mesmo tempo prova que, com a doutrina da Restauração, ele também sustentou a do Preexistência de almas. (2) Essa sentença póstuma de excomunhão, no entanto, ao consignar suas obras heréticas à destruição, negou-nos a satisfação de aduzir sua própria linguagem; mas mesmo nos poucos de seus escritos que ainda restam, encontramos alguns vestígios da doutrina detestável, que provavelmente foi ignorada pelos antigos censores. Ele diz que "assim como a humanidade, sendo recuperada de seus pecados, deve ser submetida a Cristo na plenitude da dispensação instituída para a salvação de todos, assim as inteligências racionais superiores, os anjos, serão reduzidas à obediência pela correção de seus vícios." (3) Diz-se que ele também desaprova todo temor servil." (4)

Embora não contado entre os origenistas de seu tempo, Dídimo era indubitavelmente considerado por eles, e com justiça também, como seu principal patrono. Dificilmente podemos supor que seu próprio caráter fosse tão perverso como depois representado, quando consideramos o favor

manifestamente demonstrado por um estudioso cristão de seu aparente bom senso e, o que era ainda mais raro, franqueza invariável.

(1) Jerônimo e Rufinus aludem a isso como um fato bem conhecido. *Cyrillus Scythopolitanus* (*Vitae* 8. P. Sabae. cap. 90. *inter Cotelerii Mon*. Eccl. *Graecae*, tomo, iii.), um escritor do século VI, é o próximo de quem me lembro.
(2) *Cirilo. Citopolita*. Vit. S. P. Sabae. cap. 90.
(3) Comentário Didymi, em 1 Pet. iii. Não tenho acesso a esta obra, que se encontra apenas na grande Bibliotheca Patrum; e, portanto, cito Huetii Origenian, lib. e.. cap. 2, busca. iii., § 26.
(4) Du Pin's Bibliotb. Pat., arte. Dídimo. Ele se refere à obra acima mencionada. [p.177]

Ele era um escritor volumoso; mas apenas duas ou três de suas obras sobreviveram à perda de tempo e aos decretos exterminadores de eras posteriores, seu tratado Sobre o Espírito Santo e seus Comentários às Epístolas Canônicas e um fragmento de seu livro Contra os Maniqueus (1) . Durante sua vida, no entanto, ele foi considerado um distinto campeão da ortodoxia daquele período; e morreu pacificamente na comunhão geral, honrado e estimado pela igreja. Como a maioria de seus contemporâneos,

empenhou-se de coração no apoio à instituição monástica; e seu renome, e sua posição influente como presidente da primeira escola da cristandade, permitiram-lhe exercer seu zelo com muito efeito. Na lista de eruditos que, em vários momentos, estudaram com ele, aparecem os nomes de Jerônimo, Rufino, Paládio e Isidoro. Ele morreu provavelmente no ano de 394, com cerca de noventa anos. (2)

(1) Existem alguns fragmentos de Comentários sobre os Salmos, com seu nome, na "Aurea Catena, interprete Daniele Barbaro". Venetiis, 1569. Mas suponho que não temos boa autoridade para atribuir isso a Dídimo.
(2) Catálogo Haeronymi., art. Dídimo Alexandrino, tom. 4. Du Pin confunde sua idade. se de fato os números em sua conta não forem um erro da imprensa.

Jerônimo.

Se o conhecimento, os talentos e o renome imortal, quando *dissociados da sã integridade* e do espírito brando do evangelho, conferem honra a qualquer doutrina, o Universalismo poderia exultar ao pronunciar o famoso Jerônimo como um de seus defensores. Por volta de meados deste século, (3) ele foi enviado, ainda menino, de sua Panônia natal, além do Adriático, para prosseguir seus estudos em Roma.

(3) O ano do nascimento de Jerônimo é

incerto. Du Pin, a quem sigo, tentou uma cronologia dos principais eventos de sua vida, segundo a qual ele deve ter nascido por volta de 340 d.C. ou 342. Biblioth. Pat., arte. Jerônimo, nota (b). [p.178]

Tendo finalmente completado sua educação lá e recebido o batismo, ele viajou, com uma sede insaciável de conhecimento, primeiro para o Ocidente, e visitou os homens instruídos na Gália; de onde voltou e, depois de uma curta estada na Itália, continuou sua jornada, contornando a cabeceira do Adriático, para o Oriente. Aqui ele passou muitos anos na Síria, Palestina e Egito, estudando com os eminentes Pais e doutores, freqüentando os Concílios e praticando a disciplina monástica em todos os seus rigores. (cerca de 380 d.C.) No decorrer dessas várias atividades, ele estudou por algum tempo com Gregório Nazianzeno em Constantinopla; e depois de fazer uma longa visita a Roma, ele navegou para o Egito, e entrou nos mosteiros de Nitria, no ano 386. Ele logo desceu para Alexandria, no entanto, e passou cerca de um mês sob as instruções de Dídimo. . Mas não gostando dos origenistas, embora ele mesmo um admirador declarado de seu mestre, ele deixou o Egito e se retirou para a Palestina. Isolado em uma pequena cela em Belém, em meio às cenas do nascimento de nosso Salvador, ele dedicou seu tempo às austeridades monásticas e a escrever *Comentários*, à imitação de Orígenes, *sobre o Novo Testamento*, Estes apareceram por volta de 388 d.C..

Nisso sobre *Efésios*, ele representa o apóstolo ensinando

que toda a humanidade finalmente chegará, na unidade da fé e no conhecimento do Filho de Deus, a um homem perfeito em Cristo Jesus; (1)

(1) Comment. Hieronymi (lat. para “de Jerônimo”)., lib. ii., em Epist. anúncio Efés., cap. 4. 13, tom. 4. parte i., editar. Martianay. [p.179]

e que "no final, ou consumação das coisas, todos serão restaurados ao seu estado original e serão novamente unidos em um corpo". (1) Ele diz: “Não podemos ignorar que o sangue de Cristo beneficiou os anjos e aqueles que estão no inferno; embora não saibamos a maneira pela qual produziu tais efeitos”. (2) Em outra passagem, ele representa "toda a criação inteligente pelo símile de um corpo animal", da qual a carne, artérias, veias, nervos e ossos, tendo sido dissecados e espalhados, devem ser unidos novamente. por uma mão hábil, e reanimado. “Agora”, continua ele, “na restauração de todas as coisas, quando Cristo, o verdadeiro médico, vier para curar o corpo da igreja universal, atualmente dilacerado e deslocado em seus membros, então cada um, de acordo com o medida de sua própria fé e conhecimento do Filho de Deus, assuma seu cargo apropriado e retorne ao seu estado original; não, no entanto, como alguns hereges apresentam, que todos serão transformados em anjos ou transformados em criaturas de um nível uniforme . Mas cada membro será aperfeiçoado de acordo com seu ofício e capacidade peculiares. Por exemplo, o anjo apóstata se

tornará tal como foi criado; e o homem, que foi expulso do Paraíso, será restaurado novamente. se realizará de tal maneira que todos sejam unidos pela caridade mútua, de modo que os membros se deleitem uns nos outros e se regozijem na promoção uns dos outros. Então, todo o corpo de Cristo, a igreja universal, tal como foi originalmente, habitar na Jerusalém celestial, que, em outra passagem, o apóstolo chama de mãe dos santos". (3)

(1) Comment. *Hieronymi. (Jerônimo)* , lib. ii., em Epist. aos *Efésios 4:4*.
(2) Idem, aos *Efesios 4:10*.
(3) Comentário *Hieronymi.*, lib. ii., em Epist. aos *Efésios 4:16*. [p.180]

Novamente, Jerônimo diz: "os anjos apóstatas, e o príncipe deste mundo, e Lúcifer, a estrela da manhã, embora agora ingovernável, vagando licenciosamente e mergulhando nas profundezas do pecado, devem, no final, abraçar o feliz domínio de Cristo e seus santos". (1)

Na época em que escreveu estes Comentários, Jerônimo tinha quase cinquenta anos. Sua influência entre os ortodoxos teremos abundante oportunidade de exemplificar. No momento, no entanto, podemos apenas traçar uma amizade particular, cujo término infeliz seremos obrigados a descrever a seguir como agitando a igreja e, em certa medida, afetando a causa do universalismo. Há quase vinte anos, durante sua primeira viagem ao Oriente, ele parou por algum tempo na cidade de Aquileia, no extremo norte do Adriático, e ali conheceu

Rufinus, um jovem e promissor estudioso do lugar. Sua amizade continuou imperturbável até o presente período, e até um pouco mais tarde. Rufino o seguira cedo para o Oriente: em companhia de Melânia, uma nobre dama de Roma, ele navegou para o Egito em 372 d.C., visitou os monges de Nitria, passou algum tempo com Dídimo em Alexandria e depois se retirou, provavelmente no ano seguinte, com sua padroeira, para Jerusalém. Aqui Melânia empregou sua abundante riqueza em doações religiosas e caritativas, no avanço da causa monástica e no apoio aos numerosos peregrinos que recorriam aos lugares santos.

(1) Idem, lib. i., em Epist. aos Éfesios cap. ii. 7. Em outras obras, também, escritas nessa época, Jerônimo afirmou Universalismo: Hieronymi Comment., lib. ii., em Epist. aos Galatas, cap. 4. 1, e Comentário, em Amós, cap. 4. Este último não foi composto até cerca de 390 d.C. [p.181]

Com ela Rufino, entre outros, desfrutou de um retiro tranquilo, e dedicou-se ao estudo e aos serviços piedosos, cercado pelos objetos veneráveis que a Cidade Santa apresentava para despertar sua devoção. Ele ainda permaneceu aqui, quando Jerônimo fixou sua residência permanente em Belém, a apenas seis milhas de distância. Ambos já haviam entrado livremente nos sentimentos de Orígenes; e sua intimidade atual foi bem calculada para acalentar essas noções. Não há razão, no entanto, para supor que Rufino tenha sido, em qualquer momento, um

universalista; (1) a menos que possamos derivar uma leve, e parece injustificável, suspeita, por ele ter preservado, em suas numerosas traduções de Orígenes, aquelas passagens inteiras que ensinavam o Universalismo, enquanto ele alterava ou omitia aqueles que discordavam do Trinitarianismo ortodoxo. Essa circunstância, de fato, mostra que, se ele não acreditava naquela doutrina (universalismo), ele a considerava, como seus contemporâneos, como nenhum erro repreensível; e seu fiel apego a João, o Bispo de Jerusalém, confirma esta conclusão.

Antes de passarmos, deve-se notar que tanto Jerônimo quanto Rufino, embora escritores latinos e nativos do Ocidente, pertenciam mais propriamente à igreja oriental, onde suas principais conexões foram formadas e onde sua educação doutrinária foi amadurecida.

(1) Huet (Origenian., lib. ii., cap. 2, quaest. xi., § 25) pensa que Rufinus insinuou que, embora o diabo fosse infinitamente miserável, os homens culpados sofreriam apenas punição temporária. Mas, para mim, as passagens às quais Huet se refere não transmitem a última opinião, mas o contrário. [p.182]

390 d.C.

Evagrius Ponticus, que floresceu entre os ortodoxos deste período como um erudito e monge de considerável eminência, deve ser declarado universalista, com base no testemunho indiscutível do Quinto Concílio Geral; em que,

um século e meio depois de sua morte, foi anatematizado com Dídimo, por ter ensinado a restauração de todos e a preexistência das almas. (1) Mas a mesma frase que preservou a memória de sua doutrina destruiu a parte desagradável de seus escritos e deixou nada além de algumas obras consistindo principalmente de regras cerimoniais e instruções práticas para monges. Nestes, tanto o assunto quanto a circunstância de terem sido tolerados, tornam improvável que algo seja encontrado para nosso propósito. Temos, portanto, apenas que acrescentar um breve esboço de sua vida e, em seguida, proceder a alguns relatos de outros indivíduos.

Tendo vindo de seu país natal do Ponto para a Capadócia, por volta de 375 d.C., ele foi nomeado leitor na igreja de Cesareia, por Basílio, o Grande; em cuja morte Gregório Nisseno o ordenou diácono. Depois de um tempo Evágrio foi para Constantinopla, onde estudou as Escrituras com Gregório Nazianzeno, e foi por ele promovido ao arquidiácono. Aqui ele permaneceu alguns anos depois que seu mestre se aposentou da cidade; mas, sendo finalmente obrigado a fugir do ciúme matrimonial de um nobre, ele veio a Jerusalém, por volta de 385 d.C., e foi recebido e sustentado no estabelecimento de caridade de Melânia. Na sociedade de Rufinus e outros ele foi aqui persuadido a abraçar a vida monástica; e, depois de uma residência de cinco anos na Palestina, ele foi, em 390 d.C., para o famoso retiro de Nitria, onde fixou residência permanente entre os origenistas.

(1) Cyrilli Scythopolit. Vit.

S.P.Sabae, cap. 90. [p.183]

O resto de sua vida foi passado em grande austeridade e em estreita aplicação ao estudo e à composição. Ele viveu na comunhão ortodoxa e morreu aos cinquenta e quatro anos, com a reputação de muita santidade e considerável erudição. (1)

Se fosse permitido conjecturar sobre meras aparências, poderíamos concluir que quase todos os principais origenistas desse período eram crentes no universalismo; pois tal é a impressão que o historiador deve naturalmente sentir, ao contemplar as circunstâncias peculiares de suas vidas, sua intimidade com Dídimo e com outros que são conhecidos por terem sustentado essa doutrina e seu respeito pelo pai favorito cujo nome eles carregavam. Passando por cima da multidão indistinta, que teve, talvez, apenas sua austeridade e miséria para recomendá-los a uma reputação momentânea, e cujos nomes poderiam agora formar, na melhor das hipóteses, apenas um catálogo em branco, ainda há dois ou três que devem ser apresentados aqui. perceber. *Palladius, natural da Galácia* e discípulo de Evagrius Ponticus, no Egito, foi um dos mais hábeis e fiéis apoiadores do partido. Ele era agora um monge na solidão de Nitria; mas a doença logo o levou ao mundo, depois obteve um bispado na Ásia Menor, tornou-se consideravelmente conhecido pelo papel que assumiu nos assuntos públicos da igreja e preservou seu nome do esquecimento escrevendo algumas obras históricas ou biográficas que ainda permanecem.

(1) Não confundir Evagrius *Ponticus* com seu contemporâneo Evagrius *Antiochenus*, nem com um escritor posterior, Evagrius *Scholasticus*, historiador eclesiástico. [p.184]

Outro membro influente do partido era o venerável Isidorus, um presbítero idoso de Alexandria, que Atanásio havia ordenado muitos anos antes, e que passara sua juventude entre os mosteiros do deserto de Nitria.

Direcionando nosso olhar para as igrejas da Palestina, vemos a cátedra episcopal da Cidade Santa ocupada por João de Jerusalém, um origenista, que, com Isidoro, aparecerá daqui em diante, tendo um papel importante no assunto desta história, e proporcionando alguma evidência de que ele era um universalista. Ele havia recentemente sucedido Cirilo no bispado de Jerusalém, onde desfrutou da amizade e apoio de Melânia, Rufino e seus associados. Da sua vida anterior, sabemos apenas que nasceu por volta de 356 d.C., que a sua juventude foi dedicada à disciplina monástica, mas que, abandonando a sua aposentadoria, foi ordenado presbítero antes do ano 378, e que foi escolhido para a sé de Jerusalém em 387 d.C.

378 a 394 d.C.

Na maioria dos universalistas deste século a influência dos escritos de Orígenes é abundantemente manifesta. Havia alguns, no entanto, que não tinham simpatia pelo sistema geral de doutrina e pensamento daquele Pai, e de quem não se suspeitaria que dele derivassem seus pontos

de vista. É bem sabido que a escola de teólogos de Antioquia ou Síria, assim chamada, diferia amplamente da alexandrina, ao rejeitar o modo alegórico de interpretação e outras especulações fantásticas. Entre eles, *Diodoro, bispo de Tarso*, se destaca pela aparente solidez de seu julgamento [p.185] e pela influência que ele parece ter exercido nas igrejas sírias. Por um fragmento, preservado de suas numerosas escrituras, descobrimos que ele também era um universalista. "Uma recompensa perpétua", diz ele, "é destinada aos bons, uma recompensa por suas obras, que é digna da justiça e eqüidade do galardoador. Para os ímpios, também, há castigos, *não perpétuos*, porém, ou a imortalidade preparada para eles se tornaria uma desvantagem, mas eles devem ser atormentados por um certo período breve, *proporcional ao merecimento* e à medida de suas faltas e impiedades, de acordo com a quantidade de malícia em suas obras. por um breve espaço; mas a bem-aventurança imortal, que não tem fim, os espera, pois, se as recompensas do bem superam suas obras tanto quanto a duração da eternidade preparada para eles excede a duração de seus conflitos neste mundo, punições a serem infligidas por pecados hediondos e múltiplos são muito mais superadas pela magnitude da misericórdia. A ressurreição, portanto, é considerada uma bênção, não apenas para os bons, mas também para os maus. Pois a graça de Deus honra copiosamente e magnificamente os bons [isto é, além de seus méritos]; e condena o mal em misericórdia e bondade." (1)

Diodoro foi, no início da vida, diretor de uma escola monástica em Antioquia, na qual ensinou com grande

reputação. Aqui ele foi posteriormente ordenado presbítero; e, durante o banimento do bispo, pelo imperador ariano Valente, foi homenageado com o cargo da igreja naquela metrópole do Oriente.

(1) Biblioteca Assemani. Orientalis, tomo, iii., parte i., p. 324. [p.186]

Por volta de 378 d.C., foi nomeado bispo de Tarso, na Cilícia, cidade natal de São Paulo; onde ele presidiu até sua morte, no ano 393 ou 394. Diodoro era um erudito e volumoso escritor, especialmente de Comentários sobre as Escrituras; mas todas as suas obras pereceram, exceto fragmentos citados por autores antigos. Em meio à prevalência da interpretação alegórica, ele. aderiu à importação natural e simples do texto sagrado; e supõe-se que seu exemplo tenha contribuído para estabelecer esse modo de exposição entre as igrejas sírias. Ele era tido em alta estima pelos outros Pais gregos de sua época, Basílio, o Grande, Gregório Nazianzeno, Epifânio e Atanásio; e, embora ele fosse posteriormente suspeito de ter favorecido as visões nestorianas da Trindade, nenhuma falha foi encontrada nele por seu universalismo até muitos séculos após sua morte. É digno de nota, que entre os que estudaram com ele enquanto em Antioquia estavam João Crisóstomo e Teodoro de Mopsuéstia, depois tão celebrados. (1)

(1) Para notícias de sua vida, veja o Bib de Du Pin. Pat., arte. Diodoro,

Bispo de Tarso. *Mosheim* de Murdock, vol. 1., pág. 295.

Tendo nos confinado por tanto tempo às igrejas orientais, onde sozinhos podemos descobrir a prevalência do universalismo, podemos agora voltar nossa atenção para o *Ocidente*. Uma multidão de nomes obscuros e quase esquecidos, se excluirmos os de Optatus, um bispo da Numídia, e Philastrius, um italiano, preenchem a lista de escritores eclesiásticos entre os latinos no intervalo entre o tempo de Vitorino e o presente. No entanto, eles tinham um médico muito eminente e popular em *Ambrose*, arcebispo de Milão na Itália, – [p.187] um homem de conhecimento moderado, mas de uma educação esmerada, dos talentos mais vigorosos, coragem determinada e de uma influência tão poderosa que se aproxima da autoridade absoluta no estado e na igreja. Da condição futura da humanidade, seus pontos de vista quase coincidiam com aqueles que Hilário e Lactâncio haviam falado antes. Todos os que alcançaram nesta vida o caráter de santos perfeitos, como os apóstolos e alguns outros, ele supôs, ressuscitarão dos mortos na primeira ressurreição; e suportando, com pouca dor, a provação da espada flamejante, ou o batismo de fogo, na porta do Paraíso, eles entrarão rapidamente na alegria eterna. Mas os santos imperfeitos passarão por uma provação. mais severa em proporção aos seus vícios; e aqueles que somente foram crentes, sem as virtudes do evangelho, a quem ele denomina pecadores, permanecerão nos tormentos do fogo até a segunda ressurreição, e talvez ainda mais, para que

possam ser purificados. Estas três classes, os santos perfeitos, os imperfeitos e os pecadores, cada uma será acusada, exceto, talvez, a primeira, no grande dia do julgamento; e, o que é notável, todos os que são então julgados mais cedo ou mais tarde serão salvos. Mas há outra, uma quarta classe, que ele distingue como os ímpios ou os infiéis, que, juntamente com o diabo e seus anjos, nunca serão levados a julgamento, porque já foram condenados. Para estes ele aparentemente não reserva nenhuma chance de restauração, mas os deixa para uma eternidade de sofrimento sem esperança. (1)

(1) *Ambrosii Mediolanensis*, no Salmo i., Enarrat., § 51, 52, 53, 54, 56; em Salmo cxviii., Exposit. serm. iii., § 14-17, e *serm*. xx., § 12, 13, 14, 23, 24. As datas dessas obras são colocadas de 386 d.C. a 390 d.C. [p.188]

O autor geralmente citado sob o nome de Ambrosiaster, que geralmente se supõe ter sido um tal Hilário, um diácono de Roma, sustentava que todos os crentes que abraçam doutrinas errôneas, embora mantenham os princípios essenciais do cristianismo, devem ser submetidos à lei. purificação do fogo, no mundo futuro, antes que eles possam ser salvos. (1) Ele também ensinou que nosso Salvador desceu, após sua crucificação, às regiões invisíveis dos mortos, e ali converteu todos, sejam ímpios ou pecadores comuns, que voluntariamente buscaram sua ajuda. (2) De fato, a missão de Cristo, de acordo com ele, permitiu que até mesmo os poderes

errôneos e apostatados do céu se livrassem do jugo do diabo e voltassem para Deus; (3) ainda assim, parece ter sido sua crença decidida que houve casos de rebelião tão obstinada, entre almas perversas, bem como anjos, que passaram de toda recuperação.

Com a nota sobre esse autor, encerramos, por enquanto, nosso relato dos cristãos ortodoxos.

Durante mais da metade deste século, os arianos foram numerosos o suficiente para disputar a superioridade na igreja, especialmente no Oriente; e é natural perguntar. Quais eram seus sentimentos em relação à salvação final do mundo? Mas buscaremos em vão seu próprio testemunho em resposta. Embora apoiado, em sua época, pela influência de eminentes bispos, e defendido pelos trabalhos de doutores eruditos,

(1) Comentário, ad Epist. 1o. Corintios, cap. iii. 15, in Append, ad Ambrosii Mediolanensis Oper., tomo, ii.
(2) Comentário, em Epist. aos Efés., cap. 4. 8, 9.
(3) Ditto (Idem), aos Efesios, cap. iii. 10. N. B.— Supõem-se que esses comentários foram escritos por volta de 384 d.C. [p.189]

a fortuna vitoriosa de seus adversários obliterou quase todos os fragmentos de seus escritos e deixou uma grande rasura que nenhum conhecimento ou arte pode restaurar. Sabemos apenas que, exceto no que diz respeito à Trindade, sua doutrina era considerada a mesma dos

consubstancialistas; e parece que, em toda a paixão da guerra controversa, eles nunca reprovaram seus implacáveis oponentes por sua frequente confissão do universalismo. (1) Essas circunstâncias podem fortalecer uma conjectura, que não é em si improvável, de que a doutrina recebeu aproximadamente o mesmo grau de patrocínio entre ambas as partes; de modo que nenhum estava sob a tentação de acusar o outro. A partir de considerações semelhantes, a suspeita de ambiguidade repousa naturalmente, da mesma forma, sobre os poucos sabelianos desse período. E podemos estender a observação às pequenas seitas cismáticas de Novacianos, Donatistas e Meletianos; que foram separados da igreja ortodoxa apenas por algumas distinções triviais de disciplina e governo eclesiástico, ou pela sucessão irregular de seus bispos. As opiniões incertas, ou talvez divididas dos maniqueus, sobre o tema da Salvação Universal, já foram mencionadas.

(1) Eunômio, um dos arianos mais célebres, que floresceu de 360 a 394 d.C. é acusado por três escritores gregos do século XII de alegar que todas as ameaças de tormentos eternos tinham a intenção apenas de aterrorizar a humanidade, e nunca foram pensadas como algo a ser realmente executado. (Veja *Balsamon ad Canon*, i., *Constantinopol*; e *Harmenopulus*, De Sect. 13; e *J. Zonaras ad Canon*, em *Deiparam*.) A autoridade desses gregos modernos, no entanto, é pequena; e

neste caso não é sustentado por nenhum testemunho mais antigo, nem pelos fragmentos de Eunômio ainda existentes. Pelo contrário, na Declaração de Fé formal que ele enviou ao Imperador Teodósio, em 383 d.C., ele diz: "aqueles que perseverarem na impiedade ou no pecado até o fim da vida serão entregues ao castigo eterno". (Fabricii Biblioth. Graec, tom. viii., p. 260.) No final de seu Epílogo, *ad Apologiam*, ele observa que, no julgamento geral, Cristo entregará aqueles que menosprezam o pecado, ao sofrimento sem remédio. Cavei Hist. Literário., art. Eumomio, pág. 222.) [p.190]

Agostinho.

Hoje, entretanto, parece que teria se tornado crença geral, pelo menos na África, (1) que muitas almas *humanas* se mostrariam totalmente irrecuperáveis e, portanto, ficariam estacionadas para sempre, como guarda, nas fronteiras do mundo de Trevas. A seita havia agora aumentado para um grande número, embora abominada por todos os outros partidos, e incansavelmente combatida por uma grande proporção dos escritores ortodoxos, de Eusébio Pânfilo para baixo; e espreitava em todas as partes da cristandade, apesar de ter sido repetidamente *proscrito pelos éditos de sucessivos imperadores*. Já poderia a heresia alarmante e inextinguível gabar-se de muitos eminentes defensores e de alguns autores respeitáveis; e por vários anos foi homenageada com o patrocínio do *jovem Agostinho*, futuro

bispo de Hipona e renomado Pai ortodoxo. O cuidado de uma mãe piedosa o educara nos princípios da fé católica; mas aos dezessete anos ele absorveu as ideias de Mani; e, embora nunca um partidário muito zeloso nem um discípulo completamente instruído, ele continuou a acalentar a doutrina proscrita até que entrou em seu trigésimo primeiro ano. Residindo, no entanto, em Milão, na Itália, em 385 d.C., ficou tão impressionado com os argumentos e ilustrações do eloquente Arcebispo Ambrósio, que resolveu abandonar a heresia; e no decorrer de um ano ou dois ele foi totalmente convertido à religião ortodoxa e recebido, pelo batismo, na igreja.

(1) *Credibilidade* de Lardner, etc., cap. Mani e seus seguidores, seita, iv., § 18. [p.191]

CAPÍTULO VII.

DE 391 d.C. A 404 d.C.

As três principais sedes da cristandade estavam agora ocupadas pelo Papa Sirício em *Roma*, pelo ambicioso e sem princípios Teófilo em *Alexandria* e por Evágrio (não Evágrio Pôntico) em *Antioquia*. De alguns bispados inferiores, mas distintos, o de Constantinopla foi mantido pelo velho Nectário, sucessor de Gregório Nazianzeno; a da ilha de Chipre, de Epifânio, o velho e perseverante inimigo dos origenistas; e João, o Universalista, presidiu o

de Jerusalém. No Ocidente, Ambrósio governou as igrejas de Milão e, por sua surpreendente influência, controlou as preocupações civis e religiosas da Itália e da Gália. De uma multidão de escritores eclesiásticos que floresceram nesta época, podemos mencionar aqui apenas três: o erudito Jerônimo, cuja fama já encheu o mundo; o jovem Crisóstomo, príncipe dos oradores cristãos, cujo renome começou a se estender além da esfera de seus trabalhos na grande cidade de Antioquia; e o imortal Agostinho, que estava se destacando, em meio à sua nativa Numídia na África. Dos autores mencionados anteriormente, Tito de Bostra e Basílio, o Grande, estavam mortos há muito tempo ; Gregory Nazianzeno expirou em sua aldeia natal, cerca de dois anos antes; [p.192] Dídimo ainda sobreviveu, em Alexandria, mas em extrema velhice; e Gregory Nisseno estava se aproximando do fim de sua vida, em três ou quatro anos. Jerônimo continuou em sua cela em Belém; Evagrius Ponticus e Palladius de Galácia estavam entre os mosteiros de Nitria; e Isidoro estava em Alexandria, sob o patrocínio do arcebispo Teófilo.

A longa luta entre os consubstancialistas e os arianos havia cessado em todo o mundo civilizado. Estes, expulsos de todas as suas numerosas igrejas no Oriente, pela vigorosa e implacável perseguição de Teodósio, o Grande, e das do Ocidente, pela autoridade imperial de Graciano, refugiaram-se entre as nações bárbaras de godos e vândalos. As seitas cismáticas foram, em certa medida, suprimidas; e por um momento as armas de controvérsia e violência, que os ortodoxos há tanto tempo empunhavam, pareciam inúteis em suas mãos. Mas uma ocasião para seu

uso logo ocorreu, entre eles, em uma disputa pessoal, obscura e insignificante no início, que cresceu e se estendeu, gradualmente, até agitar toda a igreja.

Epifânio, visitando Jerusalém, este ano, (1) e pregando lá diante de um grande concurso na igreja da catedral, fez um ataque insidioso ao bispo João, investindo contra Orígenes, a quem este último era conhecido por admirar.

(1) As datas nesta contenda com os origenistas, até o ano 397, tentei, com algum cuidado, calcular a partir das notas cronológicas de Martianay prefixadas ao quarto rasgo, de sua edição de Jerônimo, e de várias expressões encontradas em Epist. xxxiii. e xxxviii., Hieronymi Opp., tomo, iv., parte ii. Algumas dessas datas foram manifestamente equivocadas por Huet, Duin, Fleury, etc. [p.193]

Ele censurou aquele Pai antigo, em sua tensão habitual, como o Pai do arianismo e de outras heresias; até que finalmente João enviou seu arquidiácono, em vista de toda a assembléia, para pedir-lhe que se abstivesse. Seguiu-se uma procissão até ao local da crucificação do nosso Salvador; e no caminho os dois prelados traíram alguns indícios de ressentimento por um lado, e desrespeito por outro. Depois de seu retorno, e enquanto o povo ainda esperava, o próprio João se dirigiu a eles; e, como muitos opositores dos origenistas realmente atribuíram à Divindade um corpo como o nosso, ele declamou

veementemente contra esse erro grosseiro, a fim de refletir a suspeita sobre Epifânio. Mas este, levantando-se imediatamente, juntou-se a seu irmão reprovando severamente a idéia; então, virando-se subitamente, convocou a assembléia a condenar igualmente os dogmas perversos de Orígenes; e até implorou e advertiu o próprio João a evitá-los. Este ataque indisfarçável produziu alguma sensação entre o povo e deixou, ao que parece, uma impressão indelével na mente de ambos os bispos. (1)

Um ou dois anos depois, Epifânio voltou à Palestina e passou algum tempo em um mosteiro que havia fundado em sua aldeia natal, cerca de trinta quilômetros a oeste de Jerusalém. (393 d.C.) Embora a simplicidade natural do bispo de Chipre possa, talvez, proibir a suspeita de um erro intencional, sua inconsiderada oficiosidade e sua vaidade infantil, que o levaram às vezes a ignorar os direitos prescritos de outros, deram justa ocasião para as apreensões de João, (1) que esta visita seria marcada com algum ato de intrusão.

(1) *Hieronymi*, *Epiet*. xxxviii. vel. 61, tomo, iv., parte ii., pp. 312, 313, edit. Martianay; e Epifânio. *Epist. ad Johannem Hierssolym. in oedem tom.*, p. 824. [p.194]

Assim que Pauliniano, irmão de Jerônimo, chegou a negócios de Belém, Epifânio, que há muito procurava a oportunidade, ordenou que o prendessem, fechou a boca para impedir sua recusa e então, à força, o fez diácono, —

um modo de procedimento não muito raro naquela época. Poucos dias depois, voltou a prendê-lo, durante os serviços do mosteiro, e com a mesma violência lhe impôs a mais sagrada ordenação de presbítero. Este ato oficial, realizado por Epifânio fora de sua própria jurisdição, e na vizinhança, se não dentro da diocese, de Jerusalém, exasperou João grandemente; que reclamou com raiva do insulto que sofreu na ordenação de um de seus monges de Belém sem seu conhecimento e permissão. Um relato infundado também chegou a seus ouvidos de que Epifânio tinha o hábito de abusar dele em suas orações públicas. Os peregrinos que recorreram à Cidade Santa ouviram, e em seu retorno provavelmente circularam, suas queixas e invectivas; e ele finalmente ameaçou abertamente enviar cartas às igrejas do Oriente e do Ocidente, e assim publicar seus erros ao mundo. (2)

394 d.C.

A notícia da perturbação que ele havia deixado para trás na Palestina logo chegou a Epifânio, em Chipre; e ele finalmente escreveu a João, esforçando-se para desculpar sua ordenação de Paulinianus, alegando uma prática entre os bispos de sua ilha oficiar, em ocasiões semelhantes, independentemente das jurisdições de cada um.

(1) *Epiphanii, Epist, ad Johan.*, p. 823.
(2) *Epifânio, Epist. ad Johan*, p. 823; e *Hieronynai, Epist.* xsxix., vel. 62, p. 337. [p.195]

Declarou, no entanto, que sabia muito bem que a ira de João surgiu, não dessa ordenação, mas da antiga reprovação ao origenismo; e, rogando-lhe fervorosamente que 'se salvasse da 'geração imprópria de hereges', ele passou a enumerar os vários erros de Orígenes. Este catálogo, embora quase o mesmo que ele havia publicado dezoito anos antes, distingue-se por conter a primeira censura, registrada, contra o universalismo. "1. Quem entre os católicos", disse ele, "e aqueles que adornam sua fé com boas obras, podem ouvir, com uma mente imperturbável, a doutrina de Orígenes, ou acreditar nessa notória declaração dele. O Filho não pode ver o Pai 2. Quem pode suportá-lo, quando ele diz que as almas eram originalmente anjos no céu, mas lançadas neste mundo, depois de pecar no estado celestial, e aprisionadas aqui em corpos, como em sepulcros, para castigá-los por suas transgressões anteriores, de modo que os corpos dos crentes não sejam o templo de Cristo, mas as prisões dos condenados. , 3. Também aquilo que ele se esforçou por estabelecer, não sei se devo rir ou lamentar. Origem, o renomado doutor, ousou ensinar que o diabo deve tornar-se novamente o que ele era originalmente, - retornar à sua antiga dignidade e entrar no reino dos céus! Ah, maldade! que é tão louco e estúpido a ponto de acreditar que São João Batista, e Pedro, e João Apóstolo e Evangelista, e que Isaías também, e Jeremias, e o resto dos profetas, devem se tornar co-herdeiros com o diabo no reino dos céus! [p.196] 4. Passo por cima de sua explicação frívola sobre as túnicas de peles; com que trabalho, com quantos argumentos, ele se esforçou para

nos fazer acreditar que aqueles túnicas eram corpos humanos! Entre outras coisas, ele pergunta: *Deus era um coureiro, para que ele pegasse as peles dos animais e as transformasse em roupas para Adão e Eva? Portanto, é manifesto, diz Orígenes, que se fala de nossos corpos.* 5. Quem pode suportar pacientemente com ele enquanto ele nega a ressurreição desta carne? como ele manifestamente faz em suas explicações do primeiro salmo e em muitos outros lugares. 6. Ou quem pode suportar sua noção de que o paraíso, ou o jardim do Éden, estava no terceiro céu! transferindo-o assim da terra para os céus e, por uma interpretação alegórica, representando suas árvores como poderes angélicos! 7 . Quem deve rejeitar e condenar instantaneamente suas ilusões, que aquelas águas acima do firmamento, mencionadas no Gênesis, não são águas, mas certos espíritos celestiais; e que aqueles *sob* o firmamento são demônios! Por que, então, lemos que no dilúvio as janelas do céu se abriram e as águas do dilúvio desceram? Oh, a loucura e estupidez dos homens que negligenciaram o que é dito em Provérbios, Meu filho, ouça a palavra de seu pai e não abandone a lei de sua mãe! 8. Não tento contestar todos os seus erros; são inumeráveis; mas entre outras coisas ele se atreveu a dizer que Adão perdeu a imagem de Deus! quando não há uma passagem da Escritura que insinue isso. Se, de fato, fosse esse o caso, então todas as coisas no mundo nunca teriam sido submetidas à posteridade de Adão, a raça humana, como o apóstolo Tiago ensina." (1) [p.197] Tais são os detalhes que Epifânio selecionou para repreensão especial. Ele novamente exortou João, como seu próprio filho, a se

abster da heresia; e lamentou que tantos de seus irmãos já tivessem se tornado "comida para o diabo".

Dissemos que nesta passagem ocorre a primeira censura que se encontra em toda a antiguidade contra a doutrina do Universalismo. Devemos observar, no entanto, que, mesmo aqui, a censura recai, como o leitor pode perceber, não na doutrina da salvação de toda a humanidade, mas na da salvação do diabo. Essa distinção, embora possa parecer capciosa, é de alguma consequência para uma compreensão precisa das ocorrências subsequentes.

Com a Carta a João, Epifânio enviou outras, sobre o mesmo assunto, aos Bispos da Palestina; (2) e, como cópias do primeiro e do segundo circulavam livremente pela província, o assunto logo despertou interesse geral. (3) Muitas pessoas, muitos clérigos, parecem ter aderido a João; e Rufinus e Melânia desposaram sua causa, assim como Palladius da Galácia, (4) que havia chegado recentemente de Nitria.

(1) Epifânio *Epist. ad Johannem, inter Hieronymi* Opp., tomo, iv., parte ii., edit. Martianay. Dou uma tradução fiel dos erros do Catálogo de Orígenes de Epifânio; mas inseri os números entre os vários detalhes; omiti três argumentos desinteressantes e ininteligíveis para a maioria dos leitores que no original se situavam entre os erros 2 e 3, 4 e 5, e 6 e 7; e passei por cima da exortação que ocorreu entre o 7 e o 8.

(2) *Hieronymi, Epist.* xxxviii. adv.

João. Hierosol., pág. 334.
(3) *Hieron.*, *Epist.* xxxiii. vel. 101, ad Pamach, p. 248.
(4) *Epifânio*, *Epist. ad Johann.*, pp. 827, 829. [p.198]

Mas outros, especialmente os monges de Belém, aceitaram Epifânio, retiraram-se da comunhão de seu bispo acusado (1) e, em troca, sofreram dele, ao que parece, alguma sentença condenatória por seu procedimento refratário. (2)

Jerônimo, o admirador e imitador de Orígenes, devemos esperar, é claro, descobrir entre os adeptos de seu bispo; mas duas ou três circunstâncias conspiraram para enfrentá-lo do lado oposto. As mais fortes afeições da natureza o inclinaram a defender a ordenação de seu próprio irmão; algumas diferenças pessoais que ele teve anteriormente com os origenistas professos, tanto em Roma como na Nitria, foram, talvez, lembradas com ressentimento; e seu orgulho de seus conhecimentos, seu espírito altivo e petulante, devem tê-lo tornado inquieto sob o governo imediato de um superior eclesiástico, que era mais jovem em idade e que ele poderia justamente considerar como inferior em talentos e aquisições. Ele se juntou ao partido de Epifânio, ou talvez o reuniu, e traduziu a Carta a João, para uso privado dos monges que conheciam apenas a língua latina. Sua tradução, embora destinada apenas à circulação confidencial, encontrou seu caminho, no ano seguinte, (3) para Jerusalém; (395 d.C.) e foi imediatamente censurado por Eufino como infiel às honrosas denominações concedidas, no original, ao seu

bispo. A partir deste momento, descobrimos uma brecha aberta na afeição inicial e longamente acalentada dos dois amigos. Jerônimo, que não suportava reprovação, defendeu-se e ressentiu-se da crítica com seu costumeiro abuso, chamando seu autor de pseudo-monge. (4)

(1) *Hieron.*, *Epist.* *adv.* *João.* xxxviii., pág. 308.
(2) Idem, e p. 333, e Epist. xxxix. *ad Teófilo.* pág. 338, etc
(3) *Hieron.*, *Epist.* xxxiii., pág. 248.
(4) Idem. [199]

O barulho da briga na Palestina havia chegado a Alexandria; e Isidoro, o velho patrono do Origenismo, sentiu-se chamado a encorajar seus irmãos. Esperando com uma confiança equivocada na integridade de seus antigos amigos, ele endereçou uma carta a um certo Vincentius, um presbítero e monge em Belém, que ele provavelmente tinha visto cerca de dez anos antes em companhia de Jerônimo no Egito. Exortou-o a permanecer firme na rocha da fé, a não ficar aterrorizado com as ameaças dos adversários. "Eu mesmo", acrescentou ele, "em breve chegarei a Jerusalém, e o bando de inimigos será disperso, que, sempre resistindo à fé da igreja, tenta agora perturbar as mentes do tipo mais simples." (1) Mas Vicentius, ao que parece, já havia seguido o exemplo de seu mestre Jerônimo, ao lado de Epifânio; e esta carta, portanto, provou ser um aviso providencial em vez de um encorajamento.

A crescente contenda, que atraiu a atenção dos cristãos

estrangeiros, alarmou os amigos da tranquilidade em casa. Arquelau, um dos oficiais civis da província, tentava em vão acalmar a perturbação. Ele convidou ambas as partes para uma conferência mútua, na qual deveriam concordar com uma declaração de fé comum; mas quando o dia chegou João estava ausente em algum dever paroquial; e ele nunca apareceu, embora o Concílio, em resposta à sua desculpa, tenha oferecido esperar sua conveniência, pelo menos por alguns dias. (2)

(1) *Hieron.*, *Epist.* xxxviii., pág. 330.
(2) Idem, pp. 331, 332. [p.200]

Dois meses depois, uma delegação chegou, não inesperadamente, de Teófilo, o poderoso e aspirante arcebispo do Egito; que, a pedido de João, ou por sua própria sugestão, de bom grado abraçou esta oportunidade de estender sua influência sobre as igrejas estrangeiras da Palestina. O próprio Isidoro foi encarregado da comissão e, como deputado, trouxe cartas do primaz alexandrino a João e Jerônimo, os respectivos chefes das partes em disputa. Mas um origenista professo e zeloso estava muito mais qualificado para inflamar do que para compor uma dificuldade na qual sua doutrina favorita estivesse envolvida; e em sua chegada sua subserviência ao bispo de Jerusalém era tão manifesta, que Jerônimo recusou, com razão, sua mediação parcial. (1)

(1) Hieron., Epist. xxxviii., pp. 330, 331.

Frustrado com o objetivo especial de sua missão, Isidoro dedicou-se exclusivamente à assistência de João. A carta de Epifânio ficou sem resposta diante do público por quase dois anos; e o bispo aproveitou a ajuda de seu amigo para produzir uma resposta. Foi endereçado, em nome de João, a Teófilo em Alexandria, a cuja decisão apelou. O autor, ou autores, relatou a história da dificuldade, queixou-se da ordenação de Paulinianus, atacou Jerônimo e o acusou de inconsistência em censurar Orígenes, a quem ele havia traduzido e exaltado; e eles finalmente procederam a um exame dos erros que Epifânio havia enumerado e, por implicação, acusado contra João. Dos oito, porém, os escritores responderam apenas a três: ao primeiro, referente à Trindade; [p.201] ao segundo, referente à preexistência; e à quinta, concernente à ressurreição. Sobre estes três pontos, eles se explicaram favoravelmente, (1) ou rejeitaram absolutamente os erros alegados; mas, se pudermos confiar no relato minucioso, ou no julgamento confiante de seu adversário preconceituoso, Jerônimo, eles se sentiram despreparados para negar os outros cinco detalhes do catálogo. Que eles, cautelosamente, evitaram qualquer menção deles é indubitável; e podemos adotar a conclusão muito natural de que eles realmente sustentavam o que tão cautelosamente deixaram de lado, a salvação do diabo, bem como as exposições alegóricas de Orígenes. (2) Com esta resposta a Epifânio ou Apologia a Teófilo, Isidoro partiu para Alexandria; e ele provavelmente ajudou a espalhar cópias dele pelas igrejas.

Essas cópias foram amplamente dispersas e logo

chegaram à Itália e Roma, onde a Carta de Epifânio já havia circulado. Aqui, como em outros lugares, as pessoas foram afetadas de várias maneiras; alguns inclinados a um partido, alguns a outro; e um dos correspondentes de Jerônimo escreveu-lhe sobre as perplexidades que o assunto havia ocasionado, solicitando um relato completo do caso. A comunicação de inteligência através de uma distância de quase quinhentas léguas deve ter sido demorada e tediosa; e Jerônimo parece ter aproveitado a primeira oportunidade, ao receber o pedido, para redigir sua resposta amarga e sarcástica ao pedido de desculpas de João.

(1) De acordo com Jerônimo (Epist. xxxviii.), eles prevaricaram sobre esses pontos; mas acho evidente por seu próprio relato que eles negaram totalmente a preexistência.
(2) Hieron., Epist. xxxviii., adv. João. Hierosolym. Sua rejeição do erro concernente à pré-existência, entretanto, envolveria uma negação daqueles concernentes às túnicas de peles e ao jardim do Éden. A Apologia de João a Teófilo está perdida; e podemos julgar seu conteúdo apenas pelo relato de Jerônimo. [p.202]

Ele a dirigiu, na maior parte, diretamente ao próprio João; mas foi publicado na forma de uma carta ao seu amigo inquiridor em Roma. A origem da discussão, as medidas adotadas para uma reconciliação, as respostas que João deu

aos três erros e seu silêncio em relação ao resto foram relatados e discutidos com bastante profundidade; e Jerônimo concluiu, defendendo seu próprio partido das acusações de seu bispo, e retrucando sobre ele a acusação de perturbar a igreja. (1)

Jerônimo acabara de receber uma carta de Teófilo, exortando os monges à paz e à reconciliação com o bispo. Era um objetivo de muita importância garantir a assistência, ou pelo menos a neutralidade, deste prelado de mentalidade mundana, mas ativo e influente, que até então parecia favorecer a causa de João. Jerome respondeu-lhe imediatamente com um tom lisonjeiro e insinuante; e declarou que, de acordo com sua recomendação, ele próprio era sinceramente pela paz; pela paz seria cordial, – para a paz de Cristo; insinuando ao mesmo tempo que nunca poderia haver uma concórdia calorosa entre os fiéis e os hereges. Ele aproveitou esta oportunidade, da mesma forma, para apresentar a Teófilo uma história da perturbação, para defender a ordenação de seu irmão, e exonerar-se daquela acusação de inconsistência que João havia incitado contra ele por ter traduzido as obras de Orígenes que ele agora condenava. (2)

(1) *Hieron.*, *Epist.* xxxviii.
(2) *Hieron.*, *Epist.* xxxix. Ad Teófilo.
[p.203]

Talvez nenhum homem naquela época possuísse meios mais eficientes para difundir seus preconceitos do que

Jerônimo. De sua cela estreita e grosseira em Belém, ele poderia facilmente despertar descontentamento ou desconfiança nas partes mais remotas da cristandade. Ele manteve uma extensa correspondência; a fama de sua erudição proporcionava-lhe uma introdução bem-vinda onde quer que ele procurasse ajuda: e seu discernimento penetrante prontamente distinguia aqueles que seriam mais úteis como coadjutores. O célebre Agostinho, agora bispo de Hipona, na África, cento e cinquenta milhas a oeste de Cartago, era eminente demais para ele ignorar; e já lhe havia endereçado uma carta, com a informação de que as obras de Orígenes estavam repletas de erros. (1) Mas aquele homem honesto e independente nunca poderia se envolver em suas medidas violentas, embora estivesse, na realidade, muito mais distante dos pensamentos de Orígenes do que o próprio Jerônimo.

Enquanto isso, Rufino tinha dado um último adeus a seus amigos na Palestina e partiu, em companhia de sua padroeira, para sua Itália natal. Mas, antes de sua partida, uma aparente reconciliação foi efetuada entre ele e Jerônimo; e em sua última entrevista eles se comprometeram a se abster de suas hostilidades mútuas. (2)

Quando chegou com Melânia a Roma, com a intenção de difundir suas opiniões e parcialidades, e incitado por Macário, oficial civil da cidade, Rufino traduziu para o latim o primeiro livro da *Apologia de Orígenes* de Pânfilo e Eusébio, junto com os famosos livros *Dos Princípios* de Orígenes. , e logo os publicou para o benefício dos cristãos ocidentais.

(1) *Huet. Origeniano*, lib. ii., cap. 4, seção, i., § 14.
(2) *Hieron.*, *Epist*. xlii., vel. 66, ad Rufinum, p. 348. [p.204]

A essas obras ele afixou Prefácios e um Tratado de sua autoria; em que ele informou ao público que, nos livros *Dos Princípios* ("Peri Archon" de Orígenes), ele havia omitido ou alterado as muitas representações errôneas sobre a Trindade, que ele supunha terem sido inseridas ou corrompidas pelos hereges. As outras noções, ele sugere, foram preservadas inalteradas. (1) Infelizmente, porém, ele não pôde suprimir um ressentimento pessoal secreto, mas aproveitou esta oportunidade para aludir a um certo irmão erudito, mas que colocava Orígenes no mesmo nível dos apóstolos, e cujos elogios a ele despertaram um desejo geral de obter suas obras ; irmão este que já havia publicado em latim mais de setenta de suas Homilias, e que havia prometido traduzir ainda mais. Este irmão era, naturalmente, Jerônimo; e a alusão pretendia lembrar a poucos de sua inconstância (porque agora contra Orígenes) e sugerir aos demais que ele ainda continuava, como antes, seguidor de Orígenes. Rufinus não parou aí; sua inimizade sufocada irrompeu em uma observação de que havia autores que, tendo roubado todas as suas obras de Orígenes, depois censuraram seu mestre, a fim de ocultar seus próprios plágios, impedindo o mundo de ler o original. (2) Essas insinuações dissimuladas, embora veladas sob a linguagem de respeito e estima, não podiam

escapar à atenção, nem iludir a compreensão dos amigos ocidentais de Jerônimo;

(1) *Rufini Praefat.* em lib. *Peri Archon*, *inter Origenis Opp*., lorn, i., edit. Delarue.
(2) Idem, e Rufini, lib. *De Adulterat. Origenis Librorum.* [p.205]

e era fácil prever que a reconciliação, tão recentemente confirmada na Palestina, devesse em breve compartilhar o destino comum das tentativas de renovar velhas amizades quando uma vez violadas com insultos.

Os livros *Dos Princípios*, embora contivessem, além do Universalismo, a doutrina da pré-existência e outras opiniões novas, foram prontamente recebidos por muitos em Roma, e ligaram vários Pais, monges e cristãos comuns a Orígenes. (1) Outros, porém, se opuseram; e Marcella, uma senhora de influência, com quem Jerônimo mantinha correspondência, parece ter assumido a liderança em fixar o estigma de heresia ao grupo dos origenistas. Auxiliada por Vincentius, que havia retornado de Belém, e secundada pelos numerosos e poderosos amigos de Jerônimo, ela logo conseguiu despertar e dirigir a indignação pública. (2) É provável, no entanto, que mesmo os próprios amigos de Jerônimo não considerassem os livros *Dos Princípios* muito heréticos, como estavam na tradução; (3) e os mais moderados e imparciais não descobriram nada de alarmante nas últimas publicações, se podemos julgar pela conduta do Papa Sirício. Foi um dos últimos atos de sua

vida conceder cartas de recomendação a Rufino, que se preparava para seguir, depois de uma ausência de vinte e cinco anos, para sua cidade natal de Aquileia.” (4)

(1) Hieron., Epist. xcvi., vel. 16 ad Principium, p. 782.
(2) Idem.
(3) Os amigos de Jerônimo, Fammachius e Oceanus (Epist. xl., vel. 64), *inter Hieronymi* (Opp., tomo, iv.) dizem ter encontrado na tradução de Rufinus dos livros *De Principiis*, muitas coisas não tão ortodoxas. ; ainda suspeitam que Rufino omitiu o que quer que exponha mais claramente a impiedade de Orígenes; e, portanto, pedem a Jerônimo que lhes envie uma tradução correta.
(4) *Huet. Origeniano.* lib. ii., cap. 4., seção, i., § 16. [p.206]

Jerônimo finalmente recebeu, com surpresa, um relato enviado da Itália, do procedimento astuto de Rufino; mas, com uma moderação incomum para ele, ele escreveu ao seu falso amigo em termos de exposição viril e sincera, suplicando-lhe, como irmão, que não oferecesse mais abusos e considerasse sua conciliação de despedida. (1) Como ele foi, no entanto, acusado de inconsistência em seu tratamento de Orígenes, não apenas por Rufino, mas por muitos outros em Roma, em Alexandria, e de fato em toda a cristandade, ele compôs uma explicação formal dos elogios que ele havia concedido anteriormente sobre aquele Pai, e o enviou para seus amigos romanos. "Eu, de

fato, o elogiei", disse ele, "como um intérprete hábil, mas não como um dogmático correto; eu admirei seu gênio, sem aprovar sua doutrina. Eu já adotei suas apresentações detestáveis sobre a Trindade, ou sobre a ressurreição? Ao contrário, não os omiti cuidadosamente em minhas traduções? Se as pessoas querem conhecer minhas opiniões sobre Origenes, que leiam meus comentários sobre Efésios e sobre Eclesiastes, onde eu contradisse uniformemente suas opiniões. Eu certamente nunca segui suas noções; ou se segui, agora me arrependo. E que outros imitem este meu exemplo. Vamos todos nos converter a Deus. Não esperemos o arrependimento do diabo, porque vã é a presunção que se estende até o abismo do inferno. É neste mundo que a vida deve ser buscada ou perdida." (2) Na conclusão, ele expôs o absurdo da pretensão de Rufino de que as obras de Orígenes haviam sido interpoladas;

(1) *Hieron.*, *Epist.* xLii.
(2) *Hieron.*, *Epist.* xLi., vel. 65, *ad Pamach. et Oceanum*, pág. 345. [p.207]

e com uma ousada confiança negou que a Apologia de Orígenes fosse escrita por Pânfilo. Ao mesmo tempo, ele também enviou a Roma, a pedido de seus amigos, uma versão exata dos livros *Dos Princípio*s, a fim, como ele disse, de expor os erros de tradução de seu rival. (1)

Pela passagem citada de sua defesa, descobrimos que ele agora estava disposto a negar uma restauração do inferno, que ele havia afirmado anteriormente. Ainda assim, parece que ele não considerou essa noção um dos erros hediondos

e alarmantes em questão, como é manifesto ao se referir a seus Comentários sobre Efésios como prova de que ele os contradisse uniformemente; pois esses Comentários, embora se opusessem a alguns outros princípios atribuídos a Orígenes, abundavam, como vimos, com as mais completas declarações de Universalismo. O que ele agora tratou como os grandes e detestáveis erros de seu mestre pode ser aprendido da seguinte passagem na mesma defesa: ; que ele impiamente supôs que nossas almas caíram do céu; que ele reconheceu a ressurreição apenas em palavras, negando-a na realidade; e que ele sustentou que em eras futuras, após uma restituição universal, Gabriel finalmente se tornaria o que o diabo é agora. , Paulo o que Caifás, e as virgens o que são as prostitutas. (2)

(1) *Hieron.*, *Epist.* xLi.. vel. 65 *ad Pamach. et Occanum*, pág. 348.
(2) "— et post multa saecula atque unam omnium restitutionem, idipsum fore Gabrielem quod Diabohim. Paulum quod Caiapham. virgines quod prostibulas." Em seu Epist. xxxvi. *ad Vigilantium*. escrito sobre este tempo, Jerônimo reconhece que Orígenes •• errou quanto ao estado da alma [isto é, pré-existência], e o arrependimento do diabo; e o que é mais importante do que estes, que o Filho de Deus e o Espírito Santo, ele afirmou, em seus Comentários sobre Isaías, ser Serafins." , em Daniel ii., e insultantemente diz a ele

para se arrepender "se, de fato, esta impiedade pode ser perdoada; e então você pode obter perdão quando, de acordo com o erro de Orígenes, o diabo o obtiver; que nunca foi culpado de blasfêmia pior do que a sua." p. 278. [p.208]

Quando você tiver rejeitado esses erros, poderá lê-lo com segurança. (1) Jerônimo e Epifânio agora começaram a descobrir, na disposição do bispo alexandrino, uma mudança favorável, que há muito procuravam obter. Bajulação e exortação foram gastas com ele em vão; ele ainda estava inclinado para o lado de João. Mas, o que nenhuma persuasão conseguiu, o interesse próprio e a vingança foram rapidamente realizados. Teófilo esteve, por algum tempo, envolvido em uma disputa com seus monges egípcios, a parte menor, mais ignorante e, portanto, mais turbulenta, odiava o nome de Orígenes, porque sua doutrina era tão diretamente oposta à sua própria noção grosseira. que a Divindade possuía um corpo como o do homem. (2) Esses antropomorfistas, assim chamados, foram incitados a abrir a insurreição por um dos últimos discursos de seu bispo, no qual ele reprovou livremente seu erro; e, reunindo-se de várias partes do Egito, lotaram Alexandria com a intenção de assassiná-lo. Para salvar sua vida, Teófilo enganou os ferozes assaltantes em uma persuasão de que ele próprio havia se convertido à crença deles; e prometendo, a seu exemplo, condenar as obras de seu grande adversário, Orígenes, ele os despediu em paz.

(1) *Hieron., Epist.* xli. pág. 345.
(2) *Sócratis Hist. Ecl.*, lib. vi., cap. 7. [p.209]

Enquanto isso, o idoso *Isidoro*, a quem sempre honrara e a quem pouco antes tentara colocar no bispado vago de Constantinopla, incorrera em seu perigoso desagrado, *recusando-se a aceitar seus planos injustos e vorazes*. Alguns dos monges origenistas da Nitria, também, onde Isidoro buscou e obteve refúgio, caíram sob seu ressentimento. Teófilo invadiu seu retiro tranquilo, apreendeu e *torturou* aqueles que se recusaram a entregar Isidoro, queimou seus mosteiros e, pensando em uma maneira mais fácil de saciar sua vingança frustrada, denunciou-os aos ferozes antropomorfistas como origenistas. Sacrificando tudo à sua ira, ele agora decidiu cumprir sua promessa extorquida; e, aliando-se aos mais lentos Jerônimo e Epifânio, ele procedeu à perigosa medida de envolver a igreja em sua briga. Assim, ele convocou um sínodo dos bispos vizinhos em Alexandria e obteve um decreto, notável por ser o primeiro de seu tipo, condenando Orígenes e anatematizando todos os que aprovavam suas obras. Ele não ousou acusar toda a multidão de ofensores; mas três deles, chamados irmãos altos, foram condenados pelo nome, sob o pretexto de manterem falsas doutrinas, embora nem eles nem ninguém de seu partido estivessem presentes. Teófilo conseguiu então obter do governador do Egito autoridade para expulsar os excomungados da província; e, tomando um bando de soldados, marchou novamente para a famosa

retirada dos origenistas. (1)

(1) No relato de Teófilo, sigo Huet (origeniano, lib. ii., cap. 4, seita, ii., §§ 1, 2, 3), e Fleury (Eccl. Hist., livro xxi., cap. 10, 12). [p.210]

As celas e mosteiros de Nitria agrupavam-se ao longo de duas cadeias paralelas, mas distantes, de colinas nuas, e estavam dispersas, talvez, no deserto profundo e árido que havia entre elas. Do cume nordeste, o espectador observava, com horror secreto, um mundo inanimado de eterna esterilidade e solidão brilhando sob o firmamento abrasador. Em qualquer direção que ele virasse, o grande deserto da Líbia se estendia, sobre planícies e precipícios irregulares, até a beira do horizonte. A sudoeste, a uma distância de dez ou doze milhas, erguia-se a crista oposta; mais perto estava diante dele o largo vale de areia, sulcado por profundos desfiladeiros, e estendendo-se para o noroeste e sudeste; e abaixo dele, ao pé dos precipícios em que estava, seus olhos pousaram nos pequenos lagos crostosos de natrão, cercados de arbustos e juncos, o único contraste com a desolação universal. (1) Tudo era silêncio imóvel; exceto quando os animais e pássaros do deserto vem aliviar sua sede ardente, ou quando os monges saem de suas celas em enxames nas horas marcadas de devoção social.

Nesta morada de mortificação e devaneios religiosos, Teófilo entrou, com sua tropa, na calada da noite, e expulsou o bispo da montanha; mas incapaz de descobrir

suas pretendidas vítimas, que haviam sido escondidas, ele queimou suas celas, saqueou os mosteiros e depois partiu em retirada. De volta a Alexandria, ele encontrou uma indignação e horror geral, que as notícias de sua crueldade e sacrilégio logo despertaram.

(1) Viagens de *Sonnini* no Alto e Baixo Egito, cap. 27, 28, 29. [p.211]

Os origenistas, no entanto, alertados por isso, fugiram para outros países. Isidoro e cerca de trezentos de seus irmãos buscaram a proteção de João, na Palestina, e retiraram-se, a maior parte deles, para os palmeirais ao redor de Scythopolis (*Σκυθόπολις*), quase setenta milhas ao norte de Jerusalém. Mas Teófilo, com o zelo exterminador de um verdadeiro inimigo, escreveu imediatamente aos bispos daquela província, perdoando, por ignorância, a primeira recepção aos condenados, mas exigindo-lhes, que no futuro, excluam os refugiados de qualquer igreja. É triste relatar que João de Jerusalém foi vencido por essa mudança repentina no poderoso patrono a quem ele havia referido sua causa; e que ele parece ter desejado a resolução de defender seus convidados e a coragem de desobedecer às ordens do primaz egípcio. (1)

Grandes foram as felicitações mútuas de Teófilo, Epifânio e Jerônimo por essas medidas decisivas. Eles informaram uns aos outros, em suas cartas bombásticas, que a serpente do Origenismo estava agora cortada e estripada pela espada evangélica; que o exército de Amaleque foi destruído, e a bandeira da cruz erguida nos

altares da igreja alexandrina. Teófilo enviou cartas a Roma, Chipre e Constantinopla, proclamando suas medidas tardias e exortando os respectivos bispos a seguirem seu exemplo. Assim, Anastácio, o novo Papa, que sucedeu Sirício em Roma (400 d.C.) prontamente gratificou os numerosos partidários de Jerônimo naquela cidade, emitindo um decreto que foi recebido por todo o Ocidente, condenando as obras de Orígenes;

(1) *Huetii Origenian*, lib. ii., cap. 4º, seção, ii., §3º; Ecl. de Fleury. Hist., livro xxl., cap. 12. [p.212]

e Epifânio, logo depois, convocou um sínodo de seus bispos em Chipre e obteve deles uma sentença semelhante. Mas Crisóstomo, que agora ocupava a cátedra episcopal de Constantinopla, adiou o quanto pôde em seguir a recomendação do prelado egípcio (1) e, assim, envolveu-se em uma sequência de problemas que terminou apenas com sua morte.

Passamos, sem aviso prévio, sobre o decreto do pontífice romano e os dois sínodos de Alexandria e Chipre, contra Orígenes e suas obras. Eles constituem, no entanto, um evento importante na história do Universalismo, sendo os primeiros atos públicos da Igreja que afetaram esse sentimento; e vale a pena fazer uma pausa e verificar os pontos particulares da doutrina que foram então condenados. Todos os registros formais desses processos há muito pereceram; mas, da autoridade contemporânea, aprendemos que o princípio que mais ofendeu no sínodo

de Alexandria foi este: *salvação do diabo*." (1) Esta dupla morte de Cristo, embora às vezes sugerida por Orígenes, não era de forma alguma uma de suas opiniões fixas; e pode ter sido apenas por um zelo pouco generoso em tirar o máximo proveito de suas sugestões, que foi inserido na presente acusação.

(1) *Huet. Origeniano*, lib. ii., cap. 4, sec, ii., § 5, et sec, i., § 19.
(2) *Sulpitii Severi*, Diálogo, i., cap. 3. Cito G. Bulli Defens. Fid. Nicéias, cap. ix., § 23. [p.213]

Parece também que, além deste particular, sua doutrina da "salvação do diabo e seus anjos" foi expressamente condenada, em alguns desses decretos públicos, seja em Alexandria, Chipre ou Roma; e, da mesma forma, outra noção, que não pode, com tanta justiça, ser atribuída a ele, "que nas eras distantes da eternidade, os bem-aventurados no céu, gradualmente, recairão no pecado e descerão às regiões de aflição, enquanto, por outro lado, os condenados subirão às mansões da pureza e da alegria; constituindo assim, por perpétuas revoluções, uma incessante alternância de felicidade e miséria". (1) Estes, somos informados, foram os principais erros agora condenados; e eles provavelmente foram acusados de justificar a sentença que foi proferida, proibindo suas obras de serem lidas e colocando-o na lista dos hereges. Mas, o que é notável, é certo que sua doutrina da salvação de toda a humanidade não foi condenada, e que alguns ortodoxos continuaram a

confessá-la impunemente. (2)

A proibição de seus escritos e a indignidade irada com que seu nome foi tratado foram considerados pelos mais desapaixonados, em toda a cristandade, como desnecessariamente severos; mas, como os atos de autoridade haviam sido aprovados regularmente, os ortodoxos geralmente aquiesceram, embora com relutância, reserva e algumas exceções. (3)

(1) *Augustinus De Civ. Dei*, lib. xxi., cap. 17.
(2) Agostinho (*De Civitate Dei*, lib. xxi., cap. 17), cerca de vinte anos depois, argumenta com aqueles irmãos misericordiosos entre os ortodoxos que sustentavam a salvação de toda a humanidade. Ele diz que eles pediram a benevolência superior de sua doutrina como prova de sua veracidade; e ele expõe sua inconsistência ao usar esse argumento, desafiando-os a estendê-lo. como Orígenes, para a salvação do diabo e seus anjos. Por isso, acrescenta ele, a igreja o condenou; e eles, é claro, não ousam ir para a mesma extremidade.
(3) *Huet. Origeniano*, lib. ii., cap. 4. seita, ii., §§ 4, 12. Crisóstomo, Agostinho, Bulpitius Severus, Vincentius Lirinensiii, etc., eram favoráveis à memória, embora não à doutrina de Orígenes. [p.214]

Quando os origenistas perseguidos, que fugiram para a

Palestina da ira de Teófilo, souberam que ele havia enviado uma delegação contra eles a Constantinopla, eles também se dirigiram para lá para se defender e buscar um asilo sob a forte proteção do bispo daquela cidade. , o célebre Crisóstomo. Cinquenta homens idosos, entre os quais Isidoro e os três irmãos altos, vieram e se apresentaram diante dele; e tal era a miséria de sua aparência que Crisóstomo, diz-se, derreteu em lágrimas com a visão. Ele lhes deu a proteção desejada, até que sua causa fosse ouvida; e escreveu imediatamente a Teófilo em seu nome. Mas sua interferência foi arrogantemente ressentida e atraiu sobre ele uma perseguição longa e feroz, cujos detalhes não têm relação direta com o assunto desta história. Podemos apenas mencionar que os origenistas, tendo repudiado formalmente todas as doutrinas heréticas, continuaram a desfrutar de seu semblante, bem como o da imperatriz Eudóxia; e foram assim encorajados a acusar seu bispo perante o tribunal do imperador Arcádio. Diante disso, Epifânio apressou-se de Chipre a Constantinopla; e, algum tempo depois, o destemido Teófilo chegou, em obediência à convocação imperial, assistido, no entanto, por uma multidão de bispos do Egito. Sua vingança foi dirigida não tanto contra os origenistas, mas contra Crisóstomo. Essa máquina de maldade, *um sínodo*, foi formada; [p.215] mas quando os membros foram reunidos, eles imediatamente se separaram em dois corpos, e se reuniram em lugares diferentes; aqueles que odiavam o bispo de Constantinopla, nos subúrbios; e os que o favoreciam, na cidade. Entre seus amigos, Palladius da Galácia, agora bispo de Helenópolis na Bitínia, parece ter

tido um papel distinto; e se a maioria pudesse se valer da intriga e do poder, Crisóstomo teria triunfado. Mas ele afundou, finalmente, com toda a sua influência, sob os assaltos combinados do partido alexandrino, a raiva da imperatriz insultada Eudóxia e os éditos obsequiosos do tímido Arcádio; e no ano 403 ele foi perversamente deposto e banido, junto com alguns de seus adeptos. Mas, nesse meio tempo, o clemente Epifânio havia morrido em sua viagem de volta a Chipre; e Isidoro e os três *irmãos altos* haviam encerrado suas vidas, na cidade, em meio à tempestade cruel que seu grande e ferido patrono havia trazido sobre si mesmo. Os objetos de seu ódio sendo assim removidos, Teófilo foi facilmente reconciliado com o resto dos origenistas, e finalmente os recebeu em seu favor. (1)

O bispo alexandrino não havia confinado seus esforços, durante todo esse tempo, à cidade de Constantmopla. (401 a 404 d.C.) Enquanto seu partido administrava sua disputa lá, ele próprio estava frequentemente envolvido em casa, despertando a indignação dos cristãos egípcios contra o nome e a doutrina de Orígenes. Era sua prática publicar, anualmente, uma Epístola Geral ou Pascal para suas igrejas; e na do ano 401, seu zelo recém-adotado deu-se plena expressão.

(1) *Huetii Origenian*, lib. ii., cap. 4, sec, ii., §§ 11, 12, 13, e Fleury's Ecl. Hist., livro xxi., cap. 23 — 32.

Teófilo investiu com muita amargura contra as heresias de Orígenes, que ele incluiu nos seguintes detalhes: que o reino de Cristo finalmente terminaria, e o diabo retornaria à sua glória primitiva e se tornaria sujeito ao Pai; que os bem-aventurados no céu possam cair; que Cristo deve ser crucificado no mundo invisível pelos demônios e anjos maus; que os corpos dos santos, após a ressurreição, por fim decairão e serão extintos; que o Filho não deve ser abordado em oração; que magia não é pecado; e que o casamento é desonroso, sendo ocasionado por nossa conexão culpada com o corpo. (1)

Na Epístola do ano seguinte, Teófilo retomou o assunto inacabado e voltou a entrar em conflito com a "Hidra do Origenismo". Os erros que ele agora selecionou como pontos de seu ataque foram que as almas humanas pré-existiam, mas por suas transgressões estavam condenadas a este mundo, que foi formado para sua recepção; que o sol, a lua e as estrelas são animados; que nossos corpos carnais não devem ressuscitar; que os dignitários do mundo angélico não foram criados assim, mas subiram da igualdade original das almas às suas atuais elevações por meio de seu próprio auto-aperfeiçoamento; que o Espírito Santo não opera em animais irracionais; que a providência imediata de Deus se estende apenas às coisas no céu; que Cristo não é o Deus supremo; que todas as almas vieram de uma massa de mente comum e uniforme; que a alma que Cristo assumiu era uma com sua natureza divina, assim como ele é um com o Pai;

(1) *Theophili Paschal*, lib. ii.

(propriamente i.) *inter Hieronymi Opp.*, tomo, iv., parte ii. Para a data e ordem desses livros, veja Du Pin, Cave, Fleury, etc. [p.217]

e que Deus não poderia governar mais criaturas do que ele fez, de modo que seu poder é finito, (1) Temos outra de suas *Epístolas* anuais, escritas no ano 404. Aqui, seu zelo começou a diminuir; mas em meio a um caos de exortação geral e indefinida, há alguns ataques incidentais à noção de Orígenes da condenação das almas aos corpos terrestres. (2)

Estas três *Epístolas* foram posteriormente traduzidas por Jerônimo, para uso dos cristãos latinos; e com eles vários outros, que desde então pereceram.

400 a 404 d.C.

Enquanto assim Teófilo estava perseguindo sua disputa em Constantinopla e ao mesmo tempo soando o alarme no Egito, contra a recém-denominada heresia, a tempestade que havia surgido na Itália continuou sem diminuir. Logo após a aprovação do decreto, em 400 d.C., contra as obras de Orígenes. O papa Anastácio citou Rufino para comparecer perante ele, sob a acusação de heresia. Mas este, em vez de deixar seus amigos em Aquileia, enviou ao pontífice uma *Apologia* formal, ou declaração de sua fé e conduta; professando seu sincero consentimento aos credos das igrejas em Roma, Alexandria, Jerusalém e Aquileia; e declarando sua crença na Trindade, na ressurreição desta mesma carne, em um julgamento futuro e no castigo sem

fim do diabo, de todos os seus anjos e dos homens maus, particularmente, diz ele, daqueles que caluniam seus irmãos. E quem nega isso, "que o fogo eterno seja sua porção, para que ele possa sentir o que nega". (3)

(1) *Theophili Paschal*, lib. i. (corretamente ii.).
(2) *Theophili Paschal*, lib. iii.
(3) Rufini ad Anastasio *Apologia, inter Hieron. Op.*, tomo, v., pág. 259. [p.218]

A mesma doutrina ele também afirmou em termos gerais, mas com muita clareza, em seu *Tratado sobre o Credo Apostólico;* (1) e não temos motivos para duvidar de sua sinceridade. Os bispos italianos, ao que parece, ficaram geralmente satisfeitos; (2) mas Anastácio, ou suspeitando de dissimulação, ou determinado em todos os casos a esmagar o detestável tradutor (Rufino), proferiu-lhe a terrível sentença de excomunhão. Isso foi em 401 d.C. O Papa recusou-se depois, peremptoriamente, a restaurá-lo à comunhão, apesar de uma amistosa advertência que recebeu no ano seguinte, com muito respeito aparente, de João de Jerusalém. (3)

Durante todas essas transações, Rufino estava se consolando com uma vingança secreta, fazendo circular em privado uma obra que ele havia composto para defender sua própria conduta, para desculpar Orígenes, mas principalmente para denunciar Jerônimo. A esta produção, o ressentimento parcial da igreja colocou desde então o nome hostil de *Invective*, em vez do título original

e mais pacífico de *Apologia*. Paulinianus, então residente na Itália, conseguiu vê-lo; e, tendo transcrito secretamente copiosos extratos, enviou-os a seu irmão em Belém. A partir deles, Jerônimo teve o aborrecimento de descobrir que a defesa que ele havia dirigido, alguns anos antes, a seus amigos em Roma, provavelmente seria revertida, com efeito, contra ele mesmo. Ele viu que Rufino tinha conseguido expor muita inconsistência, e alguma prevaricação, nas explicações dadas sobre seu tratamento anterior e atual de Orígenes.

(1) *Rufini Symbolum, inter Hieron.* Op., tomo, v., pp. 127-150. N. B. Ver nota 1, página 176.
(2) *Hieron. (Jerônimo) Apolog. adv. Rufinus.*, lib. iii., pág. 453.
(3) *Huetii Origenian*, lib. ii., cap. 4, seção, i., § 20. [p.219]

Mas, o que era mais desconcertante, uma vantagem fatal foi tirada de seus comentários favoritos sobre Efésios e Eclesiastes. Dessas mesmas obras, às quais Jerônimo se referiu expressamente como um delineamento claro de seus pontos de vista, Rufino agora selecionou amplas citações que ensinavam, da maneira mais completa, as várias doutrinas da ressurreição *de corpos aéreos em vez de carnais*, *preexistência*, *e a restauração universal*, *não só da humanidade*, *mas também do diabo e seus anjos*. Além disso, foram apontadas expressões particulares que pareciam indicar *uma rotação perpétua de felicidade e miséria*, o eventual retorno de todas as criaturas

intelectuais a uma ordem ou grau de ser, e a animação desses corpos gloriosos, o sol, a lua , e estrelas. "Faz sentido", disse seu acusador exultante, "que alguém como você condene Orígenes." (1)

Perturbado, mas não consternado, por esse ataque inesperado, Jerônimo sentou-se com raiva para a composição de sua Apologia contra Rufino; respondendo com altivez, e às vezes falsamente, às numerosas acusações contra sua conduta, recriminando seu antagonista pelos mesmos atos que ele desculpou em si mesmo, e tentando, pelas mais infundadas insinuações, torná-lo suspeito de evasão em sua tardia Apologia a Anastácio . No entanto, temos pouco interesse, exceto com o que se relaciona com o Universalismo. Para se livrar da situação embaraçosa em que foi colocado pela infeliz referência aos seus Comentários sobre Efésios e Eclesiastes,

(1) *Hieron. Apologia adv. Rufinum*, lib. i. e ii., tomo., 4. Jerônimo ainda não tinha visto a *Invectiva* de Rufinus inteira, mas apenas os extratos que Paulinianus lhe enviara. O que eram, só podemos saber pela resposta de Jerônimo. [p.220]

ele recorreu ao apelo desesperado de que, como as passagens contendo as doutrinas de uma pré-existência, de ressurreição aérea e restauração universal foram resumidas por ele de Orígenes e outros autores, ele não era responsável pelas ideias. A verdade é que ele os havia

incorporado em seu próprio trabalho, sem nenhuma censura e sem dar créditos aos escritores originais. (1)

Que ele agora seria entendido como negando a salvação do diabo e dos condenados, é certo; e chegou a queixar-se de que sobre isso, bem como sobre outros pontos, Rufino não havia sido suficientemente explícito em sua Apologia ao pontífice romano. (2) Mas é notável que ele ainda evitasse considerá-lo entre os erros importantes de Orígenes, e que ele invariavelmente o ignorava, quando se referia a eles; como no catálogo a seguir: "Eu vos indico, nas obras de Orígenes", disse ele a Rufino, "muitas coisas más, e particularmente estas heresias: que o Filho e o Espírito Santo são subordinados; que existem inumeráveis mundos que se sucedem por toda a eternidade; que os anjos foram transformados em almas humanas; que a alma humana de Cristo existia antes de nascer de Maria; e que foi este que não teve por usurpação ser igual a Deus, visto que era em forma de Deus, mas humilhou-se e assumiu a forma de servo, para que na ressurreição nossos corpos sejam aéreos, sem membros, e que eventualmente desaparecerão no nada;

(1) *Hieron. Apologia. adv. Rufinum*, lib. i. e ii., tomo. 4.
(2) *Idem*, lib. ii., pág. 393. [p.221]

que na restituição universal, os poderes celestes e os espíritos infernais, juntamente com as almas de toda a humanidade, serão reduzidos a uma ordem ou categoria de seres; e que desse estado uniforme de igualdade eles

novamente divergirão, como antigamente, mantendo vários cursos, até que por fim alguns, caindo em pecado, nasçam mais uma vez em um mundo mortal com corpos humanos. Para que nós, que agora somos homens, tenhamos medo de ser mulheres; e as que agora são virgens, de serem, então, prostitutas. Essas heresias eu aponto nas obras de Orígenes; mostre-me agora em qual obra dele você pode encontrar o contrário." (1)

Esta Apologia, repleta de ridículo e sarcasmo, foi concluída em dois livros e enviada para a Itália em algum momento do ano 403, (2) enquanto Rufino ainda se gabava de que o segredo de sua atuação não havia transpirado. Enlouquecido pelas sátiras, insultos e deturpações de seu oponente, Rufino imediatamente enviou a Belém toda a sua *Invectiva*, acompanhada de uma carta ameaçando processo e talvez morte. Sobre isso, Jerônimo acrescentou à sua Apologia um terceiro livro, escrito em um estilo que mostrava que ele não seria superado em raiva nem em abuso vulgar. Embora muito absorto em outros assuntos para prestar atenção especial ao velho tópico dos erros de Orígenes, ele, no entanto, repetiu seus ataques à noção de que todas as criaturas racionais eventualmente retornarão a um grau comum de ser,

(1) *Hieron. Apologia. adv. Rufinum*, lib. ii., pág. 403. Veja também lib. i., pp. 355, 371 e lib. ii. pág. 407, e lib. iii., pág. 441.
(2) Huet, Du Pin, etc., digamos em 402 d.C.; mas como Jerônimo menciona a Carta de Anastácio a João de Jerusalém

(lib. ii., p. 405), que não poderia ter chegado à Palestina antes do final do ano 402, ou início de 403, dei a Apologia de Jerônimo a última data. [p.222]

e que eles possam depois recair e renovar sua diversidade atual. (1) É notável que ele parecia quase admitir, apesar de seu temperamento perverso, que ele havia seguido Orígenes longe demais. (2)

Com esta discussão acalorada, e com o triunfo simultâneo de Teófilo, acalmou-se, por ora, a disputa pública na igreja sobre o Origenismo. Seus professores eram obrigados por toda parte a esconder sua crença; e sua doutrina era geralmente considerada herética, ou pelo menos perigosa para a paz da cristandade. Algumas de suas particularidades, no entanto, ainda eram declaradas sem censura, quando não se suspeitava de parcialidade em relação à seita. Mas o Universalismo, tendo sido condenado em um de seus pontos, recebeu um choque do qual nunca se recuperou inteiramente na Igreja Católica (*nt).

Podemos declarar que é provável que a doutrina da salvação do diabo e seus anjos, por este tempo, tenha escapado à condenação e talvez reprovação, se não tivesse sido encontrada em companhia de outros dogmas ofensivos. Quanto ao caráter geral dos processos violentos agora descritos, é manifesto demais que eles merecem o tipo de brigas pessoais, em vez da denominação honrosa de uma disputa pela verdade. Dos três agentes principais,

Epifânio, um homem honesto, mas crédulo e intolerante, pode de fato ter agido, em grande medida, por princípio, como há muito se distinguia por zelo contra o origenismo.

(1) *Apolog.*, lib. iii., pág. 441.
(2) Idem, pp. 445, 447.
(*nt) Igreja *Católica*, neste contexto, não significa *Católica Romana*, mas todas as igrejas que aceitam os quatro primeiros *Concílios Gerais ou Católicos ou Ecumênicos* (Concílios de Nicéia (325 d.C.), Constantinopla (381), Éfeso (431) e Calcedônia (451)), ou seja, praticamente todas as igrejas. Estas são muitas vezes referidas como *Ortodoxas*. [p.223]

Mas Teófilo se envolveu na briga por meio de política e rancor, e o processou por vingança privada; e devemos fazer quase o mesmo julgamento sobre os motivos de Jerônimo. Ambos foram anteriormente admiradores de Orígenes; e ambos, depois que o conflito passou, traíram novamente, embora com cautela, sua parcialidade por suas obras. [p.224]

CAPÍTULO VIII.

DE 404 d.C. A 500 d.C.

Após dois ou três séculos de decadência, a massa pesada

do Império Romano havia agora se dividido em duas partes (405 d.C.) por uma separação permanente do Oriente do Ocidente. Sobre essas divisões, os filhos inocentes, mas efeminados de Teodósio, o Grande, gozavam do nome de soberania, enquanto suas mãos débeis, incapazes de balançar o cetro, renunciavam a seus favoritos e ministros o exercício efetivo da autoridade. Arcádio, o imperador oriental, sentou-se no trono de seu pai em Constantinopla; seu irmão mais novo, Honório, ocupou a corte ocidental em Ravena, na Itália. Roma, a cidade eterna, a orgulhosa senhora do mundo, não era mais honrada com o cumprimento vazio da residência imperial. O patriotismo, a coragem e até a força física haviam, em grande medida, abandonado um povo desanimado por eras de despotismo, corrompido por seus vícios e enervado pelo luxo e pela preguiça. Em todo o Oriente, distúrbios internos agitavam a tranqüilidade pública e a rebelião aberta alarmava a débil administração. No Ocidente todos os corações tremiam com os movimentos portentos dos ferozes bárbaros do Norte, que pairavam nas fronteiras da Grécia e da Itália, e ameaçavam, não em vão, despejar suas forças sobre os belos territórios na antiga sede do império. . [p.225] Eles já haviam feito uma incursão alarmante, da qual foram repelidos em parte pela força das armas e em parte pelo ouro; e eles esperaram apenas a preparação de quatro ou cinco anos para seu retorno mais bem-sucedido, quando a própria Roma seria tomada e saqueada por Alarico à frente de seus godos.

Nesse período de terror e desordem, a Igreja simpatizava, é claro, com os perigos e temores do Estado, com o qual

estava tão intimamente ligada; mas seu poder mundano naturalmente aumentou na proporção em que o establishment civil ficou mais fraco e mais necessitado de sua ajuda. Os perigos públicos nunca a fizeram, por um momento, perder de vista o objeto favorito de ambição, para o qual ela avançou com a lenta mas fatal firmeza das leis da natureza. Tampouco desviou sua atenção de suas preocupações mais domésticas. Entre outras ocupações, seu clero agora encontrava um exercício grato por seu zelo e violência na derrubada dos últimos monumentos do paganismo e na supressão das seitas rebeldes entre si. O caso dos origenistas fora, ao que tudo indicava, despachado com sucesso; mas na África um grupo muito numeroso e problemático de crentes ortodoxos, os donatistas, destacou-se, com peculiar obstinação, contra todos os convites e todas as ameaças da igreja. Ao longo de três anos, tantos Concílios se reuniram em Cartago, sob a influência do célebre Agostinho, com o objetivo de obrigá-los a retornar à comunhão católica, da qual haviam se separado, em uma disputa eleitoral, quase um século antes. [p.226] Mas essas medidas, embora apoiadas pelos severos éditos de Honório, tiveram pouco sucesso; os cismáticos, em sua maioria, permaneceram teimosos, e seus partidários selvagens continuaram a carregar espada e fogo pela província.

As comoções políticas e os distúrbios eclesiásticos da época operaram, (405 a 412 d.C.), sem dúvida, para desviar a atenção do público do assunto do Origenismo e proporcionar descanso ao partido detestável. O clamor da última disputa parece ter caído imediatamente no silêncio;

e como era quase universal a impressão de que a briga havia sido, em grande medida, pessoal, marcada com violência injustificável e levada longe demais, (1) suas vítimas foram vistas com menos rigor do que o habitual em casos de julgamento por heresia. Rufino parece ter desfrutado, em Aquileia, do patrocínio de seu próprio bispo (2) e do semblante, talvez, de outros dignitários nas igrejas italianas. (3) Ele passou o resto de sua vida, sem ser molestado, compondo Comentários sobre as Escrituras e traduzindo: Orígenes e outros escritores gregos; até que, em 409 d.C., ele fugiu com a aproximação dos bárbaros do norte e se retirou para a Sicília, onde morreu no ano seguinte. Melânia, sua nobre e fiel padroeira, acompanhou-o, com um numeroso comboio, à Sicília.

(1) O banimento de Crisóstomo despertou a dor e a indignação de numeroso partido no Oriente, e de todo o Ocidente. Esforços incessantes foram feitos para seu retorno, mas ele morreu nesse meio tempo; e, embora tivesse sido resolvido denunciar Teófilo perante um Concílio Geral, o caso foi arquivado.
(2) Ele traduziu o *Ecl. de Eusébio.* História a pedido de Cromatinas, Bispo de Aquileia.
(3) *Hieron. Apologia. adv. Rufin.*, lib. iii., pág. 453. [p.227]

Prosseguindo dali para a África, onde foi cumprimentada por Agostinho, ela seguiu seu caminho para a Palestina.

Sua morte logo seguiu, em Jerusalém, a cena de sua antiga munificência; e, apesar de sua ligação com os origenistas, ela foi homenageada com o título de santa, e seu nome inserido nos martirológios públicos. (1) João de Jerusalém era, entretanto, fortemente suspeito de reter uma parcialidade secreta pelas doutrinas proscritas; mas ele conduziu tão cautelosamente a ponto de desfrutar de seu bispado em silêncio; e mesmo seu vizinho implacável, Jerônimo, não encontrou pretexto para reatar a briga. (2) Evagrius Ponticus, tendo sido esquecido na fúria de Teófilo, morreu, provavelmente nessa época, em algum retiro imperturbável entre os mosteiros egípcios; mas Palladius da Gallatia, falecido bispo de Helenópolis, estava sofrendo no banimento, não por seu origenismo, mas por sua adesão ao exilado Crisóstomo. Ele foi posteriormente chamado de volta, no entanto, e nomeado sobre a igreja de Aspora, em sua província natal. (3) O próprio Teófilo agora provocava a aversão daqueles que se lembravam de sua violência anterior e proibições solenes, divertindo seu lazer com a leitura das obras de Orígenes; e ele afirmou abertamente, como sua justificativa, que, entre alguns espinhos que eles continham, ele encontrou muitas flores bonitas e preciosas. Ele havia, no entanto, escrito um grande volume contra Orígenes, que, embora tenha perecido há muito tempo, sobreviveu à sua morte em 412 d.C..

(1) *Ecl.* Fleury. *Hist.*, livro xxii., cap. 22, e Huetii Origenian, lib. ii., cap. 4, sec. 1, § 22.

(2) *Hieronymi, Epist.* Ixxvii. vel. 81., ad Augustin., tomo, iv., parte ii., p. 642.
(3) *Bibliotheca Patrum de Du Pin*, art. Palladius, e Cave, Hist. Lit., art. Palladius, e Ecl. de Fleury. Hist., livro xxi., cap. 59 e xxii. 3, 10. [p.228]

É notável, também, que Jerônimo ainda continuasse a citar Orígenes como um expositor competente e autorizado das Escrituras, (1) enquanto ele, ao mesmo tempo, mantinha seu ódio contra Rufino e seu partido, e nunca falava deles senão com indecente abuso. (2) *Os erros de Orígenes*, essa frase tão indefinida embora repetida com tanta frequência, também foram objeto de sua repreensão ocasional. Ele continuou a insistir quase nos mesmos detalhes de antes; ainda ignorando o princípio do universalismo, embora fosse claramente dito em alguns dos extratos que ele alegou como pernicioso em outros relatos. (3) Sua crença atual, no entanto, pelo menos sua crença professada, era que o diabo e seus anjos, infiéis obstinados e blasfemos abertos, sofreriam tormentos sem fim, enquanto aqueles que abraçaram o cristianismo, mas levaram vidas viciosas, serão condenados apenas a um purgatório longo, mas temporário, após a morte." (4)

(1) *Hieronymi, Epist.* Ixxiv. vel. 89, ad Agostinho, pp. 619, 620.
(2) *Hieron., Epist.* xcvi. vel. 16, ad Princip., pp. 781, 782; e Epist. xcvli., vel. 8, *ad Demetriad.*, pp. 793,

794.
(3) *Hieron.*, *Epist*. xciv., vel. 59, ad Avitum, Jerônimo escreveu esta carta por volta de 407 d.C., para acompanhar sua tradução dos livros *Dos Princípios* de Orígenes, que ele deu a um certo Avito, um espanhol. Foi composto com a finalidade de apontar os erros que continham esses livros; e o seguinte ele seleciona como principal: 1. O que diz respeito à Trindade. 2. A igualdade original de todas as criaturas intelectuais e sua perpétua revolução de bem-aventurança em miséria, e de miséria em bem-aventurança, por meio do vício e da virtude. 3. Que todos os corpos com os quais os seres racionais estão vestidos acabarão por desaparecer em nada. 4. Que inúmeros mundos precederam, e que inúmeros outros devem suceder, este presente. 5. Que as chamas e tormentos da Geena, ou inferno, que as Escrituras ameaçam aos pecadores, nada mais são do que o remorso de suas consciências no mundo futuro. 6. Que nossas condições e circunstâncias atuais nos são atribuídas por causa de nossos méritos ou deméritos em um estado anterior de ser. E 7. Que assim como Cristo foi crucificado pela humanidade neste mundo, então ele, talvez, sofrerá a morte na eternidade, para a salvação do diabo e seus anjos. Esses erros de

Orígenes, Jerônimo expõe por meio de longas citações dos livros Dos Princípios; e vários desses extratos mencionam incidentalmente a *restituição de todas as criaturas* à pureza e bem-aventurança; mas neste particular nosso autor não faz observações diretas.
(4) Hierão. Comente, em Esaiam, lib. xvi. (cap. Ixvi., v. 24). Escrito em 409 d.C., tom. iii. [p.229]

Esta doutrina ele parece ter confessado para o resto de sua vida, (1) às vezes reconhecendo, no entanto, que aqueles pecadores que foram severamente punidos neste mundo, como os antediluvianos, os sodomitas e o exército do Faraó, serão perdoados em nas próximas eras. (2) Afinal, há razões para suspeitar que Jerônimo ainda permaneceu, embora em segredo, um universalista. (3)

(1) Hieron. contra Pelagian, lib. i., cap. 9. Escrito por volta de 415 d.C.
(2) Biblioth de Du Pin. Pat., arte. Jerorne.
(3) Veja seu Comentário, em Esaiam, lib. xvi. (cap. Ixvi., v. 24). Comentando estas palavras do profeta. Eles sairão e verão os cadáveres dos homens que transgrediram contra mim; porque o seu verme não morrerá, nem o seu fogo se apagará; e eles serão abomináveis para toda carne, Jerônimo diz: "Este fogo arderá enquanto permanecer a matéria que alimenta a

chama voraz. Se, portanto, a consciência de alguém estiver infestada de joio, que o inimigo semeou enquanto o chefe de família estava adormecidos, o fogo os queimará e os consumirá. E aos olhos de todos os santos se manifestarão os tormentos daqueles que, em vez de colocar ouro, prata e pedras preciosas sobre o fundamento do Senhor, edificaram sobre eles feno, madeira, restolho, o combustível do fogo eterno. Além disso, aqueles que gostariam de ter esses tormentos, embora prolongados por muitas eras, chegam finalmente ao fim, use os seguintes textos: Quando a plenitude dos gentios tiver entrado, então todo o Israel será salvo. (Romanos 11:25,26) Novamente: Deus concluiu tudo sob o pecado. que a mentira possa ter misericórdia de todos. Em outra passagem é dito: Sustentarei a ira do Senhor, pois tenho pequei contra ele, até que justifique a minha causa, e faça surgir o meu juízo, e me conduza à luz. (Miquéias 7:9) E novamente: Eu te bendirei, Senhor, que você estava com raiva de mim. Tu desviaste o teu rosto de mim; mas tiveste compaixão de mim. (Isaías 12:1) O Senhor também diz ao pecador, quando a ira da minha fúria passar, eu te curarei novamente. Assim, é dito, em outro lugar, quão grande é a multidão de teus favores, Senhor, que tu

guardaste em segredo para aqueles que te temem! (Salmos 21:19) Todos os textos que eles repetem, a fim de sustentar que depois dos castigos e torturas, haverá um refrigério, que agora deve ser escondido daqueles a quem o medo é necessário, que enquanto eles temem os tormentos que eles pode desistir do pecado. Devemos deixar isso apenas para a sabedoria de Deus, cuja medida não apenas de misericórdia, mas de tormento, é justa, e quem sabe a quem julgar, e de que maneira e por quanto tempo punir. Podemos apenas dizer, como se torna a fragilidade humana. Senhor, não contendas comigo no teu furor, nem na tua ira me tire. (Salmos 6:1) E como cremos nos tormentos eternos do diabo e de todos os negadores e ímpios que disseram em seus corações. Deus não existe ; então podemos supor que a sentença do Juiz sobre os pecadores e ímpios que, no entanto, são cristãos, e cujas obras devem ser provadas e purgadas no fogo, será moderada e misturada com misericórdia. ” Considerando a positividade usual de Jerônimo, e especialmente sua violência na disputa tardia, não pode explicar satisfatoriamente a linguagem precedente, tão moderada, se não mesmo equívoca, sem supor que ele mesmo concordasse secretamente com os

restauradores de quem fala.[p.230]

Nem ele ficou completamente sozinho na igreja. Os ortodoxos desta época podem ser divididos em cinco classes, com respeito às suas visões de punição futura e a extensão final da salvação: 1. Os mais rígidos entre eles acreditavam que ninguém mais seria salvo, exceto aqueles que morreram na verdadeira fé e no exercício da piedade; e a maioria, se não todos, deles mantinha, para os santos menos merecedores, um purgatório suave, pelo qual eles deveriam ser completamente limpos antes de sua admissão no céu. Tais eram os sentimentos do famoso Agostinho, (1) o oráculo da igreja ocidental, que, no entanto, estava disposto, às vezes, a mitigar a severidade da condenação. (2) 2. Outra classe sustentava, em substância, com os pais mais antigos Lactâncio, Hilário, Basílio e Ambrósio, que seriam finalmente salvos todos aqueles que continuassem até o fim na fé e na disciplina católica, quaisquer que fossem seus caracteres morais; mas que aqueles que viveram perversamente deveriam sofrer uma longa e excruciante provação pelo fogo, no mundo futuro, antes de receberem a bem-aventurança. Essa, provavelmente, era a crença comum, a crença popular; e Jerônimo deve ser contado entre seus professos defensores. 3. Outros acreditavam que todos os que foram batizados na igreja católica e participaram da eucaristia, eventualmente seriam salvos, em quaisquer crimes, erros e heresias que pudessem ter caído depois; alegando em seu apoio as declarações do Salvador, que quem comer deste pão viverá para sempre,

(1) *Augustin, De Civitate Dei*, lib. xx., cap. 1, e xxi., 24 e 26. Ver também Du Pin's *Biblioth. Patrum.*, art. Agostinho. (2) *Augustin., Enchiridion ad Laurentium*, cap. 112, 113. De Fide, et Op., cap. 23,26 [p.231]

e a observação do apóstolo, que a igreja é o corpo de Cristo. 4. Muitos dos ortodoxos, embora sustentassem, de acordo com a decisão dos últimos Concílios contra Orígenes, que o diabo e seus anjos sofreriam punição sem fim, acreditavam, no entanto, que toda a humanidade, sem exceção, seria salva; os ímpios, depois de séculos de tormento no inferno. 5. A última classe dos ortodoxos, que talvez fosse pequena, sustentava que Deus realmente ameaçara com miséria futura os impenitentes, mas que os santos, no grande dia do julgamento, intercederiam tão fervorosamente junto ao Todo-Poderoso em favor do mundo, que toda a humanidade, mesmo os ímpios e os infiéis, seriam salvos sem nenhum sofrimento; enquanto o diabo e seus anjos devem ser abandonados à tortura sem fim. Para provar o direito de Deus de não cumprir suas ameaças, eles alegaram o julgamento denunciado, mas *não executado*, sobre Nínive. (1) As duas classes, por último nomeadas, parecem ter formado, se as considerarmos juntas, uma grande proporção dos ortodoxos. (2)

Toda essa variedade de opiniões parece ter sido tolerada na igreja; e é natural supor que havia alguns que ainda mantinham em segredo, com Orígenes, que todas as criaturas inteligentes, incluindo os anjos apóstatas,

acabariam por se reconciliar com Deus.

410 a 415 d.C.

Esta última opinião, herética como havia sido julgada, certamente estava se espalhando e abertamente ensinada, na província nordeste da Espanha, que agora leva o nome de Catalunha. (1) Agostinho, De Civit. Dei, lib. xxi., cap. 17-24. (2) Agostinho, Enchiridion, cap. 112. "Quam plurimi" — muitos, tantos quanto possível — é a frase pela qual ele denota o número daqueles que não acreditavam que o castigo eterno seria realmente infligido. [p.232] Cerca de oitenta quilômetros além da foz do Ebro fica a moderna cidade de Tarragona, sobre as veneráveis ruínas da antiga metrópole Tarraco; que, do cume de uma eminência suave, dominava o Mediterrâneo ao sul, e um campo fértil no interior. (1) Dois dos cidadãos, com o nome de Avitus, tendo passado algum tempo no Oriente, retornaram não muito longe de 410 d.C.; e um deles trouxe de Jerônimo, na Palestina, a tradução correta dos livros Dos Princípios de Orígenes, junto com uma longa Carta apontando suas doutrinas errôneas. (2) Mas o antídoto provou ser apenas um preventivo parcial. Enquanto os dois amigos rejeitaram algumas das especulações de Orígenes, adotaram outras; e com a ajuda de um tal Basílio, um grego, eles passaram a ensinar entre o povo os seguintes princípios peculiares: 1. Que todas as coisas tinham, desde a eternidade, uma existência real na mente da Divindade. 2. Que anjos, almas humanas e demônios eram de uma substância uniforme e igual, e originalmente da mesma categoria; e que sua atual diversidade é consequência de

seus antigos desertos. 3. Que este mundo foi feito para o castigo e purificação das almas que pecaram no estado preexistente. 4. Que as chamas do tormento futuro não são fogo material, mas apenas o remorso da consciência. 5. Que eles não são infinitos; pois, embora sejam chamados eternos, essa palavra, no grego original [αιωνιος, *aiônios*], não significa, de acordo com sua etimologia e seu uso frequente, *sem fim*, mas apenas a duração de uma era;

(1) *As Viagens de Swinburne na Espanha.*
(2) *Hieronymi, Epist.* xciv., vel. 59, *ad Avitum.* Veja a nota 3, página 228.
[p.233]

para que todo pecador, após a purificação de sua consciência, retorne à unidade do corpo de Cristo. 6. Que o próprio diabo, por fim, será salvo, quando toda a sua maldade tiver sido subjugada. 7. Que Cristo havia sido empregado, antes de seu advento na terra, na pregação aos anjos e poderes exaltados. 8. Que o sol, a lua e as estrelas devem ser contados entre aquelas criaturas racionais inteligentes que, de acordo com São Paulo, foram submetidas à vaidade e também à esperança. (1)

Essas doutrinas, juntamente com a heresia separada dos *priscilianistas* que floresceram na Espanha, causaram tanta perturbação em Tarraco e seus arredores, que dois dos bispos finalmente enviaram uma delegação sobre o assunto a Agostinho, na África; e ele imediatamente escreveu, em troca, um pequeno livro *Contra os Priscilianistas e Origenistas*, mas principalmente contra os últimos. (415

d.C.) Em oposição às suas visões de punição futura, ele afirmou a materialidade de seu fogo e defendeu laboriosamente *a eternidade de sua duração*; tentando sustentar que a palavra original, traduzida *eterna, sempre significava sem fim*. Mas, porque pode haver algumas exceções, como ele ao mesmo tempo admitiu inconsistentemente, ele então mudou de opinião e recorreu a essa declaração de Cristo: *Estes irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna* (Mateus 25:46), onde a mesma palavra grega *(aiônios)* foi aplicada aos tormentos dos condenados e à bem-aventurança dos santos;

(1) *Orosii Consultatio sive Commonitorium ad Augustin. inter Augustini*. Op., tom, vi., edit. Basílio, 1569. [p.234]

de modo que se os origenistas querem, por compaixão, limitar a duração do primeiro, eles também devem restringir a do último. Mas, se isso não deveria convencê-los, como eles poderiam iludir aquela declaração do profeta Isaías: *Seu verme não morrerá, nem seu fogo se apagará?* (Isaías 66:24.) (1)

Tal é a ordem e a substância de seus argumentos. É notável que aqui nos deparemos com a primeira tentativa de crítica sobre essa palavra original que tem sido objeto de tantas críticas nos tempos modernos *(aiônios)*. Mas Agostinho, um escritor latino, conhecia muito imperfeitamente a língua grega para definir seus termos; e,

se podemos julgar pelo que observamos em nossos dias, suas críticas foram consideradas satisfatórias pelos crentes determinados na miséria sem fim, mas absurdas pelos universalistas. Alguns anos depois, ao compor um corpo geral de divindade, ele repetiu alguns desses argumentos, com vários acréscimos, e combateu as noções de todas as várias classes mencionadas, que estenderam a felicidade do céu além do número que morreu na fé e santidade. (2) Ele forneceu aos modernos muitas das objeções banais, mas populares, que agora são alegadas pelas Escrituras, contra a salvação de toda a humanidade. (3)

(1) Augustini lib. *Contra Priscilianistas* e *Origenistas*, tomo. vi.
(2) Augustin. *De Civit. Dei*. lib. sxi., cap. 23-24.
(3) Como um exemplo de seu raciocínio ou declamação, que com ele era original, incluo um capítulo inteiro de sua grande obra, *A Cidade de Deus*: -
"E em primeiro lugar devemos verificar por que a Igreja se recusou a permitir que as pessoas disputassem a favor de uma purificação e libertação do próprio diabo, depois de punições muito grandes e duradouras. Não foi que tantos homens santos, tão bem instruídos no Antigo e no Novo Testamentos, invejavam a qualquer dos anjos uma purificação e a bem-aventurança do céu depois de tão grandes tormentos; mas era porque viam ser impossível anular ou enfraquecer

aquela sentença divina que o Senhor declarou que pronunciaria no julgamento. [p.235] Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. ... Como está escrito no Apocalipse: O diabo que os enganou foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde estão a besta e o falso profeta, e eles serão atormentados dia e noite *para todo o sempre* (Apoc. 20:10) O que é chamado na outra passagem de *eterno*, é aqui expresso por *para todo o sempre*; por quais palavras a Escritura divina costuma significar nada além do que é infinito em duração. E não há outra razão, nem pode ser encontrada outra mais justa e manifesta, por que devemos mantê-lo fixo e imutável na mais sincera piedade, que o diabo e seus anjos nunca devem retornar à justiça e à vida dos santos, do que que a Escritura, que a ninguém engana, diz que Deus não os poupou (2 Pedro 2:4), mas os entregou para serem mantidos em prisões de trevas infernais, a fim de serem punidos no juízo final, quando serão enviados para o fogo eterno, onde serão atormentados para todo o sempre. Sendo este o caso, como pode toda ou qualquer humanidade, após um certo período, ser restaurada da eternidade desse castigo, e não enfraquecer imediatamente aquela fé pela qual acreditamos que os

tormentos dos demônios serão intermináveis? Pois se todos ou algum daqueles a quem deve ser dito. Afastem-se de mim, malditos, para o fogo *eterno*, preparado para o diabo e seus anjos, não deve permanecer lá, que razão temos para acreditar que o diabo e seus anjos sempre permanecerão lá? A sentença de Deus, que é pronunciada tanto contra os anjos maus como contra os homens, será verdadeira em relação aos anjos e falsa em relação aos homens? Assim será claramente, se não o que Deus disse, mas o que os homens suspeitam, mais valerá. Mas, como não pode ser assim, aqueles que desejam evitar os tormentos eternos devem, enquanto há tempo, ceder ao preceito divino em vez de argumentar contra Deus. E novamente: como podemos supor que o tormento eterno seja apenas um fogo de longa duração, e ainda assim a vida eterna seja sem fim, quando na mesma passagem e em uma mesma frase, Cristo disse com referência a ambos: Estes irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna. (Mateus 25:46). Como *ambos* são eternos, ambos certamente devem ser entendidos como de longa duração, mas com um fim, ou então como perpétuos, sem fim. Pois eles estão conectados: por um lado, o castigo eterno; do outro, a vida eterna. E é muito absurdo dizer. Neste

único e mesmo sentido, que a vida eterna não terá fim, e o castigo eterno terá um fim. Portanto, como a vida eterna dos santos não terá fim, também o castigo eterno daqueles que a sofrerão, sem dúvida, não terá fim." *De Civitate Dei*, lib. xxi., cap. 23. permanece, até os dias atuais, o argumento mais popular e talvez o mais plausível usado contra a doutrina da Salvação Universal; e, no entanto, é fundamentado em um dos erros mais palpáveis em que a Igreja caiu - o de aplicar à eternidade o que Cristo declarou deve ser realizado em sua própria geração. Compare Mat. 25:31-, com sua conexão imediata. Mat. 24:30-34, e também com Mat. 10:23- 16:27, 28; Marcos 8:38; 9:1; Lucas 9:26,27.

Outro capítulo da mesma obra nos fornece o original, creio eu, de onde deriva um dos métodos populares de justificar a inflição de tormentos sem fim: "Mas para as noções humanas o castigo eterno parece duro e injusto, porque na fraqueza nossos sentidos mortais somos destituídos daquela mais sublime e pura sabedoria pela qual pudemos perceber quão grande foi a maldade cometida *na primeira transgressão*, pois na proporção em que o homem desfrutava de Deus, era a magnitude de sua impiedade em abandoná-lo: e ele foi digno do mal eterno, que

destruiu em si mesmo o bem que poderia ter sido eterno. *E toda a massa da raça humana foi, portanto, condenada*, porque aquele que primeiro introduziu o pecado foi *punido juntamente com sua posteridade* que tinha sua raiz nele; assim que ninguém poderia ser liberto desta justa e merecida pena, senão pela misericórdia e graça imerecida. E assim a humanidade está numa situação tal que em alguns deles o poder da graça misericordiosa pode ser exibido; e no resto, o poder da justiça vingativa. Pois ambos não poderiam ser manifestados sobre todos; porque se todos permanecessem nos sofrimentos de sua condenação justa, em nenhum apareceria a graça misericordiosa da redenção, e se todos fossem trazidos das trevas para a luz, em nenhum apareceria a severidade da vingança. Da última classe há muito mais do que da primeira: para que assim possa ser mostrado o que era devido a todos. E se tivesse sido infligido a todos, ninguém poderia, com propriedade, questionar a justiça da vingança; e a libertação de tantos quantos são salvos dela deve ser uma ocasião de maior ação de graças pelo dom da redenção." *De Civitate Dei*, lib. xxi., cap. 12. N.B. — Isso foi escrito por volta de 420 d.C. 426. [p.236]

Mas, por mais inconclusivos que seus argumentos possam ter sido considerados, a grande autoridade de suas opiniões, especialmente nas igrejas ocidentais, deve ter impedido o progresso de qualquer doutrina à qual ele se opôs tão decididamente. Já eram seus talentos, suas virtudes e sua fidelidade considerados com uma homenagem geral, como não tinha sido desfrutado por nenhum dos teólogos cristãos desde o tempo do mais vigoroso e empreendedor, mas menos amável Atanásio. No Ocidente suas decisões foram recebidas com deferência quase universal; e no Oriente seu nome era considerado com grande, embora talvez não igual, veneração. Uma longa e íntima familiaridade com as Escrituras, uma parte competente de conhecimento e um grande fundo de informações gerais, que haviam sido coletadas às pressas, forneceram à sua mente forte e ampla assuntos para reflexão e forneceram ao seu gênio argumentativo as armas da controvérsia, que, no entanto, ele geralmente administrava com moderação. [p.237] Em geral, ele tratava seus oponentes com toda a indulgência a que eles não estavam acostumados, e que apareceriam com vantagem na guerra teológica de uma época posterior e mais refinada. Que ele às vezes dissimulava por causa da verdade, e que ele apoiava a perseguição legal dos cismáticos quando não conseguia persuadi-los a reentrar na Igreja Católica, pode ser imputado com justiça às máximas perniciosas, mas aprovadas de seu tempo. Agostinho era um grande e um bom homem. No entanto, ele foi o pai do atual sistema ortodoxo de *depravação total*, *graça irresistível e eleição soberana e parcial*.

Ao introduzir esse sistema de doutrina na igreja, ele inconscientemente colocou sobre a causa do universalismo um controle remoto, mas eventualmente mais fatal do que até mesmo as decisões de um Concílio poderiam ter imposto. Até agora, nenhum dos cristãos católicos havia ido mais longe, em suas descidas mais baixas na ortodoxia, do que dizer que, da queda de Adão, toda a sua posteridade herdou uma constituição mortal e uma fraqueza de alma tão infeliz como, combinada com a depravação da carne, causou uma propensão ao pecado; e que as influências sobrenaturais do Espírito de Deus eram necessárias para ajudar, não estritamente para criar, boas resoluções e torná-las eficazes. Mas esta agência divina, que eles sempre tiveram, sempre foi recebida ou rejeitada, acarinhada ou suprimida, cedida ou resistida, pelo livre arbítrio da criatura; e eles nunca contestaram que todos tinham poder competente, tanto natural quanto moral, para se valer de sua assistência. Foi oferecido sinceramente a todos, com o único propósito de preservar em santidade os que já eram puros, e de recuperar os pecadores; [p.238] pois, era inequivocamente a vontade de Deus que todos fossem salvos. De fato, pode ter havido alguns que nutriam uma vaga noção de que o diabo e seus anjos, quando apostataram, afundaram abaixo do alcance da misericórdia divina, e que os pecadores impenitentes, quando morrem, passam da linha que não admite retorno. Mas que Deus procurou impedir a catástrofe fatal parece não ter sido posto em dúvida por ninguém; por outro lado, que seus decretos tivessem o objetivo de obter a catástrofe era um pensamento do qual todos teriam recuado com horror.

Enquanto era a opinião invariável de que Deus visava sinceramente o arrependimento e a salvação de todas as suas criaturas errantes, é fácil perceber que uma influência silenciosa, mas forte, estava constantemente levando as mentes mais reflexivas ao *universalismo*; já que não era razoável supor que a vontade de *uma Divindade imutável pudesse abandonar totalmente seu objetivo*, ou que a Onipotência seria para sempre frustrada em seus objetos pela impotência do homem. Resultando dessa visão, havia também uma persuasão favorável, embora muitas vezes indefinida, da bondade geral de Deus, que tendia a sugerir dúvidas sobre a inflição eterna de um tormento tão *infrutífero* quanto impiedoso. Mas quando os cristãos se acostumaram a considerar a determinação arbitrária do Todo-Poderoso Soberano de salvar uma parte, e apenas uma parte, e ao mesmo tempo abandonar o resto à ruína certa e completa, a doutrina da miséria sem fim ficou por conta própria. e fundamento substancial : a soberana deliberação divina; [p.239] pois não era provável que os miseráveis negligenciados e indefesos fossem salvos *se sua recuperação não fosse realmente desejada por Deus* (1)

(1) Não esqueço, o que a princípio pode parecer inconsistente com esse raciocínio, que o alto calvinismo de Whitfield e sua escola foi a ocasião imediata do surgimento da atual seita dos universalistas. Mas os principais pregadores da conexão de Whitfield geralmente não se debruçavam sobre o

lado negro do quadro. Os temas prediletos sobre os quais muitos costumavam discorrer, com todo o fervor do entusiasmo, eram o perdão completo adquirido por Cristo, o dom gratuito e incondicional da salvação e a energia onipotente do Espírito de Deus na conversão dos pecadores. Quando esses tópicos encorajadores foram tão zelosamente apresentados, sem uma consideração correspondente ao decreto da condenação, foi apenas um passo à frente para a esperança, a conclusão, de que Deus deseja que todos os homens sejam salvos, e para este passo, a forte maré de seus novos sentimentos, sua visão do reino crescente e vitorioso do Messias, bem como os testemunhos das Escrituras, os impeliram, muitas vezes antes que estivessem completamente conscientes.

412 a 418 d.C.

Essa mudança de doutrina, uma das mais importantes que já ocorreu, parece ter ocorrido na igreja, como muitas outras, *por acidente* e não por desígnio. Dois monges britânicos, Pelágio e seu discípulo Celestio, residentes em Roma no início deste século, absorveram algumas ideias peculiares de certos (2) cristãos que estudaram no Oriente.

(2) Supõe-se que um certo Rufino, um sírio (um amigo e não o oponente de Jerônimo), trouxe essa doutrina da Ásia

Menor, e talvez de Teodoro de Mopsuéstia, para Roma, e aqui a ensinou a Pelágio.

Embora essas ideias estivessem se espalhando silenciosamente na cidade, pouca atenção foi dada a eles; e Pelágio continuou a gozar de uma alta e merecida reputação pela pureza de seu caráter e pelo calor de sua devoção à igreja. Indo finalmente para a África, ele formou algum conhecimento com Agostinho; e então seguiu seu curso em uma visita a João, na Palestina, deixando Celestio em Cartago. Aqui o último foi logo envolvido em uma acusação de heresia; e ele foi condenado no Concílio de Cartago, em 412 d.C., por ensinar, o que certamente era uma variação considerável da crença popular da época, que Adão foi criado mortal e que sua transgressão não afetou sua posteridade, mas somente a si mesmo. [p.240] A esses detalhes podemos acrescentar alguns outros que estiveram envolvidos durante o progresso da controvérsia que se seguiu e que completam a doutrina do *pelagianismo*: que, como a humanidade agora nasce pura, ela é capaz, após a transgressão, de se arrepender, reformar e chegar por fim, aos mais altos graus de virtude e piedade até a perfeição, pelo simples exercício de seus próprios poderes naturais; que, embora as excitações externas da graça divina sejam necessárias para despertar seus esforços, eles não precisam de nenhuma agência interna do Espírito Santo; que o batismo infantil não lava o pecado, mas é apenas uma cerimônia de admissão na Igreja de Cristo; e que as boas obras são meritórias como condições de salvação. Tais, ao

que parece, eram os princípios reais de Pelágio e Celestio, embora às vezes fossem injustamente acusados de negar a necessidade da graça de Deus em todos os sentidos relativos às ações humanas e de negar a utilidade do batismo infantil.

Com a condenação de Celestius, no Concílio de Cartago, Agostinho começou a pregar e a escrever contra a heresia com sua ternura característica a princípio para com seus autores, mas sempre com uma determinação fria e invencível de destruir sua doutrina, raiz e ramo. Mas, na longa disputa que se seguiu, ele próprio foi, aos poucos, ao extremo oposto; [p.241] e influenciado, talvez, pelo preconceito inicial de seus princípios *maniqueístas*, (1) ele sustentou, o que era novo na igreja, que a transgressão de Adão havia corrompido tão completamente toda a sua posteridade, que, por natureza, eles poderiam fazer apenas o mal, e que nada além do irresistível Espírito do Todo-Poderoso poderia inclinar suas vontades para o bem e induzi-los, contrariamente à sua natureza, a aceitar sua graça. Somente Deus foi, do início ao fim, o agente imediato de sua conversão contranatural; e de seu prazer arbitrário dependia apenas se o pecador impotente deveria ser renovado. A partir dessas premissas, ele avançou para a conclusão necessária, que Deus havia predestinado a quem converter e, finalmente, salvar, sem referência a qualquer coisa que eles deveriam realizar; enquanto ele também havia predeterminado deixar para trás por todo o restante da raça caída. Tal foi a primeira organização do atual sistema ortodoxo, no que diz respeito à depravação total, *eleição* e reprovação. (2) Com pontos de vista bastante

diferentes, os pelagianos também foram atacados por outros escritores contemporâneos e, entre os demais, por Jerônimo, com sua costumeira violência.

(1) Veja a página 126, nota 1. É uma circunstância curiosa que quase todos os Pais que foram convertidos de outras religiões, sempre mantiveram algumas das peculiaridades de suas doutrinas anteriores, apesar de terem se tornado os opositores mais vigorosos desses sistemas, tomado como um todo. Testemunhe os convertidos dos gregos, que corromperam o cristianismo. com sua velha filosofia; e os da religião Magian, que introduziram as fábulas monstruosas dos gnósticos.
(2) A diferença entre a doutrina de Agostinho e a de Calvino, sobre *eleição e reprovação*, embora pequena, é tal que trai a grosseria do mestre e os toques finais de seu erudito. Agostinho parece ter sustentado que Deus não ordenou a queda de Adão, e que foi depois que esse evento ocorreu, e quando se tornou certo que toda a raça nasceria totalmente depravada e, portanto, sob a escravidão indefesa do pecado, que o eleitos foram escolhidos e os réprobos abandonados. O plano original da criação não abraçava tal resultado. Mas Calvino e outros reformadores, com um arranjo melhor digerido, levaram o decreto de separação para as eras

passadas da eternidade; de modo que a humanidade foi originalmente criada para seus respectivos destinos. Agostinho não era absolutamente sistemático: ele sustentava que Cristo morreu por *todos* os homens; que mesmo a conversão genuína não é garantia de felicidade final, pois os súditos podem depois recair fatalmente e perecer; e que somente a graça da perseverança é o penhor da eleição pessoal. Nenhuma criança, que não tivesse sido batizada, poderia ser salva; porque a regeneração seria efetuada apenas no rito do batismo nas águas. [p.242]

413 a 420 d.C.

Durante os primeiros três ou quatro anos de seus problemas, Pelágio residiu na Palestina desfrutando do patrocínio de João de Jerusalém; e quando, em 416 d.C., ele foi indiciado, sob acusação de heresia, perante um sínodo em Diospolis, perto de Jope, João o defendeu incansavelmente e procurou sua completa absolvição. (1) Mas João não viveu para testemunhar a conclusão da controvérsia. Uma morte pacífica encerrou sua carreira no início de 417 d.C., por volta dos sessenta anos. Ele era um tanto famoso em sua época, mas principalmente pelo papel que desempenhou nas disputas que agitavam a igreja. Não descobrimos nada em sua vida que evidencie erudição, talentos ou piedade superiores; e como ele tem sido geralmente descrito, ele trai considerável petulância, timidez e astúcia cautelosa. Em justiça a ele, no entanto,

devemos lembrar que sua história é coletada inteiramente de seus oponentes e principalmente de seus amargos inimigos. Seus amigos, é certo, deram-lhe o caráter de um homem digno e piedoso; e até o Papa Anastácio e Agostinho se dirigiram a ele em termos de respeito e estima. De fato, tal como ele é realmente descrito, não seria menosprezar a generalidade de seus contemporâneos compará-los com ele. Ele era um patrono zeloso da vida monástica, e juntou-se à veneração predominante de relíquias; e seus últimos dias foram honrados, *para adotar a linguagem daqueles tempos*, pela descoberta milagrosa dos corpos de Estêvão, o primeiro mártir, de Nicodemos que veio ao nosso Salvador à noite, e de Gamaliel, o mestre de São Paulo.

(1) Fleury, *Ecl. Hist.*, livro xxiii., cap. 19, 20. [p.243]

Esses restos mortais, sem dúvida de algumas pessoas anônimas, atraíram grandes multidões em sua exibição, provocaram admiração universal e, é claro, realizaram numerosos milagres, de acordo com o costume invariável de relíquias naquela época. (1)

Ao despedirmo-nos de João de Jerusalém, devemos também dizer adeus a quem teve um papel ainda mais notável nos acontecimentos desta história. Jerônimo morreu, muito velho, em Belém, no ano 420; mas o relato que já fizemos de sua vida e conduta mostra suficientemente seu caráter, sem o tédio de uma análise formal.

420 a 428 d.C.

De todos os antigos universalistas, nenhum é mais respeitável pelo bom senso e julgamento sóbrio, se podemos confiar na opinião dos críticos modernos, (2) do que *Teodoro, bispo de Mopsuéstia*, um Pai ortodoxo muito eminente. , e um escritor volumoso. Pertencente a uma ilustre família síria em *Antioquia*, ele foi colocado sob a instrução do renomado sofista e crítico pagão, Libanius; e depois, em companhia do célebre Crisóstomo, estudou teologia na escola de Diodoro, a quem nomeamos como o Bispo Universalista de Tarso. No final de seus estudos, ele parece ter sido ordenado presbítero em sua cidade natal. Aqui, também, logo depois o encontramos associado, com Crisóstomo, instruindo jovens em um mosteiro, onde teve o famoso Nestório como um de seus alunos.

(1) Fleury. *Ecl. Hist.*, livro xxiii.. cap. 22, 23.
(2) Beausobre (*Hist. de Manichee*, lib. i., cap. 4, tomo, i., p. 288), Lardner, (*Credibilidade*, etc., cap. Theodorus of Mopsuestia), e Mosheim (Eccl. Hist ., Cent, v., parte ii., cap. 2. 3). falar nos mais altos termos de seus talentos úteis e julgamento sensato e claro.
[p.244]

No ano de 392, pouco antes da morte de seu mestre Diodoro, ele foi nomeado bispo de Mopsuéstia, que ficava cerca de quarenta milhas a leste de Tarso, e ocupava ambas

as margens do rio Píramo. Aqui ele passou um longo episcopado de cerca de trinta e seis anos, compondo numerosos comentários e obras polêmicas; mantendo, entretanto, a reputação de um distinto pregador em Antioquia, em Constantinopla e em todo o Oriente.

Como seu mestre, Diodoro, ele seguiu o modo natural e simples de interpretação; e parece, a partir de alguns fragmentos, os únicos que chegaram até nós, de seus escritos, que ele cultivou esse método com mais reflexão do que uma grande parte de nossos comentaristas modernos. Ele não gostou tanto das exposições alegóricas de Orígenes, de quem *não* era admirador, e publicou um trabalho contra elas. (1) Embora ele defendesse os mesmos princípios pelos quais Pelágio foi condenado, e embora ele fosse, talvez, a fonte de onde eles foram indiretamente transmitidos àquele infeliz herege, sua ortodoxia parece nunca ter sido acusada durante sua vida. Parece, também, que ele confessou impunemente *a restauração dos ímpios do inferno*, muito depois que a disputa com os origenistas trouxe descrédito para isso. "Eles", diz ele, "que escolheram o bem, serão, no mundo futuro, abençoados e honrados. Mas os ímpios, que cometeram o mal durante todo o período de suas vidas, serão punidos até aprenderem que, por continuar no pecado, eles só continuam na miséria.

(1) *Facundi Hermiauensis de Tribus Capit.*, lib. iii., cap. 6, *inter Sirmondi Opp.*, tomo, ii., p. 362. [p.245]

E quando, por esse meio, forem levados a temer a Deus e a considerá-lo com boa vontade, obterão o gozo de sua graça. Pois, ele nunca teria dito. *Até que você tenha pago o último centavo (Mateus 5:26)*, a menos que pudéssemos ser libertados da punição, depois de ter sofrido adequadamente pelo pecado; nem ele teria dito. *Ele será açoitado com muitos açoites*, e novamente, *Ele será açoitado com poucos açoites (Lucas 12:47, 48)*, a menos que os castigos a serem suportados pelo pecado tenham um fim." (1) Aprendemos, também, com Photius, do século IX, que foi um dos mais fiéis críticos eclesiásticos da antiguidade, que encontrou, em outra obra de Teodoro, "a noção de Orígenes sobre o término dos castigos do estado futuro".

Ele sustentou que a razão pela qual Deus permitiu o pecado era que ele seria feito para servir ao bem da humanidade. (3) De acordo com Fócio, ele sustentou que Adão foi criado mortal: que a humanidade não herdou nenhuma corrupção moral dele; que as crianças nascem sem pecado; e que a humanidade peca, não por natureza, mas por seu livre arbítrio; ou melhor, ele se opõe às opiniões contrárias, que, segundo ele, foram ensinadas por alguns cristãos ocidentais, aludindo, provavelmente, a Agostinho e seu partido. (4) Ele sempre foi um firme e decidido opositor do arianismo; mas suspeita-se que ele foi o pai do Nestorianismo,

(1) *Biblioteca Assemani. Oriente.*, tomo, iii., par. e., pág. 323.
(2) *Pliotii Biblioth.*, Cod. 177. A obra

de Teodoro, que Fócio cita aqui, deve ter sido escrita até o ano 420; pois é evidente, a partir de seus tópicos, que a controvérsia pelagiana já havia feito barulho considerável até mesmo no Oriente.

(3) Ver *Biblioth* de Du Pin. Pat., séc. V, art. *Teodoro de Mopsuéstia*.

(4) *Photii Bib.*, Cod. 177. [p.246]

uma doutrina que chegou, embora de maneira cega e muito tortuosa, a pouco mais do que a simples humanidade de Jesus Cristo. Ele morreu imperturbável, no entanto, na comunhão católica, em 428 d.C., com idade não muito distante, provavelmente, de setenta anos.

Mas depois de sua morte, Teodoro de Mopsuéstia foi muitas vezes repreendido por seu pelagianismo e por sua conexão com o erudito Nestório; e, em meados do século seguinte, foi anatematizado, por este último motivo, pelo V Concílio Geral (*nt). Assim, suas obras, em sua maior parte, pereceram ou foram preservadas apenas na língua siríaca, entre os nestorianos do Oriente. (1)

(*nt) Este V Concílio "Geral" não é aceito pela maioria das denominações "Católicas", ou seja, as que aceitam os quatro primeiros Concílios.

(1) Além de fragmentos de seus escritos entre os atos do Quinto Concílio Geral, em Facundus Hermianensis, e em Photius, supõe-se que o Comentário aos Salmos,

sob o nome de Theodorus, em Catena Corderii, pertence ao nosso autor. Diz-se também que seus Comentários sobre os Doze Profetas Menores existem em manuscritos na Biblioteca do Imperador em Viena, na Biblioteca de São Marcos em Veneza e na Biblioteca do Vaticano. Estes, no entanto, formam apenas uma parte muito pequena do antigo catálogo de suas obras.

Dirigindo nossa atenção da Cilícia, descendo a costa mediterrânea até a Terra Santa, descobrimos que aqui o universalismo prevalecia, nessa época, em uma extensão considerável entre os monges, especialmente em torno de Cesaréia na Palestina. Mas o vislumbre que obtemos da matéria é casual e imperfeito, e logo obstruído pela escuridão circundante. Sabemos apenas que o Origenismo apareceu abertamente no país, com um numeroso partido de defensores; e que os detalhes, em sua doutrina, que mais ofendiam, eram a pré-existência de almas e a restauração universal. [p.247] Contra esses dois pontos, Eutímio, o abade-chefe que então presidiu os mosteiros no deserto entre Jerusalém e o Mar Morto, se opôs ao seu maior zelo e indignação, (1) mas com que efeito não somos informados. Não parece, no entanto, que qualquer parte do partido tenha sido denunciado, nem seus princípios condenados. Naturalmente, suspeitamos que a fé deles sempre tenha permanecido nas igrejas onde Orígenes pregou, e onde Alexandre, Teoctista e João presidiram; e há alguma razão para supor que continuou a existir no país

até que floreceu, como aprenderemos, sessenta ou setenta anos depois, e se espalhou por grande parte da Palestina.

450 a 500 d.C.

Mas, com uma única exceção que será notada no final, buscamos em vão, no restante deste século, quaisquer vestígios da doutrina, pelo menos dentro dos limites do Império Romano. Tornou-se impopular.

(1) Vita Euthymii, por Cyrillum Scythopolitaniun, inter Cotelerii Monumenta Graec. Ecclesiae, tomo, iv., p. 52. Veja também uma paráfrase sobre esta obra, de Simeão Metafrastes, tomo. ii. (a)

(a) Teodoreto, bispo de Ciro, na Síria, historiador, etc., era um universalista. Este fato foi claramente apresentado pelo erudito Prof. O. Cone, da Faculdade de Teologia da Universidade de St. Lawrence (N.Y.), em um artigo no "Embassador", noticiado pelo Dr. T. B. Thayer, no “Universalist Quarterly", de abril de 1866. Extraímos deste artigo algumas das seguintes declarações: –

Teodoreto nasceu em Antioquia, em 393 d.C. Ele foi educado em um mosteiro, tendo como alunos e amigos especiais, Nestório e João, depois Patriarcas de Constantinopla e Antioquia. Seu professor de teologia foi *Teodoro, de Mopsuéstia*, bispo e renomado

universalista; e aprendeu eloquência e literatura sagrada com Crisóstomo, o "boca de ouro". Foi consagrado Bispo de Ciro aos trinta e quatro anos de idade. Sua diocese continha cerca de oitocentas igrejas. Mosheim declara que ele foi "eloqüente, erudito, hábil em todos os ramos do aprendizado teológico"; e o Dr. resoluto e inflexível, mas generoso, simpático e ardentemente piedoso." Ele esteve envolvido na controvérsia nestoriana, e nas controvérsias que daí surgiram, e foi deposto de sua sede pelo Concílio de Éfeso, 449 d.C., mas foi restaurado pelo Concílio Geral realizado em Calcedônia, 451 d.C. Ele morreu em 457 d.C. Suas obras preenchem quatro vols, fólio, reimpresso em dez partes, 8vo, por Schulze (Halle, 1768-1774), e consistem em Comentários sobre muitos livros do Antigo Testamento, e todas as Epístolas de São Paulo; uma História da Igreja de 325 d.C. a 429 d.C., em cinco livros; uma História Religiosa, sendo vidas dos Pais do Deserto; o Eranistes, um Diálogo contra o Eutiquismo; uma História Concisa das Heresias, junto com orações e um grande número de cartas, etc., etc.

Teodoreto pertencia à escola de Antioquia, uma escola até agora pouco estudada pelos teólogos modernos. À mesma escola pertenciam também Teodoro,

Bispo de Mopsuéstia, Diodoro de Tarso, Gregório de Nissa (Nisseno), etc., todos universalistas.

Em uma de suas Orações sobre a Providência (décima), como citado pelo Prof. Cone, ele usa esta linguagem: "Por isso ele (Cristo) diz em outro lugar: 'Agora é o julgamento deste mundo, agora o Príncipe deste mundo será lançado Fora.' Pois agora que o julgamento foi estabelecido, ele será condenado e expulso de sua soberania, como quem me resistiu injustamente. Então, ensinando que ele libertaria do poder da morte não apenas seu próprio corpo, mas ao mesmo tempo, toda a *natureza* da raça humana (pasan ton anthropon ten *phusin*), ele logo acrescenta: "E eu, se for levantado da terra, atrairei todos os homens a mim", pois não sofrerei o que empreendi, para ressuscitar somente o corpo, mas cumprirei plenamente a ressurreição para todos os homens, pois foi para isso que vim, e assumi a forma de servo, e como cordeiro diante do seu tosquiador, não abri a boca. Paulo também fala no mesmo sentido, escrevendo aos colossenses, e por meio deles a todos os homens: 'E vós, estando mortos nos vossos pecados e na incircuncisão da vossa carne, ele vivificou juntamente consigo mesmo, perdoando-vos todas as ofensas'. etc.

[p.248] A partir disso, aprendemos que ele pagou a dívida por nós e apagou a Escritura que era contra nós, e tendo feito essas coisas, ele vivificou em si mesmo toda a natureza dos homens”.

A ressurreição de toda a natureza do homem é sua ressurreição para a vida superior – à imagem do celestial – à perfeição espiritual da imortalidade.

Prof. Cone diz de Theodoret: “Ele dá esta visão espiritual mais elevada da ressurreição (anastasis) em seu Comentário sobre Ef. i. 10: 'Pois através da dispensação ou encarnação de Cristo, surge a natureza dos homens' (anistatai). ou é ressuscitado, 'e se reveste de incorrupção'. Ele não diz os corpos dos homens, mas a 'natureza' (phusis) é ressuscitada. Em seus comentários posteriores sobre esta passagem sublime, 'que na dispensação da plenitude dos tempos ele pudesse reunir em uma todas as coisas em Cristo, tanto as que estão no céu como as que estão na terra', diz ele, 'e a criação visível serão libertados da corrupção e alcançarão a incorrupção, e os habitantes dos mundos invisíveis viverão em alegria perpétua, pois a dor, a tristeza e o gemido serão eliminados. '"

Na Com. em hebr. ii. 9, "que ele, pela graça de Deus, deve provar a morte por todo homem", Theodoret mostra que

Cristo destrói o poder da morte, e assegura a nossa ressurreição para a incorrupção e imortalidade, e cita Romana viii. 21, e afirma que os anjos se regozijarão com a obra completa de Cristo; 'Pois se eles se regozijam por causa de um pecador, muito mais eles se encherão de alegria, vendo a salvação de tantas miríades? Para todos, portanto, ele (Cristo) suportou sua paixão salvadora."

A extensão desta nota deve ser desculpada. Não poderia ser mais curta e colocar os fatos de maneira justa diante do leitor. –A. St. J. C. [p.249]

Pois, embora não tenha sido judicialmente marcado com a marca indelével de heresia, exceto quando abraçou a salvação do diabo e seus anjos, mesmo em sua forma restrita, estendendo-se apenas à restauração de toda a humanidade, foi apontado como um erro desagradável e semelhante; e a tranquilidade do público, assim como o sossego do indivíduo, devem ter sugerido a prudência da ocultação. Mesmo o nome familiar de Origenismo desaparece quase totalmente durante este período. (1) Podemos, de fato, descobrir uma disposição favorável nos historiadores eclesiásticos, Sócrates, Sozomen e Theodoret; dos quais, os dois primeiros defenderam a reputação de seus antigos defensores, e o último deixou de inseri-la em seu catálogo geral de heresias. Mas, por outro lado, parece que Antípatro, bispo de Bostra na Arábia, se comprometeu a refutar a Apologia de Pânfilo e Eusébio

para Orígenes;

(1) A este período, se não a um posterior, talvez possa ser atribuída a Apologia anônima de Orígenes nos livros de Jim, que Photius descreve (*Biblioth.*, Cod. 117), sem fixar sua data. Segundo ele, era de pouco valor. O autor, ao que parece, mencionou Clemente Alexandrino. Dionísio, o Grande, e mesmo Demétrio, como testemunhas a favor de Orígenes; e ele se esforçou particularmente para defender Pânfilo e Eusébio, o que mostra que foi depois de terem sido repreendidos por sua Apologia, talvez por Jerônimo, talvez por Antípatro. Ele também reconheceu e manteve a doutrina da pré-existência de Orígenes e algumas outras noções heterodoxas; mas negou que Orígenes tivesse sido culpado dos seguintes erros que lhe foram imputados: "Que o Filho não deve ser invocado, não é absolutamente bom, e não conhece o Pai como ele conhece a si mesmo; que as naturezas racionais entram em animais; que há é uma transmigração para diferentes tipos de corpos; que a alma de Cristo era a de Adão; que não há castigo eterno para os pecadores, nem ressurreição da carne; que a magia não é má, e que a influência das estrelas governa nossa conduta ; que o Filho unigênito, no

futuro, não possuirá nenhum reino; que os santos anjos vêm ao mundo como criaturas caídas, não para ajudar os outros; que o Pai não pode ser visto pelo Filho; que os Querubins são apenas os pensamentos do Filho; que Cristo, a imagem de Deus, na medida em que é a imagem, não é o verdadeiro Deus". [p.250]

e que, mais ou menos na mesma época, um Concílio em Roma, em 496 d.C., deu ou seguiu o exemplo. (1)

450 a 500 d.C.

Mas outras causas mais interessantes podem ser atribuídas ao silêncio que permeia os escritos eclesiásticos deste período, no que diz respeito ao Universalismo. Não é de admirar que tenha sido esquecido, ou, se conhecido, que deveria ter passado despercebido, quando assuntos muito diferentes e da natureza mais perturbadora, absorviam a atenção de toda a cristandade. O Império Romano do Ocidente ia naufragar em meio às ondas turbulentas e conflitantes que vinham do feroz Norte; e finalmente afundou, sob os repetidos assaltos dos bárbaros, no ano 476. Odoacro, rei dos Hérulos, desfrutou dos despojos e estendeu seu cetro sobre toda a Itália. Outros conquistadores avançaram das regiões inesgotáveis da barbárie e, por sua vez, arrebataram o poder dos vencedores recentes. De Roma à Grã-Bretanha, do Danúbio à África, tudo era um cenário de ansiedade e angústia. Em meio à comoção geral, a igreja viu, com igual desgosto e medo, os arianos exilados retornarem junto com

as hostes invasoras de seus convertidos bárbaros e, sob o patrocínio dos hunos, godos e vândalos, assumiram a preeminência na Itália , Gália e as províncias africanas. Os católicos agora temiam, e às vezes sentiam, o flagelo da retribuição; mas ainda mantinham ânimo suficiente para travar, de tempos em tempos, uma disputa polêmica com os pelagianos e semipelagianos.

(1) Huet, *Origenian*, lib. ii., cap. 4, seção, ii., §§ 24, 25. [p.251]

Os pontífices romanos, porém, tinham outros assuntos de interesse, nas terríveis e vergonhosas contendas que assolavam, com violência e duração sem precedentes, nas igrejas orientais.

O império do Oriente, embora pouco aborrecido pelos inimigos estrangeiros, foi agitado pelas disputas desesperadas do clero, que deixaram, nos registros desta época, uma das manchas mais negras que desonram as páginas da história eclesiástica. O grande arcebispado do Egito, que até então mantinha sua superioridade entre as dioceses orientais, observava com olhos invejosos a crescente influência da nova sé de Constantinopla, que subia rapidamente a um nível próximo ao de Roma; e os dois sucessivos prelados de Alexandria, que herdaram os vícios e os ciúmes de Teófilo, já haviam abalado Nestório, e depois dele Flaviano, do trono episcopal da cidade rival, *por meio* de algumas intrincadas questões relativas à união do divino e natureza humana de Cristo. Todo o Oriente, do Nilo e do Bósforo ao Eufrates, tomou partido para uma

longa disputa, na qual a honra e a liberdade estavam em jogo, *e a deposição e o banimento eram a penalidade do fracasso*. Os artifícios, a injustiça ultrajante e o descaramento desavergonhado, que prevalecem nos tribunais mais degenerados em tempos de facção violenta, desgraçaram três Concílios Gerais, (1) em rápida sucessão, e conseguiram para um deles, mesmo naquela época, uma denominação que realmente descritiva de todos, *A Assembléia dos Ladrões*. O espectador indignado de bom grado se afasta dessas cenas deploráveis, (2)

(1) Em Éfeso, em 431 d.C.; no mesmo lugar, em 449 d.C.; e em Calcedônia, em 451 d.C. A de 449 d.C. não é contada, pelos católicos, entre os Concílios Gerais, porque os legados do Papa foram excluídos.
(2) Deste concurso Gibbon (*Declínio e Queda*, etc., cap, xLvii.) deu uma descrição da vida, que, embora ligeiramente marcada com sua ironia de infiel, parece bem fundamentada e não difere muito da narrativa do Católico Fleury. (*Eccl. Hist.*, livro xxv. em diante.). [p.252]

e podemos apenas observar que, antes do final deste século, as heresias nestoriana, eutíquica e monofisita foram sucessivamente condenadas, à medida que surgiram, e que em meio a tumultos, intrigas, subornos, chutes e pancadas, foi estabelecida a atual fé ortodoxa sobre as duas naturezas de Cristo: que sua divindade e humanidade estão mais

intimamente unidas em uma pessoa, embora sejam distintas.

Cerca de 500 d.C.

Perto do final do século, encontramos um único exemplo de universalismo, no país remoto, porém, da Mesopotâmia, e além dos limites do Império Romano. Em Edessa, cerca de setenta milhas a leste das águas superiores do Eufrates, e vinte e seis a noroeste da antiga Harã, (1) o abade *Stephau Bar-Sudaili* presidiu um claustro de monges e manteve uma reputação distinta entre aqueles cristãos que mantinham a simples unidade da natureza divina e humana de Cristo. Mas desviando-se, por fim, da fé comum de seus irmãos, ele passou a ensinar que *os castigos futuros finalmente chegarão ao fim;* que os ímpios e demônios, purificados, obterão misericórdia; e que todas as coisas serão trazidas à unidade com Deus, de modo que, como São Paulo o expressa, ele se tornará tudo em todos. (2) Se ele conseguiu, de alguma forma, propagar essa doutrina entre as igrejas da Mesopotâmia e da Síria, não somos informados.

(1) Veja as *Viagens de Buckingham na Mesopotâmia*, etc., cap, lii.– v.
(2) *Biblioteca Assemani. Oriente.*, tomo. ii.. pp. 30-33, 291. Veja também as observações de Neander, *Allgemeine Geschichte der Christlich. Religion*, u. s. w. 2n. Banda 3te. Abtheil., §§ 793-795. [p.253]

Sabemos apenas que logo provocou as queixas de alguns de seus irmãos, que o estigmatizaram como heresia; (1) e que ele deixou Edessa e foi para a Palestina, – talvez, para se associar com os origenistas de lá.

Nada resta a não ser encerrar com um nota de passagem sobre os maniqueus. Sob esta denominação, que agora se tornou um tanto indefinida, pode ser compreendida por todos os cristãos gnósticos deste século; pois os priscilianistas, que eram numerosos na Espanha, e alguns marcionitas, espalhados em várias partes, eram frequentemente classificados, e não muito impropriamente, com os seguidores mais genuínos de Mani, que espreitavam em todos os cantos da cristandade. Todos eles foram levados, por suas relações com o mundo romano, a modificar seu sistema geral e a omitir algumas de suas fábulas; mas eles sempre aderiram à sua doutrina fundamental de *dois Princípios originais*, as causas distintas do *bem* e do *mal*. Em um ponto solitário, podemos preferir seus pontos de vista àqueles sustentados por grande parte dos ortodoxos; eles contemplaram a Divindade no caráter imutável de benevolência universal e perfeita. Este importante sentimento, juntamente com sua noção fantasiosa sobre a emanação divina de todas as almas, naturalmente os inclinaria a esperar a eventual recuperação da natureza humana; mas até que ponto eles se aproximaram dessa conclusão não aparece distintamente. Eles ainda conservavam o suficiente de suas peculiaridades orientais para torná-los intoleráveis para as seitas gregas e romanas; e, [p.254] enquanto as leis cruéis da perseguição os compeliam à mais cuidadosa ocultação, o zelo perspicaz

dos bispos e governadores frequentemente os detectava através de todos os seus disfarces.

(1) Babete Assemani. Orient., tomo, i., p. 303; tomo, ii., pp. 30-33. [p.255]

CAPÍTULO IX.

DE 500 d.C. A 554 d.C.

A cena inicial de nossa narrativa está na solidão estéril entre Jerusalém e Belém, a oeste, e a costa afundada do Mar Morto, ou Lago Asfaltitas, a leste. As características selvagens e austeras da desolação, que permeiam este deserto montanhoso, ocorrerão prontamente a qualquer um que tenha estudado atentamente a geografia da Palestina. Mas dificilmente pode ser considerada uma interrupção inútil, se pararmos aqui para ter uma visão mais cuidadosa e particular de uma região tão cheia de interesse, e que mantém até hoje quase a mesma aparência que tinha no século VI.

Começando nossa pesquisa na extremidade nordeste, e parando em algum ponto elevado, se houver, nos campos adjacentes à outrora florescente Jericó, devemos nos encontrar no meio de uma planície irregular, de grande comprimento e largura considerável. Sua fertilidade se foi, há séculos, com as tribos banidas, e deixou poucos vestígios na superfície ressequida, exceto uma espécie de capim espinhoso, e alguns bosques e plantações isoladas.

Duas léguas ao leste, a planície é dividida pelas margens do Jordão cobertas de juncos e arbustos, cujas águas turvas correm por um canal estreito até a entrada no mar Morto. [p.256] Se nos virarmos para o norte, vemos o terreno plano perder-se ao longe. Mas bem perto aparece a miserável aldeia das cabanas árabes, que ocupam pouco espaço no local da antiga Jericó; e vários pontos de bela vegetação, aqui e ali transformados em jardins, marcam o curso que os riachos da Fonte de Eliseu, um pouco distante, ainda mantêm pela aridez circundante. Se olharmos para o oeste, a enorme e escarpada montanha de Quarantânia, a apenas três milhas de distância, está majestosa diante de nós, e eleva ao céu aqueles penhascos nus, de onde, diz a tradição, o tentador mostrou ao nosso Salvador todas as reinos deste mundo. Olhando além do lado sul da montanha, descobrimos um pouco mais longe, no caminho para Jerusalém, a selvagem congregação de colinas áridas que formam o limite da planície. Erguendo-se logo atrás da primeira cordilheira, avistam-se cumes de montanhas fendidas e disformes, entre cujas profundas e tremendas ravinas se esconde, escondido à nossa vista, o Deserto da Tentação. Bem na retaguarda, além de um trecho sucessivo de menor elevação e menos esterilidade, talvez pudéssemos vislumbrar, através de alguma abertura afortunada, os cumes baixos e triplos do Monte das Oliveiras, a uma distância de dezoito milhas a sudoeste, fechando a cidade de Jerusalém da perspectiva oriental.

Ao virarmos à esquerda, do bairro da Monja das Oliveiras, de costas para Jericó, o olhar ainda percorre a massa quebrada de colinas, algumas milhas ao sul, onde a

planície termina em suas bases, ou é invadida por seus penhascos mais avançados e separados. [p.257] Além deles, vislumbramos eminências mais remotas, aparecendo aqui e ali acima do horizonte, e por sua brancura sombria traindo a solidão e a decadência que reinam no interior. Percorrendo, com um olhar de soslaio, as sucessivas cristas que descem à esquerda, à medida que se aproximam do Mar Morto, percebemos que sua altura aumenta gradualmente até a beira, onde de repente caem para dar lugar ao leito do lago. O próprio lago pode ser visto, ainda mais ao leste, chegando aos limites da planície; e nada além de um promontório intermediário fecha, de nossos olhos, toda a extensão de águas que se estendem para o sul a uma distância indiscernível.

Do nosso posto de observação são apenas cinco ou seis milhas, sobre uma faixa arenosa, até a parte mais próxima do Mar Morto; e se, deixando os campos de Jericó, vamos agora para lá e seguimos a costa para o sul, chegamos finalmente à fronteira montanhosa já observada. Aqui entramos num largo areal, que percorre toda a extensão remanescente, talvez, do lago, entre a margem das ondas e a altiva ameia das falésias a poente (ocidente). Avançando por este vale desolado, atravessamos montes de areia e manchas de lama seca, cobertas de sal grosso; e às vezes um arbusto solitário e atrofiado sacode a poeira de sua folhagem escassa, ao vento. À nossa direita, vemos as imponentes massas de rocha ainda avançando, mas frequentemente quebradas por enormes abismos que serpenteiam em muitas complexidades através de seu alcance pesado. O lúgubre lago agora se estende à nossa

frente, ao sul; mas sua extremidade está além do alcance do olho. [p.258] A leste, no entanto, vemos sua largura contraída, à distância muitas vezes ou quinze milhas, delimitada pela escuridão e, aparentemente, montanhas perpendiculares da Arábia, que ficam na margem oposta como uma parede estupenda. Nem um pico solitário parece quebrar a uniformidade de seu cume contínuo; percebemos apenas leves inflexões, aqui e ali, como se a mão do pintor, que traçou essa linha horizontal no céu, às vezes tremesse na execução ousada.

Depois de seguir a larga costa ou vale por seis ou oito milhas ao sul, podemos virar à direita e procurar nosso caminho até os precipícios. Chegados ao cume da cordilheira, todo o país, até o Monte das Oliveiras no noroeste, as colinas de Belém no oeste e as de Tekoa no sudoeste, surjem de uma só vez em majestade desolada à nossa vista. Planícies e vales estreitos sem verdura ou habitantes, colinas cujas rochas envelhecidas estão se decompondo em pó, cumes pontiagudos e pontos disformes ao longe, preenchem a cena. Ao longo de grande parte deste trecho, o espírito de loucura religiosa, de reclusão fanática, pode encontrar alojamento nos profundos labirintos canalizados entre penhascos sólidos e em inúmeras cavernas, algumas delas quase inacessíveis. Mesmo perto do cume em que estamos, podemos olhar para os abismos que afundam até a base.

Se olharmos para o norte, aparece a planície de Jericó; se ao sul, o conjunto de montanhas se estende além da foz do Cedron, e finalmente desaparece na perspectiva em meio ao vasto deserto de Ruba. [p.259] Abaixo de nós, a oeste,

estende-se uma planície consideravelmente larga, através da qual, em tempos antigos, passava a estrada de Jericó a Hebron. Descendo das alturas e atravessando este espaço aberto para oeste, nosso curso corre entre pequenos outeiros de calcário e areia, e alguns trechos dispersos de ervas; até que, ao cabo de três milhas, chegamos à fronteira. Aqui começamos a subir pelos estreitos desfiladeiros de outra cadeia de montanhas, brancas, áridas e poeirentas; e nem uma sombra solitária, nem uma planta, nem mesmo o último esforço de vegetação, um único tufo de musgo, salta aos olhos à medida que avançamos. Quatro ou cinco milhas na mesma direção nos levam à beira do longo e tremendo abismo, através do qual, na estação chuvosa, jorra a torrente Cedron, em seu curso sudeste de Jerusalém até o Mar Morto. Através de uma abertura repentina, a própria cidade pode ser vista, parecendo um amontoado de rochas confuso, quase uma dúzia de milhas a noroeste; e os cumes nus que se erguem a cada trimestre acima de nós comandam uma perspectiva do lago oriental. Subindo agora um pouco o canal do Cedron, descobrimos, em seu próprio leito, e duzentos ou trezentos pés abaixo de nós, o antigo mosteiro de São Sabas, cercado de numerosas celas nos precipícios, e ainda ocupado como um convento. (1)

(1) Para o relato desta região, veja *Relandi Palestina Illustrata*; Descrição do Oriente de Pococke, vol. ii., parte 1, pp. 30-45; *Viajens* de Sandys, livro iii., *Viagem de Maundrel a Jerusalém*; *As Viagens do Dr. E. D. Clark pela*

Grécia, Egito e Terra Santa, cap. 17, 18; e *Viagens de Chateaubriand*, parte iii., Várias dicas impressionantes podem ser obtidas de Cyrilli Scythopolitani Vita S. Sabae, inter Coteleri Mon. Ecl. Graecaj, tomo. iii. Veja, também, o melhor trabalho sobre Palestine, Robinson's Biblical Researches, etc. [p.260]

500 d.C.

No início do século VI, esta grande solidão há muito estava povoada de monges. Muitas *lauras*, *ou coleções de celas e cavernas* reclusas, foram preparadas em diferentes bairros; e mosteiros, ou conventos regulares, foram erguidos em outras partes. Das primeiras, a mais famosa, nesta época, foi a *laura de S. Sabas*, cujos restos acabamos de fazer um levantamento. Foi fundada, menos de vinte anos antes, pelo distinto abade desse nome; e cinco ou seis mil monges já haviam se reunido no profundo canal do Cedron, sob a proteção de seus reputados milagres e santidade. Uma luta muito bem sucedida, de mais de cinquenta anos, contra todos os modos naturais de existência humana, conferiu a Sabas uma preeminência venerável sobre todo o deserto; e um temperamento brando e paciente dava à sua autoridade uma espécie de caráter paternal. Com essas qualificações, não é de admirar que a exatidão escrupulosa de sua fé, a miséria de sua aparência e os supostos dons de ordenar a chuva do céu e de fechar a boca de animais selvagens o tornassem conhecido no exterior, naquela época. , como "a luz e o ornamento de

toda a Palestina".

501 a 506 d.C.

Entre os anos 501 e 506, uma velha (1) dificuldade irrompeu novamente no meio de sua própria laura. Quarenta de seus monges ficaram muito insatisfeitos; e ele, que raramente enfrentava oposição, deixou o local e retirou-se para uma caverna perto de Scythopolis. Depois de um tempo ele voltou; mas para descobrir que os descontentes aumentaram para sessenta, e tornaram-se totalmente irreconciliáveis, ele novamente partiu.

(1) Vit. Saba, cap. 19. [p.261]

Essa ausência repentina e inesperada deu a seus inimigos ocasião de se gabar, pelo menos de relatar, que ele foi devorado por animais selvagens; e, indo para Jerusalém, suplicaram a Elias, o bispo daquela cidade, que lhes nomeasse outro abade. Seu relatório, no entanto, não ganhou crédito; e Elias não ficou de modo algum desapontado quando, algum tempo depois, viu o próprio Sabas, com vários discípulos de seu novo retiro, entrar na Cidade Santa, na festa de aniversário da Dedicação do Templo. O bispo solenemente o conjurou a retornar à sua laura, e escreveu uma carta aos monges, ordenando que o recebessem com honras e se submetessem à sua autoridade. Mas quando Sabas chegou e apresentou a carta em público, os descontentes se rebelaram, atacaram um dos prédios em sua ira e o derrubaram na torrente. Os desordeiros, em número de sessenta, então seguiram seu

curso pelas colinas, a sudoeste, até a laura de Succa, provavelmente a cerca de oito ou dez milhas de distância. (1) Aplicando-se em vão para admissão, eles prosseguiram, até que entraram no vale profundo sob o lado sul da colina em que ficava a aldeia em ruínas de Tekoa. Aqui, encontrando um pouco de água e algumas velhas celas abandonadas, eles se estabeleceram e chamaram o lugar de Nova Laura. (2)

(1) A laura de Succa não estava longe de Tekoa, nem ao norte nem ao sul (compare Vit. Sabae, cap. 36, com Vit. Cyriaci, inter Cotelerii Mon. Eccl. Graecae, torn. iv. pp. 117, 118); mas em qual dessas direções não pode ser determinada. A forma da expressão, no entanto, em Vit. Sabae, parece íntimo de que foi para a laura de Sabas de Tekoa.
(2) Acho que Nova Laura deve ter estado no que agora é chamado de Wady Jehar. (Veja Robinson's Bib. Researches, vol. ii., p. 185.) Ficava em um vale profundo, não muito ao sul de Tekoa.
[p.262]

Não tendo igreja, eles foram obrigados, por um tempo, a realizar seus exercícios públicos em uma igreja antiga em Tekoa, dedicada ao antigo profeta Amós, outrora habitante desta aldeia. (1) Sabas, tendo obtido informação do local de seu retiro, visitou-os com os suprimentos necessários; e obtendo depois, de Elias, em Jerusalém, uma soma de ouro

para o propósito, ele construiu uma igreja para eles e a dedicou em 507 d.C.. Sua beneficência parecia reconciliá-los; e permitiram-lhe colocar sobre sua laura um superior, que a governou em silêncio por sete anos. (2)

514 d.C.

Com a morte deste supervisor, seu sucessor admitiu quatro origenistas, por ignorância diz-se; dos quais o chefe era Nonnus, cuja história anterior é inteiramente desconhecida, e um Leôncio de Bizâncio, ou Constantinopla. Seu princípio distintivo parece ter sido a pré-existência das almas humanas; mas a isso parece que devemos acrescentar o da restauração universal. (3)

(1) Amós 1:1.
(2) Vit. Saba, cap. 33-36.
(3) Que Nonnus e Leontius eram universalistas não é absolutamente certo, embora muito provável. Apresento aqui a melhor evidência que encontrei do fato: 1. Simeão Metafrastes, escritor grego do século X, que recompôs a vida dos santos a partir dos documentos originais, mas que não é de forma alguma autoridade indiscutível, aduz, em sua *Vida de Cyriacus* (*Cotelerii Mon. Eccl. Graecae*, tomo, iv., pp. 117, 118), o testemunho de Cirilo, de Scythopolis, uma testemunha credível, que Nonnus e Leontius confessaram as doutrinas da pré-existência e restauração universal . 2.

O próprio Cirilo, que foi monge da laura de Sabas e contemporâneo de Nonnus e Leôncio, invariavelmente os representa como ensinando a preexistência; e ele também diz (Vit. Sabae, cap. 36) que eles derivaram de Orígenes, Evágrio e Dídimo. Agora, na doutrina desses Pais as duas noções de pre-existência e restauração estavam tão inseparavelmente conectadas, como o início e o fim de seu sistema, que quem as seguisse em uma dificilmente poderia evitar adotar a outra. 3. Domiciano, arcebispo da Galácia, convertido e patrono de Nonnus e Leontius, foi certamente um defensor de ambas as noções (Facundi Hermianensis Defens. Trium Capit. inter Sinnondi Opp., tomo, ii., pp. 384, 385); e Facundus, um contemporâneo, observa que foi particularmente por causa desses princípios que seu partido foi acusado. Várias outras circunstâncias podem ser mencionadas em favor de seu universalismo; e nada, que eu saiba, pode ser encontrado em contrário. [p.263]

Estas duas opiniões (pré-existência e restauração universal), no entanto, permaneceram desconhecidas, pelo menos não reprovadas, por cerca de seis meses; quando um novo superior, o terceiro na sucessão, sendo nomeado em Nova Laura, logo detectou a doutrina alarmante e, pela autoridade de Elias de Jerusalém, expulsou os crentes. Eles

se retiraram para outras partes do país e propagaram seus sentimentos em silêncio. Dois ou três anos depois, o próprio Elias foi deposto em meio a algumas das revoluções eclesiásticas que, no Oriente, seguiram a controvérsia nestoriana do século anterior; e quando João sucedeu ao bispado de Jerusalém, os origenistas vieram e pediram para ser restaurados à sua laura. Mas ele, sendo informado por Sabas de sua heresia, negou o pedido. Leôncio, de fato, foi finalmente recebido na grande laura do próprio Sabas; mas, no momento em que se tornou conhecido, o velho Pai o expulsou.

Melhor sorte, no entanto, aguardava os desterrados: Não muitos anos depois, um Mamas, ao suceder aos cuidados de Nova Laura, admitiu, parece sem hesitação, (1) Nonnus, Leôncio e seu grupo à cordial camaradagem da Irmandade. Seguiu-se um aumento do origenismo no país que produziu considerável inquietação; e logo se ofereceu uma oportunidade de apresentar o caso à atenção do ambiciosamente ortodoxo imperador Justiniano.

(1) Cirilo diz (*Vita Sabae*) que Mamas não conhecia suas opiniões; mas como ele poderia ser ignorante, depois dos distúrbios anteriores? [p.264]

Algumas queixas públicas que tornavam necessário enviar um agente à corte de Constantinopla, os bispos da Palestina delegaram por unanimidade Sabas, cuja santidade há muito era venerada no palácio imperial e conhecida em todo o Oriente. Ele então visitou a capital; e,

tendo cumprido sua tarefa, estava prestes a se despedir, quando o afetuoso imperador perguntou humildemente que renda deveria conceder aos mosteiros e lauras do deserto, a fim de garantir suas orações para si e seu governo. "Conceda as petições que eu trouxe", respondeu o abade, "e em recompensa *Deus acrescentará aos seus domínios, África, Roma e todo o império ocidental; com uma condição, porém, - que você liberte as igrejas das três heresias de Ário, Nestório e Orígenes*". *O obediente imperador carregou-o de presentes, prometeu tudo o que desejava e anatematizou essas heresias;* mas não parece que ele então emitiu algum decreto especial contra elas (imediatamente). (1)

Sabas morreu em sua laura, no final do ano 531, logo após seu retorno de Constantinopla; e os origenistas de Nova Laura, sentindo-se aliviados da opressão de sua grande autoridade, começaram a propagar sua doutrina com menos reservas. Seu sucesso foi mais do que proporcional ao seu zelo. Em pouco tempo eles converteram todos os mais instruídos em suas próprias celas, colocaram seus partidários em alguns dos mosteiros vizinhos, difundiram suas opiniões através de várias grandes comunidades de monges no deserto e os estabeleceram até na grande laura de Sabas.

(1) *Vit. Saba*, cap. 36; e 70—74. *Ecl. de Fleury. História*, livro xxxiii., cap. 3. [p.265]

Entre seus adeptos, talvez entre os novos convertidos,

havia duas pessoas, apresentadas agora pela primeira vez ao nosso conhecimento, que depois subiram a uma eminência considerável e tiveram uma parte distinta na história eclesiástica do período. Domiciano era abade de um mosteiro no deserto; e Theodorus Ascidas era diácono, ou um dos principais oficiais, de Nova Laura. Ambos eram origenistas; ambos, provavelmente, universalistas, — assim, pelo menos, Domiciano se confessou. (1) Indo, nessa época, para Constantinopla, eles foram acompanhados por Nonnus e Leontius; e, por recomendação deste último, que parece ter tido alguma influência em sua cidade natal, nossos dois aventureiros obtiveram o patrocínio de Eusébio, bispo favorito da corte. Por meio dele, eles foram então apresentados ao próprio imperador; e, ocultando seus sentimentos e apegos peculiares, eles até agora conquistaram a parcialidade de Justiniano, que os colocou sobre os dois extensos bispados da Ásia Menor. Domiciano foi elevado ao da Galácia e imediatamente ordenado em sua cidade metropolitana, Ancira; Theodorus Ascidas, em Cesareia, na grande e influente sé da Capadócia, estava sentado no mesmo trono episcopal que havia sido honrado pelos antigos, e talvez mais dignos, Pais, Firmiliano e Basílio, o Grande.

(1) Facundus, um autor contemporâneo, diz (*Defens. Trium. Capital*, lib. iv., cap. 4, inter Sirmondi Opp., tomo, ii., pp. 384, 3S5: "Domiciano, ex-bispo de Ancira em *A Galácia*, escrevendo um livro ao Papa Vigílio, queixava-se daqueles que contradiziam a doutrina de

Orígenes, que as almas humanas existiam antes do corpo em um certo estado feliz, e que todos os que estão condenados aos tormentos eternos serão restaurados, juntamente com o diabo e seus anjos, para sua bem-aventurança primeva. Domiciano também afirma que 'eles anatematizaram até os mais santos e renomados doutores, por causa daquelas coisas que foram agitadas em favor da preexistência e restauração universal. Isso eles fizeram sob o pretexto de condenar Orígenes, mas na realidade condenando todos os santos que foram antes dele e que foram depois dele.'" Este livro de Domiciano foi escrito, provavelmente, por volta do ano 546, ou um pouco depois. [p.266]

Nenhum dos novos prelados, ao que parece, passou muito tempo em suas respectivas dioceses; mas, seguindo a moda daquela época, recorreu, entre uma multidão de outros bispos, à corte de Constantinopla, e ali se envolveu nas intrigas do palácio e da igreja. Teodoro por muito tempo manteve uma ascendência considerável sobre as medidas, embora não sobre a fé, do próprio polêmico real, e freqüentemente perverteu a autoridade imperial para propósitos que, se descobertos, teriam sido instantaneamente condenados. Em meio às honras a que havia sido promovido e ao esplendor com que estava cercado, ele não esqueceu seus antigos companheiros na solidão da Palestina, mas continuou a exercer em seu favor

toda a influência que ousou empregar em tal causa. Nem estavam, por sua vez, inconscientes das vantagens crescentes que poderiam obter do semblante, por mais cauteloso que fosse, de dois amigos poderosos na corte. Encorajados pelo patrocínio e encorajados por sua boa sorte, os origenistas trabalharam com energia redobrada e em pouco tempo conseguiram difundir sua doutrina por toda a Palestina; um empreendimento que foi mais prontamente realizado por causa da antiga prevalência do origenismo no país. (1)

Cerca de cinco anos após a morte de Sabas, seu segundo sucessor, Gelásio, ao ser eleito para governar a grande laura, decidiu controlar a heresia prevalecente entre seu próprio rebanho;

(1) *Vit. Saba*, cap. 77-83. [p.267]

e, para este fim, ele consultou alguns de seus irmãos ainda ortodoxos, e designou o Tratado de Antípatro de Bostra contra Orígenes, para ser lido publicamente na igreja. Mas essa indignidade apenas provocou uma perturbação: e Gelásio logo achou necessário, ao prosseguir com seu plano, expulsar alguns dos líderes da oposição, entre os quais um de seus diáconos. Era tarde demais, porém, para medidas violentas; a expulsão de seus líderes despertou o espírito dos demais, e outros quarenta foram logo depois expulsos. Os párias se dirigiram imediatamente para Nova Laura, onde desfrutaram da proteção de Nonnus, Leôncio e seus irmãos, e ajudaram a propagar sua fé entre os vários mosteiros da vizinhança. (1) No ano seguinte, Eusébio, o

cortesão episcopal que apresentou Domiciano e Teodoro a Justiniano, aconteceu em Jerusalém; (538 d.C.) e Leôncio, em companhia dos proscritos da grande laura, aproveitou a oportunidade para levar perante si uma queixa contra o abade, por sua expulsão. O altivo bispo assumiu a cadeira de julgamento; e, mandando chamar Gelásio, ordenou-lhe que recebesse os origenistas ou expulsasse seus acusadores. O tímido, ou talvez político, abade voltou, por isso, à laura de Sabas e, escolhendo a última alternativa, despediu seis dos seus monges ortodoxos, provavelmente com o seu próprio consentimento.

(1) *A história de Cirilo* (Vit. Sabae, cap. 84) de sua expedição hostil com o objetivo de destruir a grande laura, da escuridão sobrenatural que os cegou e enganou para que não pudessem encontrar o lugar conhecido, etc. , é incrível, a menos que admitamos como ele a interferência milagrosa do falecido Sabas. [p.268]

Estes, porém, foram diretamente para Antioquia, relatando a Efraim, o poderoso arcebispo daquela cidade, o assunto do Origenismo na Palestina, e lhe mostraram os livros de Antípatro de Bostra contra a doutrina. Efraim imediatamente convocou um sínodo provincial em Antioquia e obteve, pela primeira vez desde os dias de Teófilo e Jerônimo, um anátema contra a heresia; mas em que pontos específicos é desconhecido.

Quando a notícia desse procedimento chegou à Palestina,

os origenistas ficaram, é claro, alarmados. Leôncio havia navegado para Constantinopla; mas Nonnus foi até Pedro, o atual bispo de Jerusalém, e o importunou para apagar o nome de Efraim dos dípticos sagrados, ou registros oficiais de bispos em companherismo e comunhão. Leôncio em Constantinopla também exerceu sua influência para obter a excomunhão do arcebispo de Antioquia; e Domiciano e Teodoro se esforçaram para obrigar o Patriarca de Jerusalém a executar a medida proposta. Já havia um forte desafeto contra Pedro entre os monges do deserto; e, para se proteger da indignação que era fácil prever que o curso que ele havia adotado despertaria, ele conseguiu obter alguns dos abades ortodoxos para escrever um tratado contra o origenismo e a favor de Efraim de Antioquia. Este foi devidamente composto e apresentado a ele; e Pedro imediatamente o dirigiu, junto com alguns "escritos próprios, apontando as heresias e as desordens dos origenistas, ao *imperador Justiniano* em Constantinopla. Os monges encarregados desses documentos chegaram à cidade imperial, uniram-se ao diácono , Pelágio, legado do Papa de Roma e inimigo de Teodoro;

Justiniano, que agora estava sentado há cerca de doze anos no trono do império oriental, foi um dos poucos soberanos cuja ambição dominante foi brilhar nas disputas teológicas e adquirir, por ortodoxia superior e mortificações austeras, o orgulhoso epíteto de O Piedoso. Nada poderia ser mais gratificante, do que esta referência do caso do Origenismo ao seu julgamento e decisão. Ele não perdeu tempo, portanto, em ordenar que um longo Édito fosse escrito, endereçado a Mennas, Arcebispo de

Constantinopla, (539-540 d.C.) e publicado já no ano 540. "Somos informados", diz ele, "de alguns que, não tendo o temor de Deus diante de seus olhos, deixaram a verdade, sem a qual não há salvação, e se afastaram da doutrina das Escrituras e dos Pais católicos, aderindo a Orígenes e mantendo suas ímpias noções, que são como as dos arianos, maniqueus e outros hereges”. Ele então passa a relatar, em um catálogo formal, e sob seis títulos, os erros atribuídos a Orígenes: "1. Que o Pai é maior do que o Filho, e o Filho maior do que o Espírito Santo, como o Espírito Santo é superior ao outros espíritos, e que o Filho não pode ver o Pai, nem o Espírito Santo ver o Filho. 2. Que o poder de Deus é limitado, porque ele pode criar e governar apenas um certo número de almas e uma certa quantidade de matéria; que toda espécie de ser era co-eterna com a Deidade;

(1) Vit. Saba, cap. 85. e Fleury's Ecl. Hist., livro xxxiii., cap. 3, 4. [p.270]

que já existiram, e que existirão no futuro, vários mundos sucessivos, de modo que o Criador nunca esteve sem criaturas. 3. Que os espíritos racionais se revestiam de corpos, apenas para seu castigo; e que as almas dos homens, em particular, eram inicialmente inteligências puras e santas, que, tornando-se cansadas da contemplação divina e inclinando-se ao mal, foram confinadas em corpos terrestres, como retribuição e castigo por suas loucuras anteriores. 4. Que o sol, a lua, as estrelas e as águas acima dos céus são criaturas animadas e racionais. 5. Que, na

ressurreição, os corpos humanos serão transformados em uma forma esférica. 6. Que os ímpios e demônios serão finalmente libertados de seus tormentos e restabelecidos em seu estado original." Justiniano tenta refutar cada um desses seis erros pelas autoridades das Escrituras e dos pais; mas ele dirige seus esforços contra o terceiro, sobre a *preexistência*, e contra o sexto, sobre a *restauração universal*. Então, dirigindo-se a Menas, ele acrescenta: "Nós, portanto, vos exortamos a reunir todos os bispos e abades de Constantinopla, e os obrigamos a anatematizar por escrito os ímpios Orígenes Adamantius, juntamente com suas doutrinas abomináveis, e especialmente os artigos que apontamos. Envie cópias do que for transacionado, a todos os outros bispos e a todos os superiores dos mosteiros, para que sigam o exemplo; e, para o futuro, que não haja bispos nem abades ordenados, que não condenam primeiro Orígenes e todos os outros hereges, de acordo com o costume. Já escrevemos assim ao Papa Vigílio e ao resto dos patriarcas." [p.271] Depois de uma coleção de extratos heréticos dos livros de Orígenes, o imperador une nove anátemas; seis contra os erros mencionados; e três contra o seguinte sobre a encarnação. "1. Que a alma humana de Jesus Cristo existiu muito antes de estar unida à Palavra; 2. Que seu corpo foi formado, na Virgem, antes de sua união com o Verbo, ou com sua própria alma; e 3. Que ele será, doravante, crucificado para a salvação dos demônios." Para concluir, há um décimo anátema contra a pessoa de Orígenes e contra os de seus seguidores. (1)

Este decreto abrangente, que visava totalmente contra o

Universalismo, saiu, é claro, como uma lei do reino; e a ambição de Justiniano de brilhar na igreja conspirava com seu ciúme natural como soberano, para garantir o cumprimento rígido de suas ordens. Assim, os bispos então residentes em Constantinopla foram imediatamente reunidos em Concílio, pelo Patriarca Mennas, para subscrever o Edito; e logo depois. O papa Vigílio em Roma, Zoilo no trono arquiepiscopal de Alexandria, Efraim em Antioquia e Pedro em Jerusalém obedeceram ao mandato e seguiram o exemplo. Mesmo Domiciano de Ancira e Teodoro da Capadócia, embora favoritos, foram obrigados a ceder ao comando imperial; e, em vez de sofrer expulsão, afixaram seus nomes aos anátemas que condenavam algumas de suas próprias crenças. (2)

(1) Ver *Biblioth* de Du Pin. Pat., vol. v., arte. Hist, do V Concílio Geral. E a *Ecl. Hist*. de Fleury., livro xxxiii., cap. 4. Não sei onde procurar uma cópia inteira deste documento muito importante, o Edito de Justiniano a Mennas, exceto na Concilia de Harduin, tomo, iii., p. 243; e esta valiosa coleção está fora do meu alcance.
(2) Fleury. *Ecl. Hist*., livro xxxiii., cap. 4. E a *Biblioth* de Du Pin. Patrum, vol. v., art. *História do Quinto Concílio Geral*. [p.272]

540 a 546 d.C.

Na Palestina, porém, havia alguns ousados e

determinados o bastante para resistir à autoridade do imperador. Alexandre, Bispo de Abyla (1), que é conhecido apenas pela parte que teve neste caso, recusou-se a assinar o decreto; e Nonnus, juntamente com seu partido em geral, permaneceu fiel à sua causa, à custa da exclusão da comunhão católica e do banimento de Nova Laura. Mas seu poderoso patrono, Teodoro da Capadócia, logo ouviu falar de seu tratamento; e, enviando alguns agentes da igreja de Jerusalém que residiam em Constantinopla, ele ameaçou furiosamente privar seu bispo, Pedro, de sua sé, a menos que desse satisfação aos párias e os restaurasse à sua posição anterior. Ao mesmo tempo, ele enviou a Nonnus e seus adeptos, aconselhando-os a propor ao seu bispo uma espécie de compromisso, no qual ele deveria apenas pronunciar alguma forma indefinida de palavras, anulando, em termos gerais, todos os anátemas que não fossem de acôrdo com a vontade de Deus. Como a intenção real e manifesta, no entanto, dessa formalidade equívoca, era implicar uma censura do édito tardio do imperador, Pedro a princípio recusou; mas, temendo a perigosa influência de Teodoro na corte, ele finalmente pronunciou a sentença em particular, readmitiu os origenistas em sua laura e finalmente nomeou dois de seus principais membros seus sufragâneos, ou bispos em atendimento imediato em sua pessoa.

(1) Havia várias cidades ou aldeias, com o nome de Abyla, ou Abila, na parte norte da Palestina (ver Relandi Palaest. ilust.), e esta foi

provavelmente uma delas. [p.273]

Encorajados pelo sucesso dessa tentativa, os partidários de Nomius não hesitaram em pregar abertamente sua doutrina de casa em casa. Teria sido honroso para eles se não tivessem prosseguido. Mas, lembrando-se com ressentimento das indignidades que sofreram com os ortodoxos, infelizmente voltaram contra eles a maré de desprezo e abuso. Disputas e altercações violentas foram rapidamente sucedidas por murros, que acertaram, é claro, no partido católico ou mais fraco, para quem logo se tornou inseguro aparecer no exterior, especialmente na cidade de Jerusalém. Encontrando seus números desiguais para a briga, eles conseguiram um reforço de uma raça selvagem de monges das margens do Jordão. Quando estes chegaram à Cidade Santa e se juntaram ao exército ortodoxo, seguiu-se um combate; mas os origenistas conseguiram finalmente colocá-los todos em fuga e conduzi-los até a grande laura de Sabas. Aqui, os vencidos retiraram-se para um lugar fortificado, e os seus perseguidores foram, por sua vez, obrigados a fugir, depois de ter caído um dos seus mais valorosos inimigos, a única vítima do combate.

O público estava muito familiarizado com cenas desse caráter vergonhoso para considerá-las com a aversão que mereciam; e foi provavelmente o motivo urgente de autopreservação, sozinho, que induziu o remanescente da ortodoxia, na presente exigência, a buscar a prevenção desses distúrbios. Assim, Gelásio, abade da grande laura, partiu em viagem a Constantinopla, a fim de expor o caso a

Justiniano. Mas Teodoro da Capadócia, tendo conhecimento de sua chegada, conseguiu impedir todo o acesso ao imperador, [p.274] de modo que, após várias tentativas ineficazes, Gelásio foi obrigado a partir sem cumprir seu propósito. Voltando para a Palestina, morreu numa pequena cidade da Frígia; e com ele expiraram, por um tempo, as esperanças do partido ortodoxo no deserto da Judéia. Pois, quando os monges da grande laura foram a Jerusalém pedir a nomeação de um novo abade, as sufragâneas de Pedro, imitando a astúcia de Teodoro, os expulsaram; e imediatamente todas as comunidades monásticas daquela região, cedendo à forte corrente popular, foram arrastadas, por bajulação ou por medo, para o lado do origenismo. Até a própria grande laura submeteu-se, logo depois, a um abade nomeado pelo partido dominante; e os poucos líderes ortodoxos do local abandonaram suas celas há muito veneradas e buscaram outros retiros. Mas, no mesmo dia em que os triunfantes origenistas viram retirar-se o débil remanescente de seus opositores, convocou-os também para lamentar a morte súbita e inesperada de Nonnus, em Nova Laura. (546 d.C.) Essa perda foi a mais severamente sentida, pois Leôncio, o outro chefe do partido, havia morrido, um ou dois anos antes, em Constantinopla. Qual era o verdadeiro caráter dessas duas pessoas e quais suas habilidades, não temos meios satisfatórios para determinar. Que eles tiveram uma influência considerável entre os monges é evidente; e que eles eram temidos e odiados por seus opositores é certo. Se os julgássemos, no entanto, por seus contemporâneos, não poderíamos nos gabar de sua inteligência, nem de seu

temperamento pacífico e cristão. Nonnus teve a satisfação de deixar sua causa, embora proscrita pelo governo, em uma condição muito próspera em toda a Palestina. [p.275] Na grande laura de Sabas, no entanto, os ortodoxos recuperaram a ascendência, sete meses após sua morte, e nomearam um novo abade; que foi sucedido, em menos de um ano, por Conon, outro de seus líderes mais empreendedores. A perda deste importante lugar pareceu, logo depois, mais do que compensada aos origenistas, por uma aquisição afortunada de sua parte: Pedro, que sempre se opôs a eles, morreu nessa época; (547 d.C.) e, por sua influência, seu amigo Macário foi escolhido seu sucessor no bispado de Jerusalém. Mas seus negócios permaneceram, por cinco ou seis anos, instáveis e flutuantes. Uma sedição se seguiu à eleição do novo prelado, e Justiniano ordenou que ele fosse expulso de sua sé. O que era ainda mais prejudicial aos seus interesses, os próprios origenistas abusaram de seu sucesso e prosperidade para nutrir um espírito faccioso, que os dividiu, em alguma questão trivial, em partidos hostis. (1)

546 a 553 d.C.

Enquanto isso, uma trama astuta foi arquitetada e executada em Constantinopla; as particularidades das quais é necessário relatar, embora não tenham outra relação com a doutrina da Salvação Universal, senão as que levaram, eventualmente, à reunião do *Quinto* Concílio Geral. Teodoro da Capadócia não se esqueceu da interferência maliciosa de Pelágio, na obtenção do tardio Édito imperial contra Orígenes e suas doutrinas, e resolveu retaliar seu

inimigo, aproveitando alguns assuntos incertos na antiga controvérsia nestoriana.

(1) *Vit. Saba*, cap. 86-90, Fleury, *Hist. Ecl.*, livro xxxiii., cap. 20, 40.
[p.276]

Ele passou a pertencer a um partido que odiava a memória do Concílio Geral de Calcedônia, realizado em meados do século passado; enquanto o legado romano, ao contrário, apoiava zelosamente sua autoridade e prezava sua reputação. Para prejudicar seu crédito e irritar seus defensores, Teodoro conseguiu obter a condenação de alguns dos Pais que havia aprovado. Entre os dessa classe encontrou o nome de Teodoro de Mopsuéstia; e ignorante, provavelmente, que tinha sido, em seu tempo, um universalista, e sabendo apenas que era celebrado como um opositor de Orígenes, pensou que, ao anatematizá-lo, deveria realizar, ao mesmo tempo, dois objetivos importantes: a de vingar, em algum grau, as últimas indignidades infligidas à memória de seu autor favorito; e também de trazer desgraça ao Concílio detestável.

Assim, ele cautelosamente sugeriu ao seu patrono, o imperador, que ele poderia facilmente realizar um trabalho em que estava laboriosamente engajado, a reconciliação de um certo partido na igreja, simplesmente condenando Teodoro de Mopsuéstia, Teodoreto de Ciro e Ibas de Edessa, juntamente com os escritos que deixaram em favor do Nestorianismo. Justiniano não teve penetração suficiente para descobrir a sutileza de seu conselheiro; e,

com sua ociosidade característica, assumiu a autoridade de se pronunciar, para toda a igreja, sobre um dos temas mais perigosos que poderia ter escolhido. Mas estava previsto que, uma vez promulgada sua decisão, sua vaidade teológica seria a segurança contra toda retratação, e seu orgulho de poder a garantia de sua perseverança e vitória final. [p.277]

Assim, Teodoro já se sentia seguro do sucesso, quando recebeu a ordem de redigir um édito em nome do imperador, condenando os Pais em questão, juntamente com seus escritos detestáveis; que desde então são conhecidos pelo título dos Três Capítulos. Este Edito foi publicado em 546 d.C., na forma de uma Carta dirigida a toda a Igreja Católica; e todos os bispos foram obrigados a subscrever seus anátemas. A maioria deles, aparentemente contra sua consciência, obedeceu, depois de alguma hesitação, e foi generosamente recompensada; mas os que mantinham sua integridade e recusavam eram, é claro, banidos. Uma disputa violenta e geral se seguiu por vários anos. Os livros foram escritos em ambos os lados. O próprio pontífice romano oscilava continuamente entre o medo da vingança do soberano e a consideração pela consistência da igreja. As paixões dos homens se inflamaram, até que toda a cristandade ficou tão agitada que o expediente usual se tornou necessário para aliviar, ou melhor, dar vazão à fermentação. (1)

Em 4 de maio de 553 d.C., o *Quinto* Concílio Geral foi então aberto em Constantinopla, sob o olhar de Justiniano, por cento e cinquenta e um bispos das igrejas grega e africana; e continuou, com a ascensão de quatorze outros

bispos, até o segundo dia do mês seguinte. Tudo parece ter sido administrado, como era de se esperar, de acordo com a vontade do imperador. Os Três Capítulos foram condenados com extravagantes expressões de zelo;

(1) *Hist. Ecl.* Fleury., livro xxxiii., cap. 21-43. [p.278]

e a pessoa de Teodoro de Mopsuéstia foi anatematizada, não por seu universalismo, mas por seu alegado nestorianismo. Até agora, o astuto Bispo da Capadócia viu seu plano entrar em pleno efeito. Mas ele não conseguiu deter a pesada maquinaria que pusera em movimento; e ele estava destinado a sentir, antes do encerramento de suas operações, que sua astúcia havia se excedido. Enquanto ele era, na realidade, o principal, mas encoberta gestão, controlando firmemente os resultados, primeiro sugerindo a Justiniano o curso a ser seguido, e depois ditando, em seu nome, ao Concílio, o tema do Origenismo, inteiramente estranho ao negócios da sessão, é dito ter sido subitamente trazido perante o conclave, (1) apesar de todos os seus esforços em contrário. A atenção do imperador fora recentemente dirigida ao origenismo por alguns incidentes na Palestina; alguns deputados de Jerusalém, com Conon, o abade de São Sabas, à sua frente, instaram a sua consideração imediata; e Justiniano não estava de modo algum atrasado para mostrar seu zelo e fidelidade no assunto. Ele despachou, acredita-se, uma mensagem aos bispos reunidos, exortando-os a examinar a doutrina do "ímpio Orígenes" e a condenar ele e seus seguidores,

juntamente com seus princípios.

(1) Aqui eu sigo Huet (*Origenian*, lib. ii., cap. 4, sect. iii., § 14-16), Fleury (*Eccl. Hist.*, livro xxxiii., cap. 40, 51), e o testemunho da antiguidade, em preferência à autoridade dos historiadores modernos, que afirmam que o caso de Orígenes, Dídiro e Evágrio não foi examinado neste Concílio, mas apenas no que foi convocado, em Constantinopla, por Menas, ao receber O Édito de Justiniano, em 540 d.C. Sem incorrer na acusação de fingir decidir esta questão, posso dizer. que a condenação de Orígenes, Dídimo e Evágrio, tendo sido quase invariavelmente atribuída ao *Quinto* Concílio Geral, foi recebida na Igreja Católica com a deferência que é dada às decisões de tal órgão. [p.279]

Como uma forma que eles poderiam usar na elaboração de seus decretos, ele lhes enviou o longo Édito que ele havia publicado, treze ou quatorze anos antes, com seu catálogo de heresias e anátemas.

Ao receber esses papéis, os Pais do Concílio, ao que parece, apressaram-se a atender ao pedido; e o decreto seguinte serviu imediatamente para recomendá-los ao seu mestre e trair aos olhos do historiador sua servidão ao ditado imperial. "Quem diz, ou pensa, que as almas da humanidade pré-existiam como naturezas intelectuais e

santas, mas que, ficando cansadas da contemplação divina, elas degeneraram em seu caráter atual e foram enviadas a esses corpos para fins de punição, que seja anátema. Quem diz, ou pensa, que a alma humana de Cristo preexistia, e se uniu ao Verbo antes de sua encarnação e natividade da bem-aventurada Virgem, seja anátema. Quem diz, ou pensa, que o corpo de Cristo se formou primeiro no seio da santa Virgem, e que depois se uniram a ele o Verbo e sua alma humana preexistente, seja anátema. poderes celestiais, e assim ser reduzido a uma igualdade com eles, seja anátema. Quem disser ou pensar que na ressurreição os corpos humanos serão de forma redonda e globular, ou quem não reconhecer que a humanidade deve ressuscitar na postura ereta, seja anátema. Quem disser que o sol, a lua, as estrelas e as águas acima dos céus são certos poderes animados ou inteligentes, seja anátema. Quem diz, ou pensa, que Cristo deve ser crucificado no mundo futuro para os demônios, como ele foi neste para homens, seja anátema. [p.280] Quem diz, ou pensa, que o poder de Deus é limitado, e que criou tudo o que foi capaz de abraçar, seja anátema. Quem disser ou pensar que os tormentos dos demônios e dos ímpios são temporais, de modo que acabarão por fim, ou quem defendar a restauração dos demônios ou dos ímpios, seja anátema. . Anátema para Orígenes Adamantius, que ensinou essas coisas entre seus dogmas detestáveis e malditos; e para todo aquele que acredita nessas coisas, ou as afirma, ou que ousar defendê-las em qualquer parte, seja anátema: Em Cristo Jesus, nosso Senhor, a quem seja glória para sempre. Amém." (1)

Além dessas sentenças fulminantes, um ato de

condenação teria sido passado, também, sobre os escritos de Dídimo de Alexandria e de Evagrius Ponticus, que defendiam *a preexistência e a restauração universal*. (2)

O decreto de um Concílio Geral era inalterável e fixou a fé, pelo menos o credo, da Igreja Católica, para sempre. Resta apenas mencionar os efeitos desta decisão sobre os origenistas da Palestina. Quando os atos condenatórios foram enviados para aquela província, eles foram subscritos por todos os prelados, exceto Alexandre de Abila, que foi expulso de seu bispado. Os monges de Nova Laura também recusaram a obediência e se retiraram da comunhão geral.

(1) *Summa Conciliorum, Auctore* M. L. Bail., tomo. 1, pág. 285, 286, editado. Taris, 1672.
(2) *Vit. Sab*, cap. 90. [p.281]

O novo Patriarca de Jerusalém, que havia sido nomeado para aquela sé durante o último Concílio, esforçou-se por recuperar os dissidentes; mas, ao cabo de oito meses, achando vã toda a persuasão, valeu-se da autoridade do imperador e, pela força, expulsou os origenistas do país. (1)

(1) *Vit. Saba*, cap. 90. (a)
(a) Com o maior respeito pelo conhecimento do Dr. Ballou, devemos, no entanto, questionar sua opinião de que o Universalismo foi condenado neste Concílio. O edito de Justiniano a

Mennas, Patriarca de Constantinopla, que levou ao Sínodo de 544 d.C., foi notado pelo doutor. Há pouca dúvida razoável de que a condenação do Origenismo (portanto do Universalismo) por este Sínodo Doméstico, συνοδος ενδημουσα, foi posteriormente atribuída por escritores, especialmente Cyrillus Scythop. em *Vita S. Sabae*, c. 90, ao *Quinto* (assim chamado) Concílio Geral, realizado em 553 d.C., confundindo os dois – ambos realizados em Constantinopla. Vide Du Pin, *Biblioth. Pat.*, art. 5º Ecum. Conc. I, v., com quem a voz correta da história está de acordo. Comp. Walch, Ketzerhist, vii. 660, VIII. 280; *Le Quien Oriens Christianus*, iii. 210. Mosheim diz, ao falar do Concílio de 553 d.C., cent. vi. pág. ii, c. iii, § xi., note: “Não encontramos nos atos deste Concílio qualquer um que condene as doutrinas de Orígenes. É, no entanto, geralmente imaginado que essas doutrinas foram condenadas por esta assembléia; e o que deu origem a essa noção foram provavelmente os quinze cânones gregos ainda existentes, nos quais os principais erros de Orígenes foram condenados, e que são intitulados Os Cânones dos cento e sessenta Pais, reunido no Concílio de Constantinopla", isto é, *o [Sínodo] de Mennas, em 544 d.C.* De acordo com Geiseler, o *Quinto*

Concílio Geral, exceto (como uma coisa natural) talvez dando uma aprovação geral a todos os graus imperiais antes de serem emitidos , não tomou conhecimento do Origenismo. Ele diz, falando do Sínodo de Mennas, que "de, procedeu, sem dúvida, os quinze cânones contra Orígenes (Prim. ed. Petr. Lambecius in Comment, bibl. August, Vindob. viii. 435, ap. Mansi ix. 395), embora seu título favoreça o Quinto Concílio Ecumênico". , Hist, de Doc., refere-se distintamente a condenação apenas a 544 d.C. Neander, Hist. Christ. Relig. and Ch., faz o mesmo.

O Quinto Concílio Geral foi realmente convocado no interesse do Origenismo, por influência de Theodorus Ascidus, bispo de Cesareia, na Capadócia, pelo imperador Justiniano. Não foi projetado para tocar o Origenismo, mas para garantir a condenação oficial dos "Três Capítulos" e favorecer o Monofisismo. *O poder imperial controlava o Concílio,* embora fosse presidido por Eutychius, Patriarca de Constantinopla. Que o Origenismo foi condenado, portanto, neste Concílio, é, para dizer o mínimo, extremamente duvidoso.

Deve ser lembrado, também, que de fato, o que quer que as Igrejas ocidentais e orientais tenham decidido desde então, este Concílio não foi verdadeiramente ecumênico. Não foi mais

do que o último Concílio Vaticano, que abarcou apenas os cardeais, patriarcas, arcebispos, bispos, etc., da obediência romana. O Concílio de A.D. 553 era composto por prelados orientais, e era governado por um patriarca oriental e controlado por um imperador que na verdade era apenas um monarca oriental. [p.282] Vigilius, Papa de Roma, recusou-se positivamente a reconhecê-lo, desde o início, e não estava presente pessoalmente ou por delegado. Por recusar sua presença e reconhecimento, ele foi, por ordem do imperador, excomungado pelo Concílio. Mas isso não tornou o Concílio ecumênico.

Se os Concílios Gerais são autoritários da fé da igreja, o Quinto (concedendo-o como ecumênico) não condenou (nós pensamos) o Universalismo. Mas ele realmente não tem direito ao título de ecumênico - certamente não em nenhum sentido como, por exemplo, o Concílio de Nice, 325 d.C. , 1864. —A. St. J. C. [p.283]

APÊNDICE.

DE 554 d.C. A 1500 d.C.

Tendo reduzido a história do Universalismo à sua

condenação completa e oficial, podemos, com toda propriedade, encerrar a narrativa regular e conectada; especialmente porque a seguimos até o crepúsculo obscuro que precede a longa era das trevas. Mas como a curiosidade naturalmente olha adiante, com um olhar inquisitivo, através da sombria sucessão de séculos desde o Quinto Concílio Geral até a era da Reforma, anexarei aqui os traços da doutrina, durante esse período, como me apareceram.

649 d.C.

No primeiro Concílio de Latrão, convocado em Roma, pelo Papa Martinho I, no ano de 649, contra aqueles que afirmavam uma só vontade em Jesus Cristo, os Pais repetiram o anátema contra Orígenes e seus seguidores, Dídimo e Evágrio, que, lembre-se, havia sido condenado apenas pelo Universalismo.

680 d.C.

O Sexto Concílio Geral, realizado em Constantinopla em 680 d.C., reconheceu, por alguma razão, a condenação de Orígenes, Dídimo e Evágrio; [p.284] ou de uma suspeita de que a heresia ainda era acalentada, ou então de uma casualidade na forma de expressão. O principal negócio deste Concílio, convocado como o Laterano contra os Monotelitas, - uma seita assim chamada por algumas noções distintivas sobre as duas naturezas de Cristo, - não tinha a menor conexão com o assunto do Origenismo. No entanto, uma das declarações diz assim: "Concordamos com os santos e universais, ou Concílios gerais em todas as

coisas; especialmente com o último deles, o quinto, que foi reunido nesta cidade contra Teodoro de Mopsuéstia, Orígenes, Dídimo, e Evágrio."

787 d.C.

Também o Sétimo Concílio Geral, que se reuniu, em 787 d.C., em Nice, na Bitínia, com o propósito de defender e estabelecer o uso de imagens, relíquias, etc., nas igrejas, deixou em seus registros uma sentença que pode induzir a suspeita de que O universalismo não estava totalmente extinto: "Anatematizamos as fábulas de Orígenes, Dídimo e Evágrio".

869 d.C.

E o Oitavo Concílio Geral, em Constantinopla, em 869 d.C., também se desviou de seus objetivos próprios, a fim de pronunciar um "anátema contra Orígenes, que ensinou muitos erros; e contra Evágrio e Dídimo, que estão presos no mesmo abismo de perdição". (1) Este Concílio foi convocado na memorável disputa que resultou na separação da igreja grega e latina; e, portanto, não tinha preocupação natural com os Pais aqui condenados.

(1) Para as sentenças extraídas do Sexto, Sétimo e Oitavo Concílios, ver *Hist. de l'Origenisme*, par Louis Doucin, pp.321, 322. Para o Concílio de Latrão, ver *Huetii Origenian*, lib. ii., cap. 4, sec. iii. 17. [p.285]

A introdução deste tópico estrangeiro, nestes sínodos

sucessivos, é, pelo menos uma evidência circunstancial de que não foi totalmente acidental; e que se pensava que as ideias desagradáveis tinham alguns cúmplices, provavelmente na igreja oriental.

713 a 730 d.C.

Esta indicação é confirmada por uma circunstância que por acaso chegou ao nosso conhecimento. Germano, arcebispo de Constantinopla na primeira parte do século VIII, publicou um livro, dizem-nos, para refutar "a doutrina herética de que os demônios serão restaurados ao seu estado primitivo, e que aqueles que morrerem em seus pecados, após certos castigos, sejam reunidos no número dos bem-aventurados. Esta impiedade, tão cheia de fábulas, ele refutou, primeiro pelas palavras do Senhor, depois pelos decretos apostólicos, aos quais ele acrescenta também os testemunhos dos profetas, que mostra claramente que, como o gozo do bem-aventurado é eterno e inefável, assim também o castigo dos pecadores será sem fim e infinito. E não apenas por esses testemunhos ele confundiu o erro profano e venenoso, mas também pelos dos santos Pais; e particularmente pelos próprios escritos dele [Gregório Nisseno] a quem esta heresia reivindicava perfidamente como seu patrono. Por meio de todas essas autoridades, ele libertou todo o corpo eclesiástico desse esquema de fábulas tão pernicioso para a alma." Em parte de seu livro, Germano empreendeu a missão impossível de mostrar que o antigo pai, Gregório Nisseno, não era um defensor do universalismo. Diz-se que a ocasião desta ousada tentativa foi "porque aqueles que favoreceram a

noção de que os demônios e os condenados poderiam ser libertados, [p.286] tentaram misturar o veneno escuro e pernicioso dos sonhos de Orígenes com o luminoso e salutar escritos de Gregório Nisseno , e se esforçaram secretamente para adicionar uma loucura herética à virtude e renomada ortodoxia daquele que eles sabiam ser distinguidos por doutrina e eloquência, e a brilhante reputação de cuja santidade eles sabiam era comentada por todos. Também nos é dito que “aqueles livros de Gregório Nisseno que os hereges astuciosamente tentaram trazer em seu auxílio, mas que Germano, o advogado da verdade, havia preservado ileso de suas tentativas, eram O Diálogo sobre a Alma; A Oração Catequética; e o livro sobre uma vida perfeita." (1)

(1) Photii Bibliothec, Cod. 233. Veja a nota 2, página 169.

Este relato, tirado de um escritor do século IX, que foi um dos mais renomados críticos eclesiásticos de toda a antiguidade, mostra que, na época de Germano, a heresia da restauração universal fez algum barulho no Oriente.

Na igreja ocidental apareceu, entre vários outros sectários, um pregador que reclama nossa atenção. Clemente, natural da Irlanda, parece ter sido regularmente ordenado presbítero, ou ministro, na comunhão romana. Mas ele finalmente descartou suas superstições, renunciou à sua autoridade e rejeitou toda a massa de cânones eclesiásticos, os decretos dos Concílios e todos os tratados e exposições dos pais; reservando para si mesmo,

provavelmente, como guia de sua fé, somente a Bíblia, que agora era proibida ao povo. Ele ensinou que Cristo, quando desceu ao inferno, restaurou todos os condenados, mesmo infiéis e idólatras; [p.287] e ele diferia, sobre os detalhes que não sabemos, da doutrina católica sobre a predestinação. Várias congregações independentes foram reunidas, sob seu ministério, em partes da França e da Alemanha; e tal foi seu progresso que despertou a atenção dos poderes civis e eclesiásticos. Em um Concílio de vinte e três bispos, reunido em 744 d.C., em Soissons, na França, pelo rei Pepino, Clemente foi deposto do sacerdócio, condenado entre outros hereges e preso. Bonifácio, arcebispo de Mentz e legado da Santa Sé, presidiu, provavelmente, neste Concílio; e imediatamente enviou ao Papa um relato do caso. Logo se descobriu que Clemente havia deixado discípulos mesmo entre as ordens inferiores do clero; e em um Concílio de sete bispos, realizado no ano seguinte, pelo Papa Zacarias, em Roma, ele foi novamente deposto e anatematizado, junto com seus seguidores, caso eles não renunciassem ao seu erro. Dois anos depois, o Papa aconselhou Bonifácio a convocar um Concílio em sua vizinhança e verificar se Clemente e alguns outros hereges se submeteriam à igreja; e, em caso de obstinação, enviá-los a Roma. Não parece, entretanto, que algo mais tenha sido feito; e é provável que Clemente tenha morrido na prisão. Bonifácio relatou que era culpado de adultério; (1) mas, como tal acusação era o expediente habitual dos católicos em ocasiões semelhantes, a história é indigna de nota.

(1) Fleury. *Ecl. Hist*, xLii., cap. 39, 50, 52, 53, 54, 58. O entusiasta ortodoxo, Milner, aplaude o zelo salvador de almas de Bonifácio nesta ocasião; e elogia a disciplina infligida a Clemente e seus associados. Veja sua *Hist, da Igreja*, cent, viii., cap. 4. [p.288]

Mosheim diz que, "pelos melhores e mais autênticos relatos, Clemente estava muito mais familiarizado com os verdadeiros princípios e doutrinas do cristianismo do que o próprio Bonifácio; e, portanto, ele é considerado por muitos como um confessor e sofredor da verdade, nesta idade bárbara." (1) Priestley também pensa, "é provável que, se suas ideias e conduta fossem totalmente conhecidos, ele seria classificado entre os reformadores mais antigos". (2)

(1) Ecl. de Mosheim. Hist., Cent, viii., pt. ii., cap. 5, § 2.
(2) Hist de Priestley, da Igreja, período xv., seita, v., p. 181.

850-870 d.C.

O maior erudito, e talvez o gênio mais filosófico do século IX, foi John Scotus Erigena, natural da Irlanda ou da Escócia. Em tenra idade, ele visitou a Grécia, especialmente Atenas, e estudou a literatura oriental e clássica. Em seu retorno, ele foi convidado por Carlos, o Calvo, para a corte da França; onde provavelmente

continuou até sua morte, apesar dos relatos de sua mudança para a Inglaterra, a pedido de Alfredo, o Grande, para assumir o comando do colégio que aquele príncipe havia fundado em Oxford. Seu estudo favorito, ao que parece, era a filosofia, na qual ele seguia as doutrinas do Novo Platonismo: que todas as coisas procediam de Deus e, eventualmente, retornariam a ele. Ele se destacou, no entanto, como um escritor eclesiástico. Nesse personagem, sua influência era tão hostil às doutrinas corruptas da época, e especialmente à hierarquia papal, que a corte de Roma ameaçou denunciá-lo. Ele escreveu contra a transubstanciação e o esquema agostiniano de predestinação; [p.289] e diz-se que ele ensinou a opinião de Orígenes sobre o fim da punição dos condenados e a restauração final de todas as criaturas caídas. (1) Ele é classificado entre os filósofos e teólogos místicos.

Por volta do ano 850, por dois séculos em diante, tanto as igrejas gregas como as romanas ou latinas desfrutaram, dentro de suas respectivas comunhões, a idade de ouro da profunda ignorância e da ortodoxia imperturbável. Um dos historiadores católicos mais eruditos e imparciais diz: "Nesta época da igreja não havia controvérsias sobre artigos de fé ou pontos doutrinários de divindade, porque não havia hereges, nem outras pessoas inquisitivas, que refinavam os assuntos da religião, ou se esforçavam a mergulhar no fundo de seus mistérios. A parte sóbria contentou-se em ceder a fé implícita a tudo o que os clérigos julgavam conveniente pregar do púlpito; e quanto aos miseráveis devassos, eles se entregaram a grosseiras sensualidades, pois a gratificação de seus apetites animais,

e não aos vícios da mente, aos quais só pessoas inteligentes estão sujeitas. Portanto, nesta era de trevas e ignorância, a igreja, não sendo perturbada por causa de suas doutrinas, não tinha nada a fazer senão suprimir as enormidades que abundavam no que diz respeito à disciplina e às boas maneiras". (2) Um historiador protestante nos descreverá o verdadeiro caráter desta igreja, tão intocada pelo erro, neste período:

(1) Como autoridades para seu Universalismo, o Rev. T. J. Sawyer gentilmente me forneceu as seguintes referências: Doederlein, Institut. Theol. Cristão., vol. 202; *DJ Otto Theiss uber d. hibl. u. kirch. Lehnneinung von Ewigkeit d. Hoellenstrafen,* s. 24.
(2) Du Pin's Ecel. Hist., vol. viii., cap. 6. [p.290]

"Tanto nas províncias orientais como ocidentais o clero era, em sua maior parte, composto por um conjunto de homens sem valor, vergonhosamente analfabetos e estúpidos, ignorantes, mais especialmente em assuntos religiosos, igualmente escravizados à sensualidade e superstição , e capaz dos atos mais abomináveis e flagrantes. Essa degeneração sombria da ordem sagrada foi, de acordo com os relatos mais críveis, principalmente devido aos pretensos chefes e governantes da igreja universal, que se entregaram a cometer os mais odiosos crimes, e abandonaram-se ao impulso sem lei das paixões

mais licenciosas, sem relutância ou remorso; que confundiu, em suma, toda diferença entre justo e injusto, para satisfazer sua ambição ímpia; e cujo império espiritual era uma cena tão diversificada de iniqüidade e violência como nunca foi exibida sob nenhum desses tiranos temporais que têm sido os flagelos da humanidade." (1) "Tanto os gregos como os latinos colocaram a essência e a vida da religião na adoração de imagens e santos falecidos; na busca, com zelo, e preservando, com devoto cuidado e veneração, as relíquias sagradas de homens e mulheres santos; e em acumular riquezas sobre os sacerdotes e monges, cuja opulência aumentou com o progresso da superstição. Dificilmente algum cristão ousou aproximar-se do trono de Deus, sem antes tornar os santos e imagens propícios por uma rodada solene de ritos expiatórios e lustrações. O ardor, também, com que se buscavam as relíquias supera quase toda a credibilidade;

(1) *Hist. Ecl.* de Mosheim. , cent, x., pt. 2, cap. ii. 1. [p.291]

apoderou-se de todas as fileiras e ordens do povo, e cresceu numa espécie de fanatismo e frenesi; e, se era para acreditar nos monges, o Ser Supremo dotou, de maneira especial e extraordinária, às velhas e aos frades carecas o dom de descobrir os lugares onde jaziam dispersos ou sepultados os ossos ou carcaças dos santos." (1) Tal era a idade da escuridão da meia-noite.

Mas, embora nenhuma nova, assim chamada, *heresia* tenha surgido neste período dentro das duas vastas

comunidades que se arrogavam a denominação de A Igreja, ainda uma seita anterior e muito poderosa, a dos *Paulicianos*, ainda existia no Oriente, e, sob vários nomes, se espalhou no Ocidente. É neste corpo heterogêneo que os historiadores modernos (2) buscaram, com alguma aparência de sucesso, o germe embrionário da Reforma; e é entre as mesmas pessoas que podemos descobrir alguns elementos vagos do Universalismo, confusos e duvidosos de fato, mas depois assumindo um caráter mais distinto e chegando a resultados mais decididos. Os *Paulicianos* eram, ao mesmo tempo, descendentes e dissidentes dos *maniqueus*, de cujo gnosticismo estavam consideravelmente manchados, enquanto rejeitavam o nome com a maior aversão. "

(1) *Hist. Ecl.* de Mosheim. , cent, x., pt. 2. cap. iii. 1.
(2) Mosheim (*Eccl. Hist.*, Cent, x., Part 2, ch. v. 2, and Cent, xi., Part 2, ch. v., comparado com Cent. xii. Part 2, ch.v. ., etc.), rastreou os *paulicianos* até os *albaneses*, *albigenses*, *cátaros*, etc., etc. Gibbon (Declínio e Queda, etc., cap. liv.) seguiu a mesma linha de descendência e os conectou com a Reforma; e assim tem Priestley (*Hist, da Igreja*, período xviii., sect., vii., pp. 102-104. etc.). Milner duvida de sua relação com os precursores da Reforma, porque não está convencido de sua dispersão pela Europa (*Hist. of the Church*, cent. ix.,

cap. 2)1, mas está confiante de que eram santos muito bons. Os historiadores católicos concordam plenamente com Gibbon, no que diz respeito à sua ligação com os reformadores. [p.292]

Por mais extraordinário que possa parecer, os mesmos princípios gerais dos quais derivaram, na própria época dos apóstolos, as primeiras corrupções da doutrina cristã, foram os meios de realizar a reforma do cristianismo; e, tendo efetuado este propósito, eles agora estão extintos.” (1)

Da ascensão, doutrina e progresso desta seita (Os *Paulicianos*), muitos detalhes são muito incertos; mas podemos nos aventurar a seguir, com alguma confiança, um dos mestres mais perspicazes da história, (2) cujo relato foi, no presente caso, elogiado tanto pelos liberais quanto pelos fanáticos, pelos protestantes e pelos católicos, apesar de sua hostilidade geral à religião revelada. Por volta do ano 660, descobrimos pela primeira vez esse povo, em número considerável, espalhando-se silenciosamente desde o bairro de Samósata, na região superior do Eufrates, ao nordeste pela Armênia e ao norte pela Capadócia e Pontus. Descendentes dos gnósticos, que nunca foram afetados pelas corrupções graduais dos católicos, eles abominavam o uso de imagens, de relíquias, cerimônias pomposas e dominação eclesiástica; e até dispensavam os ritos do batismo nas águas e da ceia do Senhor. Seus pregadores não se distinguiam de seus irmãos por nenhum título; e nenhuma superioridade foi permitida,

exceto o que surgiu da austeridade de suas vidas, seu zelo ou seu conhecimento. Os livros maniqueístas eles rejeitaram,

(1) *Hist da Igreja*, de Priestley, período xviii., sect., vii., pp. 103, 104.
(2) *Declínio e Queda* de Gibbon, etc., cap. Liv Milner diz: "A candura de Gibbon é notável nesta parte de sua história. *Oh, sisic omnia!*" e o erudito Charles Butler (*Livro da Igreja Católica Romana*, nota no final da Carta xii.) capítulo de sua obra. [p.293]

e também "os livros judeus", como chamavam o Antigo Testamento; mas o Novo Testamento, que na igreja ortodoxa quase desapareceu dos leigos, eles receberam como o único volume da Sagrada Escritura, e ordenaram sua leitura diligente a todo o povo. É provável, no entanto, que eles repudiassem as duas Epístolas de São Pedro e a Revelação de São João; e é certo que seus livros favoritos eram os escritos de São Paulo, de quem eles, talvez, tomaram o nome de *Paulicianos*. Ainda mantinham a noção maniqueísta de dois Princípios originais, o Bem e o Mal; e eles aguardavam o triunfo do primeiro sobre seu rival, seja por total extinção do Mal, (1) ou conquista parcial, da *morte*, *pecado* e *miséria*. O corpo com o qual Cristo foi visto na terra, juntamente com sua crucificação, eles supunham ter sido apenas aparente; e é claro que é provável que eles negassem sua ressurreição física e a da

humanidade.

670 d.C. a 845 d.C.

Suas noções orientais podem, com razão, desagradar a igreja. Mas a absoluta simplicidade de suas instituições, seu total desrespeito às imagens e relíquias, seu desprezo por todos os artifícios pelos quais o clero ganhava a vida, acendeu contra eles o ódio mais implacável; e os imperadores ortodoxos do Oriente resolveram seu extermínio completo. Durante cento e cinqüenta anos eles sofreram uma perseguição sangrenta, e com uma tal paciência e mansidão inofensiva que converteu até mesmo alguns de seus carrascos.

(1) Aventurei-me, sem qualquer autorização expressa, a atribuir-lhes uma diferença de opinião entre si, neste ponto; porque tal parece ter acontecido com seus predecessores, os maniqueus e outros gnósticos, e também com seus descendentes, os albigenses, etc. [p.294]

Mas toda resistência humana pode finalmente ser superada; e quando aquela fanática sanguinária, a imperatriz Teodora, sucedeu à regência do Oriente, durante a menoridade de seu filho, ela os levou além dos limites da tolerância. Naquelas partes da Ásia Menor onde eles abundavam, e na Armênia, ela confiscou seus bens e matou pela espada, forca e chamas, mais de cem mil deles, fazendo-os expirar lentamente por uma variedade dos

tormentos mais excruciantes.

845 a 880 d.C.

Aqueles que escaparam do horrível massacre fugiram imediatamente para refúgio nos sarracenos, aceitaram com gratidão permissão para construir uma cidade nas fronteiras da Armênia e fizeram uma aliança com seus protetores maometanos. Eles logo reuniram um exército e marcharam de volta para vingar dos gregos os sofrimentos de seus irmãos mártires. A guerra continuou, com vantagens alternadas, cerca de quarenta anos; mas no final do século o poder dos *Paulicianos* foi efetivamente quebrado, e eles foram obrigados a buscar segurança nas fortalezas das montanhas armênias.

Mas eles já haviam conseguido uma base permanente na Europa. Por volta de meados do século anterior, em meio às perseguições que tão pacientemente suportaram, uma colônia deles foi transportada, por um dos imperadores gregos, da Ásia para a Trácia, a oeste de Constantinopla. Com um zelo que nenhum sofrimento poderia reprimir, eles trabalharam com sucesso para difundir sua doutrina entre seus vizinhos do norte, os búlgaros, na região inferior do Danúbio. [p.295]

970 a 1100 d.C.

Depois de suportar muitas dificuldades e crueldades por mais de duzentos anos, eles foram, finalmente, reforçados por outra e muito numerosa colônia da Armênia; e eles também foram privilegiados com uma plena tolerância de sua fé. Com o passar do tempo, eles ocuparam uma linha

de aldeias e castelos da Trácia a oeste, passando pela Macedônia e Épiro; e pelos vários acasos do comércio, da emigração e da perseguição, espalharam-se, em pequeno número, por toda a Europa. Seus princípios maniqueístas ou orientais teriam sido, talvez, uma prevenção fatal para a recepção de sua fé entre os povos do Ocidente, se não fosse contrariada pela simplicidade de suas instituições religiosas. Um descontentamento forte, embora secreto, havia sido geralmente provocado pela avareza, o despotismo, a pantomima e a devassidão da *Igreja de Roma*; e quando a população oprimida e negligenciada viu uma seita de cristãos professos sem culpa em suas vidas, humildes em seu comportamento e negando toda tirania sobre as consciências dos homens, o espetáculo foi tão atraente para muitos que eles se converteram parcialmente ao novo sistema. e adotaram até mesmo suas doutrinas, embora com várias modificações. Desta fusão surgiram todas aquelas seitas dos séculos XI, XII, XIII e XIV, que os escritores católicos denominam maniqueus, mas que são conhecidas pelos protestantes sob o nome de *albaneses, albigenses e cátaros*. Esta raça mestiça, é bem conhecido, espalhou-se pela Itália, França e Alemanha; e, por um longo período, sofreu da igreja toda a crueldade que a astúcia poderia conceber e o poder infligir. [p.296] "Foi por volta do ano de 1150, que várias partes do continente foram permeadas por homens, principalmente das classes de vida mais pobres e laboriosas, que estavam se formando em comunidades religiosas, distintas da Igreja Católica estabelecida, e *que tinham as Escrituras com eles em suas línguas vernáculas, e estavam atenta e criticamente*

comparando os princípios, sistema e conduta do clero papal com os preceitos e instruções dos evangelistas e apóstolos. Eles foram universalmente difundidos. Na França eles foram chamados Tecelões, Pobres de Lyon, Valdenses e Albigenses; em Flandres, Piphles; e na Alemanha, os Cátaros. Eles estavam em Bonn e na diocese de Colônia; eles abundavam perto dos Alpes e Pirineus; eles foram muito difundidos pela Provence e em Tholouse; eles existiam na Espanha; e se espalharam pela Lombardia até Pádua e Florença, e alguns chegaram até a entrar em Nápoles. Distinguiam-se pelo seu espírito missionário e pela cautela com que o perseguiam." (1)

Com várias opiniões quanto à doutrina maniqueísta de *dois* Princípios originais, eles estavam, no entanto, unidos em denunciar como anticristãs a autoridade, as cerimônias e toda a hierarquia da comunhão romana. É provável que muitos deles sustentassem, de alguma forma, a doutrina da salvação de todas as almas; por isso eles são acusados pelos escritores católicos, que também afirmam que eles negaram um julgamento futuro e punição futura. (2)

(1) *História da Inglaterra*, de Sharon Turner, vol. ii., pp. 381, 3S2, Lond., 1815, N. B. Este historiador erudito e filosófico segue Gibbon, ao deduzir as seitas acima mencionadas dos Paulicianos.
(2) Ver Gabrielis Prateoli Marcossii *Vita Haereticorum*, art. Albanenses, Albigenses, etc.; e Berti Breviarium *Hist. Ecl.*, cent. viii. — xii., cap. 3;

e *Notitiae Eccl.*, Pars Tertia, per Sodalet. Academia. Bambergensem, etc. [p.297]

Encontramos um traço solitário de universalismo, nessa época, entre os monges da França. Na cidade de Nevers, que fica às margens do rio Loire, cerca de cento e quarenta milhas ao sul de Paris, um certo Raynold, que presidiu como abade do mosteiro de St. Martin, foi acusado, em um Concílio realizado este ano em Sens, de manter dois erros, que foram sem dúvida derivados dos Paulicianos: 1. Que o pão do sacramento era corruptível, e que era digerido, como outros pães; e, 2. Que todos os homens eventualmente serão salvos, como Orígenes havia ensinado. (1) Não sei qual foi o resultado da reclamação.

1200 a 1210 d.C.

Talvez seja impossível determinar se devemos classificar Amalrico (ou Amalric ou Amauri), um eminente professor de lógica e teologia em Paris, entre os universalistas. Como o célebre Wickliffe, (2) ele foi acusado de sustentar o princípio panteísta de que o universo é Deus; mas é certo que todo o teor da doutrina que lhe é atribuída se opõe a essa proposição, pelo menos em seu sentido censurável. "Segundo Fleury, ele sustentou que, para ser salvo, toda pessoa deve acreditar que é um membro de Jesus Cristo; mas, como o Papa condenou esta opinião, ele se retratou antes de sua morte. Fleury também atribui aos seguidores Amauri uma opinião que se diz ter surgido de um livro de Joaquim, intitulado *O Evangelho Eterno*, a saber, que

Jesus Cristo aboliu a antiga lei e que em seu tempo começou a dispensação do Espírito Santo,

(1) *Hist da Igreja Cristã* de Priestley,, período xviii., sect., ix., pp. 136, 137.
(2) *Hist. do Concílio de Constança,* de Lenfant livro, iii., cap. 42, art. 28, vol. e., pág. 419. [p.298]

em que a confissão, o batismo, a eucaristia e outros sacramentos não teriam lugar; mas que as pessoas possam ser salvas pela graça interior do Espírito Santo, sem quaisquer atos externos. Ele, além disso, diz que Amauri negou a ressurreição, disse que o céu e o inferno estavam no próprio peito dos homens, que o Papa era o anticristo, e Roma Babilônia." Vou agora dizer, em suas próprias palavras, o catálogo que outros escritores católicos fizeram de seus erros: "1. Amalrico disse que o corpo de Cristo não estava presente no pão do sacramento de outra forma do que em outros pães, e em tudo o mais; de modo que ele negou a transubstanciação. 2. Ele disse que Deus havia falado por Ovídio tanto quanto por Agostinho. 3. Ele negou a ressurreição do corpo, e também o céu e o inferno; dizendo que quem gozou o conhecimento de Deus em si mesmo gozou também o céu em si, e que, ao contrário, quem cometeu pecado mortal experimentou o inferno em si mesmo. 4. Ele afirmou que dedicar altares aos santos, queimar incenso às imagens e invocar os santos era idolatria. 5. Ele afirmou, não só com os armênios, que Adão e Eva nunca teriam coabitado se tivessem continuado

em seu primeiro estado, mas também que não haveria diferença de sexo, e que a multiplicação da humanidade teria sido assim dos anjos, contradizendo assim o que está escrito em Gênesis: Deus criou o homem à sua imagem; à sua imagem o criou macho e fêmea. 6. Ele afirmou que Deus não deve ser visto em si mesmo, mas em suas criaturas, como a luz é vista no ar.

(1) *Hist. Da Igreja de Cristo*. de Priestley, período xix., sect., xi., pp. 296-299. [p.299]

7. Ele disse que o que de outra forma seria pecado mortal, se feito em caridade, não seria pecado: prometendo assim impunidade aos pecadores. 8. Ele afirmou que aquelas idéias que estão na mente Divina são tanto capazes de serem criadas, quanto realmente são criadas; quando Agostinho, ao contrário, declarou que não há nada na mente divina além do que é eterno e incomunicável. 9. Ele imaginou que a alma do santo contemplativo ou feliz se perderia, quanto à sua própria natureza, e retornaria àquela existência ideal que tinha na mente divina. 10. Ele ensinou que todas as criaturas, no final, retornariam a Deus e se converteriam nele; para que sejam um, individualmente, com ele." (1) Como este relato é dado por seus inimigos, devemos fazer uma concessão a seu favor; e não é uma conclusão irracional que ele apenas se opôs às corrupções e erros da igreja, que ele adotou algumas noções místicas que então prevaleceram sobre a união espiritual com a Divindade, e que ele acreditava que Deus finalmente se

tornaria "tudo em todos". Com relação à ressurreição, ele pode ter feito, como o célebre Locke, distinções que deram a seus adversários ocasião de acusá-lo de negar a ressurreição.

Algumas das opiniões de Amalric, ou Amauri, como é geralmente chamado, foram condenadas pela Universidade de Paris e também pelo Papa Inocêncio III, e pouco antes de sua morte o autor foi obrigado a retraí-las. Mas ele deixou discípulos e, em 1209 d.C., um Concílio foi convocado em Paris, no qual dez sacerdotes ou estudantes de divindade foram condenados às chamas e quatro à prisão perpétua.

(1) *Summa Conciliorum*; por M. L. Bail, tomo, i., p. 432. [p.300]

Ao mesmo tempo, o nome de Amauri, que havia morrido em paz, foi anatematizado, e seus ossos foram desenterrados e jogados em um monturo.

1222 d.C.

Salomão, bispo metropolitano de Bassorah, no Eufrates, a cerca de setenta milhas de sua foz, foi um escritor de renome considerável entre os nestorianos do Oriente. Algumas de suas obras, na língua siríaca, ainda permanecem, embora apenas em manuscrito. Em um deles, ele discute a questão: "Se os demônios e pecadores, que agora estão no inferno, obterão misericórdia, depois de sofrerem o castigo designado e serem purificados?" Em resposta, ele cita a opinião afirmativa de Teodoro de

Mopsuéstia e de Diodoro de Tarso, e a subscreve. Ele também se esforça para mostrar, mas é dito inconclusivamente, que outros escritores nestorianos ensinaram a mesma doutrina. (1)

(1) Aesemani *Biblioth. Orientalis*, tomo, iii., par. i., págs. 323, 324.

1230 a 1234 d.C.

Apresento ao leitor o seguinte relato completo, como está em um historiador católico. Não acrescento comentários, porque toda pessoa que reflete descobrirá muita incongruência entre as diferentes partes da afirmação; e qualquer um que esteja familiarizado com a linguagem habitual dos antigos autores romanos sobre hereges, ou com as odiosas caricaturas que ainda hoje são apresentadas, em nosso próprio país, sobre universalistas, compreenderá prontamente o presente caso: "Entre todas as seitas que surgiram, durante o século XIII, não houve nenhuma mais detestável do que a dos Stadings, que se mostrou pelos ultrajes e crueldades que exerceu, na Alemanha, em 1230 d.C., contra os católicos, e especialmente contra os clérigos. [p.301] Aqueles ímpios honraram Lúcifer, e investiram contra o próprio Deus, acreditando que ele havia condenado injustamente aquele anjo às trevas, que um dia ele seria restabelecido, e que eles deveriam ser salvos com ele. que, até aquele momento, não era necessário fazer nada que agradasse a Deus, mas muito pelo contrário. Eles estavam convencidos de que o diabo aparecia em suas assembléias. Eles então

faziam coisas infames, e proferiam estranhas blasfêmias. Conta-se que, depois de terem recebido a eucaristia, na Páscoa, das mãos do sacerdote [católico], guardavam-na na boca sem a engolir, para a deitar fora. Esses hereges se espalharam no bispado de Breme, e nas fronteiras de Friezland e Saxônia; e, chegando ao auge, massacraram os eclesiásticos e os monges, saquearam as igrejas e cometeram um mundo de desordens. Papa Gregório IX. excitou os bispos e senhores desses países a fazerem guerra contra eles, a fim de extirpar aquela raça perversa. O arcebispo de Breme, o duque de Brabante e o conde da Holanda, tendo reunido forças, marcharam, no ano de 1234, para enfrentá-los. Eles fizeram uma defesa vigorosa, mas foram finalmente derrotados e cortados em pedaços. Seis mil foram mortos no local; o resto pereceu de várias maneiras, e todos foram derrotados; de modo que restaram poucos, que se converteram e voltaram à obediência no ano seguinte." (1)

(1) Du Pin's *Ecl. Hist.*, vol. xi., ch, is., p. 153. [p.302]

"A seita dos Lollards se espalhou pela Alemanha, e teve como líder Walter Lollard, que começou a espalhar seus erros por volta do ano de 1315. Eles desprezavam os sacramentos da Igreja [Católica], e ridicularizavam suas cerimônias e suas constituições, não observavam os jejuns da igreja, nem suas abstinências, não reconheciam a intercessão dos santos [falecidos] e acreditavam que os condenados no inferno e os anjos maus um dia seriam

salvos. Tritêmio, que recita os erros desses sectários, diz que a Boêmia e a Áustria estavam infectadas com eles; que havia mais de vinte e quatro mil pessoas na Alemanha que detinham esses erros; e que a maior parte os defendia com obstinação, até a morte”. (1)

(1) Du Pin's *Ecel. Uist.*, vol. xii., cap. viii., pág. 113.

Na Inglaterra, Langham, arcebispo de Canterbury, convocou um Concílio, em 1368 d.C., e, com o Concílio de seus teólogos, julgou trinta proposições que foram ensinadas em sua província. Entre eles, foram condenados os seguintes pareceres: 1. Todo homem deve ter a livre escolha de se aproximar de Deus ou se afastar dele; e de acordo com esta escolha ele será salvo ou condenado. 2. O batismo não é necessário para a salvação das crianças. 3. Ninguém será condenado apenas pelo pecado original. 4. A graça, como é comumente explicada, é uma ilusão; e a vida eterna pode ser adquirida pela força da natureza. 5. Nada pode ser ruim simplesmente porque é proibido. 6. O fruto que Adão foi proibido de comer foi proibido porque era ruim em si mesmo. 7. O homem é necessariamente mortal, incluindo Jesus Cristo, assim como os outros animais. [p.303] 8. Todos os condenados, até os demônios, podem ser restaurados e se tornarem felizes. 9. Deus não pode tornar uma criatura razoável impecável, ou livre da responsabilidade pelo pecado. "Foi uma honra para a época e para o país", diz Priestley, "produzir sentimentos como esses; mas foi apenas uma chama repentina no meio de

muita escuridão e, pelo que parece, logo se extinguiu. ." (1)

(1) *Hist. da Igreja Cristã* de Priestley. período xx., sect., xii., pp. 498, 499. Veja também Du loin's *Eccl. Hist.*, vol. xii., cap. viii., pág. 115.

1400 a 1412 d.C.

"No ano de 1411, foi descoberta uma seita em Flandres, e mais especialmente em Bruxelas, que deve sua origem a um homem analfabeto, cujo nome era Egídio Cantor (AEgidius), e a Guilherme (William) de Hildenissen, um monge carmelita, e cujos membros eram distinguidos pelo título de Homens de Entendimento. Havia muitas coisas", diz Mosheim, "repreensíveis na doutrina desta seita, que pareciam ser principalmente derivadas da teologia dos místicos. Pois eles fingiam ser honrados com visões celestes, negavam que alguém pudesse chegar a um conhecimento perfeito das Sagradas Escrituras, sem os extraordinários socorros de uma iluminação divina; declaravam a aproximação de uma nova revelação do céu, mais completa e perfeita que o evangelho de Cristo; sustentavam que a ressurreição já estava realizada na pessoa de Jesus, e que nenhuma outra ressurreição era de se esperar; afirmavam que o homem interior não era contaminado pelas ações externas, quaisquer que fossem; que as dores do inferno teriam um fim, e que, não apenas toda a humanidade, mas até os próprios demônios, retornariam a Deus e seriam feitos participantes da

felicidade eterna. [p.304] Esta seita parece ter sido um ramo da de *Os Irmãos e Irmãs do Espírito Livre*; uma vez que eles declararam que uma nova dispensação de graça e liberdade espiritual deveria ser promulgada aos mortais pelo Espírito Santo. Deve-se, no entanto, reconhecer, por outro lado, que seus absurdos estavam misturados com várias opiniões que mostravam que eles não eram totalmente desprovidos de entendimento; pois eles sustentavam, entre outras coisas, 1. Que somente Cristo havia merecido a vida eterna e felicidade para a raça humana, e que, portanto, os homens não poderiam adquirir esse privilégio inestimável por suas próprias ações; 2. Que os sacerdotes, a quem o povo confessava suas transgressões, não tinham o poder de absolvê-los, mas que era somente em Cristo que essa autoridade estava investida; e, 3. Que a penitência e mortificação voluntárias não eram necessárias para a salvação. Essas proposições, no entanto, e algumas outras, foram declaradas heréticas por Peter D'Ailly, bispo de Cambray, que obrigou Guilherme de Hildenissen a abjurá-las e se opôs com a maior veemência e sucesso ao progresso desta seita." (1) Tal é o relato de Mosheim, que é o mais detalhado que já vi.

(1) Ecl. de Mosheim. Hist., Cent, xv., Parte II., Cap. v. 4.

1480 a 1494 d.C.

João Picus, conde de Mirandola e Concordia, um estudioso distinto na Itália, alarmou a igreja, nesse

período, apresentando algumas opiniões que estão nos chamaram a atenção. [p.305] Desde a infância ele demonstrou uma notável rapidez de espírito e uma memória prodigiosa. Aos catorze anos estudou Direito em Bolonha; e depois passou sete anos visitando as universidades mais famosas da França e da Itália e conversando com os eruditos desses países. Ele então foi para Roma; e em 1486 d.C., quando ele tinha apenas vinte e um anos de idade, publicou, nesta cidade, novecentas proposições sobre vários assuntos nos vários ramos da teologia, magia, arte cabalística e filosofia, e se empenhou em mantê-los em disputa pública, de acordo com um costume da época. Essas proposições eram, em sua maioria, de tipo metafísico ou de caráter meramente verbal; mas entre eles estavam os seguintes, de natureza mais importante: "Jesus Cristo não desceu ao inferno em pessoa, mas apenas em efeito. A dor infinita [inferno eterno] não é devida nem mesmo ao pecado mortal, porque o pecado é finito e, portanto, merece apenas um castigo finito. Nem cruzes nem imagens devem ser adoradas. Há mais razões para acreditar que Orígenes foi salvo do que que ele foi condenado, etc. Mas, em vez de uma controvérsia que ele havia desafiado, ele descobriu que outros meios provavelmente seriam empregados para refutá-lo. Seus inimigos soaram o alarme da heresia; o Papa nomeou comissários para examinar suas publicações; e, para seu espanto, eles finalmente trouxeram um julgamento censurando as proposições anteriores, juntamente com nove outras, algumas das quais pareciam discordar da doutrina da transubstanciação. Sobre isso,

Picus escreveu uma Apologia, e por meio de sutilezas metafísicas explicou o caráter herético das proposições desagradáveis, e humildemente se submeteu à Santa Sé. [p.306] Quanto à sua declaração anterior sobre o demérito do pecado, ele agora se esforçou para reconciliá-la com a doutrina da miséria sem fim [inferno eterno]. No final, o Papa proibiu a leitura de seus livros; e algum tempo depois, quando Picus se retirou de Roma, ele foi citado para comparecer perante o tribunal da igreja. Mas enquanto isso ainda estava pendente, ele obteve uma absolvição do pontífice, no ano de 1493. Depois disso, dedicou-se inteiramente ao estudo das Escrituras e aos escritos controversos, renunciando ao seu condado e distribuindo todos os seus bens entre os pobres. Ele morreu em Florença, 1494 d.C., com apenas vinte e nove anos. (1)

(1) *Ecl. Hist.* Du Pin's , vol. xiii., cap. 4, págs. 95, 96.

1490 a 1498 d.C.

No ano de 1498, um prelado espanhol, de nome Pedro D'Aranda, foi degradado e condenado à prisão perpétua no castelo de Santo Ângelo, em Roma, ao ser condenado, diz-se, por judaísmo. Foi Bispo de Calahorra em Castilla Velha, perto do rio Ebro; e ocupou o cargo de Mestre do palácio sagrado. Diz-se que ele ensinou que a religião judaica reconhecia apenas um Princípio, enquanto o cristão reconhecia três – aludindo provavelmente à doutrina da Trindade. “Em suas orações ele disse: Glória ao Pai, sem acrescentar, ao Filho, ou ao Espírito Santo. nem purgatório

nem inferno, mas apenas paraíso. Ele não observou jejuns, e rezou missa depois do jantar. [p.307] De sua missa, ou por receber a ceia do Senhor, é evidente que ele não era um judeu, mas provavelmente um cristão unitário ." (1)

(1) *Hist, da Igreja Cristã* de Priestley, período xxi., Seção. vii. [p.309]

FIM.

ÍNDICE.

FIM (do índice).

……………………………………………………………

ANCIENT HISTORY OF UNIVERSALISM

FROM THE TIME OF THE APOSTLES TO THE FIFTH GENERAL COUNCIL,

WITH AN APPENDIX, TRACING THE DOCTRINE TO

THE REFORMATION.
HOSEA BALLOU II, D. D. (1796-1861).
WITH NOTES, BY REV. A. ST. JOHN CHAMBRlS, A.M., AND T. J. SAWYER, D.D.
1872 (Primeira Edição em 1828, Outra em 1842)
………………………..
História antiga do Universalismo: desde o tempo dos apóstolos, até o Quinto Concílio Geral: com um apêndice, traçando a doutrina até a Reforma 1872
Hosea Ballou 2d D.D. (1796-1861).
Com notas pelo Rev. A. St. John Chambris, A.M. e T. J. Sawyer, D.D.

Edição em inglês de 1872 digitalizada pelo Internet Archive em 2009 com financiamento da Princeton Theological Seminary Library. (A primeira edição foi publicada em 1828.)
http://www.archive.org/details/ancienthistoryof1872ball

Tradução para o português por Maxwell Granatto Borges em Maio/2022.
……………………………………………………………………

Para mais livros interessantes em PDF:
https://archive.org/details/@maxborges
https://independent.academia.edu/MaxwellBorges1

Universalismo Afirmado por Thomas Allin 1895
Universalismo Afirmado como a esperanca do Evangelho

na autoridade da Razao dos Pais e das Sagradas Escrituras,
Prefácio (por EDNA LYALL, escritora universalista)
UNIVERSALISMO AFIRMADO parece-me preencher uma grande carência atual. Fazia-se necessário um livro que abordasse de maneira justa e completa o assunto da punição futura, pois embora existam muitos trabalhossobre o assunto, eles ou abordam apenas um aspecto do assunto, ou foram escritos apenas para estudiosos, não para as multidões. O texto do Sr. Allin é escrito enfaticamente de forma que pode ser compreendido pelo povo, e certamente seu livro deve matar a falsa acusação tantas vezes feita de que, aqueles que acreditam no triunfo final de Cristo, e na redenção do mundo, fazem pouco do pecado.

RAÇA E RELIGIÃO Teologia helenística: seu lugar no pensamento cristão por THOMAS ALLIN, D.D. ,, 1899
No pensamento do helenismo, uma unidade profunda está em todos os fenômenos, e funciona de maneira constante e eficaz para a eliminação de toda discórdia e malignidade. Este propósito, isto é, "A Restauração de Todas as Coisas", é claramente revelado na Sagrada Escritura; Esta Esperança maior ou Certeza é de fato "As boas novas de grande alegria" que o Evangelho promete. O agente neste processo é o Logos Imanente manifestado na carne, feito homem para nós e para nossa salvação. Mas como o universo é realmente UM, o O trabalho do Logos não pode ser confinado a esta terra; ele se estende a todo o mundo espiritual, e é eficaz onde quer que a criatura lógica, isto é, racional,

esteja em pecados e sofrimentos . A Encarnação é, portanto, a expressão de um propósito universal de unificação, educação, restauração. Este plano pode ser traçado em todos os trâmites de Deus conosco. Sua ira e vingança são realmente a expressão do amor eterno. Fogo, pena, julgamento são apenas momentos no grande processo redentor. A Ressurreição é o seu clímax.

A REVOLUÇÃO AGOSTINIANA NA TEOLOGIA

ILUSTRADO POR UMA COMPARAÇÃO COM O ENSINO DOS TEÓLOGOS DE ANTIOQUIA DOS SÉCULOS QUARTO E QUINTO

POR **THOMAS ALLIN**, D.D., 1911

Agostinho, como tentarei mostrar, e sempre com a autoridade de seus próprios escritos, foi na verdade o maior revolucionário dos tempos primitivos. Por pura força de gênio e força de vontade, ele desviou e obscureceu todo o curso do pensamento cristão no Ocidente. Ele deixou a cristandade latina, na sua morte, o terrível legado da crença em uma divindade irada e cruel, a cujos pés toda a família humana se assenta aterrorizada; destinados à perdição já, antes do nascimento, e nunca em nenhum sentido redimidos por Jesus Cristo - não filhos de Deus, mas escravos, e sem nenhum direito sobre Deus, exceto um apelo a uma justiça oculta que nenhum homem, nenhum santo, nenhum anjo, pode esperar entender.

Edward Beecher - Historia das Opinioes sobre a Doutrina Bíblica da Retribuição 1878

Neste momento, existem pelo menos quatro posições assumidas quanto aos destinos dos ímpios: 1. Que eles serão finalmente aniquilados (deixarão de existir). 2. Que eles serão finalmente restaurados à santidade e felicidade. 3. Que sua punição é infinita (inferno eterno). 4. Que não podemos decidir qual dessas opiniões é a verdade. Não era meu propósito, como historiador, atacar ou defender qualquer uma dessas posições. Mas não era possível dar opiniões sobre a época de Cristo e da Igreja primitiva sem perguntar como eles entendiam suas palavras. A posição que assumi neste ponto não estava prevista quando comecei este trabalho. Eu havia adotado a visão tradicional comum, até que entrei em contato com as opiniões daquele eminente erudito cristão, o Dr. Tayler Lewis, a quem desejo expressar aqui minha grande dívida e minha profunda gratidão. Sua fidelidade ao sistema evangélico é inquestionável, mas a ampliação de seus pontos de vista e sua devoção à verdade foram tais que o ergueram acima dos preconceitos locais e lhe deram coragem não apenas para divergir das opiniões tradicionais há muito estabelecidas, mas também, quando totalmente convencido, clara e inequivocamente para anunciar suas conclusões.

Sadhu Sundar Singh - VISÕES DO MUNDO ESPIRITUAL

A VIDA ESPIRITUAL, SEUS DIFERENTES ESTADOS DE EXISTÊNCIA E O DESTINO DOS

HOMENS BONS E MAUS COMO VISTO EM VISÕES POR SADHU SUNDAR SINTH – 1926

Sadhu Sundar Singh - REALIDADE E RELIGIÃO - MEDITAÇÕES SOBRE DEUS, O HOMEM E A NATUREZA - 1924

... idéias e ilustrações resultantes da minha meditação. Não sou filósofo nem teólogo, mas um humilde servo do Senhor, cujo prazer é meditar no amor de Deus e nas grandes maravilhas de Sua criação. É impossível descrever tudo o que sei e sinto sobre a Realidade através dos meus sentidos internos na meditação e na oração. As palavras não podem expressar todas as verdades profundas que a alma sente nesses momentos solenes.

……………………………..